



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA  
DOUTORADO EM SAÚDE COLETIVA**

**JOSÉ EDUARDO FERREIRA SANTOS**

***MIND THE GAP!*  
*(CUIDADO COM O VÃO!)*  
REPERCUSSÕES  
DO HOMICÍDIO ENTRE JOVENS  
DE PERIFERIA DA CIDADE DE SALVADOR, BAHIA**

SALVADOR

2008

JOSÉ EDUARDO FERREIRA SANTOS

***MIND THE GAP!***  
***(CUIDADO COM O VÃO!)***  
REPERCUSSÕES  
DO HOMICÍDIO ENTRE JOVENS  
DE PERIFERIA DA CIDADE DE SALVADOR, BAHIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção de grau de Doutor em Saúde Pública.

Orientação: Profa. Dra. Ana Cecília de Sousa Bastos

SALVADOR

2008

## Ficha catalográfica

---

Santos, José Eduardo Ferreira

Mind the gap! (Cuidado com o vão!): repercussões do homicídio entre jovens de periferia da cidade de Salvador, Bahia / José Eduardo Ferreira Santos.- Salvador: UFBA, 2008.

Tese de doutorado. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Saúde Coletiva.

1.Homicídio entre jovens 2.Repercussões do homicídio 3. Violência 4. Família

I.Título

---

A todos aqueles que sofreram as repercussões do homicídio entre jovens.

Aos pais e mães que perderam seus filhos nas tramas insanas da violência, meu respeito.

## Agradecimentos

As páginas que seguem são resultado dessa relação de proximidade e distância, onde o entendimento foi possível graças aos amigos que se fizeram presentes em meu caminho.

Por tudo o que significaram no meu caminho durante esses anos, agradeço:

aos meus pais, José Silva Santos e Maria Helena Ferreira Santos e aos meus irmãos Luciana, Ana Cláudia, Luiz Cláudio e Kailane Lopes, pela companhia e apoio.

Aos meus amigos que, nesse percurso, premidos pela vontade de permanecer juntos, criaram tantos grupos e eventos, mesmo que eu tenha deixado muita coisa pelo caminho. A todos que me encontraram em casa, *na Biblioteca Zilda Paim*, sempre escrevendo e perguntavam espantados se eu estava trabalhando, muito obrigado;

pela companhia constante, apoio, conversas e espantos que me orientaram: Elisângela Oliveira, D. João Carlos Petrini, Raulene Rocha, Ana Cristina Rosário Lima, Bethânia Almeida, Carla e Ivandilson, Júlio César Benício, Jailson Souza Santos, Jésun Reis Santos, Luciano e Lene, Miriã Alcântara, Fabrizio Pellicelli, Feizi Milani, Lílian Perdigão, Adriano Ribeiro Mamede, Antonio Candido, Paola Cigarini, Marcele Andrade, Simeí Jorge, Pina Gallicchio, Sylvana Santos, Ezileusa, Silvânia, Marco Montrasi, Williams Galdino, Valentina, Victor Antonio dos Santos, Mariângela Medina, Mineia Marques, Marquinho, funcionários da creche Mons. Luigi Giussani, amigos da banda *Clã – Destinos 5*, que alegraram meus dias e noites e trouxeram a beleza da música aos nossos encontros, jovens participantes do “Pombo Sujo”;

aos professores do ISC, em especial, Leny Trad, Ordep Serra, Eduardo Paes Machado, Ligia Rangel e Jorge Iriart. A Anunciação, pela presteza e disponibilidade constante, muito obrigado;

ao apoio da bolsa CAPES, sem a qual essa pesquisa não seria levada a termo;

a Ana Maria Almeida Carvalho e Elaine Rabinovich, pelas leituras, comentários e estímulos nos diversos momentos de escrita dessa tese, grato pela paciência, seriedade acadêmica e o cuidado com este percurso;

aos professores Gey Espinheira e Mônica Nunes pela leitura atenta e diálogo na minha qualificação e sugestão – aceita – dessa tese ter tomado este formato;

a Beatriz Sousa da Silva, pelo cuidado, afeto e preocupações a mim dispensados;

a Ana Cecília de Sousa Bastos, minha orientadora, que deu rumo e luz a esta tese e ao meu percurso intelectual. Pela liberdade de pensamento, seriedade acadêmica, companhia e poesia que subjaz na vida cotidiana, agradeço.

Pela orientação constante nos momentos de vãos ou “*gaps*”, onde mergulhei profundamente e de lá saí pelas suas palavras, assim como nos momentos onde tive que tomar decisões difíceis, que sem seu apoio não seriam possíveis.

Este trabalho tem muito das nossas conversas e estupefações diante da realidade e é fruto de nossos espantos e perplexidades, olhos de poetas sobre os mistérios do mundo; muito obrigado por tudo.

Ao meu Senhor do Bonfim, Nossa Senhora da *Guia*, da *Escada* e das *Maravilhas*, pela luz no caminho nas horas sem consolo ou alegria.

“Quando ninguém acreditava  
que o mar se acalmaria,  
atravessei na embarcação”.

(*Timoneiro do desejo*. José Eduardo Ferreira Santos, 30 de  
março de 2008).

“Sob a pele das palavras há cifras e códigos”.

(*A flor e a náusea*. Carlos Drummond de Andrade. In: *A Rosa do povo*,  
1945).

"Em paralelo com o drama externo real, um  
outro drama interno profundo acontece, que  
prossegue nos silêncios (o primeiro, o externo,  
prossegue em palavras) e para o qual o drama  
externo serve de moldura. Por trás do diálogo  
externo audível, pode-se sentir um outro,  
interno e silencioso".

(*Psikhologija iskusstva*. Lev Semenovich Vygotsky.  
(1925/1986, p. 359). Moscou, Iskusstvo. In: VAN DER VEER,  
R. e VALSINER, J., 1991/1996).

## RESUMO

O presente estudo lida com o fenômeno da violência que tem atingido os jovens das periferias de Salvador, tendo, como tema central a repercussão do homicídio entre jovens, ou seja, o que ocorre quando um jovem é assassinado por outro jovem de seu contexto de relações. O estudo foi sendo construído a partir da inserção etnográfica do pesquisador no contexto, e de sua interlocução com jovens da área. Reuniu-se um conjunto expressivo de dados, como entrevistas, descrições etnográficas, conversas informais, e grupos de discussão, buscando-se apontar e identificar recorrências, códigos, processos culturais e significados em torno do homicídio entre jovens e suas repercussões, que são analisados sob o prisma dos processos semióticos envolvidos em tais eventos.

A tese se estrutura em quatro partes: *contexto, fatos, processos e sínteses*, mostrando os procedimentos utilizados na pesquisa, incluindo metodologia, técnicas, sujeitos e contexto; a etnografia da favela, com seus espaços de trânsito e a descrição de sua temporalidade, noite e dia, identificando os espaços onde ocorre a violência; as repercussões do homicídio entre jovens e as categorias utilizadas, procurando ultrapassar os fatos e delimitar os processos que estão na gênese do homicídio entre os jovens. A partir daí chegamos à descrição e análise do fenômeno, indicando suas características, gradações e repercussões, assim como a sua incidência, pois cada homicídio traz uma gama de repercussões em vários níveis e modos sobre o contexto de desenvolvimento dos habitantes da periferia.

Por trás de cada homicídio há uma história de exclusão que leva os jovens à marginalização, que está relacionada ao tráfico de drogas e à posse de armas, e que nos últimos anos vem se alastrando de forma cada vez mais capilar pelas periferias de Salvador. Há na tese uma centralidade dos processos semióticos de como ocorrem os homicídios e suas teias de significações, ultrapassando a mera descrição.

No estudo algumas categorias são discutidas e analisadas, como as repercussões do homicídio entre os jovens, nas famílias e o bairro, trajetórias, genealogia e *continuum* de marginalização, o desterro e desterro internalizado, os estigmas, o “vingador”, o ciclo de mortes, a inversão da sociabilidade e o homicídio das jovens.

**PALAVRAS-CHAVE:** homicídio entre jovens, repercussões do homicídio, violência, família.



## ABSTRACT

The present study deals to the violence phenomenon that has reached the Young people from Salvador periphery, having as main theme the homicide repercussion between teenagers, that means, what happen when a teenager is killed by another teenager from his relation context. The study was being constructed from ethnographic insertion of researcher in context, and from the interlocution with the teens of the area. An expressive joint of data was reunited, like interviews, ethnographic descriptions, informal talks, and discussion groups, looking for pointing and identifying recurrences, codes, cultural processes and meanings around homicide between young people and its repercussions, that are analyzed under the prism of semiotic processes involved in such events.

The thesis is structured in four parts: context, facts, processes and synthesis, showing the procedures used in the research, including methodology, techniques, subjects and context; the slum ethnography, with its traffic spaces and the description of its temporality, day and night, identifying the spaces where violence occur; the homicide repercussion between teenagers and the used categories, looking for surpass the facts and delimit the processes that are in homicide genesis between teens. Since it, we can arrive to the phenomenon description and analysis, indicating its characteristics, gradations and repercussions, just as its incidence, therefore each homicide brings a huge of repercussions in so many levels and ways over the periphery habitants' development context.

Behind each homicide there is a history of exclusion that takes teenagers to marginalization, which is related to drugs traffic and guns possession, and that comes spreading in a way more and more capillary over Salvador periphery, last years. There is in the thesis a centrality of semiotics processes in how the homicides occur and their meanings web, surpassing the mere description.

In this study, some categories are discussed and analyzed, as the homicide between teen's repercussions, in families and in the city district, trajectories, genealogy and continuum of marginalization, the banishment and the internalized banishment, the stigmas, the "avenger", the deaths cycle, the sociability inversion and the young women homicide.

**KEY WORDS:** homicide between youths, homicide repercussions, violence, family.

## RIASSUNTO

Il presente studio riguarda il fenomeno della violenza che ha investito (colpito) i giovani delle periferie di Salvador. Il tema centrale è la ripercussione dell'omicidio tra giovani, ovvero ciò che succede quando un giovane viene assassinato da un altro giovane che appartiene al suo contesto di relazioni. Lo studio si è costruito a partire dalla presenza del ricercatore all'interno del contesto studiato, e dalle sue conversazioni e interazioni con i giovani della zona. Sono stati riuniti un insieme di dati significativi, come interviste, descrizioni etnografiche, conversazioni informali e gruppi di discussione, cercando di individuare elementi ricorrenti, codici, processi culturali e significati intorno all'omicidio tra giovani e le sue ripercussioni. Tali dati sono analizzati attraverso dei processi semiotici coinvolti in tali eventi.

La tesi è strutturata in quattro parti: il contesto, i fatti, i processi, e le conclusioni. Vengono mostrati i procedimenti utilizzati nella ricerca, comprendendo la metodologia, le tecniche, i soggetti e il contesto; viene presentata l'etnografia della favela, con i suoi spazi di transito e la descrizione della sua temporalità, la notte e il giorno, identificando gli spazi dove è presente la violenza; sono messe in luce le ripercussioni dell'omicidio tra i giovani e le categorie utilizzate, cercando di andare al di là dei fatti e delineare i processi presenti nella genesi dell'omicidio tra i giovani. Da qui si arriva alla descrizione e all'analisi del fenomeno indicando le sue caratteristiche, gradazioni, e ripercussioni, così come la sua incidenza, visto che ogni omicidio porta una gamma di ripercussioni (conseguenze) a vari livelli e modi nel contesto di sviluppo degli abitanti della periferia.

Dietro ad ogni omicidio c'è una storia di esclusione che porta i giovani alla marginalità, che è relazionata al traffico di droga e al possesso di armi, e che negli ultimi anni si sta diffondendo in forma sempre più capillare nelle periferie di Salvador. I processi semiotici di come accadono gli omicidi e la rete di significati ad essi associata hanno nella tesi una posizione centrale, oltrepassando la mera descrizione.

Nello studio sono discusse e analizzate alcune categorie, come: le ripercussioni che l'omicidio tra giovani ha sulle famiglie e sul quartiere, i percorsi, la genealogia e il continuum della marginalità, l'esclusione e l'esclusione interiorizzata, gli stigmi, il "vendicatore", il ciclo delle morti, l'inversione della socievolezza, e l'omicidio delle giovani.

**PAROLE CHIAVI:** omicidio tra i giovani, ripercussioni dell'omicidio, violenza, famiglia.

## SUMÁRIO

Cena I .....	14
Cena II .....	15
Cena III .....	16
Cena IV .....	17
Cena V.....	18
Cena VI .....	19
1. Apresentação.....	20
2. Introdução.....	28
2.1. Problema.....	32
2.2. Objetivos .....	37
<b>PARTE 1: O CONTEXTO</b>	
Capítulo 1: Construções metodológicas.....	40
Capítulo 2: Dinâmicas do contexto da juventude de periferia da cidade de Salvador, Bahia .....	56
Capítulo 3: Etnografia da favela à noite .....	109
<b>PARTE 2: OS FATOS</b>	
Capítulo 4: O homicídio de/entre jovens de periferia da cidade de Salvador.....	139
Capítulo 5: O homicídio das jovens.....	162
Capítulo 6: O “vingador”: o jovem como perpetrador – e vítima - da violência de periferia em Salvador, Bahia.....	182
<b>PARTE 3: O HOMICÍDIO ENTRE JOVENS: CÓDIGOS, PASSAGENS E REPERCUSSÕES</b>	
Capítulo 7: Genealogia, estigmas, trajetórias e <i>continuum</i> de marginalização dos jovens.....	210
Capítulo 8: <i>Mind the gap</i> : as fronteiras simbólicas da marginalização: marginalidade como a “outra” vida.....	260

Capítulo 9: As repercussões do homicídio entre jovens: nos jovens, nas famílias, nas mães, no bairro e nos projetos sociais.....	288
--	-----

#### **PARTE 4: SÍNTESES**

Capítulo 10: Considerações finais.....	322
--	-----

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>350</b>
--	------------

#### **Anexos**

Anexo 1. Roteiro de entrevista.....	360
Anexo 2. Termo de consentimento livre e esclarecido.....	361
Anexo 3. Termo de consentimento informado para uso de imagem.....	362

#### **Apêndice:**

Ensaio fotográfico.....	363
-------------------------	-----

#### **Lista de quadros**

Quadro 1. Entrevistas e observações de campo.....	44
Quadro 2. Métodos, técnicas, sujeitos, localidade, dados obtidos e material de análise.....	44
Quadro 3. Procedimentos metodológicos do “Pombo sujo”.....	48
Quadro 4. Procedimentos de análise, material e categorias/codificações.....	54
Quadro 5: Síntese das trajetórias e repercussões do envolvimento das jovens com a marginalidade em atos.....	178
Quadro 6: Trajetórias das jovens que se envolveram em trajetórias de marginalidade e posteriormente foram assassinadas.....	179
Quadro 7: Características do “vingador”.....	189
Quadro 8: Formas de resolução de conflitos na juventude inserida na marginalidade em uma periferia.....	191
Quadro 9: Motivações do “vingador”.....	194
Quadro 10: Genealogia e desdobramento dos homicídios.....	202
Quadro 11: Conseqüências da vingança na família.....	206

Quadro 12: Trajetórias de jovens que se envolveram na marginalidade e posteriormente foram assassinados.....	227
Quadro 13: Síntese do processo de mudança no jovem inserido na marginalidade.....	238
Quadro 14: A morte veladamente esperada dos jovens marginais.....	259
Quadro 15: Fronteiras e códigos que não podem ser ultrapassados pelos jovens envolvidos na marginalidade.....	261
Quadro 16: Fronteiras da marginalidade.....	264
Quadro 17: Níveis de atuação do desterro.....	275
Quadro 18: Script do desterro.....	283
Quadro 19: Conseqüências, repercussões do homicídio.....	302
Quadro 20: Repercussões do homicídio nas mães e nas famílias.....	309
Quadro 21: Repercussões do homicídio no bairro e nos projetos sociais.....	314

### **Lista de figuras**

Ilustração 1: Problema de pesquisa.....	36
Ilustração 2: Desenho do convite para o “pombo sujo”.....	48
Ilustração 3: Síntese da trajetória, <i>continuum</i> e genealogia da marginalidade.....	212

### **Lista de tabelas**

Tabela 1: Jovens entrevistados durante a pesquisa.....	50
--	----

## Cena I

Janeiro, 2003.

Um jovem de 13 anos começa a assaltar as pessoas do bairro. Invade casas, intimida pessoas e anda armado.

Parece que está devendo na “boca”, pois consumiu a droga e não teve como pagar.

No bairro, ele não é bem visto.

As pessoas têm medo dele, pois “ele não tem consideração”, dizem no bairro. “*Já aprontou muito*” – dizem também as pessoas que o vêem pelas ruas.

Ele e um colega andam pelo bairro no início da noite e são convidados para ir até um local deserto, certamente com a promessa de consumir drogas.

Seguem ele, o colega e outro jovem...

No início da noite a favela ainda contém um movimento intenso de pessoas e as ruas estão movimentadas, pois as pessoas chegando do trabalho, outras indo para a escola, enfim, há um movimento de aparente normalidade.

Ônibus voltam do centro da cidade lotados de pessoas que retornam do trabalho.

Os dois jovens nem sabem o que lhes espera.

Dias atrás, o jovem que havia abandonado o projeto social que freqüentava tentou encontrar uma pessoa de referência, mas não conseguiu atravessar o portão da instituição. Parece viver um caminho sem volta.

Do alto da minha casa, lá pelas 20 horas, ouço estampidos e saio de casa correndo com a impressão de que algo aconteceu.

As pessoas seguem, como numa romaria, para um lugar deserto, perto de um manguezal.

Os dois jovens foram assassinados por um colega, que andava junto com eles.

Convidados a este lugar, não sabiam que iriam morrer.

Morreram com vários tiros.

Nem imaginava, mas aqui alguma coisa começava a me indicar um fenômeno novo na juventude.

## Cena II

Março, 2006.

Calor em Salvador.

As águas da maré parecem tomar conta dos espaços, com a força e a beleza incontroláveis da natureza. Em Salvador a maré de março é sempre esperada. A brisa deste mar toma conta das ruas.

Na periferia da cidade as pessoas transitam no incessante calor. Os jovens costumam jogar, conversar e se divertir nas ruas, ora sentados em meios-fios das casas gradeadas, ora perambulando pelas ruas. É uma tarde de março como outra qualquer. Algumas árvores e casas dão sombra, fato atrativo para quem precisa se encontrar com os outros e conversar.

Alguns jovens estão sentados no meio-fio de uma rua. Coisa normal. Conversam sobre a vida, os jogos e aquilo que estão fazendo. Estão descalços, sem camisa, à vontade, como o calor sugere que estejam.

Na verdade, são jovens desempregados, que abandonaram a escola e os projetos sociais, mas estão integrados ao bairro.

Alguns deles se drogam, dizem. Ou melhor, um deles tem dívida com traficantes do local, mas está prestes a pagá-la. Tem apenas 16 anos. Um conhecido deste jovem o procura pela manhã para que ele tente conversar com uma psicóloga que atua no bairro, tentando, com isso, mudar alguma coisa em seu caminho.

De repente, alguns jovens armados chegam atirando. Estampidos e perplexidade, pois os jovens que chegam atirando são conhecidos dos jovens que estão sentados.

Um jovem é alvejado. A marca da bala fica em um muro. Ele tenta correr e entrar na casa de uma família amiga.

Não consegue chegar.

É alvejado outra vez. Cai agonizando...

Todos correm para vê-lo, mas ninguém pode socorrê-lo, com medo de represálias.

Chamam o serviço médico de urgência, que também não atende alvejados por bala.

Chega a polícia. O jovem ainda respira.

A polícia o leva ao pronto socorro mais próximo.

Tarde demais. O jovem morre... Os jovens se retraem.

Aqui começa a tese.

Volto ao campo.

### Cena III

É noite. Especificamente, domingo, novembro de 2006.

Um jovem de 19 anos brinca com sua namorada de soltar fogos de artifícios, conhecidos como bombas ou traques.

Participou de projetos sociais e da escola, era querido no bairro. Depois, deixou de frequentá-los.

Possuía uma arma de fogo.

Estão alegres e felizes em um ponto de ônibus da periferia, próximos à casa de sua família. Ônibus e carros cortam o silêncio da avenida com o barulho de seus motores.

Já passa da meia-noite.

A madrugada na favela pertence às pessoas que estão perambulando pelos bares, pelas ruas do lugar e também àqueles que estão inseridos em trajetórias de marginalização, atuando na sua relação de comércio ilícito.

A noite carrega seus mistérios e suas surpresas. É preciso estar atento diante daquilo que pode emergir.

A namorada do jovem está grávida.

Os dois se divertem como crianças em noite de São João, mesmo que essa diversão pareça tão extemporânea.

A mãe, por vezes aparece na janela para ver o filho que brinca com a namorada.

Algumas crianças que estão na rua juntam-se a eles nessa brincadeira.

Tudo parece normal.

De repente, um jovem, também conhecido do jovem que solta os fogos, aparece atirando nele.

Espanto. Correria. O jovem é assassinado.

Sua mãe desce para socorrê-lo.

Não consegue. O filho está morto.

Dia seguinte: enterro e as mãos da mãe ainda estão cheias de sangue. Inconformada por seu filho ter sido assassinado por um jovem que ele já havia livrado da morte e que fazia parte da sua rede de relações.

Aqui a tese é remexida, reestruturada. O campo e o fato não saem de mim.

Muita dor e nenhuma explicação... A família sai do bairro.

A mãe perdeu a alegria e o sentido.

Aqui, a tese se estrutura.



## Cena IV

Noite, agosto de 2002.

Em um barraco nas palafitas duas jovens são submetidas a torturas.

Uma de 15 e outra de 16 anos, ambas namoradas de jovens marginais, inimigos dos jovens que as torturam.

Nos barracos ao lado as pessoas ouvem os gritos e nada podem fazer.

As jovens havia pouco tempo que começaram a envolver-se com os marginais.

Antes, eram meninas que tinham uma vida normal: brincavam nas ruas com suas colegas, freqüentavam a escola e também freqüentavam a catequese da igreja católica do local.

Tempos depois, ambas começaram a envolver-se com os marginais e, para espanto de todos, começaram a sair do círculo de amizades que constituíram durante as suas vidas.

Começaram a andar com os marginais e a serem identificadas com eles.

Mudaram as formas de vestir e os relacionamentos com pessoas fora do círculo da marginalidade foram se tornando escassos: viviam “para” os marginais.

Suas famílias não perceberam a mudança, a ponto de intervir. Segundo relatos, as jovens cresceram rápido demais e ninguém se deu conta deste fato.

Enfim, naquela noite, as duas foram submetidas a todo tipo de tortura.

Depois, foram levadas de barco até o meio do mar, onde seus corpos foram lançados, com pedras amarradas ao pescoço.

Dia seguinte, os corpos aparecem em uma praia próxima.

A mãe de uma delas sequer tem uma foto da filha assassinada.

Esse fato surgiu na pesquisa como um dado novo da violência entre os jovens, pois até então, não havia registro do homicídio das jovens.

## Cena V

Março de 2006.

Um jovem chorando...

As imagens são mais fortes que as presenças. Elas tomam conta dos espaços, revivem, tornam-se maiores, densas, confusas.

O jovem, depois de presenciar o assassinato do amigo, tenta perambular pelas ruas, mas não sabe o risco que corre, por isso seu pai procura um adulto de referência, fora do círculo familiar, para ajudá-lo.

*“Meu Deus, eu vejo a morte dele toda hora!”*

*“Eles vão voltar pra me matar!”*

*“Não, você não ‘deve’ nada a ninguém”*, tentam dizer, mas aquilo que ele quer ouvir tem a ver com a sua segurança e a saída do bairro... Eis que ressurge o desterro.

Encontram um lugar para o jovem; ele liga para um adulto a todo o momento.

Está ansioso, quer ir embora, deixar tudo. Está se sentindo ameaçado.

Reconhece que o medo é maior do que ele.

O “desterro” se aproxima: algumas roupas em um saco plástico, produtos de higiene comprados às pressas. As lágrimas da mãe...

Um adulto percorre as ruas da favela com palavras e ações para restabelecer as coisas, embora pareça que nada mais adiante.

Parece que a vitória do “desterro” é certa.

Dois jovens em uma semana: um assassinado e outro fugido, fora do círculo familiar e comunitário.

## Cena VI

Um jovem era considerado um “líder” no bairro onde habitava. Descobriram depois que ele estava usando drogas. Conseguem um trabalho para ele, um emprego com carteira assinada. Trabalhou alguns meses, depois foi demitido.

“*Entrou no “mundo cão”*”, diziam alguns moradores. Começou a se drogar. Depois, soube-se que estava traficando e gerenciando uma “boca”.

Em vão as tentativas de aproximação com grupos de jovens e outras iniciativas se concretizaram.

“*Ele pertence a outro mundo*”, constatam alguns jovens que faziam parte de sua antiga rede de relações, justamente porque ele não os procura mais.

Outro jovem o encontra em uma festa no bairro e comenta com alguém próximo: “*A imagem que tenho é a de que ele não mudou nada, mas não pertence mais ao universo ao qual eu pertencço. Somos próximos e distantes ao mesmo tempo*”.

“*É um risco andar com ele, pois está “jurado” de morte*”, é o que se escuta pelas ruas da periferia.

A rua o espreita com medo e ansiedade. Todos sabem que ele está “jurado” e na verdade já o vêem como um morto.

Impressionante o rosto taciturno de um senhor, que reunia indiferença, perplexidade e conformismo por ver o jovem ameaçado andar pelas ruas.

Todos comentam que ele vai morrer. Já disseram que ele não passa do feriado do 1º de maio, dia do trabalhador.

Ele continua o mesmo: sorri, mas anda à espreita, com o tal desterro internalizado que estou pesquisando.

“*Vou tentar tirar ele daqui, ele quer*”, diz sua mãe.

Dias depois a família manda jovem para outra cidade.

Ele chora muito e aceita ir embora e diz que vai mudar de vida.

Compram sua passagem.

Dia seguinte sai às cinco horas da manhã.

Chega à cidade e encontra uma pessoa de referência. Consegue uma casa para morar e começa a trabalhar.

Sua rede de relacionamentos começa a se ampliar.

# 1. Apresentação

Essas cenas verídicas e de certo modo tristemente corriqueiras na realidade das periferias do Brasil são a abertura deste trabalho de pesquisa realizado no doutorado em Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, no Instituto de Saúde Coletiva.

Através das cenas revela-se um fenômeno que cada vez mais vem se repetindo: o homicídio entre jovens, que vem crescendo cotidianamente e que se torna uma expressão visível da violência que atinge essa população, constituindo-se como um problema emergente de Saúde Pública.

Até aqui as estatísticas alcançam a amplitude desse problema de saúde pública que vem se colocando quando falamos da violência que acomete a juventude: os jovens estão morrendo mais cedo, antes de chegar à segunda década de vida.

Mas o que as estatísticas talvez não alcancem são as dinâmicas do contexto onde ocorrem tais eventos, e como as redes de relações são construídas e posteriormente são refeitas após os homicídios, ou seja, os impactos sobre os outros jovens, nas famílias e, enfim, em toda a rede de relações de uma periferia que é afetada por este fenômeno.

Qual a genealogia do homicídio entre os jovens? Quais os marcadores ou aspectos do cotidiano que nos permitem identificar a emergência dessa forma de violência? Quais as repercussões no contexto de desenvolvimento dos jovens, das famílias, das mães e na periferia após o homicídio de um jovem?

Para responder a essas questões foi necessário um mergulho no contexto, na história dos jovens, nas dinâmicas da favela onde habitavam, de modo que fosse possível mostrar os fatores que antecedem tal fenômeno – assim como as repercussões

posteriores, que alteram as formas de relacionamento dos “sobreviventes” com a realidade. E mais: foi necessário, para isso, aprofundar as dinâmicas contextuais porque nelas podemos identificar, por exemplo, os movimentos de inclusão e exclusão dos jovens, assim como as escolhas e os marcadores que podem identificar movimentos e trajetórias em que podem aparecer uma espécie de “antecipação” dos homicídios.

Outro fator marcante é o aumento dos homicídios, particularmente com a entrada do tráfico de drogas e toda a sua dinâmica na periferia de Salvador, fenômeno recente com a atual extensão do tráfico, com uma nova lógica sendo implementada, cuja organização não leva em conta aspectos relacionais<sup>1</sup> na periferia, como a proximidade e o conhecimento por habitar o mesmo território ou compartilhar determinados ambientes e atividades no contexto. Ou seja, com a entrada do tráfico de drogas as relações entre os jovens parecem ter se tornado mais vulneráveis, longe das dinâmicas que anteriormente poderiam organizar seus espaços de socialização.

Na pesquisa há também a explicitação de certo “rótulo” ou estigma (GOFFMAN, 1988; ELIAS e SCOTSON, 2000; BASTOS, GOMES, GOMES e REGO, 2007) que parece segregar os jovens quando estes começam a re-orientar suas trajetórias a partir de escolhas de grupos de pares inseridos na marginalidade e o consumo de drogas.

Por isso, este trabalho sobre as repercussões do homicídio entre jovens é uma etnografia por seu caráter longitudinal – dado pelo tempo ao longo do qual tenho me debruçado sobre o tema e a pesquisa de campo, a partir da escuta de jovens, da descrição do contexto de desenvolvimento e dessas repercussões no cotidiano. Também se caracteriza enquanto etnografia pela relação de proximidade do pesquisador diante do

---

<sup>1</sup> A lógica do tráfico implica numa relação de consumo e não de colaboração como era comum perceber entre os jovens da periferia ao longo das últimas décadas, conforme analisei em estudos anteriores (SANTOS, 2005a, 2005b).

fenômeno e, ao mesmo tempo, seu distanciamento teórico, dado pela sistematicidade de registros e aprofundamento de uma base teórica que fundamente tais descobertas, onde o pesquisador assume uma “participação observante”, ou seja, utilizando a “empatia como forma de compreender o outro”, em uma constante retomada da pesquisa de campo (CARDOSO, 2004; PEIRANO, 1995).

Assim, essa etnografia se estrutura a partir de capítulos que mostram as dinâmicas do contexto e as repercussões a partir dos homicídios entre jovens. Através dessa realidade, procuro desvendar tramas e vislumbrar os lugares e os não-lugares com os quais os jovens cotidianamente se relacionam. Por isso, embora seja um estudo sobre a violência, não deixo de lado os aspectos de integração, habilidades, solidariedade e pertencas que orientam o cotidiano dos jovens, dando continuidade a trabalhos anteriores que temos realizado (SANTOS, 2005a; SANTOS, 2005b; SANTOS e BASTOS, 2005; SANTOS, 2007, SANTOS, no prelo).

Em cada capítulo a teoria vai sendo delimitada a partir dos movimentos de entendimento que fui tecendo ao longo do trabalho, por isso o mesmo tem um caráter interdisciplinar. O referencial teórico dessa pesquisa parte de uma convergência de perspectivas entre a Psicologia Cultural do Desenvolvimento Humano em contexto, a Sociologia, a Antropologia e a Saúde Coletiva, buscando uma fronteira entre os saberes, por identificar, desde já, a complexidade do tema abordado.

Em outros momentos, o *pondus* recai sobre o estudo das redes, dos movimentos e das habilidades cotidianas dos jovens, tendo como referência especificamente a obra *Vida cotidiana: enigmas e revelações* (PAIS, 2003), assim como há a junção, em alguns momentos, da Sociologia e da Psicologia, particularmente quando há o mapeamento, na etnografia, dos espaços, do contexto e dos movimentos da juventude.

Há, também, um acento constante que é a emergência dessa forma de violência – o homicídio entre jovens – que vai delinear todo o trabalho e que se constitui como o trilho desta pesquisa. Em se tratando de um estudo voltado para uma periferia da cidade de Salvador, valho-me de autores que estudaram fenômenos relacionados à juventude e à violência em contextos semelhantes, como Espinheira (2004), Cruz Neto (2001), Zaluar (1994; 2004) e Feffermann (2006).

Especificamente, sobre o homicídio entre jovens, dialogo com Kodato e Silva (2000), que empreenderam um estudo sobre os fatores associados ao homicídio entre adolescentes na cidade de Ribeirão Preto (S.P).

Sobre as relações entre a violência e a masculinidade, que aparecem no *corpus* desta pesquisa, abordo o tema a partir da contextualização proposta por Nolasco (2001), Cecchetto (2004) e Zaluar (2004), em direções convergentes quando apontam para as altas taxas de mortalidade dessa população.

A tese se estrutura em quatro partes (*o contexto, os fatos, os processos e as sínteses*), cada uma delas contendo capítulos que se complementam, permitindo uma visão global e especificando, ao mesmo tempo, as repercussões do homicídio entre jovens e as dinâmicas do contexto de uma periferia.

## **PARTE 1: O CONTEXTO**

### **Capítulo 1: *Construções metodológicas***

Neste capítulo apresento a metodologia do trabalho, enfocando as escolhas feitas durante o percurso da pesquisa, assim como as técnicas que me auxiliaram na produção dos dados. Em particular há a intenção de mostrar como a metodologia foi sendo

construída e quais as suas peculiaridades, ou mesmo o enquadramento teórico deste estudo etnográfico.

**Capítulo 2: *Dinâmicas do contexto da juventude de periferia da cidade de Salvador, Bahia***

Este capítulo mostra, a partir do fio condutor da noção de contexto, como ocorre a dinâmica de desenvolvimento da juventude, nos domínios do cotidiano de uma periferia, onde emergem os movimentos de riscos e estruturas de oportunidade presentes.

**Capítulo 3: *Etnografia da favela à noite***

Este capítulo apresenta uma descrição etnográfica da favela à noite como um espaço temporal onde se situam as variadas dinâmicas de desenvolvimento, assim como os riscos que podem incidir sobre a juventude. Em especial atentamos para os significados dos domínios da vida cotidiana que são modificados, ganhando novas configurações marcadas pela marginalização e delimitação de territórios.

**PARTE 2: OS FATOS**

**Capítulo 4: *O homicídio de/entre jovens de periferia da cidade de Salvador***

Aqui analisamos os homicídios de/entre jovens, indicando-os como fatos geradores das repercussões que serão discutidas e apresentadas na parte 3 deste trabalho. São descritas as mortes de alguns jovens indicando as circunstâncias e suas características comuns.



### **Capítulo 5: *O homicídio das jovens***

Dentro do fenômeno do homicídio entre jovens do sexo masculino, aqui descrevemos um dado novo que encontramos na pesquisa em relação ao homicídio das jovens, particularmente por causa de suas relações com os jovens envolvidos na marginalidade.

### **Capítulo 6: *O “vingador”: o jovem como perpetrador – e vítima - da violência de periferia em Salvador, Bahia.***

Ainda enfocando o homicídio entre jovens aparece aqui a figura do “vingador”, que indica uma espécie de “ciclo de mortes” que ocorre após o homicídio de um jovem. Este capítulo apresenta uma tipologia desses jovens que vão perpetrando o homicídio até que também sejam assassinados por outros jovens.

## **PARTE 3: O HOMICÍDIO ENTRE JOVENS: CÓDIGOS, PASSAGENS, REPERCUSSÕES**

### **Capítulo 7: *Genealogia, estigmas, trajetórias e continuum de marginalização dos jovens***

Analisando os processos psicossociais pelos quais passam os jovens envolvidos em trajetórias de marginalidade, este capítulo apresenta os mecanismos que fazem parte do processo de marginalização dos jovens, a partir do estabelecimento da genealogia, das trajetórias, os estigmas e o *continuum* de marginalização, aspectos que culminam com uma antecipação da morte dos jovens.

### **Capítulo 8: *Mind the gap: as fronteiras simbólicas da marginalização: marginalidade como a “outra” vida.***

Este capítulo apresenta um dado encontrado na pesquisa que se relaciona com o estabelecimento de fronteiras simbólicas que separam o jovem envolvido em uma trajetória de marginalidade dos outros jovens e dos moradores da periferia, indicados pelas expressões “outra vida”, “mundo cão”, “nessa vida” etc. O capítulo mostra que há dois universos de significados presentes entre os jovens marginais e os outros jovens e que esses universos de significados não podem entrecruzar-se, sob pena de haver a irrupção da violência. Apresenta ainda uma descrição do desterro e do desterro internalizado, que parecem apresentar-se como possíveis mecanismos através dos quais os jovens se movem ao longo dessas fronteiras simbólicas da marginalização.

**Capítulo 9: *As repercussões do homicídio entre jovens: nos jovens, nas famílias, nas mães, no bairro e nos projetos sociais***

A partir do homicídio entre jovens descrevo aqui as repercussões do homicídio, enfocando sua incidência nas redes de relações dos jovens, como as famílias, os outros jovens, as mães, e de forma mais ampla no contexto da periferia e nos projetos sociais. O capítulo procura mostrar que cada homicídio traz uma gama de repercussões que atuam sobre as relações das pessoas estabelecidas com o lugar e as outras pessoas, geralmente restringindo os espaços de trânsito e interação.

**PARTE 4: SÍNTESES**

**Capítulo 10: *Considerações finais***

A partir da leitura de alguns autores que tratam da situação da juventude no Brasil e no mundo contemporâneo realizo uma triangulação, enfocando os aspectos presentes em

diferentes contextos e juventudes. Além disso, tento retomar de forma mais sintética o percurso dessa tese, discutindo os possíveis alcances e categorias levantadas.

## ***2. Introdução***

*“E há tempos são os jovens que adoecem”*

*(Há tempos, Renato Russo, Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá).*

Esta etnografia tem como objeto de estudo as repercussões do homicídio entre jovens, reconhecendo tratar-se de um problema que se agrava no Brasil contemporâneo.

Estudando a trajetória de jovens de uma favela de Salvador (SANTOS, 2005a), identifiquei algumas formas de violência e exclusão que os vitimam. Particularmente, chamou a minha atenção, na identificação dessa problemática, o grande número de jovens assassinados por seus pares, configurando-se um crescente número de homicídios, dos quais não temos dados que correspondam à especificidade e magnitude do problema.

Nas últimas décadas, no Brasil, a população jovem vem apresentando altos índices de vitimização e/ou perpetração da violência, o que configura um importante campo de interesse para estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento, devido à grande variedade de situações e de questões relacionadas à saúde e proteção dessa parcela da população, por ser o Brasil um país cuja população jovem, de 15 a 25 anos, soma cerca de 34,1 milhões, ou 20,1% do total da população segundo dados do Censo 2000, do IBGE (*apud* ABRAMO e BRANCO, 2005).

Soares (2004) aponta, de forma mais incisiva, a atual situação de violência que aflige a juventude brasileira e suas repercussões de modo mais amplo:

Está em curso no Brasil um verdadeiro genocídio. A violência tem se tornado um flagelo para toda a sociedade, difundindo o sofrimento, generalizando o medo e produzindo danos profundos na economia. Entretanto, os efeitos mais graves de nossa barbárie não se distribuem aleatoriamente. Como tudo no Brasil, também a vitimização letal se distribui de forma desigual: são, sobretudo, os jovens pobres e negros, do sexo masculino, entre 15 e 24 anos, que têm pago com a vida o preço de nossa insensatez coletiva. O problema alcançou um ponto tão grave que já há um *déficit* de jovens do sexo masculino na estrutura demográfica brasileira. Um *déficit* que só se verifica nas sociedades que estão em guerra. Portanto, apesar de não estarmos em guerra, experimentamos as conseqüências típicas de uma guerra. Nesse caso, uma guerra fratricida e autofágica, na qual meninos sem perspectiva e esperança, recrutados pelo tráfico de armas e drogas (e por outras dinâmicas criminais), matam seus irmãos, condenando-se, também eles, a uma provável morte violenta e precoce, no círculo vicioso da tragédia (SOARES, 2004, pp. 130-1).

O homicídio<sup>2</sup> entre jovens se configura como o fato gerador das repercussões no contexto, nas famílias e na trajetória de desenvolvimento dos outros jovens.

Procurando analisar as repercussões desses homicídios no contexto de desenvolvimento de jovens de uma periferia veremos que esses homicídios estão relacionados a fatores sociais como o tráfico de drogas, à posse de armas, à própria dinâmica da favela, enfim, a fatores que fazem parte de um contexto sócio-cultural estabelecido e situado na contemporaneidade.

O homicídio entre jovens pode se configurar como uma espécie de *extermínio*, cujas conseqüências podem ser entendidas no âmbito de uma inaceitável prática que destrói vidas e surge dos conflitos humanos, de acordo com Cruz-Neto e Minayo (1994):

---

<sup>2</sup> O homicídio, de acordo com a CID (Classificação Internacional de Doenças) – está situado na categoria Mortalidade por causas externas – CID - E55, como homicídios e lesões provocadas intencionalmente por outras pessoas. Vide: Ministério da Saúde, Brasil, <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/sim/ext9gr.htm>, acessado em 22 de março de 2008. WAISELFISZ (1998, p. 21) em suas notas metodológicas assim sintetiza a categoria homicídio: “**Homicídios e Outras Violências**, que corresponde ao somatório das categorias E55: Homicídios e lesões provocadas por outras pessoas e E56: Outras violências, que inclui, fundamentalmente, mortes derivadas de lesões, por armas de fogo, por explosivos (categoria E985) ou por meios ignorados (categoria E988), sem especificação se foi acidental ou intencional”.

Compreender o fenômeno do extermínio significa, para os estudiosos, trazer à tona esta prática, que por si só deve ser considerada inaceitável ao convívio, à segurança e à cidadania. O seu traço fundamental é ser constituído enquanto uma mentalidade, dentro de um processo político-ideológico com um nítido propósito de destruição de vidas, referendado na necessidade de exclusão do outro. O extermínio, enquanto dinâmica social, é fruto, fundamentalmente, dos conflitos humanos gerados pela negação do outro, do diferente e da utopia da igualdade. A negação da igualdade vem sendo cada vez mais caracterizada pela crescente concentração de renda nas mãos de pequenos grupos, gerando uma marcante diferenciação entre os que tudo têm e os demais, que nem sequer podem ser. Para uma grande parcela destes últimos resta como perspectiva a sobrevivência em meio à pobreza e à miséria, ou o envolvimento em esquemas de acentuada violência, onde a vida se torna artigo ou coisa sem valor e onde a morte pode ser precocemente anunciada (p.211).

Os autores ainda alertam para um cuidado que os pesquisadores devem ter na utilização dos termos que são delimitados para analisar o fenômeno do extermínio, pois os termos podem esconder as histórias de pessoas que estão em condição de pobreza e mesmo as suas histórias de vida que são identificadas pela falta de projetos de vida e falta de acesso à cidadania, tornando-se assim, “vidas supérfluas”. Esta observação mostra a sua pertinência quando identificamos que no senso comum a morte de jovens e outras pessoas envolvidas no tráfico são descaracterizadas da humanidade e da cidadania que lhes deveria ser conferida.

Em relação ao conceito de extermínio, embora do ponto de vista acadêmico se venha preservando um cuidado na utilização do termo, a realidade tem sido forte em reafirmá-la. As expressões "execução sumária", "assassinato em massa", "eliminação", "morte não-acidental", "chacina", "desova" e "execução extra-judicial" escondem, todas, histórias de vida de gente pobre, social e ideologicamente excluída, alvo do projeto de limpeza social, com quem a sociedade pensante e "politicamente correta" nunca contou, e para quem tem destinado apenas, como projeto, a expectativa do "bolo crescer". Sem projeto de vida enquanto indivíduo, e sem projeto social enquanto cidadã, à "população supérflua" resta o projeto do extermínio simbólico ou real (CRUZ-NETO e MINAYO, 1994, p.211).

Os casos analisados apontam para o estabelecimento de relações complexas entre os homicídios e o tráfico de drogas, que vêm se estruturando de forma capilar nas periferias da cidade de Salvador, Bahia, tal qual acontece em outras grandes cidades brasileiras, como o Rio de Janeiro e São Paulo, dentre outras.

Com o estabelecimento do tráfico organizado as formas de interação e resolução de conflitos entre os jovens estão se modificando pela entrada de uma nova lógica, criando-se e estabelecendo-se novos códigos, como aqueles que regulam o homicídio entre jovens.

Outros fatores como a pobreza e a falta de oportunidades de ingresso no mundo do trabalho parecem fazer parte deste universo, além de questões ligadas à construção social da masculinidade, aspecto considerado como um fator presente nas situações de violência (CECCHETTO, 2004; NOLASCO, 2001; ZALUAR, 2004; KODATO e SILVA, 2000; SANT'ANNA, AERTS e LOPES, 2005; SOUZA, 2005).

Assim, com as condições inadequadas de sobrevivência, geradas pela pobreza e a falta de alternativas econômicas nas famílias, os jovens são muitas vezes empurrados para situações de delinquência, fenômeno que se agrava quando estes jovens são associados à marginalidade, e essa associação, conforme veremos, culmina com a morte e a impossibilidade de chegar à vida adulta e realizar os seus projetos relacionados à inserção social, direitos elementares, acesso ao mercado de trabalho, bens de consumo e mesmo constituição de família, aspectos também identificados por Kodato e Silva (2000):

Desprovidos de condições dignas de sobrevivência, não assistidos em seus direitos elementares, não reconhecidos na singularidade de suas demandas, não tiveram os adolescentes a possibilidade de atingir a vida adulta (p.513).

Os autores ainda acentuam outro aspecto importante do homicídio entre jovens, que se caracteriza pela mediação de outros adultos – aspecto não abordado neste estudo. Mas apontam também para o aumento do homicídio entre jovens – tema central da pesquisa. O dado referente ao aumento de homicídio entre jovens se relaciona com a falta de alternativas sociais e econômicas onde os jovens possam estar inseridos, o que vem gerando uma população marginal, com possibilidades de ser vítima e/ou perpetradora da violência.

Com certeza, neste processo onde adolescente mata adolescente, existe a mediação de adultos, seja através das quadrilhas, seja através das instituições que desvirtuam seu papel. O aumento no número de adolescentes que assumem a autoria dos homicídios é assustador. Mais do que isto, é indicativo de que anos de políticas e práticas institucionais e sociais mal conduzidas e eivadas de equívocos, geraram e repetiram, em determinados segmentos populacionais, como mecanismo de sobrevivência e canal de ascensão social, uma geração de adolescentes submetidos à vitimização e/ou à propensão à infração e ao delito (KODATO e SILVA, 2000, p.514).

## **2.1. PROBLEMA**

Durante o estudo que realizei anteriormente (SANTOS, 2005a), identifiquei que inúmeros jovens de uma favela soteropolitana foram assassinados, particularmente por envolvimento em trajetórias de marginalização, uso de drogas ou posse de armas. Esses assassinatos juntam-se a tantos outros que sistematicamente têm dizimado vidas nessa favela, fenômeno que se repete nas periferias das grandes cidades do Brasil.

Quando identificados os contextos e as dinâmicas de desenvolvimento presentes na periferia, a pesquisa de cunho etnográfico que tenho realizado aponta situações onde a violência se torna uma presença que irrompe na dinâmica contextual, mudando algumas formas de interação da juventude.



Assim, a violência é uma força opressora presente no cotidiano, que se traduz em mecanismos de retração e inoperância que podem modificar as trajetórias de outros jovens, impedindo o protagonismo e atitudes de socialização, tão prementes na juventude.

Nestes anos, em especial, há o surgimento de novas formas de expressão da violência, ocorrendo mudanças substantivas no âmbito das relações proximais dos jovens, o que indica novas formas de interação, conduzindo a mecanismos de exclusão social, tais como o que temos denominado “desterro” (SANTOS e BASTOS, 2005). Esse processo se torna mais complexo quando ocorrem eventos críticos, como o homicídio entre jovens.

Os eventos relacionados à violência aparecem como momentos críticos no momento em que os jovens se dão conta da perda e da sua vulnerabilidade frente ao contexto, o que lhes indica que há riscos aos quais estão expostos.

Uma descoberta recorrente nesta pesquisa é a fratura social e psicológica que a morte de um jovem causa aos outros jovens e ao contexto da periferia. Individualmente, o assassinato provoca reações diversas, marcadas pela perda das expectativas, chegando até a mudança de trajetórias de outros jovens, no intuito de perpetrar vinganças e ingressar em caminhos pautados pela marginalização.

O que pretendo indicar é que, apesar de termos avançado consideravelmente na direção de uma proteção mais efetiva à infância e à juventude – tudo enquanto conquistas da sociedade civil numa integração com o poder público, desde a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1999) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) -, a infância e a juventude das periferias parecem estar ainda mais vulneráveis diante da proteção conquistada, pois, recorrentemente seus direitos, apesar de garantidos por lei, não são ainda efetivamente respeitados. Há um desnível entre a

realidade e as leis, que existem, após uma longa caminhada de luta, mas não são cumpridas.

O problema de pesquisa está situado em identificar, a partir das repercussões do homicídio entre jovens, categorias que possam orientar o entendimento dos seus contextos de desenvolvimento, promovendo o desvelamento dos processos culturais, semióticos e os códigos neles presentes.

Pretendo, nesse sentido, mapear campos semióticos, explorar como as fronteiras do risco são construídas semioticamente, como um “cinturão” de códigos em constante elaboração abre/fecha portais, com retorno ou não. São novos códigos em confronto com as tarefas desenvolvimentais tradicionalmente colocadas para os jovens, tomando a perspectiva do próprio jovem.

O estudo pode contribuir, por um lado, para o entendimento de como se dão as formas de agregação e expressão desta parcela da população e revelar, também, por outro lado, as especificidades das situações de risco e exclusão às quais estão expostas nos espaços onde habitam, e quais são as compreensões do próprio jovem, o que ele vislumbra, como ele próprio identifica possibilidades e barreiras e que leitura faz dos portais/estruturas de oportunidades, podendo orientar ações preventivas e favorecer o acionamento das possibilidades de suporte e orientação aos jovens desses contextos, contribuindo para a promoção da saúde, redução de danos e orientação para o estabelecimento de projetos de vida.

O estudo desenvolve a sua análise nos planos: 1) contextual, 2) nos fatos e 3) nos processos semióticos.

A importância do contexto se dá porque é nele que ocorrem os fatos e foi necessário mapeá-lo para identificar a emergência dos fatos, assim como os processos

semióticos que nele estão presentes. Assim, os capítulos se estruturam de modo a dar conta desses três aspectos na pesquisa.

Constatei nas entrevistas e diálogos com os jovens que algo acontece em seus contextos de desenvolvimento, particularmente com a afirmação de um deles, após a morte de um jovem: *“tudo parou, o tempo parou”*, querendo indicar que a violência traz uma ruptura no contexto de desenvolvimento da juventude.

Este fato, assim como as cenas descritas na abertura deste trabalho, me despertou para a análise das dinâmicas presentes no contexto dos jovens, devido a esta repercussão causada pelo homicídio, podendo ser identificada como uma “problemática sentida” (LAVILLE e DIONNE, 1999, pp. 97-8), que gerou no pesquisador estupefação e perplexidade diante das repercussões do homicídio entre jovens, associado a uma aparente banalização da vida presente na sociedade. A partir desses fatos deu-se a gênese e a construção deste trabalho.

Neste sentido, a pesquisa busca aprofundar o conhecimento sobre o homicídio entre jovens e suas repercussões no contexto de uma periferia, tema ainda não suficientemente elucidado na literatura, compreendendo, assim, a sua relevância científica pela originalidade do tema proposto, que pode contribuir para o aprofundamento de questões que, posteriormente, possibilitem a emergência de políticas públicas que possam intervir nesta problemática.

A pesquisa insere-se na área de concentração das Ciências Sociais em Saúde, a partir da necessidade de um maior conhecimento da dinâmica contextual da juventude brasileira que habita em espaços caracterizados por situações de violência e vulnerabilidade social, no caso o da periferia.

O problema de pesquisa pode ser visualizado, por exemplo, com a ilustração abaixo:



### **Ilustração 1: problema de pesquisa: contexto, fato e processos semióticos**

Pensemos nessa figura composta de três momentos em uma dimensão temporal, onde a **estrela** (imagem 1) seja a rede de relações dos jovens em sua ordem dada no contexto. Mesmo com a *letargia social* ela está lá e não parece existir rupturas, por isso mesmo há certa ordem, o que seria a normatividade da vida cotidiana.

Com o evento crítico, no caso, o homicídio de um jovem, há como que uma **explosão** (imagem 2), algo que irrompe e faz aparecer as fraturas psicossociais, que são as repercussões provocadas pela violência na favela, na vida de outros jovens, nas famílias e, particularmente, nas mães.

Diante deste evento crítico aparece o terceiro momento da rede (imagem 3), que é uma **seta desviante, em várias direções**, que indica os rumos tomados ou dados a partir dos eventos nas vidas dos jovens, da favela e de suas famílias ou mães, porque é em torno delas que as famílias das periferias se estruturam (BASTOS, ALCÂNTARA e

SANTOS, 2002) mostrando quais os rumos tomados diante dessa situação, e como se re-organizam ou não diante do homicídio.

Neste sentido, a abordagem etnográfica foi uma ferramenta necessária para empreender tal busca nos movimentos e na temporalidade do contexto.

## **2.2. OBJETIVOS**

### **2.2.1. Objetivo Geral**

Esta pesquisa tem por objetivo geral analisar as repercussões do homicídio entre jovens nas suas famílias, nas vidas de outros jovens e no contexto de periferia da cidade de Salvador, Bahia.

### **2.2.2. Objetivos Específicos**

- ✓ Mapear campos semióticos, explorando como as fronteiras do risco são construídas semioticamente pelos jovens de periferia da cidade de Salvador, Bahia.
- ✓ Analisar esses novos códigos em confronto com as tarefas desenvolvimentais tradicionalmente colocadas para os jovens, tomando a perspectiva do próprio jovem.
- ✓ Descrever os processos de violência e vitimização da juventude, identificando as formas de violência entre pares; mapeando, dentre essas formas, aquelas que levam os jovens a óbito.

- ✓ Tipificar as situações de violência que incidem sobre a juventude de periferia, assim como as suas repercussões.

PARTE 1:  
O CONTEXTO

# Capítulo 1: Construções metodológicas

“Tijolo por tijolo num desenho lógico”

(Chico Buarque, *Construção*).

O Brasil conseguiu ficar perplexo diante dos dados referentes aos jovens envolvidos com o tráfico de drogas, trazidos por Bill e Athayde (2006), em particular pelas altas taxas de homicídio que atingem essa parcela da população (WASELFISZ, 2008).

Essa estupefação e perplexidade são importantes porque mostram que a realidade da violência contra os jovens é muito mais complexa do que pensamos.

## A PESQUISA SOCIAL E AS METODOLOGIAS QUALITATIVAS

Diante da realidade brasileira, em relação à juventude em situação de risco social, opto por utilizar estratégias qualitativas de pesquisa.

Gergen e Gergen (2002), analisando o futuro da pesquisa qualitativa, apontam, dentre as suas características, as inovações metodológicas que buscam superar o viés positivista e causal das análises e do trabalho científico. Dentre elas há a reflexividade, as múltiplas vozes, o estilo literário e a representação, enquanto modos de mapear fenômenos da pesquisa qualitativa no universo humano, características também presentes na etnografia (PEIRANO, 1992).

A pesquisa qualitativa tem, então, como agenda para o futuro, a perspectiva de ser entendida e vista como um processo relacional, que abarca em seu contexto as comunidades de diálogo, métodos condutores e a exploração da realidade social como



laboratórios vivos, dentre outros. Estas perspectivas convergem para uma reconfiguração da pesquisa, colocando em evidência o papel do pesquisador e o aspecto efêmero da pesquisa (GERGEN e GERGEN, 2002).

De acordo com Geertz (2003), a pesquisa qualitativa, nas ciências sociais, tende a valorizar os aspectos emergentes da pós-modernidade, contribuindo cada vez mais para dar conta do universo dos sujeitos em seus contextos, utilizando as mais diversas técnicas de pesquisa e enfatizando o papel do pesquisador e as múltiplas vozes aí presentes.

## **O MÉTODO**

Este estudo é uma construção teórica e empírica e reflete a busca por um conhecimento sobre a realidade cotidiana e contextual de jovens de uma periferia. Para refletir sobre a natureza desse saber, é preciso apontar como foi sendo construída a metodologia que a norteia, pois há uma lógica interna por esclarecer.

Esta é uma *etnografia*, um estudo qualitativo, que sintetiza um trabalho que venho realizando ao longo de mais de uma década na periferia da cidade de Salvador. Por *etnografia* entendo essa perspectiva de pesquisa de um contexto social ao longo de um tempo sistemático, sem perder a capacidade de estranhamento e espanto diante do contexto, identificando como os fenômenos vão sendo construídos cotidianamente, assim como a capacidade de olhar, descrever e analisar o contexto e suas dinâmicas (JACOBSON, 1991; LAPLANTINE, 2000, 2005; GHASARIAN, 2004, BOUMARD, 1999).

A etnografia é o encontro de vozes e olhares múltiplos sobre um fenômeno. Não fossem as pessoas que acompanharam esta pesquisa em todo o seu percurso

(construção do projeto, discussão dos dados em grupos de discussão, companhia nas idas a campo, esclarecimento de termos e histórias, descrição de trajetórias etc.) o pesquisador não suportaria tanta realidade e tanta dor: essas fronteiras da dor irrompida com a violência que muitas vezes não vemos ou sequer podemos ver, não fosse a imersão nesse contexto onde ela é produzida e as sugestões e outros olhares que guiaram o seu olhar.

Segundo Boumard (1999, p.1) a etnografia

pode ser considerada como um método, no sentido de técnica de trabalho. Centralizada sobre a noção de observação participativa, ela insiste sobre as técnicas de trabalho de campo, as práticas de observação, o diálogo etnográfico como dispositivo, as técnicas de inquérito em geral, levando a recortes com as histórias de vida ou algumas formas de pesquisa-ação.

Mas se a etnografia é a linha mestra da metodologia aqui adotada, faz-se necessário realizar aqui uma descrição das ferramentas, das técnicas utilizadas para produzir o banco de dados que disponho.

## **DELIMITAÇÃO DO *CORPUS* DE ANÁLISE**

O *corpus* de análise desta pesquisa se constitui de um conjunto de dados que surgem de uma relação direta do pesquisador com a realidade contextual da juventude aqui estudada. Tais dados se situam no campo de intervenções, através do diálogo com a juventude de uma periferia, sistematizados através de textos etnográficos construídos em uma trajetória de pesquisas que venho realizando na referida área.

Em 1995, realizei uma série de entrevistas com jovens de um projeto social de uma periferia de Salvador, no intuito de conhecer a sua realidade, época em que fui convidado para desenvolver um trabalho como educador desses meninos e meninas que trabalhavam nas ruas da cidade, como vendedores ambulantes. Algumas dessas

entrevistas foram utilizadas no mestrado em Psicologia do Desenvolvimento, na Universidade Federal da Bahia, sob a orientação da profa. Dra. Ana Cecília de Sousa Bastos.

Em 1996, fui convidado por um sociólogo, Prof. Dr. João Carlos Petrini, para descrever os processos de mudança pelos quais estava passando uma favela de Salvador, com um projeto de urbanização. Nesse período, escrevi diversos cadernos de campo, buscando objetivar através da escrita o olhar sobre aspectos do desenvolvimento comunitário, centrado nas famílias, nos jovens e na infância, assim como os mais diversos aspectos do cotidiano.

Em 2002, fui convidado pelo Prof. Dr. Eduardo Paes Machado para desenvolver uma pesquisa sobre “consumo de armas” entre os jovens, mas que, por causa dos riscos à minha integridade física, teve que ser interrompida. Dentre os dados coletados, há uma série de entrevistas em que os jovens foram descrevendo como se dão as situações de violências às quais eles estão expostos.

Em 2006, devido à morte de um jovem que frequentou um projeto social no qual fui coordenador pedagógico, voltei a entrevistar os jovens, querendo identificar as repercussões do homicídio entre jovens.

Assim, o *corpus* de análise dessa pesquisa é composto de entrevistas, textos etnográficos, centrados, particularmente, sobre a violência contextual. A seguir, descrevo em que consiste esse material, sistematizado nos Quadros 1 e 2:

### Quadro 1: Entrevistas e observações de campo

<b>1995:</b> Entrevistas com jovens de um projeto social.
<b>1996:</b> Descrição etnográfica das mudanças contextuais de um bairro da periferia da cidade de Salvador.
<b>2002:</b> Entrevistas com jovens sobre o consumo de armas.
<b>2006:</b> Entrevistas sobre as repercussões do homicídio entre jovens.

Em relação às técnicas utilizadas, aos sujeitos e ao contexto os dados se organizam do seguinte modo:

### Quadro 2: Métodos, técnicas, sujeitos, localidade, dados obtidos e material de análise

<b>Método e técnicas</b>	<b>Sujeitos/ localidade</b>	<b>Dados obtidos</b>	<b>Material de análise</b>
Etnografia Observação participante	Jovens, famílias e favela	Textos etnográficos, diários e cadernos de campo.	Descrição do contexto, repercussões do homicídio no bairro, nas famílias e nos jovens, trajetórias
Entrevistas individuais	Jovens	Quinze (15) Entrevistas individuais.	Trajetórias, histórias de jovens que foram assassinados, repercussões do homicídio.
Grupos focais, entrevistas grupais	Jovens	Páginas de análise, entrevistas grupais (21 (vinte e um) participantes).	Trajetórias, histórias de jovens que foram assassinados, repercussões do homicídio.

Para encontrar os jovens em seus contextos de desenvolvimento foram utilizadas diferentes técnicas e ferramentas metodológicas de pesquisa que valorizaram a escuta e a descoberta do cotidiano, dentre elas as 1) entrevistas individuais, as 2) entrevistas grupais ou grupos focais, aqui denominadas de “Pombo sujo”, assim como a 3) observação participante.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de um olhar etnográfico, centrado em dois momentos específicos: o primeiro, localizado em entrevistas grupais e o segundo, em entrevistas individuais, entendendo que as *entrevistas grupais* foram realizadas em um primeiro momento para “orientar o pesquisador para um campo de investigação e para a linguagem local e observar os processos de consenso e divergência” e as *entrevistas individuais*, buscando “explorar em profundidade o mundo da vida do indivíduo” (GASKELL, 2002, p.78).

Gaskell (2002), afirma que o uso da entrevista, enquanto técnica qualitativa, de pesquisa, permite a

compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados é a condição *sine qua non* da entrevista qualitativa. Tal compreensão poderá contribuir para um número de diferentes empenhos na pesquisa. Poderá ser um fim em si mesmo o fornecimento de uma “descrição detalhada” de um meio social específico; pode também ser empregada como uma base para construir um referencial para pesquisas futuras e fornecer dados para testar expectativas e hipóteses desenvolvidas fora de uma perspectiva teórica específica. Além dos objetivos amplos da descrição, do desenvolvimento conceptual e do teste de conceitos, a entrevista qualitativa pode desempenhar um papel vital na combinação com outros métodos (...) (pp. 65-6).

Dentre os procedimentos metodológicos, utilizados para a realização das entrevistas, constaram tópicos-guia, aplicados em um primeiro momento nas entrevistas grupais, e que foram sendo adaptadas para uma melhor compreensão por parte dos

sujeitos nas entrevistas individuais, valorizando o espaço da interlocução com os informantes, de modo que puderam desvelar o seu contexto de desenvolvimento.

Sobre a indicação de entrevistas individuais e grupais é esclarecedora a síntese de Gaskell (2002, p. 78), apresentada logo abaixo.

## **ENTREVISTAS INDIVIDUAIS**

As entrevistas individuais foram momentos onde apareceu a identificação de questões que envolvem as dinâmicas de desenvolvimento dos jovens e são utilizadas “quando o objetivo da pesquisa é para explorar em profundidade o mundo da vida do indivíduo e se refere a experiências individuais detalhadas, escolhas e biografias pessoais” (GASKELL, 2002, p. 78).

Nestes momentos atentei para a escuta e descoberta dos domínios e espaços por onde a juventude transita e se relaciona; os discursos e as situações de violência.

Nas entrevistas individuais o foco parece se relacionar mais com a experiência do indivíduo, com o ponto de vista do jovem, que assim se coloca como protagonista do seu discurso, permitindo, com essa estratégia, que o participante da pesquisa ocupe a cena, e que pelo seu olhar descortinemos as dinâmicas do contexto e as repercussões do homicídio.

## **ENTREVISTAS GRUPAIS, GRUPOS FOCAIS: O “POMBO SUJO”**

Durante a pesquisa as entrevistas grupais se deram a partir da organização de grupos de discussão, de modo que pudesse perceber as múltiplas vozes dos jovens acerca de questões referentes aos seus contextos de desenvolvimento.

As entrevistas grupais têm como objetivo

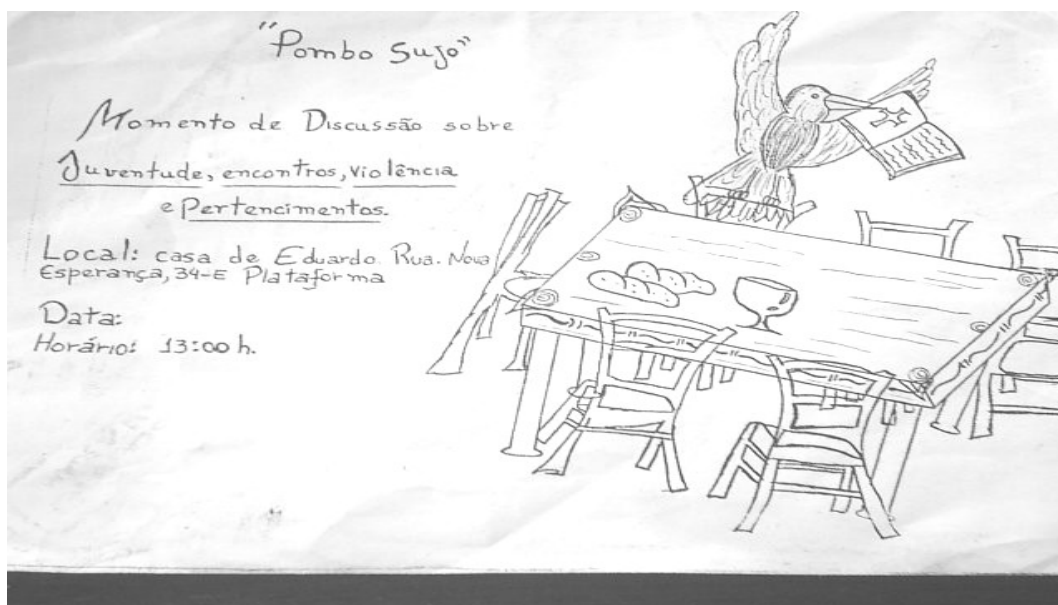
orientar um pesquisador para um campo de investigação e para a linguagem local; explorar o espectro de atitudes, opiniões e comportamentos; observar os processos de consenso e divergência e adicionar detalhes contextuais e achados qualitativos (GASKELL, 2002, p. 78).

O fato de ter sido educador em projetos sociais da periferia em estudo possibilitou uma maior aproximação. Foi a partir dessa estratégia metodológica que constituímos um grupo permanente de discussão, onde os dados levantados eram debatidos no encontro sistemático do pesquisador/educador com os jovens, de onde derivou vários esclarecimentos e observações presentes neste trabalho.

O primeiro momento, marcado pelas entrevistas grupais, foi realizado com um grupo de jovens selecionados aleatoriamente, de ambos os sexos, todos na faixa etária dos 18 aos 24 anos, selecionados, inicialmente.

O início das entrevistas se deu após a emergência de dois fatos: a morte de um jovem que participou de projetos sociais, assassinado por jovens armados e o lançamento do livro *“Falcão, os meninos do tráfico”*, de MV Bill e Celso Athayde, através do qual os jovens ficaram muito provocados e começaram a comentar suas impressões. Diante desta descoberta comprei dois exemplares do livro e entreguei a eles para que fossem lidos por cada jovem durante uma semana, numa intensa rotatividade. Partindo deste livro propus uma série de encontros, que academicamente podem ser chamados de *grupos focais*, onde realizei as primeiras entrevistas grupais.

O grupo de discussão, referentes a temas ligados à juventude, violência, encontros e pertença, no entanto, foi intitulado por nós *“pombo sujo”*, uma denominação depreciativa que um policial utilizou durante a abordagem a um dos jovens presentes no grupo.



**Ilustração 2: Desenho do convite para o "pombo sujo", de autoria de Williams Galdino dos Santos.**

Essa iniciativa possibilitou discussões sobre a situação da juventude da periferia, as situações de violência, os contextos e suas dinâmicas de desenvolvimento.

### **Quadro 3: Procedimentos metodológicos do “pombo sujo”**

1. Confeção e distribuição de convites.
2. Leitura e assinatura do termo de consentimento informado
3. Apresentação do tópico guia da discussão.
4. Verbalização dos jovens, relatando experiências.
5. Registro do encontro.
6. Discussão.



## **SELEÇÃO DOS ENTREVISTADOS**

Sobre a seleção dos entrevistados, Gaskell (2002) traz algumas indicações que servem para orientar as escolhas e o processo de encontro dos sujeitos ou informantes-chave que constituíram a pesquisa. O autor chama a atenção para a explicitação dos critérios de seleção dos entrevistados, afirmando que “sejam quais forem os critérios para a seleção dos entrevistados, os procedimentos e as escolhas devem ser detalhados e justificados em qualquer tipo de relatório” (p.70).

Dentre as indicações sugeridas, o autor prefere, por exemplo, a indicação do termo “seleção”, ao invés de “amostra”:

(...) o termo “seleção” é empregado explicitamente em vez de “amostra”. Isto porque a amostragem carrega, inevitavelmente, conotações dos levantamentos e pesquisas de opinião onde a partir de uma amostra estatística sistemática da população, os resultados podem ser generalizados dentro de limites específicos de confiabilidade. Na pesquisa qualitativa, a seleção dos entrevistados não pode seguir os procedimentos da pesquisa quantitativa por um bom número de razões [*e aponta que*] a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão (GASKELL, 2002, pp.67-8).

## **PARTICIPANTES DA PESQUISA**

Os jovens foram selecionados a partir de critérios como a faixa etária, de 18 a 24 anos, caracterizados pela etnia, são afro-descendentes e moram em uma periferia.

A idéia inicial da pesquisa era focar como público alvo os jovens do sexo masculino, mas para que os dados sejam mais amplos optou-se por incluir no universo da pesquisa as jovens, por considerar que elas são importantes na configuração das dinâmicas de desenvolvimento no contexto das periferias.

Dentre os jovens que participaram do estudo temos aqueles que foram entrevistados individualmente e aqueles que participaram dos grupos focais, denominados “pombo sujo”.

Apesar do número de jovens participantes, como ocorre em grupos de discussão, alguns presentes, não verbalizaram, mas participaram.

As jovens participantes contribuíram, por exemplo, para o mapeamento das trajetórias das jovens envolvidas na marginalidade, enquanto os jovens contribuíram para o mapeamento do contexto e das repercussões do homicídio, assim como a etnografia da favela à noite.

**Tabela 1: Jovens entrevistados e participantes dos grupos focais durante a pesquisa**

<b>Dados</b>	<b>Sexo masculino</b>	<b>Sexo feminino</b>	<b>Idade</b>	<b>Total</b>
<b>Entrevistas individuais</b>	8	7	18 – 24	15
<b>Grupos focais, “pombo sujo”</b>	19	2	18 – 24	21

## **ASPECTOS ÉTICOS**

A participação dos informantes foi viabilizada mediante a assinatura do termo de consentimento informado (ver Anexo), resguardando a identidade dos participantes, dentro dos procedimentos vigentes da ética na pesquisa. O termo descreve os objetivos, a metodologia e os procedimentos da pesquisa.

## **PLANO DE ANÁLISE DOS DADOS**

A análise dos dados foi realizada a partir da organização do material coletado, enfocando aspectos que convergem ou apontam discrepâncias sobre as dinâmicas de desenvolvimento da juventude da periferia, os processos psicossociais das repercussões do homicídio entre jovens.

A análise se estrutura a partir da escrita e sistematização de páginas preliminares de análise a partir das narrativas, mostrando o percurso das percepções e consistências que fui encontrando no contexto, nos fatos e nos processos semióticos.

Neste sentido, a abordagem de análise temática segue uma estrutura que se baseia no olhar antropológico proposto por Oliveira (2000) e Laplantine (2005), em que o trabalho do antropólogo está ligado ao “olhar, ouvir, escrever”, em constantes idas e vindas do registro etnográfico e da análise na elaboração do texto etnográfico (MARCUS e CUSHMAN, 2003).

## **A FALA E O DISCURSO ENQUANTO CONSTRUÇÃO DA REALIDADE**

Quando alguém fala de sua trajetória, de sua vida, algo está sendo recriado, reordenado e construído naquele instante. Então, surge a questão: no momento da narrativa a pessoa se coloca diante de mim, pesquisador, com uma capacidade de pensar e repensar, chegando a conclusões práticas, sobre aspectos que ainda não chegou a enfrentar. A fala tem uma função que faz com que a pessoa reconfigure seu contexto, se recoloca em um lugar privilegiado, o de sujeito de sua história, reconstruindo e representando a realidade (GARRO e MATTINGLY, 2000; WHITE, 2000).

Falar de si e das coisas (presente, passado e futuro), faz com que o sujeito esteja ativo, mesmo que diante de qualquer situação opressiva. Então, quando o jovem elabora suas narrativas ele está sendo mais protagonista e mais dinâmico, porque tem que apreender naquele instante a vida, aqui entendida enquanto esfera do visível e perceptível, do aqui e agora das relações, mas também do tempo progressivo e perspectivo.

E aqui é uma novidade, que parece derivar do encontro, pois há um estranhamento e depois há o estabelecimento de pontes de ligação entre discursos, dada a abertura de ambos. Nesse sentido, a narrativa se apresenta como uma esfera cuja dimensão ultrapassa o pragmatismo e transcende para novas formas de antecipação e estruturação da realidade.

Poderíamos entender o discurso não somente como uma mera descrição da realidade, mas como uma construção ou uma invenção pessoal, cujo valor está na ordenação de uma fragmentação que cotidianamente a pessoa experiencia, mas só pode organizar no momento em que se debruça sobre a narrativa - coisa que o sujeito pode fazer internamente, em momentos de reflexão ou diante da presença de outro, cujos olhos, ouvidos e corpo estão atentamente voltados para a atividade da escuta, que favorece o desabrochar da narrativa como uma construção que tem significado para quem ouve e para quem fala.

A narrativa gera uma novidade, que reordena o sentido que a pessoa confere à sua história, de modo que essa história possa, quiçá, ser perpetuada e partilhada, pois essa é uma das características da narrativa: ela faz-se, constrói-se, à medida que outro está disposto a compartilhá-la.

Perceber a narrativa como uma invenção, ou uma criação, não quer dizer que a desmereçamos, mas, pelo contrário, é aí que se revela a subjetividade do sujeito, que entre sínteses chega à sua, que pode ser compartilhada.

A narrativa ou o discurso não são tão somente descrições da realidade porque colocam o indivíduo sempre num patamar criador, reflexivo e atuante diante da mera descrição ou vivência do cotidiano.

Ao entrevistar alguns jovens – e isso ficou evidente – muitas vezes a descrição do real é substituída por uma imagem que ele carrega.

Sempre, dentro do cotidiano, emerge uma novidade, algo que torna a sua existência singular e nem mesmo as dores ou as dificuldades e limites pode abafar essa certeza que é elaborada pelo sujeito, que, em todo o instante é protagonista dos seus movimentos.

Quando um jovem produz uma narrativa, conseguindo ultrapassar a mera descrição do cotidiano, refletindo-o, utiliza formas mais elaboradas de pensamento, chegando a sínteses que podem ser identificadas como tomada de consciência da complexidade da sua situação.

## **ANÁLISE DAS NARRATIVAS**

A partir da constituição do *corpus* textual, onde foram agrupados os dados das entrevistas individuais, grupais e dos textos etnográficos foi realizada a análise temática, a partir da perspectiva proposta por Gaskell (2002, p. 84).

A partir do material produzido, foram utilizados diversos procedimentos de análise, como: transcrição, procura por temas com conteúdos comuns e pelas funções destes temas, leitura e re-leitura, interpretação, procura de representações centrais e

periféricas, disseminadas dentro de um meio social, conforme é indicado no quadro abaixo.

Desse processo resultou a codificação e categorização dos resultados da pesquisa, conforme indico no quadro abaixo.

**Quadro 4: Procedimentos de análise, material e categorias**

<b>Procedimentos de análise</b>	<b>Material</b>	<b>Categorias/ codificações</b>
Transcrição de boa qualidade, que inclui todas as palavras faladas.	Entrevistas individuais.	Trajetórias e <i>continuum</i> de marginalidade.
Imersão do próprio pesquisador no <i>corpus</i> do texto.	Entrevistas grupais.	Homicídio entre jovens.
Procura por temas com conteúdos comuns e pelas funções destes temas.	Grupos focais.	Repercussões do homicídio nos jovens, na família e na periferia. Desterro. Desterro internalizado.
No processo de ler e reler, as técnicas tradicionais empregadas, em geral com um lápis ou recursos simples (canetas que realcem o texto), incluem: marcar e realçar, acrescentando notas e comentários ao texto. É o trabalho do pesquisador, particularmente e melhor com as entrevistas	Registros de diários e cadernos de campo.	O “vingador”. Estigmatização.

realizadas por ele próprio.		
À medida que a interpretação vai se processando, retorno ao material bruto, tanto para as transcrições quanto para as gravações. Podem surgir novos significados e os dados podem reforçar a análise. As interpretações devem estar enraizadas nas próprias entrevistas, e o <i>corpus</i> deve fazer parte da justificativa das conclusões.		Violência.  Inversão da sociabilidade.
Procura de sentidos e compreensão.		Genealogia do homicídio.
Procura de representações centrais e periféricas, onde as primeiras estão disseminadas dentro de um meio social.		Descrição etnográfica do contexto.

## Capítulo 2

### Dinâmicas do contexto da juventude de periferia da cidade de Salvador, Bahia

“Existe, no círculo de tempo que se completa a cada dia, na cadeia infinita de horas de luz e de escuro, uma fronteira entre a noite e o dia muito difícil de perceber. Antes do nascer do sol, há uma hora em que a manhã já chegou, mas a noite ainda continua a existir. Não há nada mais misterioso e ininteligível, intrigante e sombrio, do que essa transição da noite para o dia. A manhã veio - mas ainda é noite; a manhã fica como que incorpora a na noite que ainda está em volta, ela nada nessa noite. Nessa hora, que pode durar apenas uma fração de segundo, tudo, todos os objetos e pessoas, têm algo como duas existências diferentes, ou uma única existência desunida, noturna e diurna, na manhã e na noite”.

(Vygotsky, 1925/1986, p. 356-357 *Psikhologija iskusstva*. Moscou, Iskusstvo. In: VAN DER VEER, R. e VALSINER, J., 1991/1996).

Com certeza Vygotsky escreveu para você isto (a propósito "do 'enigma' da natureza de Hamlet em termos da presença concomitante de duas forças interdependentes: de noite e dia, de ação e inação, e dos eventos externos e processos psicológicos internos")  
Ana Cecília.



## INTRODUÇÃO

Com as entrevistas apareceu nesta pesquisa, a constatação das dinâmicas contextuais que cercam o desenvolvimento dos jovens, envolvendo as mais diversas expressões e habilidades.

Este estudo realiza-se na periferia de Salvador. Como toda periferia, o próprio fato de sê-lo parece carregar um estigma, uma negação e depreciação de sua existência.

Periferia, subúrbio e favela<sup>3</sup> são palavras que querem indicar uma mesma categoria de habitações precárias, caracterizadas pela pobreza, afastadas dos ou incrustadas nos centros das grandes cidades, acentuadamente diferentes da cidade formal, planejada, com saneamento básico e acesso a serviços.

A periferia e o subúrbio fazem parte da história das cidades; “favela” é a denominação brasileira desses conjuntos de habitações, assim identificadas a partir do início do século XX (VALLADARES, 2005, ZALUAR e ALVITO, 2004, SANTOS, 2005b).

Lyotard (1996) descreve a periferia como “o cinturão em grego, nem campo nem cidade, outro lugar, que não é mencionado no registro das situações (p.23)”, o que se aproxima da visão reducionista que muitas vezes pode conter o olhar de quem olha para uma favela assim, de longe, sem vislumbrar que ali se constitui um espaço, um território, constitutivo da identidade de seus habitantes e não um “não- lugar”. Marc Augé (1994), analisando os espaços não personalizados, nota que

---

<sup>3</sup> Nessa tese utilizo de forma correlata os termos *favela* e *periferia*, mesmo entendendo que podem existir distinções, sendo a favela mais caracterizada como bairro e a periferia um território mais amplo.

(...) o lugar é necessariamente histórico a partir do momento em que, conjugando identidade e relação, ele se define por uma estabilidade mínima. Por isso é que aqueles que nele vivem podem aí reconhecer marcos que não têm que ser objetos de conhecimento (p. 53).

Neste sentido, pretendo mostrar como é diversificada a noção de contexto e como os jovens atuam cotidianamente neste espaço.

Por isso a estrutura deste capítulo toma por base uma noção que pode ser identificada tanto na Psicologia Cultural do Desenvolvimento, na Ecologia do Desenvolvimento Humano (BRONFENBRENNER, 1996a, BRONFENBRENNER e CECI, 1994), quanto na Sociologia dos domínios da vida cotidiana (BERGER e LUCKMANN, 1985, PAIS, 2003, GOFFMAN, 1985), pois o contexto extrapola a idéia de lugar e avança para a experiência subjetiva do sujeito inserido em atividades, papéis, relações e habilidades, levando em conta ainda a sua atitude crítica diante deste contexto, basicamente dada pela constante avaliação da experiência.

Aqui nos interessa perceber as dinâmicas e os aspectos presentes no contexto e como o jovem se situa nas esferas cotidianas, criando fronteiras simbólicas e utilizando esses recursos para atuar no contexto (ZITTOUN, 2006).

Para cada aspecto, tento sistematizar indicando as falas mais elucidativas e, posteriormente, aprofundando aspectos da análise do contexto, consciente de que um estudo dessa natureza não consegue captar a totalidade.

Capturar as dinâmicas do desenvolvimento é uma questão central. Para isso a etnografia, enquanto linha mestra da pesquisa, tem possibilitado a emergência do contexto em toda a sua dinâmica, o que mostra, por exemplo, a diversidade de experiências que ali podem ser encontradas.

Mas a orientação etnográfica coloca o pesquisador em uma participação ativa e densa no contexto estudado (GEERTZ, 1989), porque há uma imersão que se

caracteriza pela força dos dados que vão emergindo, muitas vezes sendo necessário o distanciamento para melhor vislumbrar como o contexto atua sobre os jovens e sobre como os jovens atuam.

No contexto da periferia atuam forças que promovem o desenvolvimento dos jovens em sua integralidade, e ao mesmo tempo podem ser delimitadoras, impedindo-o. Um dos estereótipos recorrentes no senso comum é o de que os jovens da periferia são violentos e envolvidos em trajetórias de criminalidade.

Um olhar mais apurado e detido pode mostrar, por exemplo, que há uma violência dirigida a esses jovens que muitas vezes não é elucidada.

Alguns jovens entrevistados relatam momentos em que foram intimidados ou agredidos por pessoas externas à periferia e mesmo do interior dela. Isso pode revelar que ao invés de agentes de violência, conforme são percebidos pela mídia, os jovens das periferias tornam-se vítimas, sendo agredidos e/ou assassinados com uma constância rotineira, reproduzindo essa violência, muitas vezes, contra outros jovens.

A compreensão das dinâmicas do desenvolvimento pode apontar para a configuração do que é ser jovem numa periferia, com as possibilidades e limites que isto implica.

Quando analisamos as dinâmicas do contexto em uma etnografia é importante acentuar que elas ultrapassam a possibilidade de uma simples descrição: o contexto está além da percepção imediata e se relaciona a aspectos que compõem o cotidiano dos jovens, indo desde as relações até os saberes e habilidades que eles carregam.

A noção de contexto não pode, portanto, ser percebida sem a dinâmica que a envolve, sob pena de engessá-lo nas nossas compreensões limitadas. Se o contexto é dinâmico, então, ele pode apresentar-se de formas diferentes. No caso das juventudes

das periferias, o contexto e sua dinâmica aparecem a partir dos mais variados aspectos. É vislumbrando o contexto nos espaços da vida cotidiana que podemos evidenciar os aspectos que o compõem.

O fio condutor das dinâmicas da periferia utilizado aqui é a apresentação de como se constitui o espaço de práticas e fazeres dos jovens no cotidiano, atentando para o fato de que é dentro dessa “normalidade” que emerge a violência contida nesses espaços cotidianos: dentro da normalidade do tempo e das interações nas ruas e nas casas, sendo que a violência contra os jovens se caracteriza com maior incidência nos espaços externos (ruas, bares), enquanto aquelas relacionadas às jovens podem ser caracterizadas no espaço privado das residências.

Do mesmo modo podemos entender que o contexto, utilizando aqui a metáfora de uma estação de trem, compreende campos diversos, tais como o *vão* e a *plataforma*. De um lado o contexto como inserção; de outro, como marginalidade. É no mais ou menos tênue espaço entre o *vão* e a *plataforma* que irrompe a violência.

Esses são os dois pólos presentes no contexto da periferia, com suas fronteiras bem delimitadas, em temporalidades, práticas e espaços próprios.

A partir de um olhar etnográfico procuro mapear alguns domínios do cotidiano dos jovens de uma periferia, incluindo uma atenção particular a contrastes entre dia e noite enquanto temporalidades. Os espaços e práticas que são percebidos durante o dia são modificados e remodelados à noite e quando ocorrem eventos relacionados à violência.

## **A RUA**

As ruas da favela são muito movimentadas: pequenos comércios e bares nas casas, paredes grafitadas, barracos com mais de dois e até três andares, construídos com

os recursos que dispunham os moradores, e muita área verde, nos lados, no alto. As áreas verdes lembram um ambiente interiorano.

Esse é um traço presente nas favelas soteropolitanas: elas ainda preservam certo ar interiorano, quer seja no espaço, que seja nas relações. Nos espaços notamos que as áreas verdes são muito presentes, no alto e nos arredores, e o mesmo ocorre no plano das relações: os barracos, mesmo gradeados, ainda têm espaço para as conversas e para o encontro entre os moradores, isso sem contar com as casas que se transformam em comércio, o que aumenta o fluxo de encontro entre os moradores.

A favela ainda é o lugar do encontro entre as pessoas: há uma sociabilidade que não foi quebrada e isso pode ser percebido nos espaços em comum que são constituídos pelas pessoas da favela.

O traço de interioridade, em contraposição ao da grande cidade, se expressa mediante uma grande quantidade de experiências que o homem urbano vem perdendo, principalmente no contato com a natureza enquanto percepção da sua provisão, ou seja: o morador ainda pode recorrer à natureza nos momentos mais prosaicos, comuns e dramáticos da vida.

Esse contato com a natureza aproxima e confere à pessoa um senso de pertença ao lugar, porque ali há um relacionamento direto da pessoa com a natureza: plantas, animais etc.

Como a favela se constitui, muitas vezes, como uma cidade dentro da cidade, é possível dizer que quem vive na favela tem outra percepção do mundo, que difere, muitas vezes, daquela de quem habita a cidade formal.

Há muitas pessoas na rua, transitando; muitas crianças empinando arraias; muitos projetos sociais, escolas, terreiros de candomblé e igrejas (católicas, evangélicas, pentecostais), crianças e jovens lotando as *lan houses* também fazem parte da paisagem.

Essa é uma característica ímpar das favelas: há uma movimentação constante, em todas as horas do dia as pessoas estão pelas ruas, andando, trabalhando, jogando, brincando, conversando nos bares, nas igrejas, nos comércios, enfim, por todos os lugares, num incrível preenchimento do espaço urbano.

Na falta de praças e quadras esportivas as pessoas ficam nas esquinas, nas portas de suas casas observando os movimentos, conversando, enquanto a vida acontece.

Somente nos momentos críticos, quando acontecem os tiroteios e outros sinais de violência, é que a realidade muda, porque aí, as pessoas passam a se isolar dentro de casa e só saem depois de um desfecho geralmente trágico com a morte de alguém, quando todos vão certificar-se do que aconteceu.

Lá na rua, era uma rua muito movimentada, que tinha um monte de ladrões, que gostavam de mandar na rua e defendiam, também, né? Quando vinha outras pessoas de fora bagunçar, eles não gostava, pegavam, batiam, também roubavam, quando eles não gostavam também, e tinha vez que ninguém poderia dormir porque tinha tiroteio todo dia, zoada<sup>4</sup> de tiro e todo mundo dormia cedo, todo mundo dormia assustado, ficava preocupado. Às vezes tinham alguns filhos de alguma mãe que chegava tarde, chegar pra casa, aí todo mundo ficava com medo, ficava com medo de alguma bala perdida, de atingir a família porque eles eram ladrões que não bagunçavam na rua, iam roubar fora (*M.C., 18 anos, sexo masculino*).

A rua, para o jovem, é um espaço de risco e medo por causa da grande quantidade de ladrões e pelos constantes tiroteios que lá acontecem, de modo que ele avalia o lugar como um espaço que lhe traz perigos constantes.

Os jovens arriscam a própria vida quando retornam de outros lugares à noite, e suas mães ficam temerosas ao esperá-los com medo de balas perdidas e da violência. Viver em uma rua assim, intranquã e perigosa, parece ser uma experiência que o jovem avalia como difícil e complicada de existir. Mas a rua na favela, por outro lado,

---

<sup>4</sup> Significa *barulho*.

parece ser o local ideal do desenvolvimento dos jovens: é o lugar onde o jovem passa mais tempo e vivencia muitas experiências que são importantes para o seu crescimento.

Na rua encontra-se a diversidade, curiosidades, amigos, inimigos, riscos, afetos, festas, namoros, tudo se encontra na rua, enquanto espaço propício ao desenvolvimento, apesar das situações de violência e risco que existem em tais contextos.

Quando acontecem muitos tiroteios e eventos críticos nas ruas, particularmente na rua onde o jovem habita, ele vive uma experiência de cerceamento da sua liberdade e mesmo de restrição do trânsito, que tenho denominado desterro.

As ruas são espaços de desenvolvimento dos jovens, em especial os do sexo masculino, que parecem se tornar reféns desses eventos, não podendo manifestar a sua socialização que tanto na infância quanto na juventude se expressam e se realizam nas interações dadas com as outras pessoas no espaço da rua.

Interessante que as interações da infância, ao contrário do que muitas vezes pensamos, se dão na família, mas com um peso acentuado também na rua, entre a vizinhança e os pares, o que quer dizer que a noção de microcontexto, quando se trata de um espaço como a periferia, abrange o espaço da rua - com mais ou menos três anos a ida das crianças às ruas acontece costumeiramente (BRONFENBRENNER, 1996a).

Quando a rua apresenta perigos há uma restrição destes espaços de desenvolvimento, pois as crianças e os jovens têm que reduzir a frequência a estes espaços, devido ao medo de suas mães de que alguma bala perdida ou mesmo uma agressão aconteça com seus filhos. Mas a rua tem também uma grande importância enquanto espaço comum de desenvolvimento e encontro com outras crianças e jovens, que permitem a ele comprar-se com outros e estabelecer e ampliar um ciclo de amizades e relações que permitem uma melhor adaptação à vida na favela.

Se a rua é perigosa, se existem tiroteios, assaltos e violência, esse ambiente vai perdendo a sua capacidade pedagógica de introdução do jovem em um universo mais amplo, mais relacionado à troca de experiências e contatos com outras realidades.

A rua ensina, informa e faz com que o jovem desenvolva, desde cedo, habilidades de socialização mais amplas. Sem a rua o jovem não consegue mover-se nos espaços da família e da escola, pois a rua fornece instrumentos e significados mais amplos que os da família.

Com a rua o sujeito descobre outros modos de relacionar-se com a diversidade e é introduzido em práticas as mais diversas, desde as afetivas até aquelas relacionadas ao trabalho informal. Ou seja, a importância da rua se dá em consonância à experiência da família, particularmente porque o jovem parece necessitar de outros ambientes para se desenvolver e crescer, como espaços fundamentais onde estabelece e toma para si outros critérios de desenvolvimento, aprendendo a conviver com outros referenciais que possibilitem a sua entrada em um universo mais amplo onde a vida parece estar se estabelecendo de forma mais diversificada que na família.

Assim, a rua e a família, na casa, são espaços que se apresentam como fundamentais para o estabelecimento de orientações que levem o jovem a atitudes de socialização e mesmo de realização da sua humanidade, da sua condição de pertença mais ampla.

Há uma ambivalência sempre presente na relação dos ladrões e os marginais com os moradores da favela. Eles, os ladrões, trazem, ao mesmo tempo, perigo e segurança, protegem e violentam, trazem alguma segurança e ao mesmo tempo algum risco para os moradores. É assim nessa relação tênue e muitas vezes difícil de conceituar que os ladrões são vistos pelas pessoas da comunidade.



Na verdade eles acabam se tornando uma espécie de “guardiões” do lugar, submetendo todas as pessoas ao seu poderio, claro que de maneira informal. Por exemplo, é impressionante a percepção de que estamos sendo vigiados por homens armados em cima de um dos morros e com permissão para entrar, segundo alguns moradores, pois se não existir tal permissão ou nos mostrássemos como desconhecidos e indesejados, os homens que nos vigiavam desceriam o morro e certamente nos assaltariam e, por conseguinte, nos colocaria para fora daquela área.

Em determinadas áreas até a entrada da polícia é impossibilitada devido à existência de diversos caminhos que vão se entrecruzar em matagais de difícil acesso, aos quais só os conhecedores da área podem acessar. Outras pessoas que tentam adentrar esses espaços são facilmente alvejadas porque, nas proximidades das matas, o lugar é caracterizado, a despeito de suas belezas naturais, pela “desova<sup>5</sup>” de cadáveres.

Assim, a rua que o jovem apresenta tem essas características que impedem o acesso a pessoas que não a conhecem, terminando que a rua passa a ser, então um território dos ladrões e dos moradores, sendo que os primeiros dominam os segundos. Sobre essa rua corriam boatos de que os ladrões costumavam assassinar pessoas e jogá-las numa fonte ali existente.

A dinâmica contextual tem momentos de calma e conturbação que o jovem parece já identificar. Esse aspecto me chama a atenção porque há, de fato, na favela, uma sazonalidade dos momentos de crise e dos momentos mais calmos onde não ocorrem eventos críticos.

Há, assim, no ano, períodos que são marcados pela violência e por certas pausas, pontos de vácuo, entre esses eventos, como uma espécie de *letargia social*.

---

<sup>5</sup> Prática na qual os corpos das pessoas assassinadas são jogados em terrenos baldios, de difícil acesso.

Assim, a dinâmica contextual emerge permeada de eventos que os jovens já sabem identificar e, por isso, sabem defender-se deles quando estão aparecendo.

Há, na temporalidade da periferia, momentos de continuidade e ruptura.

As festas, os momentos de festividades são os espaços referidos pelo jovem como aqueles em que ele se diverte e entra em contato com outras pessoas, mas o que chama a sua atenção é que na sua rua esses espaços são restritos, não ocorrendo por causa da violência.

Então, poderíamos concluir que a violência impede os espaços de promoção de eventos cuja gratuidade e a festividade não podem ser vividas, dado o medo e o perigo que a violência encerra. De todos os modos a violência parece restringir os espaços de socialização, negando a necessidade que o jovem tem de encontrar-se com outros e mesmo de divertir-se, conforme identificaram Lordelo, Bastos e Alcântara (2002), analisando o caso de um jovem e a violência doméstica e urbana que parece atuar restringindo os aspectos de socialização.

A violência atua como que engessando esses momentos, não permitindo que eles aconteçam, como se a sua força letárgica impedisse os encontros e as demais oportunidades de socialização e crescimento.

Se a violência tem esse poder é porque o perigo que imprime à vida dos jovens é real, que muitas vezes não se manifesta concretamente, mas pode estar relacionada a uma difusão ampla do medo que ela aciona nas pessoas, revelando-se cruamente quando ocorre e a pessoa se dá conta de que ela existe, atinge e tem conseqüências práticas.

Se a violência é uma entidade abstrata, como o medo, que se concretiza na ação, aparece então, em sua materialização, uma expressão que faz o jovem perder o seu espaço de socialização dentro da sua comunidade, do seu bairro.

O medo se torna real, a violência se torna real. E essa nova realidade, como o *desterro*, restringe os espaços, toma conta da realidade cotidiana e é um delimitador de novas atitudes relacionadas à socialização.

Quando a violência restringe o acontecimento que é uma festa, está colocando o jovem numa “prisão” ou redoma, para a qual ele não está preparado apesar de fazer, caso seja necessário, uma força que vai à contramão do desenvolvimento para realizá-lo.

O contexto de uma favela é amplo e pode se revelar cada vez mais a partir dos muitos domínios do cotidiano vividos por um jovem.

## **EXPERIÊNCIA DE VIDA**

Em um primeiro caso, o jovem G. (*20 anos, sexo masculino*) assim descreve a sua experiência de vida, que indica como o seu contexto de desenvolvimento foi sendo traçado sem a presença do pai e tendo que trabalhar desde cedo para ajudar a mãe, que é a figura central na vida de muitos jovens, partilhada também por outros adultos, como veremos.

A minha vida foi de momentos de sofrimento e felicidade. Sofrimento foi ver minha mãe sempre naquele trabalho, sendo xingada também pelos caras, que eu guardo um pouco na mágoa de dois caras que mandou minha mãe tomar onde não devia. É assim, porque, é tipo botar umas coisas [barraca] na frente do outro. E vai conversar, “aqui não é seu, vai tomar dentro dos infernos. Eu guardo mágoa de dois deles, tanto que quando ele vem pra cá eu digo logo, “*olhe, quando eu era pequeno era outra coisa, agora eu cresci, meu pai, não venha pra cima de mim não, se você é homem, eu também sou. Então é guerra contra guerra. Eu não vou comer reggae de você. Meu tempo de criança já passou, agora eu cresci.*” Sofrimento é ver a mãe sendo humilhada ali e não fazer nada, quando é pequeno. Felicidade é quando eu tô com meus amigos, quando eu vejo minha mãe bem, quando eu tô bem, bem comigo mesmo, aí eu me sinto um pouco feliz. Minha vida não foi aquela maravilha... (C. P., *20 anos, sexo masculino*).

A vida, embora pareça uma entidade abstrata, não o é, e sim um conjunto de relações e de experiências que a pessoa vai tecendo ao longo de sua experiência. Avaliar a própria vida significa tomar globalmente o seu contexto de desenvolvimento, e para que isso aconteça é necessário que a pessoa tenha uma capacidade que ultrapasse o instante, embora o tome como medida para que essa avaliação se torne efetiva.

A avaliação da própria vida é um aspecto importante para mapear o contexto de desenvolvimento do jovem porque ele utiliza ao mesmo tempo as noções de tempo, espaço, experiência vivida e refletida, assim como utiliza critérios que permitem analisar criticamente o seu percurso e o seu futuro (BRONFENBRENNER, 1996b). A idéia de *duração*, de Henri Bergson, é precisa ao indicar esta dimensão da experiência (VALSINER, 2007; BOSI, 1994), permitindo ainda uma prospecção, ou seja, um olhar que alcance em perspectiva, o futuro.

A avaliação da própria vida implica também uma avaliação direta do contexto de desenvolvimento. E como toda avaliação permite reconfigurações novas, o jovem que avalia a própria vida, pode dispor de meio para ter uma visão mais diferenciada e melhor de sua existência – e dos contextos que a compõem.

Rapaz, eu sonho muito em ter um trabalho. Trabalho não, um emprego, de carteira assinada. Meu projeto de vida é quando eu ter um emprego de carteira assinada, eu sempre botar um dinheiro no banco, o outro ajudar minha mãe a construir a casa dela, deixar como ela sempre sonha: rebocada, o sofá dela, televisão, geladeira, tudo bem. A casa rebocada em ponto de laje e eu procurar partir a minha, procurar fazer a minha casa, poder chegar a hora que eu quero, chegar do trabalho, poder me jogar, me deitar, sem ter mãe que fique azuando<sup>6</sup>, dizendo “tira a roupa” e isso e aquilo. E família, penso ter só com uns trinta anos, porque eu acho que a gente perde um pouco de liberdade, tem que ser mais responsável do que já é. Responsável a gente é um pouco com a gente mesmo, mas aí você vai ver que vai ter sua esposa, ter atenção com ela. Se ela fizer alguma e não tiver atenção, vai ter aquela briga; tem seu filho pra ter atenção, todo cuidado também. Eu não quero essa

---

<sup>6</sup> Significa importunar, chamar a atenção.

responsabilidade toda de ter criado meu filho, de ter cuidado de minha esposa. Responsável eu quero ser, mas um pouco mais comigo, depois eu penso em filho, esposa dentro de casa. Se eu tivesse em minha casa, agora eu queria tá em paz, sozinho. Sem filho e sem mulher (C.P., 20 anos, sexo masculino).

O fato de a sua mãe ter que competir com outros vendedores e ser xingada faz com que o jovem adquira um sentimento de ódio e de revolta contra os agressores, de modo que ele cresce com uma expectativa de tornar-se homem para vingar o tal acontecimento. A avaliação do contexto de desenvolvimento do jovem, aqui marcado pela experiência do trabalho em uma feira livre, é encarada como uma trajetória marcada pelo sofrimento, que é nomeado a partir de testemunhar sua mãe ser agredida verbalmente por outro vendedor.

## **TRABALHO<sup>7</sup>**

Quando falamos em trabalho pensamos, primeiro, no seu aspecto socializador ou de subsistência.

Aqui podemos perceber que há para os jovens riscos acentuados à sua integridade física e psicológica, dada a sua vulnerabilidade e exposição à precariedade de condições que esse trabalho encerra. A própria informalidade vai ser um demarcador de exposição aos riscos dessas atividades e, principalmente para os jovens do sexo masculino, muitas vezes aparece de forma explícita a violência.

A experiência do trabalho na juventude, geralmente a partir da informalidade e pelas relações de parentesco e conhecimento. Alguns casos são diferentes, que após a

---

<sup>7</sup> O *trabalho*, enquanto domínio do cotidiano presente nesta tese, difere daquele que foi analisado no livro *Travessias: a adolescência em Novos Alagados* (SANTOS, 2005a), no qual identifiquei o trabalho como forma de subsistência. Na descrição que agora proponho está presente o fio condutor da violência e de como o jovem, particularmente do sexo masculino, é socializado para a violência, nos diversos níveis do contexto.

participação em um curso são inseridos como estagiários por um ano e um mês num hotel da cidade do Salvador.

A informalidade do trabalho ocorre pela inexistência de garantias e postos de trabalho e se caracteriza pela inconstância e descontinuidade da prática, podendo existir por um tempo e no outro, não.

O trabalho surge, então, como uma peça importante para entender o contexto de desenvolvimento do jovem, como um lugar onde ele aprende a conquistar o seu espaço e a sua territorialidade, tendo que enfrentar, desde cedo, as muitas contrariedades que um ambiente como o da feira citada oferece, haja vista as constantes brigas e desentendimentos que ele encontra.

Também aparecem na experiência do trabalho as precárias condições que o jovem encontra, como o fato de ter constantes brigas, enfim, um conjunto de situações que impedem o seu desenvolvimento, por um lado, e, por outro, lhe fornece a possibilidade de atuar sobre a realidade, com toda a adversidade que ela encerra.

A experiência do trabalho informal na rua também pode revelar o mesmo significado, apesar dos riscos e da vulnerabilidade aos quais estão expostos os jovens, pois mesmo com essas possibilidades de restrição os jovens estão aprendendo a lidar tanto com os riscos e perigos, assim como as possibilidades de inserção.

Se o jovem não viver essas experiências é como se sua socialização ficasse mais restrita à proteção familiar, sem ativação de sua proatividade, não sabendo, por exemplo, como se relacionar com essas situações que vão aparecer em seu caminho de desenvolvimento.

Há toda uma lógica interna do trabalho que é percebida como hostil e que a pessoa, para viver, precisa enfrentar, sem medo, essas circunstâncias.

Na feira é um pouco difícil: sair três horas da manhã, receber dinheiro o dia que o cara quer, quando tem, quando não tem, não ter horário de sair, ainda o cara achar ruim o que você faz. É tipo uma selva, porque lá você tá para comer e ser comido. É um querendo cortar o outro, é briga, um ofendendo a mãe do outro, mas quem sabe viver na feira ali veve (sic) numa boa, não procurar ousadia, não procurar muita brincadeira, veve (sic) numa boa. É difícil, trabalhar, acordar três horas da manhã, estudar, por isso que eu não estudo mesmo. Acordar três horas da manhã, depois chegar, vamos supor, eu vou chegar aqui uma hora, três horas. Durmo, quando vou pra escola ainda tô com sono. Aí fica ruim esse negócio de ir pra escola, chegar na escola fico cochilando... (C.P., 20 anos, sexo masculino).

O trabalho informal é uma realidade presente na juventude das favelas, pois, dadas as impossibilidades contextuais da realidade brasileira, cada jovem vê-se impelido, lançado, para a realidade de fazer qualquer trabalho que lhe possibilite uma renda da qual possa desfrutar para a compra de bens básicos e ajudar na subsistência da família.

Desse modo, os mesmos se colocam em situações de trabalho que exigem força física e persuasão, tendo que enfrentar situações difíceis, muitas das quais são caracterizadas pela truculência e violências, diante das quais os mesmos têm amadurecer e mostrar ou demonstrar força física e habilidades diante de pares mais velhos, que usam da força e da autoridade para impor aquilo que lhes parece mais conveniente para o estabelecimento de seus territórios e poderes.

O jovem, então, tem a necessidade de mostrar a sua virilidade para lidar com esse contexto competitivo e violento, mostrando que também pode coexistir nesse contexto. Se não mostrar fisicamente e pela imposição de sua força o jovem pode sucumbir diante de sua passividade e triunfo dos outros, que se colocam como “donos” do território. Na entrevista, ficou muito evidente que “sobreviver” no trabalho informal significa competir com os outros, o seja, estabelecer e demarcar o seu lugar, usando, para isso, a força física e a violência.

Os jovens parecem mover-se em direção a experiências de trabalho informal dentro e fora do contexto da favela.

Esse jovem entrevistado aponta que o ambiente é hostil e agressivo, e, para mostrar determinação, ele tem que enfrentar todas as situações de violência que aquele trabalho pede, caso contrário será “devorado”, como quem está numa “selva”, metáforas utilizadas por ele, evidenciando como essa hostilidade se apresenta a partir de ofensas e violência.

Como os ônibus começam a “rodar”, ou seja, a sair da garagem depois das 05h00min horas da manhã, as kombis clandestinas fazem o transporte dos trabalhadores que necessitam estar em seus postos de trabalho antes deste horário, como o do jovem que necessita estar na feira às 03:00 horas da manhã, como a feira, é um ambiente de trabalho que exige força e determinação para estabelecer o espaço de sua intervenção e conquista de espaço para a sobrevivência.

Essa feira tem uma importância ainda não devidamente acentuada para a economia e a subsistência das classes menos favorecidas da cidade de Salvador.

A feira, com sua informalidade, é um espaço de possibilidade de trabalho para os jovens e para os desempregados, pois há trabalho constante, no sentido físico do termo, bastando, para isso, a disponibilidade do sujeito e o enfrentamento das situações adversas. Na feira há alguns aspectos contraditórios, como a informalidade e a constância do trabalho.

Não existindo meios de formalização do trabalho, conforme direitos adquiridos com a carteira assinada, o jovem pode, ainda assim adquirir uma estabilidade na informalidade - o que indica que há uma possibilidade de estar fixado num trabalho, mesmo que este não seja garantido pelas leis que regem o país.



Longe dos empregos formais e com “carteira assinada”, após completar 18 anos, os jovens trabalham em atividades as mais diversas, que são caracterizadas pela informalidade e pela instabilidade, em condições que não condizem com os direitos de um trabalhador.

Por exemplo, neste jovem, a sua experiência de trabalho foi iniciada a partir de uma ajuda à sua mãe que o levou desde a infância para trabalhar com ela na feira, que revela o papel dela como a pessoa responsável pela introdução dos filhos no universo do trabalho, particularmente quando, na família falta a ajuda e o apoio e a presença do cônjuge.

Ela saía cinco ou quatro da manhã, largava minha irmã mais velha cuidando da gente, a gente ia pra escola. Depois, quando eu fiz nove anos, ela começou levando eu pra feira, dizendo que tava difícil, que se eu quisesse comprar roupa que eu tinha que trabalhar também, pelo menos ir ganhando o meu dinheirinho, ir ajuntando. Comecei a ir e de nove anos pra cá eu comecei a ajudar ela a trabalhar também, eu e meu outro irmão. Dois, comigo, três. Duas pessoas agora lá de casa trabalham na feira e ela [a mãe] agora conseguiu um “bico”<sup>8</sup>. Ela trabalha em casa de família, vai um dia sim, outro dia não, faz quentinha (*C.P., 20 anos, sexo masculino*).

Com nove anos de idade ele começou a trabalhar, o que mostra que sua infância e seu contexto de desenvolvimento foi marcado por essas relações de trabalho fora do ambiente doméstico, em contato com homens mais velhos e com toda uma lógica que o jovem teve que adaptar-se para não ser submetido à violência e às agressões que esse ambiente contém.

Assim, a experiência do trabalho começa, desde muito cedo, na infância, a fazer parte da vida dos jovens.

---

<sup>8</sup> Significa *trabalho informal*.

Ah, minha mãe me botou pra trabalhar desde os dezesseis anos. Eu trabalhava de descarregador de caminhão com meu pai. Depois, eu fiquei em “D.H.”<sup>9</sup>, pra aprender a trabalhar com negócio de pintura. Aqui num galpão que tem de laqueamento. De dezesseis anos até uns vinte anos por aí. Depois eu fui trabalhar com pintura e laqueamento (A.C., 22 anos, sexo masculino).

O trabalho parece ser o fio organizador da vida deste jovem, já que ele não conta com a presença de muitos amigos. Mas o trabalho tem uma importância fundamental no desenvolvimento do jovem porque o coloca diante da realidade com uma responsabilidade precisa e mesmo uma possibilidade de assumir novos papéis sociais e por um lado poder experimentar a sua existência através daquilo que faz e do que recebe por este trabalho.

O trabalho parece permitir uma nova concepção de si, mais responsável e mais projetiva, no sentido de lançar o jovem para uma percepção mais ampliada do tempo e mesmo do seu projeto de vida. Sem o trabalho, o jovem fica à mercê da imediatez do instante, o que gera, em última instância, uma percepção de si calcada na necessidade de responder ao hoje, ao momento presente, o que tira muitas possibilidades de compreensão de sua vida como um caminho, como uma trajetória que tende a desenvolver-se.

Sem o trabalho o jovem parece perder o fio organizador de sua existência, gerando aí inquietudes e problemas de ordem social, como a não adaptação, a perambulação<sup>10</sup> – que aqui passa a ter uma conotação menos positiva – e pode se dar a emergência da violência como fator de desagregação da situação atual do jovem. O trabalho confere ao jovem uma nova forma de conceber-se no mundo, forma esta que

---

<sup>9</sup> Oficina mecânica local.

<sup>10</sup> Nos capítulos seguintes indicaremos com mais detalhe essa perambulação, ou nomadismo, característico dos jovens em situação de marginalidade e de modo mais amplo, característico da pós-modernidade.

parece permitir-lhe um trânsito diferenciado na realidade, com maior possibilidade de realização de seus projetos etc.

Bastos, Alcântara e Santos (2002), identificaram que o trabalho como eixo organizador das famílias pobres é uma estratégia de socialização, mas ao mesmo tempo encerra conflitos e exclusão:

Note-se que a estratégia de socialização pelo trabalho é vista pelos pais como particularmente apropriada às classes mais pobres. O filho do pobre deve habituar-se desde cedo ao trabalho, única garantia de inserção na sociedade (mesmo quando essa inserção é, por princípio, excludente e marginalizante). Esse eixo entra, muitas vezes, em conflito com os projetos vida das famílias, pois a inserção precoce no trabalho pode implicar no abandono dos estudos, e, em longo prazo, restringir as possibilidades de melhores empregos (pp. 124-5).

Com o trabalho a existência do jovem parece adquirir um sentido diferenciado. Poder adquirir os bens de consumo necessários à sua existência e ajudar em casa, geralmente à mãe; poder sair com a namorada ou compartilhar momentos de festividade com os amigos, os pares, são possibilidades importantes para a constituição da sociabilidade do jovem, que tem uma nova orientação a partir de sua nova experiência. Momento dramático, no entanto, aparece quando o jovem está à procura de trabalho, fato este que se mostra na grande dificuldade de se empregar devido à inexperiência.

A experiência do trabalho é, de fato, um eixo organizador de suas vidas, porque os recolocou na vida com uma postura diferente, principalmente porque após o fim da escola e da frequência a projetos sociais as suas vidas ficaram meio que “paradas”, não sabendo o que fazer com tanto tempo livre e ocioso.

De fato, após os projetos sociais e a experiência da escola, os jovens parecem necessitar de um fio condutor para as suas existências, fio este que é dado com a experiência do trabalho, que, além de ocupar o tempo, faz com que eles adquiram uma

responsabilidade social, ou seja, um fazer, uma orientação para a existência. Após os projetos sociais, os jovens começam a se movimentar para uma resposta mais adequada à força e à expressão que estes carregam, e que não podem ser desperdiçadas, sob a pena de que toda essa energia seja canalizada para espaços menos orientados para práticas aceitas socialmente.

Sem o trabalho o jovem corre o sério risco de ver-se envolvido em práticas de violência e marginalização, o que tem gerado muitas mortes e outros atos envolvidos em marginalidade, pois se não há o aproveitamento do tempo livre, tudo pode acontecer. Sem o trabalho o jovem vive certa experiência que denominei de “letárgica”, ou seja, aquela que “poda” as suas forças e retira o seu protagonismo diante da realidade, tornando-o, pela desocupação, um ser vulnerável e passível de uma apatia.

Mas o trabalho não significa somente o emprego formal, significa uma atividade na qual o jovem empenha-se quotidianamente ou esporadicamente. Neste sentido, e isso descobri numa reunião com alguns jovens, o fato de estar fazendo algum trabalho esporádico conta muito para a sua vida, pois este trabalho é percebido pelo jovem como um espaço de expressão pessoal. Este fazer, mesmo que esporádico, é percebido pelo jovem como uma possibilidade de inserção e de ganho para satisfazer as suas necessidades mais imediatas.

Entendi que eles vivem – ou podem viver – nessa perspectiva mesmo realizando os trabalhos mais humildes e socialmente considerados irrelevantes – como carregadores de frutas, ajudantes de pessoas idosas, ajudando pessoas que trabalham com pequenos comércios, vendendo nas praias e nos ônibus, trabalhando como auxiliares destes pequenos comerciantes etc. Tudo é percebido como o espaço do seu fazer, o que não impede, no entanto, de querer avançar para a formalidade do trabalho, com direitos garantidos, a frequência sistemática a um espaço, enfim.

O sonho da “carteira assinada” é um desejo e uma expectativa constante nos jovens, pois eles querem, de toda forma, estar inseridos no mercado de trabalho.

Por falar nestes jovens é interessante acentuar que a possibilidade de adquirir um trabalho formal não foi conferida por nenhum projeto social, mas pelas relações com pessoas de outros contextos que atentaram para o valor destes jovens e as suas habilidades. Ou seja, foi preciso que alguém, uma pessoa com conhecimentos suficientes e influência, tomasse consciência do valor destes jovens e lhes propusesse uma oportunidade no mercado de trabalho, o que se conecta ao que uma jovem me relatou em entrevista ao falar do governo, como se este não tivesse a oportunidade de conhecer a vida de cada jovem e as suas possibilidades.

Enfim, o trabalho, é um eixo organizador da vida do jovem, por todas essas razões e porque sem o trabalho, o jovem vive uma experiência de apartação do mercado, do consumo e de satisfação de suas necessidades.

## **RELAÇÕES, VÍNCULOS E AMIZADES**

O contexto da juventude na periferia é feito de relações, vínculos afetivos com os pares e outros adultos de referência, para além da família, aos quais os jovens se ligam. Para identificar essa dinâmica é preciso mapear quais pessoas fazem parte do universo relacional dos jovens.

Nas entrevistas com os jovens surgiu a experiência da amizade como espaço de socialização.

Na amizade estão unidos os traços da gratuidade e colaboração orientados por estes espaços de vínculos e laços que os acompanham desde a infância e tendem a se intensificar na juventude, protegendo-os.

Caso semelhante, no sentido protetor, apareceu quando um dos casos, o *Marvin* (SANTOS, 2005a), apontou que o seu grupo de amigos o livrou das influências das drogas e da marginalidade que eram comuns na favela onde habitava.

Outros estudos identificaram que as amizades podem estar relacionadas à inserção dos jovens na marginalidade e em práticas delituosas, fato percebido pelas famílias (ASSIS, SOUZA, 1999, SANT'ANNA, AERTS e LOPES, 2005, BASTOS, GOMES, GOMES e REGO, 2007).

A amizade é uma forma utilizada pelos jovens para superar os riscos e parece estabelecer estratégias de enfrentamento das adversidades. Isso pode ser indicado pela prática constante da conversa (diálogos) e da companhia que os jovens fazem uns

para os outros, companhia esta que quando orientada para práticas que os jovens reconhecem como saudáveis ou mesmo de lazer, esporte e cultura lhes proporciona maior capacidade de enfrentar circunstâncias adversas.

Um jovem afirmou que quando estava trabalhando era para ele um prazer levar alguns amigos para uma das lanchonetes do bairro e ficarem conversando.

Pra mim é chato, sabe? Eu sou um cara assim: eu quero poder ter uma namorada, levar pra comer uma pizza, levar numa sorveteria, quero fazer um monte de coisas, e quero sair com os amigos, quero chegar assim, dizer que a conta é minha, “pode deixar que eu pago”. E pra mim é chato, muito chato. Eu comecei a trabalhar, eu saía com meus amigos pra gente tomar um açaí na lanchonete, era direto. E agora tô desempregado, sem poder fazer essas coisas que eu gosto na verdade. Mas eu não me sinto pior do que ninguém. Eu sei que é fase, vai passar. Vou poder tá comprando a minha roupa, que eu tô baqueado<sup>11</sup> mesmo, de roupa. Comprar tudo o que eu gosto (*S., 18 anos, sexo masculino*).

Essa socialização com os pares, tomada a partir de iniciativas com a companhia para jogar futebol e realizar atividades culturais e lúdicas pode, num primeiro momento, contrapor-se à atitude quase solitária ou mesmo das duplas de jovens que estão inseridos em trajetórias de marginalidade, pois estes geralmente andam sozinhos ou em duplas, salvo aqueles que andam em grupos no momento em que estão prestes a praticar algum delito ou assassinato.

A dimensão da socialização da juventude em grupos de amizade pautados por práticas e atividades culturais, esportivas, lúdicas e recreativas, pode ser pensada como contraposição à marginalidade.

Formar grupos de pares para se divertir, praticar esportes, promover atividades culturais é, de fato, bem diferente daqueles grupos que se organizam para praticar delitos, e isso não se pode negar. Interessante é que aqui estamos retornando para uma configuração da juventude que necessita estar em grupos e formando-os

---

<sup>11</sup> Significa *ruim, mal*.

constantemente para realizar o que individualmente não seria possível ou não teria a mesma dimensão de compartilhamento que parece existir como exigência da juventude.

Estar em companhia de outros, a depender do escopo, é sempre um espaço de socialização que incide na dinâmica da periferia.

Com as jovens parece existir um fenômeno semelhante de compartilhamento de experiências, porém, com a entrada de vínculos afetivos, como o namorado, a rede de amizade delas parece se restringir, gerando possíveis cerceamentos que vão desde o isolamento até as situações de violência, diante das quais é muito difícil subtrair-se.

Perguntado sobre quais as pessoas mais importantes de sua vida, um jovem assim descreveu:

Minha mãe, meus padrinhos e P., eu considero como uma mãe... Nos momentos difíceis me acolhia e também quando eu tava errado não passava a mão na minha cabeça. Me chamava atenção, discutia, conversava, não era só passar a mão pela cabeça porque eu tava errado, ou porque gostava de mim. Rapaz, eu tenho amigos. Eu considero amigo porque quando eu tô errado ele não fica só... É isso, tem que fazer isso mesmo, ele também fala “você deu vacilo, não é bom fazer isso... Rapaz, eu conto mais com minha madrinha e meu padrinho, porque minha mãe mesmo pode me ajudar às vezes... (B.F., 20 anos, sexo masculino).

O jovem descreve um grupo de amigos e outros adultos de referência que se colocam junto a ele na tarefa de viver as experiências da juventude, que são pautadas pela reciprocidade e pertença.

Interessante que os pares têm a função de corrigir condutas consideradas desviantes e parece orientar o jovem para o confronto de idéias e o diálogo, fatos que eles parecem reconhecer como importantes para o desenvolvimento.

Na falta da mãe aparecem outros adultos que são co-responsáveis pela sua educação e que o orientam, indo ao encontro do que o jovem espera como condições de diálogo, de modo que ele possa se comparar frente às situações da vida.



Sobre os relacionamentos com outros jovens e adultos fora do círculo familiar o jovem refere-se a estes como espaços de promoção de atitudes reconhecidas como anti-sociais, o que permite exercer sobre ele uma coerção que pode reorientar padrões de condutas novos.

Tem, acho que tem. Eu acho assim, quando as pessoas que se importa com a gente, quando a gente tá errado elas não cobre o erro, elas vai e chama a atenção mesmo e o que tem que falar fala na mesmo que doa. Quem não se importa, passa a mão pela cabeça, sabendo que você tá fazendo o errado, mas sempre vai fazer o errado. Quem não se importa passa a mão pela cabeça, aí a pessoa vai fazendo aquela coisa errada e as pessoas ficam odiando ele. A pessoa que gosta, não. Tem que chamar ele assim, tem que falar, mesmo que doa nele, tem que dizer (*G.F, 20 anos, sexo masculino*).

Aqui aparece um traço interessante deste jovem, que mesmo sendo independente, devido ao trabalho, tem como referenciais pessoas que, surgidas no âmbito de um projeto social, foram importantes para a continuidade do seu percurso educativo.

O fato de existir essa preocupação por parte dos adultos fez com que o jovem os reconhecesse como autoridades e co-responsáveis pelo seu desenvolvimento.

O estabelecimento de vínculos fora do contexto familiar parece indicar uma necessidade mais ampla de socialização, possibilitando novas funções para outras pessoas fora do círculo familiar, como a sugestão de posturas mais condizentes com a idade adulta. Porém, o fato dessas correções e sugestões serem aceitas pelo jovem chama a atenção para o estabelecimento de relações e vínculos.

O contexto é permeado de relações que orientam para novos modos de interação, ao mesmo tempo em que satisfazem necessidades de companhia, traço característico da juventude.

As amizades podem contribuir para o não ingresso dos jovens em trajetórias de marginalidade.

Rapaz, eu mesmo não entrei porque tem muitas pessoas me ajudando: minha mãe. Eu sempre, desde nove anos, corri atrás do meu, passei a trabalhar. É bom trabalhar, é sofrido, mas é bom. Você dá valor ao que você tem, e também tem alguns amigos que não influencia você, não tem só aqueles amigos que influencia, mas tem uns que sempre tá ali junto. Ah, não vá fazer isso, vumbora (sic) pra tal grupo, isso aqui é melhor, vamo (sic) lá em casa assistir um DVD, é melhor do que tá aí. E uns que não entra mesmo por cabeça: “eu não quero isso pra mim não, eu quero outra coisa”; já tem outros que vai porque quer. É que o jovem é muito influenciado à coisa ruim. Quem tem a mente fraca, vai (E., 24 anos, sexo masculino).

Perceber-se ligado a outros, em companhia, parece ser um diferencial positivo no contexto de desenvolvimento dos jovens, como revela o jovem, ao ser questionado se existiam pessoas adultas que se preocupavam com ele:

Tem... Aqui no bairro? Olha, tem o senhor, primeiro. Se fosse outra pessoa, tinha olhado pra gente de outra maneira. O senhor olhou pra gente como se visse na gente alguma coisa, alguma coisa que, não, sei lá, que foi do tipo aqueles os escolhidos, que, de tanto aluno daquele reforço, uma sala inteira, os únicos, os sobreviventes, assim, que seguiu o caminho foi os que tão aqui agora. Aí, por isso que uma das primeiras pessoas que se importa com a gente. Depois, a professora N., porque mesmo aquele saco em cima dela, sempre cheio de aluno em cima dela, aquele nervosismo todo, ela foi sempre paciente com a gente e sempre apostou na gente, sempre tava defendendo a galera. Depois, outra pessoa é minha mãe, também... Os meus pais, porque sempre quando eu precisava de alguma coisa, eles tão me apoiando, algum negócio de trabalho assim, vai, me fala, manda eu botar currículo, quando eu não tenho transporte pra ir num lugar eles arranja, e teve um caso mesmo que eu peguei um DVD aí na loja, aí o da de pagar já passou, no cartão dos outros, aí tinha que dar 55 reais, aí eu tava confiando nessa, na bolsa, nessa bolsa agora do curso. Aí eu tava confiando nisso, mas não saiu, aí minha mãe foi lá, não sei como, ela foi lá, conseguiu o dinheiro, noutro dia ela pegou e me deu e mandou eu ir lá pagar. Ai foi que eu fiquei pensando assim: “porra”, como diz E., “*mãe é foda, viu!*”, eu fiquei pensando nisso. Essas são as pessoas que se importam comigo. E também tem a minha madrinha, ela já faleceu, ela morava no U., ela sempre ficava perguntando por mim, como é que eu tava, o que eu tava fazendo, ela disse, não sei o que foi, que ela ia me dar um presente, antes dela morrer. Ela morreu e não me deu esse presente. Até hoje... Aí toda vez que eu penso nela eu fico imaginando qual era o presente que ela ia me dar? Até hoje... Que todo dia quando eu ia na casa dela no outro bairro, ela dizia: “não se esqueça não, eu vou lhe dar, eu tô lembrada, ainda não esqueci...” Aí toda vez era isso, aí ela morreu. Até hoje nada. O nome dela é R. (R.S.F., 20 anos, sexo masculino).

Essa noção de escolha me parece interessante na percepção do jovem, pois aqui aparece uma noção de subjetividade, de si mesmo como portador de uma preferência, ou seja, quando o jovem é identificado por algum saber e faz uma experiência de crescimento diante de alguma presença educativa, relacionada aos adultos, tornando-se mais protagonista.

Interessante que os fatos que antecedem essa frase são todos baseados na memória de encontros, primeiro com os pares, outros jovens, que ele vai lembrando e depois com os adultos de referência, para os quais o olhar do jovem volta-se para as atitudes que estes adultos tiveram para com ele, querendo indicar que havia uma espera de sua parte, de ser olhado pelos adultos, e que este olhar também dirigido a outros jovens, possibilitou que estes fossem chamados pelo jovem de “sobreviventes”, ou seja, um olhar e uma atitude de um adulto, no caso a professora que tinha paciência e “apostou” neles fez uma diferença positiva em sua vida.

A noção de escolha pode ser entendida como a resposta que o jovem teve diante de uma pessoa à qual ele depositou a sua expectativa, a sua esperança de estabelecimento educativo, que gerou nele uma resposta diferente.

Para contextualizar o que o jovem está indicando é que a postura dos educadores vislumbrou nele alguma habilidade que não sabia possuir e foi aparecendo ao longo do relacionamento, o que foi fundamental para o seu desenvolvimento, pois, a partir da experiência do projeto social ele pode estabelecer para a sua vida alguns parâmetros de sociabilidade que ainda o acompanhavam naquele momento de transição, sendo que estas pessoas tornaram-se, por assim dizer, referências.

Assim, estes projetos sociais, quando sua estrutura contém adultos atentos aos jovens podem possibilitar orientação da vida e dos objetivos que eles vão

estabelecer no seu desenvolvimento posterior, geralmente, após a saída do projeto social.

Após a saída do projeto social, os jovens começam a participar de grupos que procuram promover a sua inserção no mercado de trabalho, projetos de vida, combate à violência, incentivo ao protagonismo juvenil, proposição de elementos culturais e de socialização, como música, manifestações culturais, filmes, leituras, produção de quadros, enfim, toda uma dinâmica de referências que ultrapassa os limites fisicamente e restritos da periferia.

## **A MÃE**

A mãe é uma figura impressionante porque compartilha todos os momentos de dificuldade na vida do jovem R.S.F. (*20 anos, sexo masculino*).

A mãe é um ponto estável, mas tão estável que não dá para explicar, o que resume a frase do jovem, que me pareceu uma estupefação, uma explicação tão completa que não cabe em si.

A mãe consegue superar as expectativas do jovem, conseguindo resolver situações difíceis, às quais nem mesmo o filho saberia ser possível resolver. Interessante que o jovem estabeleceu as suas redes de apoio afetivo de fora do ambiente doméstico, com os amigos, os pares, os educadores, para, depois, voltar ao ambiente doméstico, o que pode se configurar com uma nova mobilidade de estabelecimento das redes de apoio.

O vínculo estabelecido pela maternidade continua na juventude e a mãe se configura como uma presença constante, mesmo que o jovem atue na realidade cotidiana do bairro onde habita.

A imagem da mãe que não tem um emprego ou salário e no momento de dificuldade do filho, para honrar um compromisso a mesa vai e consegue tal recurso para que o filho pague aquilo que deve, ainda mais se este bem de consumo, aqui no caso o aparelho de DVD, que foi comprado no cartão dos outros, caso bem emblemático dessa forma de cuidado, onde a mãe faz “*de um tudo*” para ajudar o filho.

A presença da madrinha que lhe prometeu um presente e não chegou a dar por causa de seu falecimento acompanha o jovem na sua memória. Ela também faz parte de sua rede de relacionamentos.

Para alguns jovens o não ingresso em uma trajetória de marginalidade se dá pela presença da mãe, que muitas vezes introduz os filhos em pequenas atividades que possam contribuir com a organização da casa ou mesmo enquanto ajudantes nas tarefas que a mãe realiza.

Neste sentido a mãe, diante da tarefa de criar os filhos, indica o uso de uma “pedagogia materna” que protege e direciona a trajetória dos jovens.

Bastos (2001) analisa como uma forma positiva de socialização para as crianças o fato delas compartilharem em suas famílias de pequenas tarefas cotidianas, fato este que tem se restringido nos últimos anos com o aumento da violência nos bairros periféricos de Salvador (BASTOS, ALCÂNTARA e SANTOS, 2002).

## **PERTENÇA A GRUPOS**

Pertencer a algum grupo, qualquer que seja ele, faz parte da experiência dos jovens da periferia.

O grupo parece conferir certa comparação de experiências que nem o namoro parece oferecer, pois o jovem parece estar buscando critérios que orientem a sua

vida e mesmo a forma como pode passar de alguns valores abstratos e ideais, próprios da juventude, que conferem sentido à realidade.

Sobre a pertença a grupos parece que os jovens costumam identificar nessa relação um espaço para pensar em ideais e referências mais amplas, que orientam e ordenam o cotidiano.

A participação nos grupos oferece uma nova possibilidade de olhar para si e perceber-se como pertencente a outros e compartilhar as suas experiências.

Participo do grupo de jovens. A gente fala um pouco sobre a nossa vida, do trabalho e também sobre o cristianismo, a importância da vida, da felicidade, felicidade não é só ter aquela coisa que a gente tem. A gente tá sempre em busca da felicidade; a felicidade não existe, existem momentos felizes (*F. C., 18 anos, sexo feminino*).

Há, nos grupos, a possibilidade de falar de seus problemas e externalizar as angústias, anseios e compartilhar aquilo que vive; tudo isso se comparando constantemente com a experiência de outros, que estão se orientando para um futuro, mas quanto mais sozinhas se apresentam, maior incerto este futuro pode se revelar.

Na experiência do grupo, a vida parece adquirir um novo sentido mais relacionado a aspectos que interessem não só no instante, mas na percepção da vida como uma “estrada”, um caminho para a sua realização.

Interessante que a participação nos grupos permite à jovem a percepção de pertencer a uma história humana, pois o grupo oferece um sentido, uma possibilidade de avançar cada vez mais na descoberta das próprias potencialidades e adquirir uma consciência maior de si por causa de uma pertença específica é um dado que gera um protagonismo diante da realidade, e que a coloca em movimento de uma forma muito precisa.

A importância dos grupos enquanto contextos de desenvolvimento se relacionam com o despertar dessas novas noções e orientações que promovem na pessoa uma ativação daqueles saberes e fazeres que caracterizam a sua experiência, como algo dinâmico.

Agora eu me sinto... Quando eu lembro me dá uma alegria no coração, mas isso eu tenho que pensar que partiu de amizade de muito tempo, porque sempre falava que alguém ia em São Paulo e eu nunca imaginava que ia ser a minha vez, e também, porra... Eu acho que o meu esforço de todo dia tá lá não foi em vão e que agora eu sei que eu tenho amigo de verdade que me ajuda. Várias vezes no começo eu pensei em abandonar o movimento, foi várias vezes, depois eu não sei o que aconteceu alguém a lá em casa me chamar, passava e falava “hoje lá no grupo”... E sempre tinha alguém que chamava. Hoje eu não me arrependo de tá todo dia. Mesmo achando chato aquele fala, fala, fala, mas eu agüentava e isso me fez hoje eu tá aqui e viajar. A amizade de muito tempo. Eu sou de 97, vai fazer dez anos (*J.S.S., 20 anos, sexo masculino*).

O grupo parece ser responsável pela estabilidade dos jovens diante das muitas situações adversas que encontram.

## **REDES DE APOIO**

As redes de apoio estão presentes nos vínculos que conferem força e proteção aos jovens nos contextos de desenvolvimento dos indivíduos, e que aparecem como recursos para que a pessoa adapte-se às mudanças no curso do desenvolvimento social dentro dos mais variados ambientes.

A rede de apoio é, então, um componente importante para que possamos vislumbrar com quais suportes e recursos do ambiente e de suas relações sociais o jovem pode contar para superar situações críticas, que porventura podem aparecer no seu percurso de desenvolvimento.

Ao conjunto de sistemas e de pessoas significativas que compõem os elos de relacionamento recebidos e percebidos do indivíduo denomina-se rede de apoio social. A esse construto foi, recentemente, agregado o elemento afetivo, em função da sua (sic) importância do afeto para a construção e a manutenção do apoio. Apoio social e afetivo abrange uma temática multifacetada e dinâmica, que exige uma avaliação complexa e constante do contexto ambiental no qual a pessoa se desenvolve, sua história, seu momento atual e das pessoas com as quais se vincula. Esses aspectos formam o espaço ecológico no qual a pessoa se desenvolve (BRITO e KOLLER, 1999, p. 115).

Assim como a rede de apoio social e afetivo é importante salientar que os jovens se utilizam de recursos simbólicos e objetivos para o seu desenvolvimento adaptado (ZITTOUN, 2006, p. 186).

De fato, querer configurar as dinâmicas de desenvolvimento no contexto das favelas urbanas é tarefa cuja presença das redes de apoio social e afetivo se tornam de fundamental importância, pois podem mostrar a dinâmica da pessoa no contexto e quais os elos essa pessoa vai estabelecendo para que possa crescer, assumir novos papéis, relacionar de uma maneira adaptada às circunstâncias onde operam mecanismos de exclusão, exploração, violência e precariedade, assim como construir estratégias de enfrentamento para superar tais adversidades e adaptar-se a novos espaços e relações, adquirindo uma concepção mais ampla do seu contexto, conferindo-lhe, quiçá, sentido e organização.

É interessante que as autoras tenham apontado o acréscimo do termo “afetivo” a este componente do contexto, rede de apoio social, estudado na Sociologia e na Antropologia, que, segundo as autoras, enfatizam “o número e os tipos de contatos sociais que as pessoas estabelecem em seu ambiente” (BRITO e KOLLER, 1999, p. 116), pois nos jovens, ao que parece, a partir das entrevistas, o componente afetivo parece dar conta de muitas relações, indicando que os vínculos passam não



simplesmente por uma funcionalidade, mas atendem a demandas de socialização pautadas pela estima e interesse afetivo.

O aparecimento nas entrevistas das redes de apoio, particularmente externas à família, é um indicador de adaptação e da possibilidade de assumir novos papéis sociais, enfrentando as novas circunstâncias que se apresentam.

O desenvolvimento, entendido como adaptação às circunstâncias adversas, pode mostrar que no acionamento da rede de apoio social e afetivo o jovem pode vir a adquirir habilidades e estratégias para adaptar-se às circunstâncias e adquirir capacidades para situar-se no plano de uma vida saudável, mais adaptada, pois essa é uma das habilidades favorecidas pela rede de apoio social e afetivo. Assim, a rede de apoio social e afetivo pode ser um espaço de promoção da saúde e da proteção frente a situações adversas. É interessante notar que a presença da rede de apoio social e afetivo na vida de um jovem é um componente de suporte, que faz a diferença, no sentido positivo, diante de situações adversas.

Na falta das redes de apoio social e afetivo, a pessoa pode situar-se de forma não adaptada frente às situações adversas.

Indo na contramão, alguns jovens mostraram desconhecer outras associações existentes no bairro, basicamente porque elas não foram acionadas nos momentos em que ele necessitou.

A rede de apoio social pode ser um instrumento efetivo de melhoria da condição de adaptação do jovem diante de circunstâncias adversas.

De fato, não basta que ela exista – e geralmente existe –, mas é preciso que possa ser acionada nos momentos em que isto se faz necessário. É interessante que nos momentos críticos os jovens procurem geralmente algum adulto de referência, alguém que possa ajudar o jovem a ultrapassar estes momentos.

A rede de apoio permite esse diálogo e confronto, de modo que a visão do jovem saia dali mais ampliada e com mais hipóteses diante da realidade. Ou seja, ter referências e pessoas com as quais pode compartilhar as experiências pode ajudar na socialização e na aquisição de novos pontos de vista.

A rede de apoio dos jovens se configura, geralmente, com a presença da mãe, enquanto educadora e provedora da prole, mas, ao mesmo tempo, com pessoas externas à família, presentes nos projetos sociais que o jovem frequentou.

Durante as entrevistas alguns jovens citaram, por exemplo, G.F (20 anos, sexo masculino), o nome de educadores, amigos e outras pessoas de referência externas à família que os ajudou a se desenvolver, sem “*passar a mão pela cabeça*”.

## **EXPERIÊNCIA RELIGIOSA**

Outro espaço do contexto de desenvolvimento é a religião, no qual os jovens procuram encontrar algum sentido para a realidade, embora seja um movimento que tem seus momentos de frequência ou ausência:

Não participo mais não. Parei, não sei o que foi. Não tô indo nem mais pra missa. A missa me ajudava um pouco a realizar a minha vida. Todo sábado tinha a missa pra ir, depois eu vinha pra casa. E agora nem na missa eu vou, eu fico em casa (P., 20 anos, sexo masculino).

O espaço da religião parece permitir ao jovem a orientação dentro do contexto em que vive. Este espaço, porém, parece ser prevalente em um determinado momento da vida, e em outros parece perder a sua força de persuasão e orientação, que aqui nem mesmo o jovem sabe indicar o motivo pelo qual deixou de frequentar um ritual pertencente à esfera religiosa.

Eu ia na igreja católica. Às vezes eu ia na macumba só pra ver, porque lá tinha dança de caboclo, é umas coisas bonitas, Orixás lá dançando, tambor tocando. Na católica eu ia porque comungar, comungar é a mesma coisa de você tá livrando você um pouco do pecado assim, eu acho isso, e eu me sentia mais leve porque tinha as orações, eu podia pedir pelas pessoas que eu gosto, as que eu não gosto, pelos meus amigos e meus inimigos, por isso que eu ia. Me realizava um pouco ficar lá orando, às vezes uma hora de relógio orando, meia hora me realizava, eu tô pensando até em sábado voltar a ir de novo... (A.M., 20 anos, *sexo masculino*).

A religião tem um papel importante na vida do jovem porque parece oferecer a ele a capacidade de avaliação da experiência e mesmo de auto-regulação frente às situações vividas, e mesmo como uma experiência ligada à estética e ao conhecimento de si e da realidade.

## **SAÚDE, ORDEM E BELEZA SOCIALMENTE CONSTRUÍDA**

A partir do entendimento de como o contexto se relaciona com as habilidades do jovem, apareceu nas entrevistas algumas noções do contexto enquanto saúde, ordem e beleza socialmente construída, o que mostra que a visão do contexto dos jovens é bem mais ampliada.

Há vários aspectos da pessoa presente nessas noções, como no plano físico, onde o jovem acentua que o esporte, a sua habilidade, tem uma função pedagógica e educativa, que o orienta para novas formas de interação com a realidade.

Acho assim: saúde é a pessoa tá bem, não tá doente; nem magro nem gordo, tá no peso certo pra idade e pro tamanho. E sempre tá um pouco, ter aqueles momentos feliz (sic). Saúde também precisa de felicidade. Não tá bem só com o corpo, mas tá bem com o coração. Saber fazer um esporte ajuda a educar (G., 20 anos, *sexo masculino*).

Essa noção de contexto enquanto beleza, habilidades e beleza socialmente construída mostra que para o jovem o contexto está além das situações de violência e pobreza que ele pode indicar, pois há fatores socialmente perceptíveis, como as festas e os momentos de organização comunitária que fogem à noção de uma estética individualista, mas recolocam, por outro lado, a noção de contexto como mobilização, o que o jovem considera como importantes para o lugar onde habita.

Assim, também podemos nos referir à noção referente às habilidades de seus pares, que se caracteriza pela prática do futebol, essa síntese da cultura brasileira que é praticada por todos os jovens em qualquer parte do Brasil, que é uma referência e um modo de se relacionar com a realidade que é “fruto” do país que tem como “gênio da raça” o “rei do futebol” (RODRIGUES, 1993, p.42-4).

Tem alguns que sabem jogar bola, jogam muita bola. A minoria sabe jogar bola, não todos. Rapaz, particularmente eu não sei dizer... Eu conheço alguns amigos meus que sabem jogar bola. Tem um mesmo que sabe um bocado de coisa: sabe jogar bola, sabe abrir motor, fechar... Rapaz, a coisa bonita que os jovens daqui sabe fazer é aquele grupinho da gente que faz a Folia de Reis. A coisa bonita que a gente faz todo ano. Folia de Reis é o quê? A gente Natal, sai de casa em casa com a bandeira, passando pra ter prosperidade na casa, paz, com a bandeira de Nossa Senhora na frente. Cantando e tocando. Vai, come, bebe, depois sai, dança, samba de roda. É a coisa bonita que algum de nós jovens sabe fazer... Que eu conheço, né? Acho assim, que é bonito, porque da primeira vez que eu participei eu gostei pra porra. Eu tava meio baratinado<sup>12</sup>, achei que ia ser uma cosia feia a gente sair tocando, depois que eu participei e vi todo mundo atrás, assim uma multidão indo atrás vendo a gente tocar, ajudando. Eu disse “porra, alguma coisa a gente fez de bonito que chamou a atenção desse povo aqui”, porque essa rua aqui é toda morta, mas quando sai a Folia de Reis vem uma barca de gente atrás. Todas as casas hoje em dia quer (sic) que a gente vá, e às vezes tem até briga porque não foi... A gente tem casa, tem casa que a gente até esquece de ir, porque tem muitas casas pra ir. É bonito porque chama um pouco a atenção do povo, é coisa diferente e realiza um pouco a gente, né? (G.S, 19 anos, sexo masculino).

---

<sup>12</sup> Significa *confusão*.

Promover a alegria das pessoas, reavivar a rua “morta” traz realização e um gosto pela proposta lançada, que faz com que o jovem se perceba protagonista, pois, para ele, a beleza arrasta as pessoas, que são correspondidas diante da dança e da festividade, e esse aspecto mostra como o jovem está atento ao fato de que nesses momentos o seu contexto aparece como que transfigurado pela beleza e pela vitalidade que nele explode e necessita de expressão.

Assim, o contexto entendido como beleza socialmente construída aparece também quando há o ressurgimento de expressões que se caracterizam pela novidade e mesmo necessidade que é o pertencimento a uma realidade que modifique o contexto, promovendo a integração dos opostos e seja realizada não para si enquanto atividade individual, mas para os outros, como expressão daquilo que se define enquanto povo, enquanto expressão de uma pertença mais ampla e efetiva.

Eu acho que às vezes uma coisa bonita lá é quando alguém, quando as pessoas do bairro se reúne (sic) para manifestar alguma coisa, sem quebrar nada, sem prejudicar ninguém. Por exemplo, aquela vez que a gente saiu na rua pra botar uma sinaleira aqui, aquela sinaleira de lá, que foi que depois que colocou a sinaleira que parou mais de morrer gente atropelada ali. Isso foi uma coisa bonita porque foi a união do bairro (*J.S.S., 20 anos, sexo masculino*).

A beleza relacionada à mobilização social é um dado novo. Foge aos padrões de beleza no sentido de individualização ou fruição de um prazer pessoal, onde o jovem identifica a beleza em movimento, em sua acepção social.

A beleza é identificada com a coletividade, com a mobilização das pessoas do bairro para a aquisição de um bem, algo que é partilhado por todos.

Neste caso a beleza que a mobilização provocou no jovem está calcada em uma idéia de ordem, harmonia e promoção do bem comum para a coletividade, aqui no

caso os moradores que se protegem dos constantes atropelamentos na avenida que corta a periferia.

A beleza está relacionada com a mobilização social e para a saúde dos moradores, indicando que há uma força que consegue mobilizar e promover ações concretas que visem o cuidado de si e dos outros.

Essa percepção da beleza ligada ao cuidado pode ser um indicativo que traz de volta a questão da mobilização social para reivindicar direitos essenciais para o seu desenvolvimento.

A beleza então adquire um sentido, uma orientação para o desenvolvimento do outro e de si. Interessante que o altruísmo, a capacidade de dedicar-se aos outros, geralmente é identificada com os jovens, como na fala de J.S.S. (*20 anos, sexo masculino*). A beleza restitui uma ordem mais adequada às coisas, ajudando a promover e a restituir um sentido que promova a vida, ao invés das situações que costumam paralisar a ação.

O jovem, então, está indicando que nele há uma percepção da ação coletiva em prol de todos, como que mostrando que a apatia e a individualização são posturas que não se relacionam com a beleza e a promoção da saúde. A beleza, o belo, tem sentido quando promove o bem do outro, o bem de si. É espantosa essa percepção. Coloca um novo paradigma da atitude estética: a beleza tem sentido quando se dirige a um fim social, ligado aos outros e a si.

Interessante notar que quando os jovens conseguem mobilizar as pessoas da sua periferia e produzir uma expressão cultural que os outros reconhecem e os seguem eles têm como que a identificação do seu protagonismo. Ou seja, fazer algo que os outros reconheçam e promover alguma manifestação cultural faz com que o jovem

tenha em sua trajetória alguns demarcadores que o colocam como um sujeito ativo diante da realidade.

E a beleza, para ele, está identificada como a possibilidade de se expressar de uma forma diferente do seu cotidiano, particularmente através das festividades, que aparecem como espaços de gratuidade e celebração, ou mesmo de realização coletiva para a construção de um momento que muda a realidade com a presença deles.

A expressão de beleza que ele indica está impregnada não de um prazer pessoal, de fruição estética, de deleite, mas está ligada a uma coletividade que se coloca com uma hipótese – a expressão cultural – à qual ele se atém e consegue mobilizar as outras pessoas.

O prazer, o deleite e a percepção da beleza e das expressões da juventude podem estar relacionados, então, com essa capacidade de mobilização e protagonismo que os jovens têm quando se reúnem, quando propõem algo diferente.

Para o jovem todas as possibilidades de socialização são espaços de realização do seu protagonismo.

As possibilidades parecem apontar para as formas de pertença que redirecionam o pensamento e a percepção do jovem quanto à sua realidade, podendo conferir-lhe novos significados, particularmente quando o jovem afirma que pertencer a um grupo ou a uma religião faz com que ele tenha um olhar mais ampliado para a sua realidade.

Fazendo uma comparação metafórica *drummondiana* da flor que nasce na rua<sup>13</sup>, a juventude da periferia, apesar das situações adversas, insiste em crescer, se expandir, superando tais situações.

---

<sup>13</sup> *A flor e a náusea*, poema de Carlos Drummond de Andrade (A Rosa do Povo, 1945). In: Carlos Drummond de Andrade, *Poesia e Prosa*, 6ª edição, volume único, organizado pelo autor. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1988, pp. 97-8.

A manifestação cultural, qualquer que seja ela, assume, então, um papel importante na socialização e a satisfação que dela nasce está inserida no plano da realização pessoal (o que sei fazer, o saber fazer) e no plano coletivo (o que juntos sabemos fazer, o que criamos coletivamente). É interessante notar que a junção desses dois planos configure o protagonismo e a relação de pertença entre os pares. Quando não há essa junção parece que o jovem não consegue estabelecer o parâmetro do que venha a ser a beleza ou a expressão da juventude da sua comunidade.

Para ele, então, pode ser que nas manifestações coletivas, do ponto de vista da socialização, comece a se configurar que para entender a juventude da periferia é necessário relacionar essas habilidades o protagonismo na relação com os outros.

## **DIÁLOGO ENTRE OS JOVENS**

As conversas entre os jovens são espaços que permitem a troca de experiências e o crescimento. Há uma constante busca pelos pares, estabelecendo formas de interação mais constantes, que orientem o sujeito para práticas mais socializadas.

A maioria das coisas que eu faço é jogar bola. A segunda é mais conversa. Fico ali conversando de tarde, vou; A, às vezes vai lá em casa, J., outros vai lá e a gente conversa. E também assistir filme. Isso é bastante, a gente faz: assistir filme junto; outra, ouvir música, também bastante, são as principais coisas que eu faço com os amigos. Às vezes a gente gira aí, vai num lugar, em outro. Eu já fui no exército e fui dispensado na primeira... (J.S.S., *19 anos, sexo masculino*).

Realizar pequenas peças sobre situações da vida ordinária e diária que o jovem vai encontrar pode ser um espaço de promoção da reflexão sobre a sua vida,



assim como nas conversas que orientam a vida e possibilitam o confronto e o conforto diante de situações as mais diversas.

O fato de conversar é um espaço de comparação e confronto, mas também de conforto porque permite a troca de experiências e ajuda a valorizar atitudes e crescer diante da vida.

Simmel (2006, pp. 74-7), definindo a sociabilidade, fala da *conversa* como forma de interação:

Além da sociabilidade, são importantes, em termos de conteúdo, outras formas sociológicas de interação. A sociabilidade abstrai essas formas – que giram em torno de si mesmas – e fornece a elas uma existência nebulosa. Isso se revela, finalmente, no suporte mais difundido de toda comunidade humana: a *conversa*. Aqui, o decisivo se expressa como a experiência mais banal: se, na seriedade da vida, os seres humanos conversam a respeito de um tema do qual partilham ou sobre o qual querem se entender, na vida sociável, o discurso se torna um fim em si mesmo – mas não no sentido naturalista, como no palavrório, e sim como *arte* de conversar, com suas próprias leis artísticas. Na conversa puramente sociável o assunto é somente o suporte indispensável do estímulo desenvolvido pelo intercâmbio vivo do discurso enquanto tal. (...) Porque a conversa, em primeiro lugar, se dá em uma base que está para além de toda intimidade individual, situando-se além daquele elemento puramente pessoal que não se quer incluir na categoria da sociabilidade. Mas esse elemento objetivo não é produzido por seu conteúdo, e sim no interesse da própria sociabilidade.

Os jovens estão o tempo inteiro aproveitando os espaços da desocupação para aprender com seus pares os modos de enfrentamento que estes, assim como eles, desenvolvem.

As conversas podem indicar que há uma interação constante na vida do jovem, que permite o conhecimento da diversidade e das semelhanças entre as vidas de ambos.

O provável é que quando a juventude conversa está se orientando dentro do universo de significados que compõem a sua realidade.

Seria interessante mostrar como este fato é importante para o estabelecimento de regras de convivência e mesmo do diálogo como forma de

crescimento e interação, pois as demandas de interação são constantes no universo dos jovens.

As conversas são momentos de reflexão diante das situações vividas, são espaços pedagógicos de orientação da existência porque colocam o jovem em ação diante de sua realidade e faz pensar o passado, o presente e o futuro, tudo assim ao mesmo tempo, conferindo significados novos para as ações.

Quem conversa exercita e amplia a sua visão de mundo no embate e conforto diante dos outros.

## **PARTICIPAÇÃO SOCIAL**

No espaço da favela o jovem encontra espaços de inserção e participação em projetos sociais e cursos profissionalizantes, que, por um período específico de suas vidas aparece como espaço promotor do desenvolvimento e procura orientá-los para uma possível inserção no mercado de trabalho que muitas vezes não acontece.

Eu participo do C. N. J. Tem várias oficinas: informática, mecânica, serigrafia, gráfica, elétrica e corte e costura. Eu faço mecânica. Pra mim lá é bom, além de faltar alguns equipamentos, material, mas dá pra aprender alguma coisa. Se tivesse outra coisa assim, mais ajuda, outra coisa lá, ia ser bem melhor. Vai fazer seis meses agora no começo de agosto que eu tô lá. Quando acabar eu não sei o que vou fazer da vida. Eu já trabalhei num edifício como zelador porque meu tio trabalha lá, aí ele pegou, tinha dois caras lá, os dois caras ia sair de férias, que trabalha lá, aí ele pegou me chamou e disse que era fácil, eu peguei, fui, gostei. Teve um bocado de gente que gostou lá de mim, tinha uma mulher que queria que o cara que ficasse de férias fosse embora pra eu poder ficar, foi... Aí não deu não porque eu tava estudando ainda... (J.S.S., *19 anos, sexo masculino*).

Outra frase muito interessante essa “*Quando acabar eu não sei o que vou fazer da vida*”, porque mostra a dificuldade que o jovem encontra após a participação em cursos dessa natureza e de projetos sociais, geralmente com a esperança de encontrar emprego, o que geralmente não acontece, pois ele não tem experiência e os cursos e projetos sociais não conseguem inseri-los em empregos formais. Por isso, uma das possibilidades de ocupar o tempo é freqüentar os mais diversos cursos profissionalizantes que aparecem, como uma alternativa à desocupação e que ainda oferecem aos jovens a possibilidade de ganhar algum dinheiro com as ajudas de custo, ou bolsas, que os cursos oferecem. Então, quando estes cursos terminam geralmente os jovens voltam para as ruas do seu bairro, suscetíveis a todo tipo de situação.

Nos cursos eles ainda obtêm determinado status e identificação por vestirem uma farda, estão identificados enquanto estudantes etc., coisa que não acontece mais quando o curso termina, daí o retorno da frase emblemática do jovem que não sabe o que vai fazer da própria vida, porque é como se desse um retorno a uma situação de dificuldade que recentemente ele ultrapassou e agora retorna.

Um problema típico da juventude das favelas, esse voltar a uma realidade onde ele não tem uma ocupação, problema perigoso porque toca realmente na questão de sua socialização e inserção, tornando-se vítimas de toda sorte de violência. Porém, poderíamos identificar se há uma mudança no modo de vida do jovem, se ele modifica algum comportamento após a passagem por esses cursos.

## **CONTEXTO COMO LUGAR DE BELEZA E VIOLÊNCIA: AMBIVALÊNCIAS DA PERIFERIA**

E quem disse que o jovem que habita na favela se considera um ‘favelado’, alguém que, definido pela pobreza, carrega esse estigma como se dele não pudesse livrar-se?

A favela tem uma identidade e pode ser definida pelos jovens como o espaço propício ao seu desenvolvimento, mesmo considerando que o lugar pode ser caracterizado por situações de violência e pela pobreza.

Há muitas ambivalências e oposições no contexto de desenvolvimento, entendido como a periferia. O lugar, por mais restrito que seja, revela essa ambivalência, que pode ser expressa no conteúdo das afirmações que o jovem P. (23 anos, sexo masculino) apresenta para defini-lo, ora como espaço onde a beleza existe, ora com fatores que desagregam a sua vida.

Bonito aqui o que tem é o parque, ali, a praia, porque as coisas se acabaram todas... No parque tem cachoeira, tem o riacho lá, o rio. Antigamente eu ia muito pra cachoeira, agora tem uma que tá poluída e a outra não tá caindo nem mais água. E lá é um pouco bonito por causa da mata verde. A praia é quase um ponto turístico. Quase todo final de semana vai muita gente pra quem não tem dinheiro pra ir pra praia, vai pra lá e tem aquela fábrica lá do tecido. Aquela fábrica tem história... Eu não pretendo sair daqui não. Eu sempre vivi aqui, nunca aconteceu nada de ruim comigo, só mesmo a abordagem dos policiais, isso aí é um pouco chato, que me envergonha, mas eles fazem o trabalho deles e eu faço a minha parte. Mas eu acho aqui um lugar bom, só que o pessoal não sabe fazer o lugar. É a gente que faz o lugar, mas tem gente que não sabe fazer, entendeu? (P., 23 anos, sexo masculino).

Percebe-se que o sentimento de pertença ao lugar e à sua história apresenta-se como um marcador, um diferencial no modo que o jovem tem de olhar para o seu lugar, para a favela em que habita. Isso pode ser vislumbrado, por exemplo, nos *rappers* e no *hip hop* que cultuam, de um modo muito expressivo esse amor pela sua periferia, como um lugar importante para a sua individualização e consciência crítica.

De fato, a cultura que nasce nas favelas revela um traço de inconformismo e consciência crítica, que faz com que os jovens estejam afeiçoados a este lugar que faz parte de sua trajetória, do seu horizonte, diante do qual a atitude que ele mostra parece ser aquela de reconhecer nesse espaço uma história à qual ele faz parte e que a sua vida ali tem a função de tornar melhor esse lugar.

Alguns estudos sobre a juventude da periferia focalizam os pontos de conflitos e as expressões culturais, como Arce (1999), que analisa a cultura popular juvenil e o grafite, no México e no Brasil, ou mesmo o livro organizado por Vianna (1997), onde os territórios de conflito e encontros culturais da juventude carioca, situados na década de 1990, mostram a relação dinâmica e complementar entre tais domínios.

Esse reconhecimento do lugar como contexto de desenvolvimento é, portanto, repleto de ambivalências e oposições, cuja síntese pode ser vislumbrada como um pêndulo: beleza e história, por um lado, mas ao mesmo tempo as situações de violência que afetam os jovens de ambos os sexos.

Quando a favela é vista como um contexto com o qual o jovem não se identifica com ela é porque, para ele, as pessoas que ali habitam não sabem como se relacionar com o lugar e produzem, para os de fora, uma imagem repleta de preconceito e distorção da realidade.

Rapaz... é favela porque a gente mesmo daqui que não sabe fazer o bairro. Se a gente soubesse fazer o bairro, cada um (sic) o seu, aqui não seria uma favela não. Mas é favela porque, porque é o bairro mais defamado (sic) é esse aqui. Se você disser que mora no B. aqui, o pessoal diz que no bairro só tem ladrão. Eles só vê (sic) o lado ruim, não vê o lado bom. Tem bastante ladrão, tem bastante gente boa. Tem mais gente boa do que ladrão. Ladrão aparece em tudo quanto é canto, mas gente boa tem um bocado (*G., 20 anos, sexo masculino*).

A favela é percebida como o lugar onde a história pessoal se confunde com a história do lugar, pois há, para o jovem uma continuidade entre o seu pertencer ao lugar e o pertencer à sua história.

Eu me sinto muito à vontade no lugar onde eu moro. Daqui, neguinho diz: “*lá não presta*”, isso e aquilo, mas eu me sinto muito à vontade aqui. Eu amo esse lugar aqui. Por toda a sua história, porque aqui, se a gente for olhar bem, é um pouquinho crítico assim, mas tem muita história. Nesse mangue aí, porra, eu vivi praticamente a minha infância toda dentro desse mangue aí, pegando caranguejo, brincando de lama, tomando banho no rio, agarrando algumas meninas quando dava. E, poxa, aqui é a minha história, aqui é a minha vida. Tem minha vida escrita aqui nesse lugar. Não quer dizer também que eu quero viver fechado aqui nesse quadrado, eu quero conhecer outros lugares, quero conhecer o Rio quero conhecer o Cristo, não quero ficar só aqui. Mas é oportunidade, é paciência (J. F., 18 anos, sexo masculino).

“*Tem minha vida escrita aqui neste lugar*”. Esta é uma frase forte, ilustrativa sobre a questão do espaço. É uma identificação com o lugar onde habita que adquire um sentido, pela relação direta com a história pessoal do jovem.

A periferia é um lugar possível, onde o jovem está enraizado, presente, vivendo todas as circunstâncias como o lugar da sua história; trata-se de um reconhecimento da própria história, e não de uma atitude de resignação. O contexto de desenvolvimento localizado na favela abre-se, portanto, para uma experiência que tem sentido e finalidade, ou seja, é um espaço possível de realização e de integração do jovem à sociedade. Aqui o fenômeno do enraizamento está presente porque coloca a pessoa com uma origem e uma história precisa, identificadas com um espaço localizado no tempo, o que lhe confere uma noção de identidade territorial e pertença:

Aqui é a minha vida. A história da minha vida, dos meus 18 anos, fazendo 19 no mês que vem tá aqui. Nesses manguezais aí, pegando caranguejo, lama na cara, banho de rio, já peguei muito peixe aí, também, e tem toda a (minha) história aqui. Eu acho que a história do

bairro é muito bonita. A história de Pirajá<sup>14</sup> é fantástica, teve a guerra lá, contra os portugueses, se eu não me engano e, eu amo esse lugar aqui. Eu não penso em sair daqui não. Penso em ter uma vida melhor, sim, mas não sair daqui. Pode até vim a estudar, trabalhar fora daqui, agora eu nunca vou esquecer desse lugar aqui. Pra mim é a minha origem (*J., 18 anos, sexo masculino*).

A origem, o lugar fundante da vida do jovem. Por aqui se percebe a importância da ancestralidade na constituição e na resposta que essa ancestralidade gera no momento atual. A origem mostra como o jovem adapta-se ao instante, sem titubear na questão fundamental do enraizamento, a percepção de que pertence a um lugar portador de significados na vida da pessoa, que se atualizam constantemente.

---

<sup>14</sup> O jovem refere-se à guerra pela independência da Bahia, acontecida em 2 de julho de 1826, que aconteceu nas terras de Pirajá, localizada no subúrbio ferroviário de Salvador. Aqui podemos perceber que o passado faz parte da história do lugar e quanto mais o jovem conhece esse passado, mais ele se identifica com o lugar, superando seus aspectos menos qualificados, como a pobreza e a violência. O aprendizado dos antecedentes históricos da localidade permite uma aceitação – no sentido positivo – da história e da pertença a esse contexto.

Morar numa favela ou na periferia, na percepção do jovem, parece não ser um aspecto percebido enquanto exclusão, mas faz parte de sua história, de sua constituição e da formação.

Neste sentido, a favela não pode ser reduzida ao olhar externo que estigmatiza aquele espaço como em constante desagregação, caracterizado por medo, violência, terror, dificuldades etc. Essas realidades existem, mas podem ser percebidas pelos jovens de um modo diferente.

A favela pode ser percebida como o lugar da realização de componentes importantes para a vida do jovem, mesmo com as situações adversas, pois é o lugar para quem vive ali e a percebe como constituinte de sua história.

A favela, para o jovem, a despeito de tudo, é o seu lugar, não em uma visão conformista, mas como um dado, a partir do qual é possível estabelecer possibilidades de desenvolvimento e o pertencimento a um território específico.

Aqui está implicada sua própria constituição enquanto sujeito da história, enquanto homem, mulher, enquanto participante da sociedade. Weil (2001), diz que

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. Um ser humano tem raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos de futuro. Participação natural, ou seja, ocasionada automaticamente pelo lugar, nascimento, profissão, meio. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber a quase totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios dos quais faz parte naturalmente (p. 43).

A favela, antes de tudo, é um lugar de *raiz*. Raiz porque o jovem não se concebe sem a sua existência para falar de sua historicidade, de seu lugar de origem. Mesmo que seja violenta, pobre, e qualquer outro adjetivo que possamos lhe impingir, a favela é o lugar onde a vida teve ou não sentido, onde ele aprendeu a viver, a enfrentar



as situações adversas ou mesmo teve que adaptar-se a um modo de vida que pode lhe parecer normal.

A participação é importante para a orientação de sua vida, de suas escolhas e dos projetos que estabelece. Participar é interagir e se relacionar diretamente com o contexto e tudo o que ele oferece, como possibilidades e limites. Por isso, se há enraizamento, até a adversidade adquire um sentido, porque o jovem se reconhece como portador de uma força que é dada pela pertença a um lugar, a uma origem comum junto a outros.

Assim, as raízes históricas, sociais e relacionais do jovem estão proporcionalmente intrincadas com os seus fazeres no espaço onde habita. Brincar, trabalhar, tocar instrumentos, praticar esportes, namorar, desenvolver muitas habilidades, tudo isso pode indicar um maior pertencimento a um lugar e pessoas específicas.

Essa diversidade de fazeres pode indicar que o *enraizamento*, conforme indica Weil (2001), é dado pelas múltiplas raízes, ou seja, múltiplas relações de pertença e orientação no espaço territorial e das relações.

A vivência e a experiência de pertencer a um espaço territorial e de relações são fundamentais para o *enraizamento*. Weil (2001), assim define essa relação:

As trocas de influências entre meios muito diferentes não são menos indispensáveis do que o enraizamento no entorno natural. Mas um meio determinado deve receber uma influência externa não como uma contribuição, mas como um estimulante que torne sua própria vida mais intensa. Não deve alimentar-se das contribuições externas senão depois de as ter digerido, e os indivíduos que o compõem não devem recebê-las senão através dele (p. 43).

*Enraizamento* supõe troca de experiências e influências que tornem o contexto de desenvolvimento mais dinâmico e ativo. Sem tal dinamismo, o jovem vai se

tornando mais limitado na percepção quanto às suas relações de pertença no lugar onde habita, ou seja, o seu horizonte de desenvolvimento mostra-se cada vez mais restrito.

O entorno no qual podemos identificar as relações proximais no contexto do bairro, necessitam interagir com expressões e influências externas para orientar e expandir o horizonte relacional, profissional e existencial dos jovens.

A favela é importante para o desenvolvimento do jovem cada vez que este encontra no seu contexto possibilidades de extrapolá-lo, fazendo, assim, uma “ponte” entre dois ou mais mundos que são necessários para o crescimento adaptado do jovem.

O contexto passa a ser um delimitador do protagonismo e da experiência quando “fecha” o jovem em si mesmo, sem outras referências que o façam progressivamente avançar para outras experiências e possibilidades. É importante a extrapolação dos limites territoriais – através de viagens, idas a outras áreas da cidade, mesmo a *shoppings*, favorecendo o encontro com outros referenciais.

Andar, perambular, sair do entorno natural é uma forma de expandir a sua identificação com o entorno mais amplo.

O jovem, G.S.S., (18 anos, sexo masculino) afirmou que o mundo não era “do bairro até a Baixa do Fiscal”, territórios localizados na Avenida Suburbana e que eram freqüentados por jovens que não conseguiam sair do espaço da periferia; em seu caso, visitar outro Estado possibilitou-lhe uma visão mais ampla.

Nesta direção está a afirmação de Weil (2001) segundo a qual “o enraizamento e a multiplicidade dos contatos são complementares” (p.51). Não basta, pois, estar identificado a um lugar; é preciso estabelecer relações que indiquem o que significa pertencer a este lugar, de modo que o mover-se do jovem esteja inserido em uma esfera maior de adaptação. Por multiplicidade de contatos poderíamos entender a diversidade e a qualidade das experiências relacionais que o jovem vai tecendo ao longo

do seu percurso de desenvolvimento, que podem orientá-lo para uma inserção social ou não.

Morar na periferia e ter a percepção de que está construindo a própria vida é a primeira condição para desenvolver a própria identidade. A dinâmica contextual e a pertença compreendem pontos que são estáveis ao longo do desenvolvimento.

Pertencer a um lugar, conhecer sua história é a afirmação de que há um sentido e é mais interessante ainda que a percepção de si, portador de uma história, pertencendo a este lugar o lança para o futuro, para a descoberta de novas possibilidades diante das quais ele vai investir para seguir em frente, rumo a uma vida mais ampla que começa a ser elaborado no agora. É como se a percepção do sentido de pertença a um lugar fizesse com que o jovem olhasse para si de forma mais propositiva, mais orientada para o futuro, trabalhando, crescendo, protegendo-se para atingir esse futuro.

O jovem que se reconhece no seu lugar, no lugar onde habita, pode desenvolver estratégias fora do plano da emergência, para crescer e seguir rumo aos objetivos que em algum momento ele elaborou.

Assim, habitar na periferia foge aos estereótipos de lugar inabitável. A periferia é, sim, um lugar possível de desenvolvimento, quando se percebe a pertença existencial e concreta a este lugar.

Esta dinâmica se afirma, mesmo que constituída por ambivalências. Muitas vezes alguns eventos críticos podem não ser percebidos como violência pelos jovens, a exemplo da fala de J.S.S. (*19 anos, sexo masculino*), que teve uma arma apontada para o próprio rosto, o que revela as ambivalências que existem no contexto.

Até hoje não, a única coisa, que nem foi nem violência aconteceu assim, dele apontar uma arma, quando eu tava vindo, eu e meu colega, aí eu acho que ele tava doido<sup>15</sup> lá, a gente ia entrando no beco aí ele apontou

---

<sup>15</sup> Drogado.

uma arma que tava enrolada assim num tapete, grandona, aí falou: “*tá olhando o quê, rapaz?*” e apontou a arma assim, a coisa mais grave foi isso...

Se ter uma arma sobre si apontada não é uma percepção de violência, é estar muito acostumado a essa possibilidade.

O fato de apontar armas para os outros está relacionado àqueles jovens que estão perceptivelmente drogados, como descrito neste relato. As drogas colocam as relações e as amizades em outro plano, geralmente diferente daquele plano da realidade dita normal, onde as pessoas se conhecem e se consideram.

O tráfico de drogas aparece como espaço de rupturas porque colocam outras referências, fora do plano racional, onde aparecem outras racionalidades, nas quais tudo é possível e abraçam outro plano onde se quebram as relações, os espaços em comum, as territorialidades comuns, as amizades, os laços e os vínculos, tudo querendo indicar outro modo de se relacionar com os jovens.

## Capítulo 3

### Etnografia da favela à noite

*“Todo dia o sol levanta  
E a gente canta o sol de todo dia  
Fim da tarde e a terra cora  
E a gente chora porque finda a tarde  
Quando à noite a lua mansa  
E a gente dança venerando a noite”*

(Caetano Veloso, *Canto do povo de um lugar*)

*“Viajando no cotidiano, o pesquisador não vê as coisas em si,  
ou melhor, vê as coisas reduzidas aos seus signos,  
os quais irrigam e avolumam as representações sociais, as visões do mundo”*

(José Machado Pais, 2003, p. 55)

*“O anjo da noite  
Passou por aqui  
E eu perguntei  
O que viu por aí.*

*Perguntei pela flor, oiá  
Perguntei pelo amor, oiá  
Perguntei pela dor, oiá  
Ele disse que viu,  
Mas fingiu que não viu”*

(Danilo Caymmi e Dorival Caymmi, *Anjo da noite*)

## A DIMENSÃO TEMPORAL NA FAVELA

Para mapear o contexto de desenvolvimento e as dinâmicas da juventude da periferia é necessário saber o que acontece na noite de uma favela.

Para capturar o que acontece no contexto da periferia, com suas “calmarias” e rupturas é necessário estar situado numa dimensão do espaço e do tempo, aqui, no caso, no período da noite.

São múltiplas as *dimensões temporais*, como observam (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM, SILVA e CARVALHO, 2004, p.27), e entram em jogo para o entendimento dos processos de violência que ocorrem com os jovens.

O homicídio entre jovens, geralmente, com algumas exceções, ocorre à noite. Faz-se imprescindível de mapear o tempo e o espaço da favela onde se situaram tais eventos, de modo que possamos analisar os aspectos que compõem tais dimensões.

O papel do tempo nos processos de desenvolvimento tem sido visto a partir de duas abordagens, na perspectiva da RedSig. Uma primeira refere-se ao fato que, no aqui-agora das situações, podem-se verificar evidências multitemporais, com a presença de uma história vivida, ou seja, de um passado que está ativo no presente. Aquele passado encontra-se atualizado por meio dos significados inscritos nos tipos de organização espacial, nas práticas discursivas, nas formas de relações, etc., evocando, atuando e contribuindo de um modo criador para configurar o aqui-agora. Dimensionados pelas pessoas na situação, a articulação dos tempos passado e presente, juntamente com os planos e metas, (re)dimensionam a perspectiva futura. Dialética e recursivamente, esta demarca e ressignifica os tempos presente e passado (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM e SILVA, 2004, p. 27).

O contexto de desenvolvimento da juventude aqui é mapeado através dos espaços e do período da noite onde os jovens atuam.

## O CONTEXTO

Para não ser generalista é necessário acentuar neste momento o que estou delimitando enquanto contexto enfocando particularmente o que ocorre durante a noite. Neste sentido, apresento alguns conceitos que se referem ao contexto, basicamente tomando-os da Rede de Significações (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM, SILVA e CARVALHO, 2004), onde o contexto não é tomado como uma realidade superior e meramente externa à pessoa, mas está imbricado na experiência da pessoa que atua sobre o contexto e o constitui com a sua ação, em uma constante dialética de construção de significados e papéis

Na perspectiva da Rede de Significações, o contexto tem uma importância acentuada quando falamos de desenvolvimento humano e contempla rotinas, práticas, períodos e cultura, dentre outros elementos. Nesse contexto, a pessoa vai construindo papéis e sua identidade (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM e SILVA, 2004, pp.25-6).

O contexto é então constituído pelo ambiente físico (aqui no caso, uma favela, com suas ruas e espaços de socialização, pela sua geografia peculiar como apontei neste texto); pelo ambiente social (as interações, espaços de socialização - no caso dessa favela, os espaços da rua, dos becos, dos bares, das igrejas, as moradias); estrutura organizacional e econômica (nesta etnografia a estrutura organizacional e econômica se faz presente através das atividades laborativas, dentro e fora da favela, os pequenos comércios, os trabalhos informais, e, também, as atividades econômicas relacionadas ao tráfico de drogas, com as bocas de fumo, com os donos das bocas e os consumidores. Essa organização é complexa no espaço da favela porque lida com contraposições que parecem constituir um ambiente diversificado de experiências e interações para os jovens).

O contexto, por fim, é aqui delimitado na multiplicidade de fatores, envolvendo funções, regras, rotinas e horários específicos, que são mapeados aqui pelas interações dos jovens com o contexto, mostrando os seus movimentos de integração no contexto. Poderíamos afirmar que na favela a pessoa atua de diferentes formas, a depender do horário: as interações dos jovens no dia parecem se contrapor àquelas vividas durante a noite.

Ocorre uma espécie de indeterminação de funções, regras e rotinas nesses períodos diferentes, requerendo uma constante adaptação ou readaptação aos diferentes períodos do dia, os quais exigem diferentes habilidades para se relacionar com o ambiente. Ou seja, o contexto interage com a pessoa, produzindo respostas e adaptações às novas e constantes solicitações, diante das quais a pessoa se posiciona de uma forma integrada.

Eles definem e são definidos pelo número e características das pessoas que os freqüentam, sendo ainda marcados pela articulação da história geral e local, entrelaçadas com os objetivos atuais, com os sistemas de valores, as concepções e as crenças prevalentes. São, também, definidos por e definem os papéis sociais e as formas de coordenação de papéis/posicionamentos, contribuindo para a construção das relações profissionais, pessoais, afetivas e de poder entre os seus participantes. Nesse sentido, o contexto desempenha um papel fundamental, visto que, inseridas nele, as pessoas passam a ocupar certos lugares e posições – e não outros -, contribuindo com a emergência de determinados aspectos pessoais – e não outros - delimitando o modo como as interações podem se estabelecer naquele contexto (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM e SILVA, 2004, p.26).

O contexto tem uma importância acentuada no desenvolvimento da pessoa, particularmente porque atua produzindo e estabelecendo posicionamentos e papéis, que são imprescindíveis para a realização de experiência. É interessante porque no contexto a pessoa assume modos de interação, que mesmo sendo influenciados pelo contexto, as



respostas e os modos de interação são da pessoa, entendida aqui como atuante no contexto.

O contexto tem essa dimensão de fornecer instrumentos e recursos para que a pessoa possa desenvolver estratégias que orientem as suas relações.

O mesmo fato pode ser ilustrado quando percebemos que uma das estratégias dos jovens para não serem agredidos é o fato de andarem juntos, ou seja, constituindo redes que ampliam o seu espaço de trânsito em áreas que são consideradas perigosas e que podem afetá-lo.

Então, no contexto, há a possibilidade de aquisição desses instrumentos que possibilitam a atuação da pessoa, através de novas práticas e rotinas, integrando-se ao contexto, fornecendo novas respostas. Aqui pode ser uma chave explicativa dessas perambulações dos jovens que vão uns às casas dos outros para conversar, assistir filmes, jogar etc., que podem ser percebidas como recursos para superar as vulnerabilidades apresentadas pelo contexto.

(...) as relações pessoa-meio são compreendidas como mutuamente constitutivas. Por um lado, as características do meio evocam ações/emoções/concepções das pessoas em interação, através de um forte poder simbólico, simultaneamente delimitado e abrindo um conjunto de possibilidades aos comportamentos das pessoas. Por outro lado, a própria presença da pessoa é parte constitutiva daquele meio. Daí dizer que pessoas-meio se constroem e se transformam dialeticamente. Ainda, entende-se que aspectos do meio que são importantes para uma pessoa de determinada idade construir certas habilidades os conjuntos de significações, ao mesmo tempo em que vão sendo modificados por ela, dão lugar, em outro momento, a outros aspectos como novas fontes privilegiadas de promoção do seu desenvolvimento (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM e SILVA, 2004, p.26).

No caso da periferia é interessante notar que os jovens cada vez mais cedo estão procurando adaptar-se no espaço das ruas, orientando-se para novas relações e aprendizagens que extrapolam o contexto proximal da casa e da família.

Essa interação com os pares e com a rua pode indicar o espaço privilegiado das relações pessoa-meio, que servem para construir um modo de enfrentamento de situações, sejam elas novas ou conhecidas, e que a pessoa vai sempre encontrando novas formas de responder.

Agora, com a percepção de que o contexto é mais amplo e diversificado, a noite também contém os fazeres e as habilidades dos jovens da periferia, mas de outra forma, menos perceptível e mais intensa porque revela tensões que durante o dia podem estar intercaladas a outras que não nos deixam perceber essa complexidade.

Também é necessário entender que, para mapear o contexto, o pesquisador precisa de um olhar que ultrapasse o meramente constatável. A noite permite essa possibilidade porque indica movimentos que só são possíveis de verificar transitando pela favela— e aqui me valia da ajuda de jovens que possam traduzir aquilo que não vemos por não ter conhecimentos prévios que nos permitam enxergar tais elementos que constituem o contexto.

Para realizar tal intuito, algumas vezes tenho perambulado pelos espaços de uma periferia com alguns jovens, em um exercício de conhecimento e estranhamento diante da realidade local.

Nessas andanças porto uma máquina fotográfica digital e uma caderneta, aonde vou anotando alguns dos aspectos que aqui aparecem.

### **O PESQUISADOR DA VIDA COTIDIANA: ANDARILHO E *FLÂNEUR***

Pais (2003) indica como método para o pesquisador que quer desvendar os enigmas do cotidiano essa postura do pesquisador viajante, do *flâneur*.

Fazer sociologia do cotidiano é desenvolver essa capacidade de flâneur, de passante “ocioso”: daquele que se passeia por entre a multidão, misturando-se nela, vagueando ao acaso, sem destino aparente, no fluxo e refluxo das massas de gente e acontecimentos. Um pouco como acontecia com os impressionistas quando davam a entender uma aparente redução da arte à reprodução imediata da sensação visual. A mira dos impressionistas não era, certamente, o decalque mecânico, a competição estafada entre o olho e a objetiva “fotográfica”. No que os impressionistas apostavam era, sobretudo, na reação despreconceituosa do artista perante a realidade para que a instantaneidade desta o pudesse impressionar (PAIS, 2003, p.51).

Aqui se mostra, por exemplo, a necessidade de atenção ao contexto, como nessa página sobre a noite, pois é partir dessa captação do instante através da escrita e da observação do contexto que podem emergir as continuidades e os momentos de rupturas que estão à espreita do pesquisador. O escopo da sociologia do cotidiano é recuperar esse olhar integral sobre a realidade.

Então, a sociologia do cotidiano segue as rotas impostas e imprevisíveis do objeto de estudo, ou seja, o que coloca o pesquisador numa posição de abertura e atenção, sem rotas preestabelecidas.

Diferenciando o pesquisador - turista do pesquisador viajante - *flanêur*, enquanto posturas possíveis e existentes na sociologia do cotidiano, esse autor conclui:

Mas, até onde pode levar-nos essa capacidade de flanêur? Quando Baudelaire pedia aos pintores modernos que desenvolvessem um olhar rebelde e indisciplinado – um “olhar de criança” -, o que é que propunha concretamente? Um olhar espontâneo, liberto, ingênuo, que assegurasse um acto pictoral descomprometido, tentado apenas pelo episódico, pelos fenômenos ópticos: reflexos, transparências, variações de tons segundo mudanças da luminosidade do dia, e por aí a fora. A arte do viajante flanêur reside precisamente na combinação da descoberta com o gosto pela aventura – ao contrário do turista, preso aos roteiros turísticos e à necessidade de visitar o que “imperativamente” deve ser visitado (PAIS, 2003, pp.52-3).

## **FAVELA: LABIRINTO**

Quando falamos do contexto não nos damos conta, muitas vezes, das especificidades, como as situações que ocorrem na favela à noite.

Ao andar pelas ruas do bairro à noite, percebo ruas que têm por característica o aspecto de labirintos, com uma linguagem própria, com sua própria estética, nas quais podemos nos perder. Quase todos convergem para o centro de uma grande avenida, ou circundam o manguezal, defrontando-se com o mar.

O labirinto é uma figura utilizada por Jacques (2001) para caracterizar a favela:

Nos discursos sobre as favelas, a figura do labirinto constantemente aparece, sobretudo quando se trata da experiência de penetrar numa delas e percorrer seus meandros. Não estamos mais na do conjunto de abrigos, na do espaço entre os barracos, que forma as ruelas e os becos das favelas. É um espaço efetivamente labiríntico, tal é o emaranhado dos caminhos internos, e, ainda, como não há sinalização, placas, nomes ou números, qualquer pessoa de fora, ali, se perde facilmente. Mas, visto de longe ou de fora, o labirinto não é percebido como tal; a pessoa só se dá conta do que ele é – e sempre de maneira fragmentária – quando nele entra. Talvez se possa afirmar que quem nunca se perdeu no labirinto-favela não sabe o que significa estar ali. Para não se perder, é preciso ter ou um guia (um favelado), ou um mapa (JACQUES, 2001, p. 65).

De fato, não há como não associar a favela a um labirinto, porque suas ruas têm uma geografia muito peculiar, dado o não planejamento, sendo sinuosamente construídas pela intervenção dos moradores.

Nesse labirinto, o trânsito se torna possível pela companhia de outras pessoas, geralmente habitantes do lugar, que têm acesso privilegiado a alguns caminhos inacessíveis para quem não é dali. Isso permite a ampliação de nossa rede de conhecimentos locais e ajuda na visibilização do que estamos fazendo.

De forma a estabelecer um paralelo entre a favela e o labirinto, a autora recorre à mitologia grega e aponta a diferença existente entre ambos:

Aí está a diferença entre a favela e o labirinto mítico de Cnossos: a favela não tem plano, não é construída a partir de um projeto. O labirinto do mito foi projetado por um arquiteto, Dédalo, o único a possuir sua planta, que sugeriu a Ariadne a utilização do fio que guiou Teseu. O labirinto da favela é muito mais complexo; ao contrário do de Dédalo, não é fixo, acabado: está sempre sendo feito. No caso da favela, é o fio de Ariadne que tece o labirinto, continuamente. E o labirinto se torna um tecido maleável, que segue o movimento dos corpos. Voltamos assim à idéia de (re)vestir, mas o importante aqui é o fato de que esse labirinto na favela não tem autor; não existe assinatura de arquiteto e nenhum mapa definitivo pode ser traçado. Só há mapas instantâneos. Para fazer um trabalho sobre as favelas, faz-se necessário utilizar fotografias aéreas, que sempre têm de ser renovadas. É do alto que se pode ver a situação geral num dado momento (JACQUES, 2001, p.65).

Esse trecho explicita a mobilidade da favela e de seu constante crescimento e mudança. De fato, a característica mais impressionante da favela é essa construção individual e coletiva, que faz com que ruas e casas se modifiquem constantemente, em um trabalho paciente e duradouro, cujos autores – ou construtores – são os próprios moradores, pois, para a autora

(...) os favelados nunca se perdem numa favela. Quem se perde é sempre o que não a conhece, o não habituado, o estrangeiro, o que precisa de mapas para se guiar. Os mapas oferecem uma visão não fragmentária, totalizante, porque são feitos por quem olha do alto. Visto do alto, o labirinto deixa de ser labirinto, pois as saídas são facilmente identificáveis, o mistério acaba. O labirinto passa da desordem à ordem, à razão; torna-se pirâmide. Não é por acaso que Dédalo sai de seu labirinto pelo alto, voando (JACQUES, 2001, p.66).

Não conseguimos apreender a favela com um olhar esporádico, é necessária uma constância e múltiplas inserções para desvendar os mecanismos que atuam no contexto, dando conta de sua complexidade:

O labirinto-favela não pode ser captado num só olhar quando se está dentro dele, quando se está perdido. Cada viela que aparece pode ser um beco sem saída, mas, quando se trata de favela de morro, de favela piramidal, é mais fácil sair que entrar, uma vez que, para sair, é necessário descer sempre e, descendo, as saídas ficam mais evidentes. É preciso, então seguir os limites com a cidade formal; é entrando na cidade planejada que se sai da favela. Subir é muito mais difícil. Um estranho tem de estar acompanhado de um fio-guia, um ariadne-favelado que lhe mostre o caminho que leva ao alto, evitando, sobretudo, os esconderijos dos minotauros-trafficantes (JACQUES, 2001, p.66).

A favela guarda uma grande complexidade porque foge aos padrões habitacionais dos especialistas, e ela tem a característica de ser algo que irrompe como o novo e o imprevisto. Quem não conhece seus meandros pode facilmente perder-se nela, pois é um espaço enigmático, onde cada rua guarda uma surpresa e se revela de forma abrupta a quem a percorre.

Andar por uma favela, mesmo que seja conhecida, como no meu caso, significa deparar-se sempre com algo que é novo – e diferente; algo que está à espreita do meu olhar. O espaço das ruas é tecido de subjetividade, de sinuosidades às quais o nosso corpo responde. Também as ruas, a escuridão, o medo, fazem com que tenhamos respostas sobressaltadas na favela e isso pode mostrar como o lugar, o contexto atuam sobre a nossa subjetividade, muitas vezes condicionando respostas.

Esta favela específica tem a proximidade do mar como a característica mais marcante e também o fato de serem muitas as ruas, formadas como pequenos núcleos, interligadas pelas águas de rios e enseada, onde antes existiam as palafitas.

É uma geografia particular porque diversos ecossistemas nela convivem. O mar, o rio, os manguezais, a enseada, as ladeiras, tudo ainda sendo constantemente transformado pela mão humana, que constrói suas casas em lugares que ainda estão se sedimentando, pois era lama.

Assim, este capítulo se constitui em um esforço para mapear fenômenos recorrentes que acontecem no apagar das luzes, indicando uma grande quantidade de eventos que são reveladores das dinâmicas da juventude no contexto da favela.

A noite tem, aparentemente, uma imagem plácida. Luzes das mais variadas cores iluminam as pequenas casas, em parte devido aos automóveis que transitam em alta velocidade pela avenida principal que corta o bairro.

Chama a atenção o reflexo dessas luzes sobre a enseada, cercada de manguezais.

Há uma calma aparente no lugar. Pessoas conversam, outras namoram, outros transitam e tudo parece caminhar na sua normalidade.

Os bares geralmente funcionam até mais tarde, depois das 23h00min, tocando músicas em CDs piratas e caixas de som que tomam conta das ruas, vendendo cervejas e tira-gostos.

Os jovens ficam sentados nas portas de casas ou na entrada dos muitos becos que compõem a geografia da favela. No interior desses becos, geralmente acessíveis só aos moradores, muita coisa acontece.

A harmonia aparente do lugar é quebrada com alguma briga ou batida policial, ou mesmo as freqüentes trocas de tiros.

Até às 20h00min, a movimentação de transeuntes é intensa, ficando mais escassa a partir de então. Há muita luz e escuridão, sendo que em alguns pontos o medo e a apreensão parecem tomar conta dos poucos transeuntes que se arriscam a vagar pelo lugar.

É muito comum identificar as pessoas que transitam pela noite: jovens, crianças, homens e mulheres que estão voltando de suas atividades laborativas, das

igrejas, das casas de namoradas (os), voltando da escola, enfim, transitando pelo lugar.

Nos finais de semana há festas nos bares, com músicas ao vivo.

Os trabalhadores e os marginais fazem parte do contexto da favela, de forma muito concreta. Zaluar (1994), assim descreve essa característica:

No bairro popular, a distinção entre trabalhadores e bandidos é sem dúvida central, pois a identidade de trabalhador se monta em parte pela oposição ao bandido; mas também ali um campo de ambigüidade mistura as categorias quando a identidade acionada é a de pobre, e às vezes as põe em conjunção, às vezes em distinção. O resultado final disso é o da figura do bandido comum um personagem ambíguo e, no plano real, temido. Há, pois, dissenso claro e profundo quanto ao que é moral no homem, se o trabalho, ou o dinheiro fácil conseguido no crime – e quanto à coragem envolvida nos desafios entre parceiros desiguais, em que uns têm armas de fogo e outros não (pp.251-2).

Os últimos estabelecimentos a fecharem as portas são os bares. Se quisermos conhecer o lugar é necessário andar e parar num deles, porque ali está a chave de entendimento de algumas dinâmicas, como a festividade, os relacionamentos afetivos e o intenso movimento.

Em algumas noites a lua cheia, fulgurante, aparece e flutua sobre as matas, deixando um rastro de luz na paisagem.

O tempo é outro: mais dinâmica que a manhã e a tarde, a noite revela-se como o tempo propício ao aparecimento de novas realizações, transfiguradas sob a escuridão, onde toda uma intensa teia de relacionamentos e situações está acontecendo.

Nós percebemos o espaço do dia (manhã e tarde) na favela como o lugar onde há uma intensa vitalidade, que é facilmente perceptível. Para a minha surpresa, a noite também contém uma intensa dinâmica e movimentação de pessoas. Porém, à noite ocorrem eventos críticos que são típicos de uma configuração do lugar, onde emergem certas características de anonimato que durante o dia não é possível perceber. Se



podéssemos fazer uma demarcação é possível dizer que durante o dia as ruas são de todos: mulheres, crianças, homens e jovens.

Já a noite parece pertencer aos adultos e aos jovens (embora existam crianças que circulem pelas áreas do bairro), que encontram nesse período uma socialização mais definida por inserções em grupos e freqüência a espaços demarcados por características como as festividades, os afetos e até mesmo o tráfico.

Durante a noite há, também, uma dinâmica que se caracteriza pela marginalização e a realização de expressões da marginalidade social em ato: drogas, violência, roubos, em festas, bares; não que estes aspectos não possam ser vistos durante o dia, mas é na noite que eles ganham novos contornos, mais relacionados a uma marginalidade social.

É importante salientar que alguns bares não são bares assim como o definimos.

Na periferia tem acontecido um fenômeno recente: bares são construídos para servirem de ponto de venda de drogas e, nesse sentido, muitos deles não podem ser freqüentados por pessoas que não estejam envolvidas no tráfico.

Muitas mortes acontecem nesses estabelecimentos, a exemplo de um bar onde três jovens já foram assassinados no ano de 2006, geralmente nas noites de domingo.

Alguns entrevistados afirmaram que sofreram intimidações à noite, ou melhor, na madrugada, ao sair de festas, ou mesmo quando acompanhavam outras pessoas.

No silêncio das madrugadas os jovens são assassinados – são também durante o dia, porém, em menor escala.

Eles têm suas casas arrombadas e invadidas e são levados por grupos de extermínio para áreas desertas, onde são executados.

Outros jovens são agredidos durante a noite, quando perambulam ou bebem nos bares, e isso indica que à noite eles são mais vulneráveis, porque na escuridão os rostos não são vistos, as armas aparecem e quem tem uma arma tem o poder e a força – e quem tem a força pode mandar e abusar dos outros, pois não encontrará oposição.

Mas os jovens parecem ter um fascínio e um medo da noite.

O medo e o fascínio são realidades que se conectam, principalmente pelo fato de exploração do ambiente e das descobertas que são realizadas.

Ao mesmo tempo em que o medo parece ser um freio, o fascínio parece superá-lo e isso faz com que os jovens estejam, mesmo com os riscos aparentes, a transitar pelo lugar, mostrando que a dinâmica da favela consiste em reunir esses dois aspectos em cada ação do cotidiano.

Fascínio porque a noite é a chave, o lugar das possibilidades e das experiências que durante o dia são às vezes sublimadas, no sentido de que na noite há uma livre expressão daquilo que é socialmente reprovado à luz do dia, como o próprio uso de drogas.

As drogas aparecem com toda sua força neste período. Um fato recorrente nas noites é que, quando as drogas que são vendidas em alguns pontos ou bocas de fumo chegam, há foguetes juninos que são soltos no ar, o que significa um aviso, um sinal de que o “produto” está chegando.

Neste momento é possível ver que, tal qual uma romaria, os jovens e demais pessoas dirigem-se aos pontos de venda. É comum ver jovens, adultos, de ambos os sexos, comprando e utilizando seus “produtos”, isto é, as drogas.

Nos últimos anos o aumento do tráfico de drogas é uma realidade alarmante, tendo, inclusive, a presença de traficantes de outros estados, como o Rio de Janeiro, o que confere à favela uma realidade diversa de quando as drogas eram vendidas sem uma maior organização.

Um dos dados mais evidentes desse crescimento é o aumento de jovens envolvidos nas atividades de venda e consumo, o que os leva, muitas vezes, a envolver-se em situações de violência, culminando com o assassinato.

À noite, as ruas mais escuras, os becos, os lugares de passagem, se tornam espaços de comercialização e consumo de drogas.

Há uma dinâmica que socialmente é comparada às feiras livres, só que não aprovada socialmente, daí a utilização da noite como o período propício ao comércio e uso de drogas.

A recorrência nesse texto nas referências às drogas e ao tráfico se deve ao fato de que, em alguns bairros da periferia esse fenômeno começa a se estruturar e a se disseminar de uma forma muito evidente.

Antes, o uso de drogas era uma realidade restrita, mas agora o fato emergente é que, com a entrada de um tráfico mais organizado, muitas ruas passaram a se caracterizar enquanto bocas de fumo, aumentando do número de pessoas que freqüentam tais espaços para a compra e mesmo para o consumo de drogas.

A chamada de atenção serve também para indicar que por causa do aumento do consumo e da organização do tráfico há uma crescente vitimização de jovens devido a esses fatores.

Na escuridão e no aparente silêncio das madrugadas há, portanto, uma dinâmica que geralmente não percebemos, mas que está ali, sob os nossos olhos, a acontecer.

Os jovens da favela que se aventuram a perambular pela noite sabem dos riscos que correm, mas, neste sentido, parece ter uma constante atração pelo risco, o que explica o grande número deles que estão nas ruas durante as noites e madrugadas. E o que fazem? Bem, eles se divertem, namoram, bebem, conversam e buscam satisfação nestes espaços. Essa perambulação pode ser de dois tipos: solitária ou em grupo.

Quando a perambulação é solitária, o jovem pode estar mais exposto a um evento crítico do que quando anda em grupo, pois, neste caso, o grupo pode ter mais conhecimento sobre a rede de relacionamentos local, e um jovem pode ajudar o outro. Interessante que a noite não costumava ser um período ‘de risco’. Muito pelo contrário, a noite era o momento em que as pessoas conversavam, contavam histórias e as crianças e jovens brincavam e se socializavam.

Com a emergência da violência, das armas de fogo e do tráfico de drogas, essa realidade se modificou ao ponto de existir uma geografia própria da noite, que restringe espaços e impede trânsitos.

À noite, as ruas parecem perder o povo enquanto seu habitante natural e passam a existir “donos”, pessoas que impõem o seu “poderio” em determinados territórios marcados pela violência e imposição do medo.

Muitos casos de violência contra as jovens acontecem durante a noite, principalmente os espancamentos e estupros.

Elas são as vítimas preferenciais, principalmente daqueles jovens que mantêm com elas algum tipo de relacionamento afetivo.

A violência contra as jovens ocorre geralmente quando elas freqüentam espaços de socialização – como os bares – e nos momentos posteriores da intimidade, sempre no âmbito do privado.

Interessante notar que em relação aos jovens da periferia a violência está relacionada em sua maior expressão aos eventos ocorridos no espaço público, enquanto que a violência relacionada às jovens está mais presente no âmbito das relações pessoais.

Os jovens podem ser vitimizados também por pares com os quais eles não mantêm uma relação de conhecimento direto, ou que mantêm mais próximo, enquanto que para as jovens a violência está mais relacionada às pessoas do seu círculo de amizade.

## **VISIBILIDADE DAS ARMAS DE FOGO**

Durante o dia as armas de fogo não são ainda ostentadas e mostradas, como ocorre durante a noite. É mais fácil encontrar jovens portando armas de fogo durante a noite, porque nos caminhos da favela eles podem a qualquer momento se esconder e não deixar pistas de sua aparição.

Do alto da laje onde por vezes me posto observando as ruas, inúmeras vezes vê-se jovens portando armas de fogo, mostrando-as abertamente aos transeuntes.

Nas madrugadas é comum a escuta de tiros disparados a ermo, ou direcionados a alguma pessoa, que podem ser escutados em toda a extensão do bairro, a depender do horário e do silêncio. Por exemplo, quando estava conversando com algumas pessoas em uma laje, de repente, escutamos os estampidos de tiros e fomos até uma rua ver o que tinha acontecido. Chegando lá nos deparamos com esses dois jovens assassinados em um terreno baldio<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Vide cena I na abertura dessa tese.

É na noite, pois, que as armas de fogo aparecem, com toda a sua força intimidadora, ou seja, elas se impõem como baluartes do medo e da insegurança (para alguém) e da força e do poder (para alguns poucos).

Uma das impressões mais dramáticas que tive fazendo a etnografia da favela à noite foi quando um jovem, vendo-me circulando pelas ruas sacou a sua arma e veio perguntar-me se alguém ali no bairro estava me incomodando, pois se existisse tal pessoa, ele “resolveria o problema”, ou seja, assassinaria tal pessoa para me “proteger”.

Foi a primeira – e única vez – que isso ocorreu. Mas, a despeito dessa “proteção”, o meu sentimento foi de medo e terror, porque estava externalizada, materializada, uma sensação até então desconhecida para mim, no fato de que a proteção é arriscada; a segurança traz medo e a posse de arma coloca o jovem numa posição “privilegiada”, porque ele dispõe de um instrumento que intimida.

Nesse instante entendi o poder da arma e a nossa fragilidade diante dela. Bastasse um apertar de gatilhos e aquele jovem teria finalizado a vida de alguém, ou mesmo a minha, pois naquela noite descobri que risco e proteção são realidades intrinsecamente plasmadas uma na outra, e que a pura existência de uma delas implica o aparecimento repentino da outra. Na noite da periferia essa realidade está constantemente presente.

À noite, leis e lógicas são invertidas, sendo reorientadas, ganhando novos sentidos. É assim: enquanto o dia é um período da vitalidade, da força do desenvolvimento, da luminosidade dos rostos, à noite os rostos ganham anonimato e novos territórios são demarcados, sendo que também os jovens e os becos e ruas assumem novas configurações.

Enquanto durante o dia os jovens se divertem, trabalham, estão mais socializados, e as ruas são espaços livres de trânsito, à noite tudo se inverte: as ruas

estão sendo tomadas por novos “comandantes”, os donos de boca de fumo, que traficam em pontos onde não é possível adentrar, sob pena de sofrer riscos à sua integridade.

A noite traz novos mecanismos de socialização, onde o poder e o anonimato parecem ganhar o espaço e se fazer valer.

Toda noite tem sua história, mas nos finais de semana a dinâmica contextual noturna da favela se intensifica. Não é difícil afirmar que nesses períodos mais eventos violentos acontecem, mais drogas são vendidas e consumidas, enfim, há um trânsito e uma intensidade maior de jovens caracterizados pela marginalidade, em meio àqueles não inseridos em tais práticas.

## **INVISIBILIDADE, VISÃO PANÓPTICA, EXPECTATIVAS**

Foucault (1987, pp. 162 ss.), falando das prisões e espaços fechados do fim do século XVII, afirma que “o olhar está alerta em toda parte”, para “(...) vigiar todas as desordens, roubos e pilhagens”, fenômeno que quero indicar aqui no aspecto da favela enquanto espaço aberto, que encontra semelhanças nessa necessidade de vigilância e sapiência da vida alheia.

Essa percepção, guardando as devidas proporções e diferenças entre a realidade aqui estudada e aquela do autor, quer simplesmente tecer um paralelo que oriente o fenômeno do “ver sem ser visto”, que identifiquei na periferia.

Definindo o Panóptico, o autor afirma que “é uma máquina de dissociar o par ver-ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto” (FOUCAULT, 1987, p. 167).

Sobre aquele que olha e suas motivações, o autor assim o analisa:

Pouco importa, conseqüentemente, quem exerce o poder. Um indivíduo qualquer, quase tomado ao acaso, pode fazer funcionar a máquina: na falta do diretor, sua família, os que o cercam, seus amigos, suas visitas, até seus criados. Do mesmo modo que é indiferente o motivo que o anima: a curiosidade de um indiscreto, a malícia de uma criança, a apetite de saber de um filósofo que quer percorrer esse museu da natureza humana, ou a maldade daqueles que têm prazer em espionar e em punir. Quanto mais numerosos esses observadores anônimos e passageiros, tanto mais aumentam para o prisioneiro o risco de ser surpreendido e a consciência inquieta de ser observado. O Panóptico é uma máquina maravilhosa que, a partir dos desejos mais diversos fabrica efeitos homogêneos de poder (FOUCAULT, 1987, p. 167).

Resguardando as devidas diferenças, é interessante notar que as motivações e a ningüendade<sup>17</sup> de quem observa pode servir para entender porque das moradias, das ‘lajes’ da favela esse olhar consegue de certa maneira estabelecer uma relação de poder ligado ao conhecimento e às informações que determinada pessoa detém sobre o contexto e as pessoas que estão abaixo, no sentido territorial, dela.

O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens; um aumento de saber ver vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça (FOUCAULT, 1987, p. 169).

Mas havemos de perguntar, que poder é esse? O poder de uma pessoa da favela que tudo observa é que ela tem informações privilegiadas sobre o comportamento alheio, particularmente aqueles jovens que estão envolvidos em trajetórias de marginalidade e estão envolvidos em disputas por territórios.

O olhar pode ajudá-lo a prever situações, a se defender e a tirar do seu caminho aqueles que por ventura querem impedi-lo de exercer esse poder.

Em uma situação de disputa de território, aquele que tem uma visão mais ampla do contexto, através das lajes está em franca linha de frente no momento da

---

<sup>17</sup> Expressão cunhada por Darcy Ribeiro (1995, p.131)



atuação, ou seja, está em vantagem diante daqueles que quer “derrubar”, isto é matar. A noite tem uma característica importante que é a invisibilidade, ou mesmo a certeza de que algo que está escondido aparecerá.

Há um clima de apreensão e medo em muitas ruas, pois parece que algo irromperá contra nós, de modo que é necessário sempre estar atento a qualquer novidade, a qualquer evento que poderá vir a ocorrer.

Esse medo difuso se dá em grande parte às tantas histórias de crimes e assassinatos que ocorrem durante a noite. Com isso, a apreensão existe e mesmo que o jovem faça parte do contexto ele necessita de uma atenção especial para transitar por determinadas áreas da favela.

É mais ou menos assim: quando andamos à noite pela favela podemos ter a sensação de ser vigiados. Não sabemos nem de onde ou por quem, mas temos certeza de que estamos.

Então, essa sensação deve-se ao fato de que, por exemplo, as lajes<sup>18</sup> são locais privilegiados, onde os jovens conseguem ter uma visão do todo da favela, sem que sejam vistos pelos outros, que geralmente estão no plano inferior, isto é, das ruas.

Uma característica presente nas habitações das favelas é esse crescimento vertical, que cria novas possibilidades de ver sem ser visto, tal qual o fenômeno panóptico dos presídios (FOUCAULT, 1987).

As casas vão adquirindo durante os anos vários andares, de modo que nessa mesma construção que vai sendo elaborada e construída pelos próprios moradores vai-se acomodando naquele espaço a família que vai crescendo. Na favela a família cresce e a casa também. Com essa mobilidade a estrutura das moradias vai sendo adaptada às

---

<sup>18</sup> As lajes são coberturas de cimento e concreto que são construídas nos tetos das casas e que servem de base para a construção de novas moradias em andares, geralmente habitados pela família que vai crescendo. Esse tipo de construção é muito comum nas favelas brasileiras, também conhecido como “puxado”, que indica a ampliação vertical das casas.

novas pessoas que ali vão se agregando para habitar, com o casamento dos filhos e/ou a chegada de outros parentes.

Do alto dessas habitações têm-se, pois, uma visão privilegiada da favela, podendo o morador ver sem ser visto. Isso implica identificar pessoas, brigas, outros acontecimentos, crimes, tudo sem a percepção de quem está no plano das ruas, os transeuntes.

Andando com alguns jovens e entrando em algumas casas, para ver a favela do alto, identifiquei que esse fenômeno existe e a vigilância aos outros moradores existe e está presente em qualquer favela, porque a realidade, mesmo com suas variações, encerra regularidades, repetições.

A tipologia das casas nas favelas parece seguir os mesmos padrões de outras grandes cidades do Brasil, como o Rio de Janeiro e São Paulo. Um fator de proteção dessas habitações são as grades de ferro, que implicam um impedimento frente aos riscos de invasão de assaltantes.

Com isso, alguns jovens inseridos em trajetórias de marginalidade ostentam suas armas de fogo em lugares onde eles podem ver e não são vistos, onde podem agir (atirar) sem sofrer revide, ou seja, conseguem manter o domínio sobre qualquer ação contra si.

Do alto dessas habitações é possível ver o tráfico de drogas e sua geografia. Alguns jovens me contaram, por exemplo, que a partir de uma determinada hora as bocas de fumo começam a ter um trânsito muito grande de consumidores, pois eles vão chegando de várias partes da favela e o mais surpreendente é que pessoas que durante o dia não são identificadas nem com o consumo nem com o tráfico aparecem por ali e são consumidores assíduos.

Há muitos jovens também que durante o dia não apresentam o comportamento de consumidores ou viciados e à noite estão lá nas “bocas” de fumo para comprar drogas, que geralmente são a maconha, o *crack* (“as pedras”) e a cocaína.

As lajes são estruturas de cimento, concreto e ferro que são colocados no lugar das telhas, o que garante que a construção possa ser ampliada verticalmente. Na favela, toda vez que uma família “bate uma laje” é motivo de cooperação entre os moradores, pois os homens que vão ajudar bebem e comem depois do trabalho.

Como quem vê, domina, na favela aqueles que têm esse poder estão acima de todos os outros que estão no plano da rua, meros transeuntes.

Na favela a sobreposição das residências através das constantes construções de lajes, os “puxados” e outros arremedos, fez com que as moradias ascendessem verticalmente cada vez mais, criando outro plano de relações com o espaço, caracterizado, muitas vezes, por essas possibilidades de interação características do *voyeurismo*: o ver sem ser visto - fenômeno amplamente difundido socialmente na era dos *big brothers*<sup>19</sup>, onde essa necessidade de invadir o espaço privado da pessoa tornou-se uma mania mundial, quer seja em programas televisivos, quer seja na internet, ou em filmes.

Neste sentido, o ver sem ser visto pode ser encaixado dentro dessa nova mentalidade, que encontra sua expressão real e concreta nessas habitações.

## **A LAJE: LUGAR DO PANÓPTICO, LUGAR DO PERIGO**

Das lajes é possível saber o que acontece na vida das pessoas e nas ruas, sem que com isso a pessoa esteja participando diretamente do que está acontecendo, o que é

---

<sup>19</sup> *Reality show*.

uma novidade, um dado novo nas favelas e que pode ser datado na transição entre as décadas de 1990 e 2000.

Antes, nas décadas de 1970 e 1980, as relações eram estabelecidas mais diretamente pelo acesso à rua, sem espaços verticalizados. Nas décadas de 1990 e 2000 isso mudou, afetando as relações entre as pessoas, cuja característica da interação era mediata, direta, nas conversas e nos encontros, onde as informações eram transmitidas, agora não o é mais. As relações e as informações são menos diretas e as informações continuam a transitar porque os modos de obtê-las mudaram, mas continuam, por esse fenômeno do ver sem ser visto.

Ver sem ser visto: saber sem participar do cotidiano é uma realidade possível, graças a essa nova configuração das moradias.

Durante a noite mostram-se novas singularidades quanto à configuração dos espaços das ruas: o que era descortinado e transitável à luz do dia passa a ser hermético, intransitável, durante a noite, e só oferece passagem aos “de dentro”, àqueles que possuem “códigos” que lhe permitem transitar por estes espaços, como a pertença a grupos, bandos e quadrilhas, por exemplo.

É por isso que os jovens integrados socialmente pelo mundo do trabalho ou orientados para outras perspectivas, diferentes da marginalização, como a religião ou o esporte, têm receios de adentrar em determinados espaços e lugares à noite, pois eles – os jovens – podem parecer “corpos estranhos” em tais contextos, podendo, assim ser vitimizados, como acontece comumente.

O contexto, assim, tem sua própria semiose: signos estão inscritos na configuração de cada espaço, promovendo ou restringido passagens e ações, como sugere Valsiner (2007).

Apesar dos jovens mostrarem-se naturalmente fascinados pela noite, eis que o medo parece superar tal fascínio, pois diante das possibilidades de sofrimento e violência acontece uma retração, que imprime a seu trânsito uma menor intensidade e regularidade.

Nesse sentido é interessante chamar a atenção para a figura da mãe, particularmente no fato de que elas não dormem enquanto os filhos não chegam em casa, com medo de algo de ruim lhes tenha acontecido. Apesar disso os jovens parecem insistir em continuar fazendo parte desse contexto, sem levar em conta os riscos existentes - porque na juventude os impedimentos parecem não ser a última palavra sobre a realidade.

Entre casa e rua, eles tendem mais para o segundo contexto onde buscam uma socialização mais ampla, com mais oportunidades de encontro com os pares e os diferentes, que eles identificam como espaços para se desenvolver e atuar de forma mais completa. Apesar dos riscos, portanto, os jovens insistam em permanecer, em fazer parte das ruas.

Como dizem Danilo e Dorival Caymmi em uma canção, é como se os jovens soubessem que não há um “anjo da noite”, e que ele pode passar e trazer algo que não seja bom para eles. Se for para sintetizar o espaço e a dinâmica do contexto que a noite carrega, o mesmo “anjo” pode trazer amargura, dor e sofrimento<sup>20</sup>.

## **A NOITE E A PESQUISA SOBRE A JUVENTUDE**

Não se pode falar do contexto de desenvolvimento dos jovens de uma periferia sem reportar-se à noite e seus mistérios, suas características e segredos. A noite

---

<sup>20</sup> Vide O ANJO DA NOITE, de Danilo Caymmi e Dorival Caymmi: “O anjo da noite/ passou por aqui/ e eu perguntei/ o que viu por aí (...)”, epígrafe deste capítulo.

é um território desconhecido dos pesquisadores. Talvez Bill e Athayde (2006), tenham chegado mais próximo desse universo que se descortina enquanto algumas pessoas dormem.

Alguns pesquisadores podem não estar atentos, mas a noite é um período rico de significados para entender as dinâmicas de desenvolvimento da juventude. É nela que os jovens exercitam suas habilidades relacionais.

A noite é tremenda. É um abismo de entendimento que cobre os jovens e não os deixa em paz.

Dados do Fórum Comunitário de Combate à Violência (FCCV, 2002), afirmam que para os jovens da periferia a noite é um período perigoso por causa das situações de violência que ocorrem.

À noite as rixas se acirram e as dívidas de “honra” e consumo são “pagas”, sob o preço da morte, dos tiros, espancamentos e da violência. A injustiça e o uso da força se impõem e sobrepõem-se à claridade diurna.

São constantes os relatos sobre jovens que sofreram violência e foram assassinados nas madrugadas<sup>21</sup>. A noite é um período de silêncio e de expectativa, em que, a qualquer momento pode emergir um evento que fracture a tessitura social e suas redes de relacionamento.

Foi na madrugada que alguns jovens foram assassinados, no silêncio e na escuridão. O mesmo ocorreu com duas jovens, que foram torturadas e violentadas até morrer. Na madrugada os corpos foram lançados na maré<sup>22</sup>.

Outros jovens recebem tiros em festas ou simplesmente porque transitam pelas ruas.

---

<sup>21</sup> Vide cenas iniciais dessa tese.

<sup>22</sup> Vide cenas iniciais dessa tese.

Uma característica da noite é que as ruas vão se tornando mais desertas e ao mesmo tempo recebem transeuntes que nesse período do dia são mais integrados a ela: os usuários ou consumidores. Estes parecem viver a experiência da noite com uma imensa vitalidade, mesmo sabendo que a vida está “por um fio” sempre, o que parece lhes conduzir a um estado de constante vigília e desconfiança.

Durante a noite e a madrugada acontece a ação dos grupos de extermínio, que invadem as casas ou prendem os jovens no meio da rua e os levam para lugares desertos onde serão assassinados de forma cruel.

A ação dos grupos de extermínio ocorre geralmente à noite, porque esse tipo de crime é caracterizado pela invisibilidade e pela injustiça, pois dificilmente eles são elucidados. A impunidade prevalece. Os exterminadores não costumam deixar pistas, vão às casas ou ruas com gorros na cabeça e ameaçam se porventura alguma pessoa presenciou tal ato, o que leva as pessoas a não se manifestarem, surgindo aí a tal “lei do silêncio”, que é uma característica desses assassinatos.

Essa impunidade se mostra também pela não elucidação dos crimes e existe também uma invisibilidade dessas mortes na cidade e na mídia, como mostrou o recente trabalho de Varjão (2008), sobre o tratamento excludente da mídia em relação a esses assassinatos.

## **A BOA NOITE, OS ESPAÇOS DE DESENVOLVIMENTO E INTERAÇÃO**

A noite é também o período do diálogo, das brincadeiras e dos namoros, ou seja, onde a vida, no que ela tem de mais relacional e atraente, acontece.

No início da noite é possível ver entre as ruas os grupos informais de jovens a estender-se em conversas constantes.

À noite o namoro e as relações sexuais acontecem, depois de algumas cervejas nos bares mais próximos, ou depois do consumo de drogas.

As jovens podem ser violentadas, e muitas vezes, obrigadas a práticas sexuais sob o prisma da violência, enquanto outras acalentam namoros nas ruas e nas portas de casa, ou “ficam” com os jovens, porque ambos parecem não querer compromissos mais duradouros, preferindo uma realização mais imediata.

O noturno revela, ao contrário do que podemos pensar, uma dinâmica ambivalente e repleta de tensões e contraposições na esfera das relações e dos movimentos que a juventude apresenta.

Nestes espaços não há, por assim dizer, calmarias, mas uma sucessão de acontecimentos que vão se desvelando à vista e à percepção do pesquisador, que por eles se embrenha.

Quando, à noite, na favela, procuramos os espaços de socialização dos jovens, encontramos os mais variados, como as escolas, as ruas, os bares, as igrejas, as pequenas praças e campos de futebol. É muito comum verificar os pequenos grupos de diálogo e conversa que vão se estabelecendo nos espaços com suas redes de relacionamento.

Quando pergunto a alguns jovens sobre o que os outros jovens fazem nesse período, a resposta, de pronto, vem carregada pelas imagens e estigmas que recaem sobre a noite.

Parece que esses estigmas fecham o entendimento sobre o que acontece numa favela quando o sol se põe, ou então há um medo que se atualiza a partir de uma memória de acontecimentos e eventos negativos anteriores, que produzem lembranças e seqüelas as mais diversas.



Se por um lado os jovens podem estar mais vulneráveis às ações de pessoas externas e a uma violência que fere, mata e desterra; as jovens, por outro lado, estão sendo vitimadas por formas de violência mais centradas nas relações proximais e nos afetos.

Mas a noite não se restringe apenas a esses aspectos, situações e eventos violentos. A noite é um período onde os jovens estão atuando, da forma e do modo como podem, procurando o seu lugar no contexto.

Assim, a juventude parece viver a experiência da noite, com vida e morte, assim como outras situações de sua vida, de forma intensa.

# PARTE 2:

# OS FATOS

*“A violência oprime e gera um não-lugar: o “meu” lugar é violentado e eu me perco, e tenho de retornar ao meu corpo como único lugar”*

(Elaine P. Rabinovich, correspondência ao autor, em 24/04/06).

*“Andando pelas ruas do bairro, após o assassinato de um jovem, tive um diálogo com um dos jovens que foi me acompanhar à casa do jovem assassinado e ele me dizia, enumerando sua perplexidade:*

*“Quem matou D.<sup>23</sup>, de 13 anos?*

*- O amigo!*

*Quem matou P., de 16 anos?*

*- O amigo!*

*Quem matou V., de 19 anos?*

*- O amigo!”*

(Diálogo com S., 20 anos, em 21 de novembro de 2006, Diários de campo do autor).

---

<sup>23</sup> Todos os nomes citados neste trabalho são fictícios, assim como a descrição de lugares, de modo que sejam preservadas as identidades dos sujeitos pesquisados e os fatos aqui apresentados.

## **Capítulo 4**

# **O homicídio de/entre jovens de periferia de Salvador, Bahia**

### **INTRODUÇÃO**

Este capítulo trata dos homicídios entre jovens no cotidiano de uma periferia da cidade de Salvador. Metodologicamente o capítulo faz parte da etnografia utilizada neste trabalho e conta com descrições, sínteses e formulações a partir dos registros contidos nos cadernos e diários de campo do autor, assim como da transcrição e análise das entrevistas individuais e dos grupos focais realizados com jovens, de onde foram sendo elaborados os tópicos que o estruturam (OLIVEIRA, 2000; GEERTZ, 1989).

O capítulo apresenta os dados sistematizados na pesquisa sobre as situações de violência nas dinâmicas de desenvolvimento da juventude.

No Brasil contemporâneo o fenômeno da violência entre os jovens assume maiores proporções, dadas as complexas dinâmicas da desigualdade social, do crime organizado e do tráfico de drogas, fatores presentes quando analisamos os homicídios ocorridos entre os jovens (KODATO e SILVA, 2000; ZALUAR, 2004; SANT'ANNA, AERTS e LOPES, 2005).

Na periferia de Salvador, a violência assume dimensões similares, vitimando jovens do sexo masculino, negros e pardos, na faixa etária entre as duas primeiras décadas de vida (ESPINHEIRA, 2004).

Diante dos dados que apresentam o aumento significativo da violência que atinge os jovens (SOARES, 2004), surgiu a necessidade de aprofundar aspectos do desenvolvimento humano tomando por referência noções que valorizem os processos, as interações, e o tempo, numa dimensão dialógica, culturalmente situada, nos domínios da vida cotidiana (VALSINER, 2007; ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM, SILVA, CARVALHO, 2004; PAIS, 2003; BERGER e LUCKMANN, 1985; GOFFMAN, 1988; FOUCAULT, 1998).

A questão do desenvolvimento humano nesta pesquisa está situada no campo das interações dos sujeitos e dos processos desencadeados pela ação da violência, e pretende mostrar a incidência de tal fenômeno no cotidiano, mostrando as rupturas e reestruturações das redes de significados existentes no cotidiano dos jovens, das famílias e mesmo da periferia.

A juventude, como um período socialmente reconhecido por suas particularidades é aqui analisada tomando por referência seus espaços de inserção e mesmo de marginalização presentes no contexto da periferia (ELIAS e SCOTSON, 2000; VELHO, 1985).

Assumimos uma concepção de violência “como fenômeno complexo, multifacetário e resultante de múltiplas determinações articula-se intimamente com processos sociais que se assentam, em última análise, numa estrutura social desigual e injusta” (MACEDO, PAIM, SILVA e COSTA, 2001, p. 516).

A juventude da periferia sofre cotidianamente com a ocorrência de eventos violentos, que muitas vezes começam a fazer parte do contexto, criando um ciclo contínuo de mortes e outros danos e repercussões. Neste cenário particular, assumimos a definição de Minayo (2002):

(...) violência pode ser definida, para efeitos operacionais, pelo uso da força com vistas à exclusão, ao abuso e ao aniquilamento do outro, seja este outro um indivíduo, um grupo, um segmento social ou um país. A violência contra a criança e o adolescente constitui-se em todo ato ou omissão de pais, parentes, outras pessoas e instituições capazes de causar danos físico, sexual e/ou psicológico à vítima (p. 95).

A violência pode direcionar a trajetória de desenvolvimento dos jovens, deixando marcas no corpo e na memória; marcas que são difíceis de superar e ganham força com o passar do tempo, gerando uma nova forma de conceber-se no ambiente, ou seja, relacionando-se com a realidade de forma diferente, vivenciando uma experiência destituidora de laços, com significados socialmente controversos.

No meio das solicitações contextuais, e mesmo nas relações mais próximas entre os jovens, tem emergido nas entrevistas uma noção de violência que pode ser percebida de vários modos e há como o acúmulo de experiências que paralisam ou indicam novos rumos às ações dos jovens.

Por exemplo, nas entrevistas, a violência está conectada ao contexto - pobreza, morte, tiroteios - com repercussões no plano pessoal e na família, nas relações com pessoas da comunidade. Situações como essas vão “minando” as certezas e as buscas dos jovens, pois é necessário defender-se deste ambiente que vai se tornando hostil.

Assim, este capítulo trata do homicídio entre jovens no contexto, indicando suas particularidades.

## **O HOMICÍDIO DE JOVENS...**

A morte de jovens indica uma questão que vem crescendo a cada dia na periferia de Salvador.

Apesar da existência de associações comunitárias, programas governamentais e projetos sociais, estes não conseguem inserir em suas atividades um número maior de jovens que vão sendo vitimados pela violência, mostrando que a realidade parece não mudar, se caracterizando, principalmente, pela emergência constante e sistemática dos homicídios.

Parece existir uma *guerra não declarada*, onde jovens envolvidos ou não na marginalidade e no tráfico estão morrendo e têm seus horários de entrada e saída, assim como os espaços de trânsito na favela, restritos. Com isso, muitos jovens são amedrontados, podendo existir uma cultura do medo instaurada em bairros periféricos, que faz com que os jovens tenham constantemente uma noção premente do perigo que ronda suas vidas (ESPINHEIRA, 2008).

Nos bairros periféricos de Salvador esta realidade é muito presente. Episódios como as mortes dos jovens na periferia representam um novo problema e estão associadas a disputas e desavenças entre jovens armados que cometem os assassinatos e intimidam a ação de outros jovens envolvidos no crime, de modo a estabelecer certa hegemonia na área onde atuam.

Podemos distinguir três tipos de perpetradores do homicídio contra os jovens envolvidos em trajetórias de marginalidade, sendo que essa pesquisa focaliza especificamente o primeiro tipo: (a) jovens que executam outros jovens, (b) policiais em perseguições e buscas, onde há ou não troca de tiros, (c) grupos de extermínio, que agem preferencialmente à noite e retiram os jovens ou de dentro de casa ou da rua onde habitam e os executam em lugares ermos da cidade.

Por delimitação temática, o capítulo se concentra no homicídio entre os jovens.

Praticados em diferentes períodos do dia e da noite na periferia esses homicídios se assemelham por algumas características, como o uso de armas de fogo (revólveres), são praticados em grupo ou individualmente; o homicídio ocorre em áreas do bairro; o uso da violência aparece como forma de eliminação do outro; as vítimas têm faixa etária entre as primeiras décadas de vida; há a intimidação daqueles moradores que presenciaram o fato, sendo exigindo destes o silêncio e, possivelmente, a saída da área para que não sejam também assassinados; e, por fim, a impunidade que cerca esses crimes, com uma tentativa de normatização e banalização destes acontecimentos, como fossem inevitáveis dentro das trajetórias marcadas pela marginalidade.

É possível dizer que há não somente o homicídio de jovens envolvidos em trajetórias de criminalidade, mas também daqueles jovens que não se encontram nessas trajetórias, particularmente, por jovens que possuem armas de fogo, pelos mais variados motivos.

Algumas mortes acontecem também pela ultrapassagem de territórios proibidos e parecem deixar algumas marcas na identidade de muitas pessoas e mesmo do contexto social mais imediato, com repercussões no plano relacional, em cada família, em cada bairro.

## **NEM ANJOS, NEM DEMÔNIOS, MAS PESSOAS, JOVENS, MENINOS<sup>24</sup>...**

### **PRENÚNCIO DE UMA MORTE...**

Enquanto realizava essa pesquisa mais um jovem baixou à sepultura: 19 anos, filho de uma das mulheres mais guerreiras do bairro, foi assassinado na madrugada, no ponto de ônibus, com cerca de oito tiros, enquanto brincava com sua esposa, uma jovem grávida, que levou dois tiros e ficou internada.

Ele foi morto pelos “amigos”, jovens envolvidos na criminalidade, sem chances de defesa e mesmo assim ele atirou-se na direção dos seus assassinos na hora extrema.

Semanas antes, o jovem havia sido baleado no braço – e já sabia que de certa maneira seria morto, pois estava sendo “visado<sup>25</sup>”.

### **DESTERRO, MAIS UMA VEZ...**

Mais uma mãe que, apesar de sua força, terá que sair do bairro após a morte do filho. Não sabe para onde, mas terá que fugir, pois conviver com essa dor é forte demais para ela e os filhos.

Assim, conclui-se o ciclo de uma das mulheres mais fortes da área, que exercia uma liderança entre os moradores e que cuidou dos filhos com responsabilidade e

---

<sup>24</sup> Vide Cena III, na abertura dessa tese. Esse texto trata de uma descrição etnográfica da morte de um jovem em uma periferia da cidade do Salvador. Nele é possível notar o posicionamento pessoal do pesquisador, dado o fato do jovem assassinado e sua mãe serem seus conhecidos.

<sup>25</sup> Marcado para morrer.



limites, presente em todos os espaços possíveis, para que o filho não se envolvesse nas situações de marginalização tão comuns na favela.

E aqui mais um desterro, enquanto consequência da violência, se completa, em suas formas mais dramáticas: a morte e a fuga; a perda do sentido e do agir no cotidiano, tendo que mudar a própria vida por causa da morte do filho.

### **NOVA SOCIABILIDADE: AMIGOS MATAM AMIGOS?**

Essa morte traz, outra vez, uma estupefação diante da situação de violência contra os jovens: há um ciclo de mortes que vai desagregando o espaço e o contexto onde as famílias vivem, particularmente na favela e essa morte teve como característica o fato de o perpetrador do homicídio fazer parte da rede de relações do jovem assassinado.

Aqui entra uma nova lógica: que amigos são esses, que vínculos estão sendo tecidos a partir da experiência do tráfico?

Há, com a entrada do tráfico de drogas e das armas de fogo, no contexto de desenvolvimento dos jovens da favela, uma nova lógica de sociabilidade que subverte a lógica culturalmente aceita e nos coloca numa linha de similaridade à lógica da sobrevivência e do medo, ou seja, eliminando aqueles que podem parecer oferecer qualquer risco ao domínio dos marginais e dos drogados.

Por essa lógica, diferente da sociabilidade, são os “amigos”, aqueles que geralmente introduziram alguns jovens na criminalidade e no uso das drogas que darão fim às suas vidas, tentando, com isso, delimitar um espaço e um poderio de território.

Mas que forma de sociabilidade fugaz é essa que faz com que jovens considerados amigos entre si estão por aí se matando na forma mais banal que existe, sem levar em conta possíveis momentos de colaboração? Não existe, então, sociabilidade entre os marginais?

Quando elementos do poder ou de mudança de comportamento, como as drogas e as armas entram em jogo, há uma mudança nos padrões de relacionamentos que parecem eliminar estruturas relacionais prezadas na sociedade atual.

A periferia onde aconteceu esse homicídio tem mais de trinta anos e, neste período, muita coisa mudou.

No espaço da favela o uso de drogas por alguns jovens era tido como algo normal, próprio de uma etapa da socialização, inserido no contexto.

Com o passar dos anos e uso das drogas, enquanto atividade comercial, fez com que a lógica, que em certo momento era de socialização e integração, passou a ser de desintegração e consumo, o que rompeu os vínculos e a sociabilidade da juventude, gerando a impessoalidade como matriz relacional.

Um jovem entrevistado afirmou que entre os jovens inseridos em trajetórias de marginalidade e do tráfico não há amizade, mas interesses de consumo e funcionalidade e nesse espaço não há possibilidade de perdão para quem ultrapassa as regras estabelecidas pelo tráfico.

Eles não têm amigos. A amizade deles é enquanto um tá dando as coisas pro outro. Quando fornece droga um pro outro, por enquanto ali é amizade. Se ele fizer uma coisa errada, já quer matar. Por uma coisa simples, quer matar o outro. Ali não tem amizade entre eles não. É por causa do olho grosso e na hora da raiva. Com raiva assim, a pessoa pode ser amigo, mas a pessoa na hora da raiva não pensa, deixa que a raiva toma e quer fazer esses tipos de coisa, tipo esse T., que matou o finado J., ele e o irmão dele andava bem junto mesmo com o finado J.

E ele falava, que um dia eu lembro que eu tava sentado, perto do campo e eles estavam jogando bola, ele foi buscar esse B., lá no morro, que os cara do morro prendeu ele lá. Eles dois foi buscar juntos. Passou uma semana mais ou menos, e ele mesmo matou o finado J., no ponto de ônibus. O acontecido mesmo assim eu não sei dizer o por causa da morte dele não, porque ele matou, não. É isso... Mata também pra dizer que é miserável, pra os outros bandidos ver e dizer: *“Ah, matou o colega e pode matar qualquer um”*. Ele cria fama (R., 18 anos, sexo masculino).

Do mesmo modo, um jovem entrevistado afirma que o homicídio dos jovens por seus parceiros do tráfico tem uma lógica estabelecida entre eles, que lhes confere certa fama ou mesmo a manutenção de um *status* relacionado à manutenção das “bocas” e do poder dos traficantes:

[A morte] foi por causa da “boca” lá, porque traficavam lá, e os bandidos começam a “criar olho<sup>26</sup>”, porque tava vendendo o bastante lá, aí um dia J., que era da “boca” deles lá, matou o finado F., aí isso aí já foi um motivo pra eles invadir a rua tudo armado, de 12, arma pesada. Depois desse dia, passou, ficou calmo assim, mais tranqüilo, aí o outro foi e matou o finado L., e uns dias antes ele tava conversando com o finado ainda, no bar, e ainda abraçou, ele bebendo, “ah, eu não vou fazer nada com você não”. Passou uma semana ele foi lá, ele sentado, aí disparou a arma nele lá. E D., foi porque ele tava com um bocado de armas mesmo, não ficava com eles assim, saía, quando vinha com o carro, era com 12, levando pra dentro de casa, drogas, aí eles tudo “criou olho”, por isso que foi matar o finado J. (R. 18 anos, sexo masculino).

Que novas relações são essas que estão sendo geradas nas favelas? O que é que faz um jovem assassinar o outro?

É importante fazer a tentativa, por mais que seja difícil, de não colocar estes jovens na esfera sobre-humana do fenômeno. Esses jovens que matam indiferentemente não são outra coisa senão pessoas, jovens que foram meninos e que agora estão assim, gerando uma nova forma de relacionamento a partir da experiência da marginalidade.

---

<sup>26</sup> Motivo da morte: “criar olho”, é o mesmo que ficar com inveja, querer o que o outro possui.

Está surgindo na juventude uma forma de sociabilidade sem raiz, sem vínculos, ou, por assim dizer, com vínculos fugazes e efêmeros, que são trocados e substituídos por objetos, por armas de fogo e por drogas.

Há uma inversão da sociabilidade, caracterizada pelo uso da força e da violência que não preza os espaços de pertença à coletividade, às relações ou a um território<sup>27</sup>, com uma nova forma de se relacionar com o real, na qual a juventude inserida na criminalidade vai na contramão da socialização mais ordinária.

A entrada das drogas e das armas parece retirar a pertença ao território e às relações constituídas por anos, pois o jovem que assassina o outro não está matando algum desconhecido, mas alguém que compartilhou períodos da vida, como a infância e juventude.

Há uma sociabilidade sem raiz, que percebe o outro pela sua funcionalidade, reduzindo-o a aspectos meramente cabíveis no âmbito da função, de tal modo que, metaforicamente, a pessoa é reduzida a uma “peça”, que, ao não servir mais, pode ser descartada, como ocorre, dolorosamente, com as vidas humanas tão jovens.

Falar dessa sociabilidade sem raiz permite indicar que há uma lógica que nós, pesquisadores, não dominamos, mas que está presente na situação descrita no homicídio entre jovens, mostrando que a violência tem reduzido os espaços de pertença na juventude.

## **HOMICÍDIO ENTRE JOVENS: UMA FORMA DE VIOLÊNCIA...**

---

<sup>27</sup> É perigoso generalizar esse fenômeno para “uma geração”. Além disso, é possível que as antigas matrizes persistam, ainda que modificadas de modo perverso, nas situações de violência, nas próprias regras de obrigação, solidariedade, aspecto notado por Zaluar (2004).

Existem os fatos e as tentativas de explicar os fatos.

Os fatos poderiam falar por si só, mas é preciso ir além e identificar, como num mosaico, as partes que o compõem. O fato é a emergência de um evento que nos provoca a tentar compreendê-lo como ele se apresenta e ir mais além, tentando reordenar a lógica que fez com que ele aparecesse assim tão abruptamente, como a morte dos jovens da periferia.

Diante dele, se prestarmos atenção, aparece sempre um dado novo, ao qual é preciso estar atentos para não deixar passar essa oportunidade de capturá-lo, pois o fato sempre quer dizer algo de novo, algo que geralmente não estamos acostumados a pensar, e faz surgir uma perspectiva nova, diferente, mais ampliada se olharmos para ele como um evento complexo que precisa ser genealogicamente apurado, descrito e discutido.

É preciso fazer uma genealogia do fato, como faz Foucault (1998) para entender a origem das prisões e outras formas de poder. A genealogia pode indicar o que está oculto, ou mesmo o que se articula em torno dele.

A noção de genealogia aqui empregada tem como característica desvelar conhecimentos locais, como sugere Foucault (1998, p. 171):

Chamemos provisoriamente genealogia o acoplamento do conhecimento com as memórias locais, que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização deste saber nas táticas atuais. Nesta atividade, que se pode chamar genealógica, não se trata, de modo algum, de opor a unidade abstrata da teoria à multiplicidade concreta dos fatos e de desclassificar o especulativo para lhe opor, em forma de cientificismo, o rigor de um conhecimento sistemático. Não é um empirismo nem um positivismo, no sentido habitual do termo, que permeiam o projeto genealógico. Trata-se de ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência detida por alguns.

O fato “fala”. O fato quer se mostrar, mas é preciso ter olhos para enxergá-lo.

Quando um jovem é assassinado algo não está bem. Algo parece estar dissociado na estrutura social, de modo que a emergência de um fato relacionado à violência parece indicar uma ruptura nos laços e nos vínculos sociais estabelecidos no contexto ao longo de uma vida que se perde no pleno vigor de suas capacidades.

A genealogia do fato mostra que a tentativa de entendimento diante da morte de jovens situa-se em um campo de intervenção da saúde coletiva.

O homicídio entre jovens quebra os vínculos sociais e coloca em discussão os princípios da ordem social e política vigente, que não consegue promover o bem-estar e a satisfação da população, não lhe conferindo a cidadania fundamental para a vida em um país democrático, condição de saúde ela mesma.

Se a violência<sup>28</sup> aparece assim é porque há antecedentes que só podem ser compreendidos em um universo mais amplo, de onde transbordam eventos como estes que não podem ser tomados como normalidades do contexto, pois gera uma desagregação, provocando mudanças nas estruturas de organização social e mesmo psíquicas e subjetivas nas famílias e nos jovens.

## **OS FATOS**

Em menos de um ano, dois jovens que participaram de projetos sociais e estavam envolvidos em trajetórias de marginalização pelo uso de drogas foram

---

<sup>28</sup> Esses antecedentes da violência podem fazer parte mesmo da história brasileira, com sua hierarquização e estrutura. Marcondes Filho (2001) aprofunda essas noções indicando que há uma *violência fundadora e uma violência reativa na cultura brasileira*, no artigo homônimo.

assassinados. Um deles tinha 16 anos e outro 19 anos. Ambos freqüentaram, durante a infância e mesmo na juventude, a escola, um projeto social e estavam integrados ao contexto da favela, tendo amizades e se relacionando com os muitos aspectos do cotidiano. Em um determinado momento, dadas as “amizades” e as oportunidades, ambos começam a se envolver com jovens consumidores e traficantes de drogas no âmbito da favela, mas nada que os impedisse de continuar a sua socialização no contexto.

Mas o fato que une a trajetória desses dois jovens, além da participação em projetos sociais e da vida na favela é a experiência da vitimização que sofreram por parte de outros jovens que eram considerados seus amigos ou companheiros.

O fato de serem assassinados, um à luz do dia e outro na madrugada, por outros jovens que eles conheciam e se relacionavam apontam para uma forma de violência que precisa ser contextualizada dentro da favela, porque os perpetradores não estão mais do lado de fora da favela: estão por perto, conviveram diariamente com os jovens, partilhando o cotidiano, o mesmo contexto e as mesmas relações.

## **A TENTATIVA DE EXPLICAÇÃO**

Uma tentativa de explicação pode estar relacionada à fragmentação do sentido da sociabilidade na juventude quando entram em cena elementos que modificam os comportamentos e as relações sociais impedindo a vivência de vínculos no mesmo território.

O sentido de compartilhar o território e as relações é o de estar integrado ao contexto, sendo construído na história pessoal e tende a se aperfeiçoar durante as duas primeiras décadas de vida.

## **A INVERSÃO DA SOCIABILIDADE**

Com a morte desses dois jovens é possível perceber que há uma inversão da sociabilidade na juventude da periferia porque entram fatores dados pelo de consumo de drogas, que geralmente criam uma relação de dependência e da necessidade do recurso financeiro para utilizá-la.

Há uma percepção do outro enquanto consumidor, o que entra aqui o caráter expiatório, ou mesmo de cobrança diante daqueles que não conseguem honrar seus compromissos com o comércio que se estabelece.

Assim, como na vida diária, quando não honramos um compromisso que envolve dinheiro e consumo as pessoas são acionadas na justiça e existem meios de cobrança de tais dívidas.

Na marginalidade a lógica da cobrança e da expiação aparece em relação direta com a violência, o uso da força para fazer com que o sujeito devedor pague o que deve, e o preço geralmente cobrado pelos jovens armados parece ser o da morte ou, no caso mais comum, o da intimidação e da *expição*<sup>29</sup>.

---

<sup>29</sup> *Expição*. Forma de morte que tende a mostrar aos outros como irão morrer se quebrar os códigos. Ver dicionário: “Expiar, v.tr. reparar, remir (um crime, pecado ou falta) por meio de penitência ou castigo (...) Sofrer as conseqüências (de alguma ação errada ou injusta)” (AULETE, 1958, p. 2098). O termo é utilizado aqui para indicar essa característica presente nos homicídios entre jovens envolvidos em trajetórias de marginalidade, cujo intuito, conforme indicarei, tem a ver com essa quebra de códigos que é indicada na definição trazida.



As mortes dos jovens envolvidos em trajetórias de marginalidade analisadas nesta pesquisa parecem apontar para uma configuração daquilo que poderíamos definir como *expição*.

Por suas características, essas mortes parecem apresentar uma função “pedagógica” marginal, de modo que há símbolos e códigos presentes que fazem parte do universo da marginalidade e do tráfico que podemos apreender.

As mortes mostraram-se com funções específicas: delimitar espaços, acerto de contas e impedir que outros jovens envolvidos no tráfico quebrem os códigos que norteiam tal universo.

A *expição*, como podemos identificar aqui, tem um papel de impedir que outros jovens quebrem os códigos subjacentes ao tráfico, fato que recorrentemente vem acontecendo.

A *expição* é perpetrada geralmente no espaço urbano, nas ruas; em lugares desertos ou mesmo no espaço da favela, muitas vezes, à vista de todos, o que, por sua vez, traz danos psicossociais a essas pessoas que têm seu cotidiano perturbado por este evento, que aciona os *vãos* simbólicos que separam ambos os universos, o da marginalidade e o da inserção social, na vida cotidiana dos moradores.

Conforme indiquei, a *expição* ocorre por causa da quebra de um código subjacente ao tráfico. Com isso, a “pena” para o jovem que ultrapassou tal limite é a morte, o indica que nesse universo as infrações são resolvidas deste modo.

Mas é preciso fazer uma ressalva. Na vida cotidiana, quando há a quebra de um código estabelecido a pessoa recorre à Justiça, aos órgãos competentes, onde não há a possibilidade de fazer justiça “com as próprias mãos”.

No tráfico as relações se invertem e não há a noção de uma resolução pacífica para quem quebra tais códigos. A “pena” e a “justiça” são imputadas pelos jovens marginais, motivados pessoalmente ou por outros mandantes.

Geralmente a *expição* tem a ver com as dívidas do tráfico ou com situações em que o jovem inserido na marginalidade traz algum risco ao monopólio e poderio de outros traficantes na área.

Jovens que ingressam no tráfico e têm potencial de liderança e inteligência prática na abertura e gestão das “bocas de fumo” são potenciais alvos da *expição*, assim como aqueles que têm dívidas com algum traficante.

Assim, parece que aqui aspectos da socialização são, então, colocados em xeque. Por esse motivo, e acima de todos os vínculos pré-estabelecidos, os jovens são olhados sem suas experiências anteriores de partilha do território e relações.

O que vale, neste sentido, é que a “ordem social” do tráfico não seja quebrada, mesmo que para isso alguém tenha que morrer, geralmente aquele jovem que está em dívida com o tráfico.

Além disso, a lógica do dinheiro e da manutenção de certa ordem na venda e consumo de drogas parece sobrepor-se aos laços, aos vínculos e à pertença a espaços e territórios comuns, levando, então a uma visão descartável e impessoal diante do outro.

Quando a socialização tem uma funcionalidade estrita, relacionada ao consumo e uso de drogas, os jovens parecem colocar de lado os vínculos anteriores, sendo que aqui é possível começar a análise do fenômeno no qual os amigos matam os amigos. No entanto, tal fenômeno só pode ser entendido se levamos em conta todo o engenho que leva até o homicídio de um jovem por outro.

A entrada da *funcionalidade* e da mudança de comportamento provocada pelo consumo de drogas provoca uma quebra dos parâmetros socialmente aceitos do vínculo, e da sociabilidade. Por funcionalidade entendo a percepção do outro como consumidor, e não mais como pessoa, traço presente na lógica do tráfico de drogas que se insere na pós-modernidade, na globalização e no capitalismo, onde suas relações são pautadas pelo consumo. Essa lógica do consumo foi bem delimitada por Bauman (1999).

Assim, surge uma nova forma de socialização, a qual, diferente da comumente aceita e difundida, e que aponta para uma transformação em que aquilo que era visto como normal parece se transformar numa *socialização inversa*, marcada por uma *funcionalidade*, onde aquele que não corresponda ao esperado é assassinado, sem respeitar qualquer vínculo com o passado, o contexto e as relações estabelecidas.

Esse processo *inverso*, que se inscreve em um plano mais geral da socialização, está atuando neste momento aumentando os conflitos entre os jovens, e se faz acompanhar por consistências culturais (o uso e a posse de armas, a perda das comunalidades, a primazia do dinheiro sobre as relações), assim como por aspectos econômicos e sociais (a privação de bens de consumo, marginalização dos setores mais jovens da população, o tráfico de drogas, o não ingresso no mercado de trabalho e a vida em situação de pauperismo).

Todos esses fatores podem ser sinalizações, mas não explicam o que faz com que um jovem armado assassine outro jovem do seu âmbito de relações porque este não cumpriu uma promessa, ou não realizou algo que se esperava dele, por provocar uma ameaça para quem detém, mesmo que por pouco tempo, o poder sobre uma área ou uma “boca de fumo”, que dura pouco tempo, porque a vida de quem o detém já é percebida como uma ameaça por outros que querem tomar o seu poder.

Por essa lógica outras mortes virão, mais cedo ou mais tarde, conforme indicaremos mais adiante.<sup>30</sup>

Poderíamos afirmar que quando a funcionalidade sobrepõe-se à socialização os jovens podem tornar-se vítimas dessa forma de violência que é o homicídio entre eles.

Feffermann (2006), analisando as relações entre o tráfico de drogas e a violência, identifica o aspecto importante que é a modificação das formas de resolução de conflitos. Para a autora

violência e tráfico de drogas não são equivalentes, embora haja associação entre eles. A caracterização desse tráfico como um mercado ilegal conduz ao uso da violência como forma de resolução de negócios e conflitos (p.35).

Falando da juventude contemporânea, situada nas periferias de Salvador, Espinheira (2004) descreve de forma lúcida e impactante suas relações com a violência:

A juventude é uma rebelião constante. A juventude pobre, por seu lado, luta duplamente para viver a intensidade que a sua condição requer. A sensação de que está desperdiçando a vida por não poder realizar certos desejos no tempo requerido pelo prazer inquieta os jovens e os lança para a concretização, a todo custo, do que deseja, e isso leva a situações de risco, inclusive daquele que pode levá-los à morte ou a matar. A violência banalizada pela frequência de ocorrências de cadáveres nas ruas, jovens seqüestrados em suas residências e desaparecimentos (p. 21).

Um dado surgido nessa pesquisa são as repercussões do homicídio de jovens, tendo como uma das características essa perplexidade ou mesmo em alguns momentos uma espécie de *letargia social*, que indica essa banalização da morte dos jovens. Muitas

---

<sup>30</sup> Vide capítulo 6 dessa tese: “O “vingador”: o jovem como perpetrador – e vítima - da violência em uma periferia de Salvador, Bahia”.

vezes, a morte de um jovem não é sequer notificada nos jornais, o que coloca um véu de encobrimento sobre a gravidade da violência que vem ocorrendo nas periferias.

A frequência com que os jovens são assassinados em Salvador parece não trazer indignação à população. Fato interessante, contrariando esse dado, ocorreu quando alguns jovens, em diferentes bairros da cidade foram assassinados por policiais, o que gerou uma comoção popular, com protestos e manifestações.

Quando os jovens inseridos em trajetórias de marginalidade são assassinados por seus pares, isso parece não trazer uma mobilização, mas quando esses assassinatos são de jovens sem essa inserção pode existir uma mobilização como foi noticiado na revista CARTA CAPITAL (2008) quando quatro jovens negros foram assassinados em Salvador.

A violência por agentes externos, nesse sentido, parece ainda ser percebida como uma anormalidade, enquanto que a morte entre pares, entre jovens, parece seguir uma espécie de linha da normatividade esperada, ou seja, são códigos que já estão estabelecidos e diante dos quais não há muita coisa a fazer.

Desse modo, a morte de jovens por seus pares, parece seguir uma linha esperada e antecipada, diante da qual as pessoas têm que se resignar diante dela, com medo e insegurança, mas sem expressar qualquer reação futura, qualquer tentativa de “fazer” justiça.

Espinheira (2004), enfocando a violência no Subúrbio Ferroviário de Salvador parte do princípio da sociabilidade para chegar à violência e suas expressões. Para ele,

as formas mais elementares de sociação estão relacionadas com o processo coletivo de adaptação do ser humano ao meio natural e ao meio que ele próprio construiu e constrói continuamente. Sobreviver é o primeiro e mais geral imperativo, de tal modo que é tomado pelo

senso comum como absolutamente natural que gestos extremos sejam expressos por pessoas que estão em situação limite (p.30).

Diante da violência e do tráfico de drogas essa sociabilidade parece interromper-se, pois mudam as formas de sociabilidade aceitas no senso comum, inaugurando-se uma lógica diferente.

## **A SOCIABILIDADE**

A lógica normativa indica que os jovens sentem-se mais seguros quando estão ao lado de amigos cujo início remete à infância e entrada na adolescência, e que são estas que os acompanharão na idade adulta.

A democracia da sociabilidade, mesmo entre aqueles socialmente iguais, *é um jogo de cena*. A sociabilidade cria, caso se queira, um mundo sociologicamente ideal: nela, a alegria do indivíduo está totalmente ligada à felicidade dos outros. Aqui, ninguém pode em princípio encontrar sua satisfação à custa de sentimentos alheios totalmente opostos aos seus. Essa possibilidade é excluída por várias outras formas sociais que não a sociabilidade. Em todas elas, contudo, essa exclusão se dá por imperativos éticos super-impostos. Somente na sociabilidade ela é dada por princípios intrínsecos da própria forma social (SIMMEL, 2006, pp. 69-70).

Essas amizades podem ser demarcadas por vínculos de pertença a espaços e relações comuns como o território, as ruas, os espaços de agregação: bares, quadras esportivas, igrejas, dentre outros.

As relações e os vínculos advindos da infância ou estabelecidos no início da adolescência vão ser demarcados por interesses comuns do ponto de vista afetivo, esportivo, cultural, etc., mas sempre orientados para estar juntos, se relacionar com os principais eventos do cotidiano, indicando que há sempre, explícita ou implicitamente objetivos em comum.

Essas relações podem ser identificadas como sociabilidade, que indicam o conjunto de movimentos pró-sociais da pessoa em seu contexto. É por essa socialização que os jovens estão juntos, se movimentam, estão realizando as suas formas de expressão e interação em qualquer ambiente onde se encontrem, fenômenos característicos da sociabilidade (SIMMEL, 2006).

Mas, quando falamos de sociabilidade ou mesmo desses vínculos entre a juventude, não podemos esquecer que dada a multiplicidade de vínculos e relações pode variar de forma muito rápida e dinâmica. Ou seja, há permanências, vínculos estáveis e outros menos duradouros, que podem responder a necessidades mais imediatas.

É necessário definir a sociabilidade e sociação a partir de Simmel (2006) que nos apresenta tais conceitos.

A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão dos seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados -, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Esses interesses, sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, causais, formam a base da sociedade humana (2006, pp. 60-1).

Uma das características da sociabilidade é a sua relação com interesses comuns, pois

o que é autenticamente “social” nessa existência é aquele ser com, para e contra com os quais os conteúdos ou interesses materiais experimentam uma forma ou fomento por meio de impulsos ou finalidades. Essas formas adquirem então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da sociabilidade (SIMMEL, 2006, p. 64).

Demarcando as características da sociabilidade Simmel (2006) destaca o sentido do estar juntos, que caracteriza os jovens estudados nessa pesquisa:

Quando os homens se encontram em reuniões econômicas ou irmandades de sangue, em comunidades de culto ou bandos de assaltantes, isso é sempre o resultado das necessidades e de interesses específicos. Só que, para além desses conteúdos específicos, todas essas formas de sociação são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado, pelo valor da formação da sociedade enquanto tal. (...) o “impulso de sociabilidade”, em sua pura efetividade, se desvencilha das realidades da vida social e do mero processo de sociação como valor e como felicidade, e constitui assim o que chamamos de “sociabilidade” [*Geselligkeit*] em sentido rigoroso (p. 64).

Como é possível perceber “toda sociabilidade é um *símbolo* da vida quando esta surge no fluxo de um jogo prazeroso e fácil” nas relações estabelecidas na vida cotidiana dos jovens (SIMMEL, 2006, p.80).

## **INVERSÃO DA SOCIABILIDADE E DESTERRO**

Geralmente percebe-se a morte como o evento mais grave ao qual os jovens estão expostos, mas é preciso identificar que antes da morte existe essa experiência de não poder mais transitar pelo espaço da favela.

Quem vai morrer sabe, antecipadamente, que isto pode acontecer. Um dos aspectos da socialização mais importantes é poder transitar pelo espaço, a qualquer hora.

Quando o jovem está inserido em uma trajetória marcada pela marginalização ou pela drogadição, parece que ele percebe que seu espaço de trânsito está reduzido.



Há uma espécie de internalização do desterro, dados os perigos que este jovem pode encontrar nos espaços que antes lhes eram familiares e acessíveis.

O jovem da cena III<sup>31</sup>, quando morreu, estava sentado junto à sua casa, se divertindo. Alguém, vendo a cena, comentou: *“parece que ele está comemorando a própria morte”*.

Horas depois o destino se cumpriu, o vaticínio se realizou. Veja que o jovem ao ser morto estava próximo à sua casa, em momento de distração, coisa que o desterro não permite.

A **atenção total** diante de qualquer risco é uma característica do desterro. É preciso estar atento constantemente. O jovem parece perder a capacidade de estar nos lugares que antes lhes eram comuns, cotidianos. É uma espécie de estranhamento diante do que é normal e comum, como o trânsito pelos espaços e as relações estabelecidas.

---

<sup>31</sup> Vide cenas iniciais dessa tese.

## Capítulo 5

### O homicídio das jovens

Uma contribuição deste estudo está na descoberta de que há uma violência que atinge as jovens, de forma mais ampla do que aquelas relacionadas aos aspectos afetivos, conforme indicarei.

Elas, as jovens, também são vítimas de agressões e morte, o que mostra que a difusão da violência ultrapassa os aspectos relacionais e não é restrita; é certo modo de afirmação da masculinidade.

Tem muita jovem que sofre. Tem umas que já sofreu estupro (sic) aqui. S. mesmo já foi estuprada (sic) duas vezes e já tentaram de novo e não conseguiu. Hoje em dia, a maioria das meninas tudo grávida, as meninas novas, de 15, 14 anos, tudo engravidando, não pensam muito na vida. As jovens sofrem mais violência porque elas hoje em dia só quer usar aquelas roupas curtinhas, e aí os cara fica tudo muito doido, usando drogas, fumando maconha, cheirando cocaína, aí fica tudo muito doido. Quando eles tão são elas passa tudo de shortinho e eles tá ali, na hora que eles cheira, fuma, aí elas vai passar de noite com aquele shortinho, eles dá psiu elas não liga, eles vão lá estupram, batem, às vezes até matam, o então é ameaçada “ói, eu vou lhe matar se você disser que eu lhe estuprei. Eu te mato”. E ela não conta nada com medo. As jovens sofrem, mas os jovens que sofre mais é porque anda num meio errado, assim...porque vê, quer dizer, eu tenho um amigo ele tá ali todo arrumado, com roupa de marca, aí eu, “porra, véio, o cara só anda todo arrumado, cheio de Kenner<sup>32</sup> e eu só ando assim...”, mas é porque ele não sabe o que é o dinheiro suado. O dinheiro dele entra fácil, aí vai muitos que vê o amigo assim ficar todo cheio de marca e diz: “é, vou entrar também no tráfico”, aí vai e entra, fica traficando, aí acaba morrendo de dívida de droga ou então é “olho grosso” na “boca” do outro e um acaba matando o outro (*G.S.C, 20 anos, sexo masculino*).

A violência contra as jovens assume as mais diversas formas, particularmente aqui descrita no depoimento do jovem G.S.C (*20 anos, sexo masculino*), que a relaciona

---

<sup>32</sup> Marca de sandália.

aos aspectos sexuais, afetivos e de intimidação por parte de outros jovens ou homens mais velhos.

A primeira questão levantada durante a entrevista foi que os jovens sofrem mais violência do que as jovens.

Para ele, os jovens são mais “visados” do que as jovens por se envolverem mais com as drogas e com o tráfico. A violência contra as jovens é mais interna, não tem a ver com morte, mas sim com agressão.

Em um dos grupos focais, intitulado “Pombo Sujo”, no entanto, evidenciamos o contrário: as jovens também são alvo da violência que leva à morte, principalmente se elas se relacionam com jovens que estão inseridos em trajetórias de marginalização e tráfico de drogas.

Nas situações de briga e acertos de conta entre os componentes de quadrilhas, quando o jovem procurado não é encontrado, elas podem se tornar vítimas potenciais, chegando a óbito e mesmo sofrendo todo tipo de violência e agressão.

O jovem G.S.C (20 anos, sexo masculino) afirmou que as jovens sofrem violência de todo o tipo, mas principalmente a violência sexual e citou o caso de uma jovem que foi estuprada duas vezes e apanha constantemente do namorado, sem expressar reação.

Esse tipo de violência contra as jovens aparece como um traço de alguns relacionamentos onde a jovem parece perder a sua liberdade, pois seu parceiro exerce sobre ela certo poder coercitivo que impede o estabelecimento de redes de relacionamento mais amplas, principalmente com outros jovens do sexo oposto, restringindo, deste modo, o trânsito e a dinâmica contextual delas, que se vêm

duplamente cerceadas na sua liberdade, quer seja pelas situações do contexto (violência, estupros, intimidações), quer seja pelos seus relacionamentos mais próximos.

Uma jovem R.F. (18 anos) informou que não tem medo do lugar onde mora e que nunca foi intimidada ou sofreu violência física ali. Relata como os dois únicos eventos relacionados à violência presenciados foram a morte de seu amigo, de 16 anos, e uma cena na qual ela presenciou vários jovens com armas de fogo, o que a fez ter muito medo diante daquela situação.

Por aqui? Eu não. Ninguém mexe e nem nunca mexeu [comigo]. Ainda bem, mas só que teve um dia que eu tava aqui, aí veio uns cara de lá tudo armado, passou por aqui doído. Eu gelei. Eu me tremia. Eles não mexeram, não fizeram nada, mas eu me tremi tanto... que eu pensei que ia morrer do coração (R.F., 18 anos, sexo feminino).

Parece que, para as jovens, os relacionamentos afetivos implicam na redução de sua socialização, imposta pela figura do namorado, que imprime à ligação afetiva um sentido de posse, operando como uma espécie de “censor” daquilo que a namorada pode ou não fazer.

De acordo com a entrevista com a jovem R.F. (18 anos, sexo feminino) pude perceber que essa operação de censura infligida pelo namorado faz com que a jovem tenha que delimitar os lugares aonde vai, as pessoas com as quais anda, os amigos, tudo para satisfazer o namorado.

Mesmo com todos os avanços historicamente conquistados pela mulher em relação a seus direitos, o domínio afetivo parece, em alguns momentos, não ser afetado por tais conquistas.

Muitas vezes, o fato de namorar significa ter alguém e submetê-la a um poder de persuasão pessoal, que, numa escala de progressão, pode chegar à violência física, dada a relação de dependência que se estabelece. É necessário que a jovem seja muito forte para ultrapassar essa situação; ela deve ter uma grande força pessoal para não deixar-se intimidar por essa força presumida e mesmo real do parceiro afetivo.

Na pesquisa, apareceu a integração das adolescentes como vítimas e protagonistas também de trajetórias de marginalidade.

Um dos relatos mais impressionantes, neste sentido, foi o de uma entrevistada que contou a história de duas jovens que foram assassinadas por marginais da periferia.

E o outro caso é o das meninas que acharam os corpos na R. Aquelas duas também andaram comigo, a gente brincava juntas. Uma era S. e a outra era T., eram duas meninas, a gente brincava de tudo que tinha naquela época: pular corda, bater lata, elas andavam sempre lá em casa, a gente brincava de boneca e foi uma coisa assim tão repentina. Elas começaram a crescer e ninguém percebeu como elas começaram a se envolver. Quando foi dar por fim já estavam totalmente envolvidas. As duas usavam drogas e eram mulheres de criminosos, e inclusive dizem que a morte delas duas foi por isso, que a quadrilha rival matou as duas. Levaram elas pra um barraco, na rua F.T., e lá torturaram as duas até a morte, depois pegaram. Amarraram uma corda no pescoço e jogaram lá na R.

Eu fui pro enterro. E uma coisa assim, que quando o caixão chegou não tinha quase ninguém no enterro. Primeiro chegou o caixão de T. Só tava lá a família, a mãe, a irmã, o irmão. E o caixão tava fedendo bastante, fedendo tanto que nem demorou muito lá na capela por causa do mau cheiro, que tava demais. Depois foram chegando outras pessoas. O outro caixão, quando chegou, era da menina mais conhecida lá da rua. Aí ficou aquela agonia: abre o caixão, por causa de gente curiosa, que não tem o que fazer, que vai pro enterro não por causa do sentimento da pessoa, mas pra ver como o corpo estava e abre o caixão, não abre. F (irmão), brigou com todo mundo, ficou logo nervoso. Queriam ver o quê dentro caixão, se já sabiam que ela tinha morrido?. O de T. não abriu, mas o de S. abriram, só que eu não fiquei pra ver, porque do jeito que tavam (sic) relatando que elas estavam e depois de tanto tempo no mar, o fedor que tava, abriram o caixão. Eu não entendo...

Elas tinham 15 e 16 anos. Eram novinhas. Elas cresceram assim de repente, e quando ficaram mocinhas, entraram **nessa vida**. A mãe dela queria uma foto, porque ela não tinha uma foto da filha, nenhuma, nem 3X4. Ela chorou, chorou, o **bairro inteiro se lamentando**. Ela também chorava porque a filha dela tinha ido embora e ela não tinha nada e ela não ia ficar com nada de recordação da filha. Aí elas se mudaram do

bairro. Depois, um amigo achou uma foto dela, mas a mãe já tinha ido embora, e era uma foto da catequese, com todo mundo, a galera toda e tem ela sentada em destaque, bem na frente dando risada. A mãe dela ia gostar de ter essa foto. Eu também tenho uma. Mexendo nas minhas coisas eu achei uma foto dela de criança (E. P. S., sexo feminino, 24 anos).

Antes de serem mortas, as duas jovens foram torturadas num barraco das antigas palafitas da área. Seus corpos foram colocados em um barco e depois jogados na maré, um crime que não foi solucionado.

No relato, a entrevistada afirmou com pesar a dor da mãe de uma das jovens, que não tinha sequer uma foto da filha para lembrar-se dela.

Tempos depois, um jovem, amigo de sua filha, descobriu que existiam fotos da jovem, uma na catequese. Mas era tarde demais: a mãe teve que mudar-se e nunca mais voltou ao bairro, ao lugar onde sua filha perdeu a vida e ela, a mãe, perdera o sentido e a razão de viver.

O que chama a atenção neste relato foi o dado novo em relação às jovens, pois parece que os jovens estão mais expostos à violência, o que, então, a partir de agora, não é mais tão verdadeiro assim, se pensarmos nas outras jovens que foram assassinadas, como M., em frente à rua da P., e uma outra jovem na rua e estão, também, em situação de risco.

O envolvimento com jovens que participam de quadrilhas e bandos e estão relacionados ao tráfico e ao crime não pode ser entendido em seu aspecto quase romântico-afetivo, como se elas, as jovens, tivessem uma simples atração ou fascínio por jovens delinquentes. É muito mais que isso.

É uma submissão sem saída; é um medo sem limite – uma impossibilidade de ir contra as solicitações; é uma dor disfarçada em contentamento. É, ou pode ser, um adaptar-se a uma lógica que vai do medo à adaptação, do contentamento à dor, ao

sempre presente medo de morrer se não ceder às investidas dos marginais. Há um querer? Certamente, mas há, antes de tudo, uma dor.

Para entender a dinâmica dos jovens não podemos descartar o olhar feminino, o olhar das jovens, pois elas carregam uma espécie de experiência refletida do que é viver na periferia.

Essa história das duas jovens assassinadas é muito forte e mostra como a violência chega a níveis assim aterrorizantes numa favela, mesmo que tais homicídios não sejam tão frequentes quanto com os jovens. Note-se que a vitimização das jovens ocorre principalmente quando elas se relacionam com pessoas envolvidas em trajetórias de marginalidade, drogas e porte de armas.

Algumas outras situações de violência contra as jovens apareceram, depois, na morte de outras duas que também estavam envolvidas em situações de marginalidade e crime.

Aqui se abre uma nova possibilidade de entendimento do contexto de desenvolvimento das jovens, o que me parece não ser um campo tão explorado pelas pesquisas. Ao ser inquirida sobre a violência contra as jovens a entrevistada afirmou que

Bom, eu não acho não. Eu acho que é igual. Eu acho até que os homens sofrem mais do que as mulheres aqui. Porque, sei lá, porque só por se envolver demais no meio errado, então eu acho que eles sofrem mais. E as meninas têm mais consciência nisso tudo, não se envolve assim, se envolve em meio errado entre elas, mas não entre eles assim, que são marginais, entendeu? porque tem muitos marginais aqui... aí acaba influenciando (*R.F.M., 18 anos, sexo feminino*).

Interessante essa avaliação da situação relacionada à violência contra os jovens das periferias. É como se as meninas, elas próprias, percebessem que há uma violência maior relacionada aos jovens. Para a entrevistada, os jovens têm mais chances de se

envolver em trajetórias de marginalidade, dada a grande quantidade de “marginais” que transitam pelo espaço da favela.

A violência contra as jovens pode parecer mais encoberta, sem ser muito evidenciada, havendo, então um maior número de jovens vitimizados; porém quando as jovens são vítimas, elas sofrem uma violência maior quanto à modalidade, com tortura e estupro.

Possivelmente, a violência contra *as jovens* não é muito identificável, o que revela a percepção do jovem sobre o fato de que a violência contra *os jovens* seja mais visível por causa da externalidade dos fatos: mortes, tiroteios, violência física, intimidação, agressão, enfim, uma violência que é realizada no ambiente da rua.

Já a violência contra as jovens se dá no espaço privado, geralmente a casa, onde a maioria das formas de violência (sexual, morte, agressão) aconteceram em espaços fechados.

Em síntese, a violência contra as jovens pode ser mais bem percebida enquanto uma violência tipificada entre a casa, os espaços fechados e as relações afetivo-sexuais.

Contra os jovens a violência está relacionada com o espaço público, com os espaços comuns, das ruas da favela ou mesmo da cidade, constituindo-se este um fenômeno similar ao identificado por Bauman (1999) ou Maffesoli (2001) quando se referem às forças da globalização que fazem com que os jovens transitem pelas ruas.

No espaço da favela, isto pode ser percebido como um fato que coloca em risco as suas vidas. Mas, também, haveremos de perguntar sobre o fato de que o transitar pelas ruas se constitui ou não em um fator de risco para *as jovens*. Haveremos de perguntar que dinâmica está aí presente para que não atribuamos imediatamente o significado “de risco” a esse trânsito. .



As jovens parecem não precisar delimitar o seu espaço pelo uso da força. Suas ações estão mais voltadas para outras formas de socialização que se pautam pelos laços afetivos e não pela delimitação territorial.

Os jovens parecem querer delimitar o espaço e isto se constitui uma forma de afrontar, por exemplo, a ordem vigente ou os espaços que “pertencem” a outros jovens.

As jovens não são protagonistas desse tipo de violência gerada pelo uso do espaço, porque com elas acontece, na esfera das relações, a repetição de formas de violência relacionadas à casa e às relações afetivo-sexuais, sendo percebidas como “propriedades”, cuja “posse” faz com que os jovens tenham um domínio exacerbado sobre elas, podendo praticar uma violência que muitas vezes se esconde no ambiente doméstico. Assim, a violência contra as jovens pode não ser tão visualizada, mas existe, acontece e cada vez mais está embrenhada no fio das relações das jovens com seus parceiros, namorados etc.

Para que entendamos um fenômeno, como dizia Valsiner (2006, comunicação pessoal), precisamos entender não apenas o momento de sua explosão, de sua irrupção, mas o da normalidade, que envolve muitas vezes aquilo em que não prestamos a atenção.

Ou seja, para entender como e por que a violência contra as jovens acontece é necessário entender que antes, nos movimentos mais corriqueiros do estabelecimento de uma relação, a violência está presente no espaço privado e no âmbito das relações afetivas.

Quando a violência irrompe, ela é a expressão de um *continuum ascendente* de uma história que tem datas e fatos que tendem a se tornar “normais” e diante dos quais não percebemos a sua gravidade. Justamente por ser uma violência contínua e que se

atualiza em pequenos gestos e nos espaços das relações domésticas e afetivas é que a percepção mesma dessa violência torna-se difícil para quem dela é alvo.

A violência contra os jovens é facilmente perceptível, socialmente declarada. Já a violência contra as jovens é um fenômeno que se desenha e explode no campo do privado.

Teve um estuprador que pegou a minha ex- namorada lá em P., estuprou e ainda matou. E agora foi o marido de minha prima, namorado, que pegaram e mataram, porque ele era ladrão. Pegaram o irmão dele e ele e mataram, lá em P., no campo. A gente tava num candomblé: eu e ela e meu pai, e meu irmão e minha cunhada e o estuprador tava se escondendo e encarando pra ela. Quando deu doze horas, ela pegou foi embora, eu não quis ir com ela pra comer o caruru. Quando foi de manhã a gente só soube a notícia: ela foi morta. Quando fez um mês pegaram o estuprador e mataram, lá mesmo em P. Eu fiquei muito triste porque perdia a namorada boa e eu saía, gostava. Logo depois disso não deu mais vontade de namorar porque eu fiquei muito sentido e também minha sogra me prometeu que a filha dela ia crescer e ia dar pro meu irmão namorar. Meu irmão quase caçula. E agora ela tá crescendo e minha ex-sogra vem aí e pergunta por meu irmão. Depois disso eu não tive mais relação sexual com ninguém” (*A.S.O., 19 anos, sexo masculino*).

Essa descrição do jovem da lembrança de sua primeira experiência sexual e depois a morte de sua namorada é triste porque mostra como as jovens são vítimas de uma violência relacionadas ao aspecto sexual e relacional, e mostra os efeitos dessa violência na vida do jovem.

## **CICLO DE MORTES**

A violência dentro do contexto da favela parece um ciclo que tem uma continuidade ininterrupta porque vai ceifando as vidas, assim, numa constância impressionante – no relato acima, a jovem é assassinada, depois o estuprador é assassinado e o jovem vai contabilizando esses episódios de uma forma que eles se tornam parte de sua referência existencial.

Esse ciclo de violência parece estar presente na vida de alguns jovens que entrevistei, pois eles, em determinado momento, podem fazer, se quiserem, uma genealogia de quem matou quem e quem morreu depois, de uma forma muito concreta, como se fosse um ciclo de mortes, de certo modo previsível.

A idéia de ciclo de morte parece indicar como a violência entre os jovens e aquela perpetrada por agentes externos vai estabelecendo uma linha que continua no tempo.

O ciclo de morte deve ter alguma conseqüência psicológica ou mesmo relacional na vida do jovem. Seria uma perplexidade? Seria uma paralisia ou uma força letárgica, que impede a ação? É possível estabelecer uma genealogia (FOUCAULT, 1998) da violência e da morte dos jovens.

O ciclo de mortes é um fenômeno que se apresenta de forma recorrente quando analisamos os homicídios entre jovens em uma periferia.

Essas mortes vão somando-se numa sucessão cíclica, principalmente porque algumas delas acionam mecanismos de vingança, que, por sua vez, gera outras mortes.

Ainda existem os homicídios relacionados ao tráfico de drogas, quer pelas dívidas, quer pela manutenção dos territórios ou mesmo rixas e disputas internas.

Essas mortes vão impedindo a realização de histórias de vida que poderiam contribuir para o desenvolvimento local e social, mas isso não ocorre dada a prematuridade dos óbitos, que tendem a se tornar cada vez mais corriqueiros, com a intensa capilaridade do tráfico nas periferias de Salvador.

O ciclo de morte é uma espécie de moto-contínuo, de recorrência quando estudamos os homicídios entre os jovens e faz parte, neste sentido, das suas repercussões, pois há o elemento “vingança” presente nos crimes, assim como as disputas entre as gangues, como acentuam Kodato e Silva (2000).

Nesse universo simbólico, os adolescentes são colocados na linha de frente, não só do tráfico de varejo de entorpecentes, mas da guerra entre gangues, tanto assumindo crimes cometidos por maior imputável, quanto eles próprios cometendo o homicídio diretamente. Está em curso um processo de produção de morte de jovens, que necessita ser manietado em algum elo de sua cadeia, uma vez que apresenta uma tendência de franco e cíclico crescimento (p.514).

Existem características semelhantes, que se repetem em relação às trajetórias de jovens que são assassinados. Neste sentido vale assinalar essa semelhança também encontrada por Kodato e Silva (2000), que analisaram processos judiciais:

As histórias dos adolescentes vitimados, excetuando-se os casos de mortes por engano, aponta ainda para uma repetição de ocorrências, eventos premeditados. A leitura dos processos é uma repetição de fatos, uma produção em série: evolução do envolvimento da vítima com atos infracionais, apreensões pela polícia, passagem por instituições, presença do tráfico de entorpecentes, uso e porte de armamento pesado, matar e morrer (p.514).

É possível perceber que o ciclo de mortes de jovens faz parte de uma realidade que tende a se expandir com a intensificação do tráfico de drogas, aliado a outros fatores associados como apontaram os autores acima.

Em um bairro da periferia poderia fazer essa genealogia tendo como marco o ano de 1984 quando foram assassinados os primeiros marginais que habitavam a área, tudo porque além da memória dos fatos, tenho o registro de jornais da época que relatam os acontecimentos que depois começaram a se propalar no tempo, nos anos seguintes.

No Brasil, semelhante esforço pode ser percebido nos trabalhos de Zaluar (1985), Barcelos (2003), Bill e Athayde (2006), Bill, Athayde e Soares, (2005), pois eles tentam ir às origens de tais ciclos de violência, tráfico de drogas e morte em favelas brasileiras.

Numa perspectiva longitudinal, é preciso dar conta do ponto inicial que gerou a violência e as mortes que cada jovem da favela carrega nas suas recordações.

Tomando como exemplo outra situação que envolve as jovens, no caso, aquelas que ingressam na marginalidade indica um processo de crescimento rápido e que muitas vezes não é percebido pelas pessoas do ciclo de relacionamento das jovens.

É possível que a própria rapidez das transformações maturacionais nesta idade dificulte a percepção clara de que as meninas não são mais crianças e estão cada vez mais precocemente tendo contato com novas experiências, como as afetivas.

Pode não haver nenhum compartilhamento dessas experiências com outras pessoas e mesmo na família, o que favorece, muitas vezes, o envolvimento com os marginais, cujos recursos financeiros e simbólicos exercem certo fascínio e atração

sobre as meninas, como o respeito que elas adquirem ao namorá-los, ou mesmo a facilidade de ter dinheiro para pequenos gastos com bebidas e drogas.

Com a relação de dependência e submissão estabelecida no plano pessoal, que faz com que elas sejam identificadas com os marginais com os quais se relacionam, danos são trazidos às suas vidas, pois, na impossibilidade de perpetração de violência contra os marginais, são a elas que os outros marginais se dirigem. Então, o *continuum* de envolvimento das jovens na marginalidade é diferente do dos jovens e parece ter mais movimentos, que, genealogicamente, parecem seguir os seguintes passos – aqui nomeados “atos”, parte de um enredo que não é aleatório:

**1º ato: crescimento acelerado, saída da infância e assunção de novos papéis:**

Da infância para a adolescência os processos de desenvolvimento parecem se realizar de forma muito acentuada entre os 11 e os 16 anos, não sendo facilmente perceptíveis porque implicam mais uma experiência interna, subjetiva.

Muitas vezes elas já estão assumindo papéis não reconhecidos por outras pessoas. Assim, quem está acostumado a perceber o desenvolvimento de forma externa não consegue acompanhar as mudanças ocorridas com as jovens.

**2º ato: início das práticas sexuais e relacionamentos afetivos com jovens marginais.** Novos papéis se ligam ao início precoce das relações sexuais e do envolvimento afetivo com jovens marginais. Os relacionamentos afetivos indicam uma mudança nas relações das jovens com as pessoas e com o lugar, pois elas são associadas aos marginais. Essas mudanças são indicadas pela não possibilidade de envolver-se com outros jovens, por exemplo.

Parece haver um fascínio na percepção desse envolvimento afetivo. É como se eles indicassem uma forma mais arriscada e ao mesmo tempo mais protetora do que

outras relações, isso sem pensar que há também uma maior disponibilidade de recursos simbólicos (*status*) e financeiros.

**3º ato: envolvimento com os marginais e submissão a eles.** Neste momento em que há o envolvimento com os marginais aparece como característica o fato de que as jovens começam a se submeter a uma lógica de dominação e de cerceamento da liberdade, passando de certa maneira a ser propriedade de seus namorados, e essa lógica impede outros relacionamentos porque a jovem começa a ser analogicamente associada à figura do marginal, o que lhe traz riscos e mesmo “proteções”, que têm a característica de relacionar a jovem, também, às atitudes e práticas que esses jovens realizam.

Assim, se o jovem marginal é temido, a jovem, por um processo de analogia e correlação, também passa a ser temida e se torna uma *persona non gratta* na favela, de modo que ela pode ser vítima das práticas ilícitas do jovem marginal. Por exemplo, quando ele é perseguido e não é encontrado pode ocorrer que a jovem venha a ser vitimada porque está relacionada ao jovem marginal.

A submissão indica uma forma de relacionamento onde há uma postura marcada pela violência que coloca uma pessoa em uma relação assimétrica, em que há o poder e a força como características que oprimem a pessoa, sem espaço para a liberdade de ação.

Em relação ao gênero, esse tipo de relação se fez presente por muitos séculos no Brasil, dado o poder e o lugar do homem nas famílias patriarcais, traço ainda existente em todos os estratos sociais, mas que tem se modificado nas últimas décadas.

**4º ato: consumo de drogas e mudança de hábitos.** Assumindo as características dos jovens marginais as jovens começam a envolver-se em práticas realizadas por estes jovens, como a drogadição e a mudança de hábitos, pois, a partir do

envolvimento, há uma assunção de novos papéis inseridos na marginalidade que mudam ou reconfiguram os aspectos externos das jovens, que são identificadas com os marginais.

Uso de tatuagens e mesmo a frequência a espaços onde há o comércio e consumo de drogas como bares e “bocas”, indicam essas mudanças.

**5º ato: violências sofridas: estupros, espancamentos, no âmbito privado.** No âmbito privado ocorrem situações de violência sofridas pelas jovens e que não são denunciadas devido ao medo que está implicado na relação.

Muitas vezes há o conhecimento dessas formas de violência, como o estupro e os espancamentos aos quais às jovens são submetidas, mas, como no âmbito privado há uma espécie de silêncio e mesmo da não intervenção das pessoas externas à relação, a jovem não tem como se distanciar dessas violências, visto que o jovem marginal, a própria relação com ele, indica que há movimentos tanto de proteção quanto de riscos, que são assumidos pelas jovens.

**6º ato: violência externa: o homicídio.** O momento culminante dessa trajetória ou *continuum* de envolvimento das jovens com os marginais é o homicídio, como no caso emblemático dessas duas jovens que foram mortas por motivos de vingança em relação aos seus namorados que eram marginais e tinham uma rixa com os assassinos.

A descrição da morte é de uma crueldade impressionante, pois implicou em muito sofrimento físico, como a tortura e violência sexual, com o estupro.

E, por fim, com o assassinato, veio posteriormente a “desova” dos corpos em meio ao mar, com pedras no pescoço para que não fossem encontrados, fechando um ciclo de violência.



**7º ato: a morte, o esquecimento: nem uma foto.** Essas trajetórias são marcadas, posteriormente, pelo esquecimento, pois poucos indícios foram deixados pelas jovens. Aqui, no caso o fato de a mãe não ter nem uma foto da filha é emblemático e acentua o caráter de indigência em que se encontra uma jovem de periferia.

Não ter uma foto da própria filha parece ser um traço impressionante do abandono e do esquecimento, pois sem a fotografia um traço visível da memória se perde. Parece que os jovens e as jovens que estão inseridos em trajetórias de marginalização têm em comum essa característica de não deixar traços visíveis de sua presença no mundo.

Procurando recortes de jovens e mesmo fotos para essa pesquisa me deparei, muitas vezes, com uma falta de registros fotográficos e escritos sobre os casos analisados, falta que, pelo avesso, documenta um esquecimento, um não querer manter acesa a memória desses jovens, que é como se não tivessem existido.

**8º ato: saída da família do bairro.** Por fim, há uma saída do bairro, pois a mãe e a família não conseguem permanecer no lugar onde ocorreu o homicídio, porque o simples fato de habitar no mesmo bairro indica que não é possível conciliar a lembrança da filha assassinada e os assassinos que perambulam pelas ruas do bairro.

Então, a família precisa, para manter sua integridade física sair, de modo que a vida possa se restabelecer, após o homicídio.

Há também uma intensificação, uma sensação de vigilância dos passos da família, que, inconformada, pode querer denunciar o caso - o que geralmente não acontece por causa das represálias e do conhecimento que os marginais podem ter sobre

os intentos da família, pois eles têm acesso a informações privilegiadas, por meio de informantes do próprio bairro.

Assim, a família que permanece não tem mais liberdade de trânsito na área onde habita.

**Quadro 5: Síntese das trajetórias e repercussões do envolvimento das jovens com a marginalidade, em atos**

1º ato:	Crescimento acelerado, saída da infância e assunção de novos papéis.
2º ato:	Início das práticas sexuais e relacionamentos afetivos com jovens marginais.
3º ato:	Envolvimento com os marginais e submissão a eles.
4º ato:	Consumo de drogas e mudança de hábitos e vestimentas.
5º ato:	Violências sofridas: estupros, espancamentos, no âmbito privado.
6º ato:	Violência externa: o homicídio.
7º ato:	A morte, o esquecimento: nem uma foto.
8º ato:	Saída da família do bairro.

De modo semelhante aos jovens assassinados apresento a trajetória de algumas jovens vítimas do homicídio, onde podemos perceber algumas recorrências e ao mesmo tempo lacunas nesse *continuum*.

**Quadro 6: Trajetórias das jovens que se envolveram em trajetórias de marginalidade e posteriormente foram assassinadas**

	<b>Jovem 1(S)</b>	<b>Jovem 2(T)</b>	<b>Jovem 3 (M)</b>	<b>Jovem 4 (B)</b>
<b>Idade</b>	15 anos	16 anos	?	?
<b>Histórico da família</b>			Pessoas envolvidas com drogas e posse de armas	Pessoas envolvidas com drogas e posse de armas
<b>Escola, situação</b>	Abandono da Escola	Abandono da Escola	Abandono da Escola	Abandono da escola
<b>Armas</b>	Não possuía	Não possuía	Não possuía	Não possuía
<b>Assassinos</b>	Um grupo de quatro ou cinco jovens marginais. Homens	Um grupo de quatro ou cinco marginais. . Homens.	Jovem marginal. Homem.	Jovem marginal. Homem.
<b>Local do assassinato</b>	Um barraco nas Palafitas	Um barraco nas palafitas	Em frente à casa, na rua	Na pista, numa avenida
<b>Socorro</b>	Não houve	Não houve	?	?
<b>Companhias na hora da morte</b>	Da outra jovem assassinada	Da outra jovem assassinada	Sozinha	Sozinha
<b>Marginalização e contato com outros jovens</b>	Namorada de Um marginal	Namorada de um marginal	Envolvimento Com o tráfico	Envolvimento com o tráfico
<b>Tipo de arma</b>	Facas e revólver	Faca e Revólver	Revólver	Revólver
<b>Enterro</b>	Em cemitério, sem inscrições lapidares	Em cemitério, sem inscrições	Em cemitério, sem inscrições	Em cemitério, sem inscrições lapidares

		lapidares	lapidares	
--	--	-----------	-----------	--

A violência é percebida de formas diferentes. Uma das jovens entrevistadas afirmou ter sofrido uma forma de violência até então imperceptível para mim, mas definida por ela como violência verbal.

Violência? Só verbal... Porque as pessoas costumam dizer que eu sou uma pessoa que tiro onda, que sou metida, que não falo com ninguém. Então, isso atrapalha, né? porque jovem gosta de conversar, só que eu não gosto de conversar muito com pessoas da minha idade, gosto de conversar muito com pessoas maiores, com idade mais avançada, porque daí dá pra tirar várias coisas. E com pessoas da minha idade eu acho que eu não tiro nada, só por isso. Aí dizem que eu sou uma pessoa metida, que eu não falo com ninguém. Mas é que eu acho melhor andar sozinha (R.F.M., 18 anos, sexo feminino).

A violência verbal é um dado novo, pois, por causa das falas depreciativas dos outros, a jovem parece reduzir seu espaço de relacionamento com outros jovens, dado o seu temperamento.

Segundo a jovem esse tipo de violência, ou seja, ser depreciada pelas palavras dos outros, faz com que ela cada vez mais se restrinja a relacionamentos intergeracionais, com pessoas mais velhas, ao invés de se relacionar com outros jovens, seus coetâneos.

Interessante notar o poder da palavra e que o mau uso dela diante dos jovens possa provocar uma restrição dos seus espaços e das relações.

O verbo, a palavra, tem um poder que é percebido pela jovem como uma força à qual ela está atenta, especialmente com o que dizem sobre ela própria e tem o sentido de aprovar ou reprovar atitudes e modos de interagir com a realidade.

A palavra tem uma força que não percebemos – mas o jovem parece perceber e seguir, mesmo que isso se mostre como um fator que impede o desenvolvimento e as

habilidades relacionadas à socialização. O verbo, neste sentido, cria e também pode destruir possibilidades e habilidades.

A violência verbal à qual a jovem se remete pode ser percebida com a *fofoca* (ELIAS e SCOTSON, 2000) e sua força opressora se mostra na redução de uma habilidade que pode ser considerada importante no processo de desenvolvimento, porque coloca o sujeito com uma idéia acerca de si que contradiz o seu movimento “natural” no contexto, pois na juventude - e isso tem aparecido nas entrevistas - a pessoa tem a imperiosa necessidade de agregar-se a outros para estabelecer os parâmetros de comparação da sua vida.

É interessante esse dado porque a violência verbal, ao atrapalhar a aquisição de habilidades ao longo da socialização faz com que a jovem não procure pessoas da sua idade para conversar, privando-se assim de oportunidades de encontro com a diversidade e a homogeneidade, ou seja, com a partilha do universo de significados e as particularidades que estão presentes na juventude.

## Capítulo 6

### **O “vingador”: o jovem como perpetrador – e vítima - da violência de periferia em Salvador, Bahia**

Esta seção surge a partir de fatos relacionados à violência perpetrada entre jovens, onde aparece a figura do “vingador”, ou seja, um jovem que muda a sua trajetória para vingar a morte do jovem amigo assassinado.

Neste sentido, procuro descrever e analisar as características psicossociais de tal fenômeno, tomando por base fatos envolvendo o homicídio entre jovens. As reflexões aqui delineadas são construídas a partir da análise de diários de campo e recorte de notícias referentes a homicídios ocorridos na área de estudo.

#### **O “VINGADOR”**

Em alguns momentos desta pesquisa apareceu, enquanto reação de jovens amigos de outros jovens que foram assassinados, a perspectiva da vingança, enquanto movimento de realizar “justiça com as próprias mãos”, para que a morte do jovem não fique impune, o que é um fato recorrente.

É impressionante como a violência repercute na vida dos jovens “sobreviventes”. Ela atua com uma força muito evidente porque coloca os jovens diante de questões que são determinantes para o seu desenvolvimento.

A ação da violência pode provocar seqüelas e percepções que parecem, num primeiro momento, impedir a socialização e, posteriormente, provoca nos jovens e em suas famílias mudanças em suas trajetórias e nos seus projetos de vida.

O primeiro impacto, após a morte de um jovem da sua rede de relações ou ligado por vínculos de parentesco, parece atuar como um marcador de que há riscos iminentes no contexto, que os jovens não podem alterar.

A figura do “vingador” parece tomar corpo e se estruturar neste primeiro momento.

Há no jovem “sobrevivente” uma sombra de vingança, que é necessária para que se restabeleça, na sua percepção, uma ordem que foi quebrada, mesmo que isso implique uma sucessão de outras quebras no contexto da periferia com o ciclo que uma morte gera com as sucessivas mortes que virão.

Geralmente, após o assassinato de um jovem, o sentimento de revolta e inconformismo parece tomar conta daqueles jovens que fazem parte de sua rede de relações, pois diante do fato da morte parece não existir explicações e há uma percepção de que aquela morte deve ser reparada, ou vingada – e aqui surge a figura do “vingador”.

A figura do vingador é caracteristicamente a de um jovem, do sexo masculino, que possui ou adquiriu arma de fogo e que está na faixa etária entre a primeira e a segunda década de vida. Este jovem não se conforma diante da morte de um amigo ou parente jovem que foi assassinado.

O fato de ser jovem e do sexo masculino tem conseqüências, pois há uma relação entre violência e masculinidade, que é ocidental, mas mais forte no Brasil, e que favorece ou mesmo estimula que os conflitos sejam resolvidos com base no uso da força bruta, com armas de fogo ou agressões físicas, que ocorrem no espaço público, conforme detalho mais adiante.

Cecchetto (2004, p.37), analisa a violência e os estilos de masculinidade, indicando, inicialmente, que “há muitos lugares-comuns tentadoramente explicativos” e que precisam ser discutidos fora de “paradigmas essencialistas”, sendo o objetivo do seu estudo

(...) lançar mão de uma abordagem da violência masculina oposta à que se descreve como uma disposição natural (...). Trata-se de um estudo dos processos sociais no tempo e também da masculinidade como uma construção histórica e social. É exatamente esse o seu ponto de partida: entender a ligação entre o gênero masculino e a violência, afastando alguns argumentos que sustentam que tudo se entenderia pela pobreza (p.38).

Nolasco (2001) discute a questão da violência masculina em sociedades ocidentais e aponta que “a violência tem sido reconhecida durante muitos séculos como uma referência de masculinidade e foi usada como ferramenta por intermédio da qual o sujeito se sentia reconhecido como homem” (p.33).

Reveladora é a afirmação do autor a partir da perspectiva de que a violência tem características na sociedade contemporânea brasileira, que a aproximam da masculinidade, o que pode possibilitar o entendimento da questão envolvendo o homicídio entre jovens. Vale acompanhar a citação onde o autor levanta alguns aspectos que colocam no mesmo patamar a violência e a masculinidade:

A violência tem hoje na mídia um papel de destaque. Tanto através de campanhas públicas como de diversos tipos de mobilização popular ela



tornou-se um “ente” a ser exterminado. Ao analisar alguns dos dados disponíveis por fontes como IBGE, Ministério da Saúde ou da Justiça percebe-se que a violência não se restringe a uma classe social, raça ou idade. Mesmo que quantitativamente se evidencie em segmentos sociais mais desfavorecidos, a violência perpassa todos eles. Há nesses dados uma revelação interessante. São sempre os homens que definem as curvas e os registros de violência. Ao se elaborar uma tabela por sexo verifica-se que a violência não tem cor, idade ou classe social, mas tem sexo. Os homens têm uma expectativa de vida menor que as mulheres; respondem por cerca de 90% do contingente carcerário; morrem mais em acidentes de trânsito, ingestão de álcool e drogas; e cometem mais suicídios que as mulheres. (...) A violência não é um “ente”, ela é macho (NOLASCO, 2001, p.13) <sup>33</sup>.

Este capítulo tem por objetivo, portanto, analisar os processos sociais presentes na violência em relação aos homicídios entre jovens.

Com este fim, vai apontar as características, os processos e códigos estabelecidos nos homicídios, assim como uma tipificação dos desdobramentos destes, lançando mão da noção de “ciclo de mortes”.

A contextualização desse fenômeno ocorre em um tempo específico, na década de 2000, localizado em uma periferia de Salvador e as relações estão pautadas muitas vezes tendo o tráfico de drogas como pano de fundo, que tem chegado às periferias da cidade com organização e capilaridade nos últimos anos.

Não há, no entanto, o estabelecimento de uma relação causal entre violência e masculinidade, pois, segundo Cecchetto (2004, p. 38)

A violência masculina não é um dado universal. Varia de uma sociedade para outra, de um indivíduo para o outro, como mostram as pesquisas antropológicas que abordaram a masculinidade fora de paradigmas essencialistas: há masculinidades e masculinidades (...).

---

<sup>33</sup> De fato, a relação entre violência e masculinidade à qual aludo nesse texto é apresentada no livro de NOLASCO (2001), de uma forma interessante e contextualizada na história da sociedade ocidental, querendo indicar que o padrão masculino é determinado por fatores sociais e culturais que influenciaram a representação do homem a partir de elementos identificados pela sexualidade, virilidade, força e uso da violência.

Aqui a relação entre violência e masculinidade apareceu devido ao fato de as vítimas e os perpetradores serem do sexo masculino, em se tratando da figura do “vingador”.

Os autores são concordes em considerar que os dados existentes sobre violência estão relacionados ao sexo masculino Cecchetto (2004, p. 38), por exemplo, afirma que

Por isso é que talvez ninguém mais se surpreenda com o fato de que no Brasil e em outros países do mundo, mais de 80% dos atos considerados violentos – traumatismos, feridas, homicídios, resultantes de intervenções exteriores e brutais, intencionais ou acidentais – atinjam indivíduos do sexo masculino. Causa ainda menos espanto que, entre os homens, sejam os jovens cada vez mais as principais vítimas e agentes da violência.

Na análise da trajetória de um jovem apareceu que seu irmão sentia-se no “dever” de vingar-lhe a morte; outro também começou a inserir-se em uma trajetória de marginalidade para vingar a morte do amigo.

Parece que há uma impossibilidade de convivência destes jovens com o sentimento de impunidade e de injustiça, o que faz com que eles se mobilizem individualmente para ingressar nos espaços e nas redes de relações de outros jovens em trajetórias de marginalidade para assim, perpetrar a vingança.

Essa figura parece ser recorrente quanto estudamos violência, mas o fato novo está que essa vingança aparece entre os jovens dessa periferia.

A morte de um jovem aciona, nos outros jovens, muitos mecanismos, que vão desde a conformação e o medo até o sentimento de injustiça e a busca por vingança. Esse impacto causado pela morte do jovem tem uma duração, ou seja, um tempo no qual fica como evento que impacta a realidade cotidiana dos jovens. Parece que esse impacto, que pode ser visto tanto como paralisador, quanto motivador de reações pautadas pela vingança que se estabelecem imediatamente após o evento.

A tomada de decisão do jovem muitas vezes é marcada pelo precipitar da hora, na emergência da situação.

No caso do “vingador”, a decisão pode ser tomada ali, mas posteriormente é cultivada, pensada pacientemente, de modo que o jovem encontre estratégias para atingir o fim que almeja. Interessante notar que o impacto provocado pela morte aciona ações *in situ*, no momento do evento crítico, e *a posteriori*, demandando tempo e estratégias.

Isso quer indicar que os jovens da periferia são afetados pelo evento crítico e têm suas trajetórias modificadas, de uma forma ou de outra, por tal acontecimento, o que indica que os danos psicossociais causados podem ser de variadas formas identificados e percebidos pelas ações posteriores que alguns jovens vão tomar no decorrer de suas vidas.

Com isso, alguns começam a mudar as suas trajetórias de desenvolvimento, antes pautadas pela inserção em espaços de promoção da cultura, profissionalização e da escola, buscando outros caminhos de inserção, que possibilitassem a perpetração da vingança ao assassino do amigo.

Assim, a morte de um jovem pertencente à rede de relações de outros traz seqüelas e danos aos jovens sobreviventes, que podem ou não desenvolver mecanismos de atuação que vão do protagonismo ou à inserção em trajetórias de marginalidade, tudo isso com variadas gradações.

A partir desta etnografia podemos vislumbrar, por exemplo, que após morte do jovem C. (20 anos, sexo masculino) o seu primo foi se inserindo em trajetórias de marginalidade até que conseguiu vingá-lo, indicando que para atingir tal feito foi necessário um tempo e uma construção de estratégias de aproximação de um grupo de marginais que culminou com o homicídio.

Dentre muitos, este é um caminho possível de entendimento dos mecanismos acionados pelo homicídio primeiro, que gera, a partir daí, um desencadear de ações violentas, com muitas repercussões na vida dos jovens e de suas famílias.

A figura do “vingador” jovem, então se estabelece a partir da emergência da violência e da sua impunidade.

O “vingador” aparece aqui, assim, como um jovem da rede de relações do jovem assassinado, que, para vingar-lhe a morte vai se inserindo em uma trajetória de marginalização, que se inicia com o consumo de drogas e a aquisição de novas amizades com pares marcados pelo consumo de drogas, posse de armas e assaltos.

O “vingador” vai assimilando os modos e os costumes daquele que será o alvo de sua vingança. Se ele usa armas, o jovem também procurará possuí-las; se usar drogas, o jovem também o fará, e assim irá se integrando nesse contexto.

Essa assimilação é percebida com certa normalidade pelos jovens, e é como uma escolha que implica riscos. Por esse motivo, há uma conformação aos novos modos de vida até que se chegue ao objetivo último, isto é, a vingança. Mas entenda-se aqui que *conformação* não tem um sentido de apatia ou inatividade, mas de uma assimilação que vai sendo consciente e pacientemente estruturada até que aconteça a vingança.

Porém, quando a vingança acontece a trajetória do jovem muda radicalmente – e para sempre, pois ele será perseguido e morto, com conseqüências para a sua vida e a de seus familiares.

Uma das aquisições para perpetrar a vingança é a arma de fogo, que pode possibilitar a execução da vingança.

Essa aquisição pode ser feita através da compra (1), do empréstimo (2) ou do roubo (3), sendo que a arma de fogo é um objeto acessível para os jovens da periferia e em qualquer uma das três formas indicadas acima é possível adquiri-la.

### **Quadro 7: Características do “vingador”**

1. Jovem, do sexo masculino, com faixa etária entre a primeira e a segunda década de vida.
2. Tem um jovem de sua rede de relações que é assassinado.
3. Não consegue conviver com o sentimento de injustiça.
4. Inconformismo diante da morte de um jovem amigo ou parente.
5. Pertence à rede de relações do jovem assassinado.
6. Insere-se em uma trajetória de marginalidade.
7. Começa a abandonar práticas sociais pelas quais era reconhecido.
8. Assimila modos e costumes dos marginais.
9. Cria estratégias de aproximação com os marginais.
10. Adquire arma de fogo e/ou “branca” através de compra, empréstimo ou roubo.
11. Usa drogas.
12. Demora algum tempo até que possa realizar a vingança.

### **A FORÇA BRUTA NA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS**

Quando falamos de jovens inseridos em trajetórias de marginalidade, notamos que não há mais espaço, para a resolução de conflitos através de formas caracterizadas pelo diálogo e outras mais caracterizadas pela aceitação social. Com o uso de armas de fogo e outras armas, como as “brancas” o espaço de resolução dos conflitos se pauta pela expiação e pelo uso da força bruta, dentre outras formas.

O uso da força bruta parece, para eles, a única saída para solucionar seus conflitos e as dificuldades relacionais existentes. Diante de um assassinato, um homicídio, a teia de outros assassinatos vai seguindo uma linha que gera outros

assassinatos, que parecem não poder ser solucionados por outros meios que não sejam a força bruta, que implica sempre em danos à integridade física dos jovens. Diante da força bruta não há espaço para o diálogo ou outras formas de resolução de conflitos, o que gera, posteriormente, outras mortes.

O uso da arma de fogo é uma expressão da violência enquanto utilização de meios que dêem cabo à vida do jovem, sem que ele tenha possibilidade de se defender. Ao lado das armas de fogo, aparecem na resolução de conflitos as armas “brancas”, como as facas, que também são facilmente encontradas, embora sejam menos utilizadas haja vista a disponibilidades e efeitos mais imediatos das armas de fogo.

Outra forma de resolução dos conflitos está pautada pela intimidação dos jovens e de suas famílias, pois diante da impossibilidade de diálogo o uso da intimidação aparece como um recurso difundido e bastante utilizado pelos jovens.

A intimidação ocorre de forma que vão desde a explicitação, com ameaças e mostra de armas até aquelas mais veladas que são facilmente difundidas pelas pessoas da comunidade e que indicam que a família ou o jovem estão sob ameaça.

Como a *fofoca*, descrita por Elias e Scotson (2000<sup>34</sup>), esse mecanismo se mostra eficaz enquanto intimidação porque faz com que a família e o jovem sejam pressionados e tenham que se retirar do local onde vivem, ou restringir seus espaços de atuação, com medo de serem agredidos e assassinados. A forma velada de intimidação atua sub-repticiamente, provocando medo e instabilidade.

---

<sup>34</sup> No capítulo *Observações sobre a fofoca*, Elias e Scotson (2000, pp. 121ss.) mostram que a fofoca está baseada em crenças coletivas dos moradores e existem dois tipos delas: a fofoca depreciativa (*blame gossip*) e a fofoca elogiosa (*pride gossip*). Aqui chamo a atenção para o fato de que há similaridades entre essa fofoca depreciativa e a intimidação das famílias cujo jovem foi assassinado, pois as informações sob forma de intimidação vão sendo transmitidas pelos moradores até alcançarem a destinação dessas famílias, que sentem-se intimidadas. A analogia entre a fofoca depreciativa e essa fofoca intimidatória está no fato de que ela tem a função de silenciar e amedrontar as famílias. Já a fofoca depreciativa tem a função crivar uma imagem negativa das famílias.

**Quadro 8: Formas de resolução de conflitos na juventude inserida na marginalidade em uma periferia:**

1. Uso de armas de fogo.
2. Uso de armas “brancas”.
3. Uso da força bruta.
4. Intimidação dos jovens e seus familiares.

**AS MOTIVAÇÕES DO “VINGADOR”**

Muitas podem ser as motivações do vingador na periferia, porém muitas delas fazem parte do macro contexto e da cultura brasileira.

Há mudanças culturais, sociais e de valores, tanto no contexto geral, quanto na favela, que são o pano de fundo de onde surge a figura do “vingador”.

Na mentalidade comum, principalmente dos homens, há uma cultura que valoriza a força ao invés do diálogo e da comunicação. Assim, qualquer conflito, qualquer que seja sua proporção, tende a ser resolvido por meio de brigas e do uso da força bruta, gerando conseqüências e estabelecendo fronteiras entre os relacionamentos e as pessoas. Essa é uma característica atual da periferia, principalmente quando não há espaços comunitários ou institucionais que possam ordenar tais conflitos, como existiam há décadas passadas, quando as figuras de algumas personalidades ainda podiam intervir diante dos conflitos existentes entre as pessoas da periferia.

Ainda quanto a essas presenças, também não existem mais as figuras paterna e materna como aquelas que podem orientar os seus filhos diante de tais situações. Os

pais e as mães estão impotentes contra a força e o poderio (armado e drogado) de seus filhos.

O que era uma prática trazida nas duas primeiras décadas nessa periferia agora parece ter se perdido de uma vez por todas, porque, com as mudanças culturais mais estruturais, pais e mães perderam muito de sua função de cuidar e zelar pelo bom relacionamento dos filhos com as outras pessoas da comunidade.

Em referência aos aspectos de comunalidades existentes na formação de favela, podemos perceber que atualmente existem quebras de vínculos que eram constitutivos da vida local, como o “poder” que os pais exerciam sobre os filhos, ordenando e limitando aspectos da juventude que hoje não podem mais ser orientados, dadas as mudanças nas interações e na crescente autonomia dos jovens, o que representa, por um lado um fato de emancipação esperando, e, por outro, a perda das referências de autoridade.

Podemos perceber este fato com a pouca incidência que há entre os jovens da referência às gerações mais velhas, que antes orientavam, de certo modo, os vínculos e as próprias relações intergeracionais.

Com a crescente marginalização de jovens, as referências não são mais dadas pelas gerações anteriores, mas por estes jovens, com toda uma gama de conseqüências que disso advêm, como a violência e a não resolução dos problemas com base no diálogo e outras formas socialmente aceitas.

Essa “emancipação” dos jovens envolvidos em trajetórias de marginalidade – assim sem referências, faz com que os jovem tenham um “poder”, que antes era dos seus pais e agora lhes pertence, sendo que não sabem o que fazer com tanto “poder”.



Diante das armas de fogo e das drogas não há, neste sentido, uma intervenção concreta da família, que, quando muito, pode ser acionada para retirar o jovem da periferia diante de um risco à sua integridade física mais concreta – o que é o eterno retorno do desterro. Mas o jovem “vingador” parece incontrolável quando se insere na trajetória de marginalidade; é como se ele perdesse as referências anteriores e ainda assim parece não poder ser demovido do seu intuito. Ou seja, diante do seu intuito o “vingador” parece não levar em conta os riscos que pode estar trazendo para a sua família.

Neste sentido, as motivações do “vingador” parecem enraizar-se individual e subjetivamente, tornando-se de tal forma introspectivas, que se mostram imunes a interferência externa que o demova do seu intuito.

Parece que há o estabelecimento de um mundo interior e subjetivo que não é modificado pela ação externa, mas que pode ser influenciado por ela, principalmente quando falamos de questões do universo masculino brasileiro, que se ordena em torno de certas orientações e paradigmas relacionados à “honra”, ao sentimento de injustiça e impunidade, à “palavra”, à jura feita, ao “sangue”, a memória do morto, enfim, a alguns pontos que são emblemáticos da masculinidade, que se pautam pelo uso da força (ZALUAR, 2004; CECCHETTO, 2004).

Em vários exemplos da cultura nacional esses traços aparecem, podendo-se constatar diversas situações nas quais a violência parece ser o único caminho de resolução das contendas entre os homens, sendo esse um traço latino-americano, brasileiro, e, ainda mais, nordestino<sup>35</sup>.

---

<sup>35</sup> Por exemplo, no *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, há a figura do vingador. Há também, no Nordeste brasileiro, a figura dos cangaceiros, que disseminou uma espécie de cultura da vingança na década de 1930. Zaluar (2004, p. 389) também se refere a este fato quando diz que “Fazer justiça com as próprias mãos tem uma longa história no Brasil, especialmente nas entre famílias do Nordeste, de Minas Gerais e do Centro-Oeste, eternizadas em muitos romances marcantes da literatura nacional”.

Como se pode perceber a cultura, no sentido de uma cultura mais arcaica, ainda permanece e se atualiza no presente, de modo que os jovens não podem livrar-se e para serem reconhecidos enquanto pertencentes à cultura necessitam realizar tais “ações” que a cultura solicita. Temos aqui as múltiplas vozes, os significados culturais coletivos que constitui o campo no qual se desenham, em constante tensão, as trajetórias individuais (VALSINER, 2007).

### **Quadro 9: Motivações do “vingador”**

1. Honra.
2. Fama (estigma)
3. Sentimento de injustiça e impunidade
4. Palavra.
5. Jura feita.
6. Sangue.
7. Memória do morto.

A honra é uma característica da masculinidade que atravessa o Brasil desde a sua época colonial e pressupõe certa estrutura social onde um homem não pode ser desmoralizado perante os outros, porque ele guarda, segundo essa tradição coloquial e ancestral, motivos para se vingar.

Nessa lógica a palavra e a identidade desse homem não podem ser “atravessadas” e mesmo desdenhadas por outros homens, sob pena da morte.

Assim, para “preservar” essa identidade masculina o homem necessita vingar-se para manter seu *status* e sua identidade ilibada, no sentido de que mantém sua

masculinidade. Essa honra permanece, no entanto, como uma característica arcaica que ainda se torna visível no Brasil contemporâneo, em todos os níveis sociais e com suas manifestações presentes também na periferia.

Para o jovem “vingador” há uma motivação que se intensifica com o homicídio (vingança), que é a fama decorrente do seu ato, ou seja, ele passa a ser temido por seus pares e por outras pessoas da periferia, porque é identificado como um jovem que parece não temer nada e consegue cumprir a sua palavra até o fim, o que indica que ele é uma pessoa com a qual não pode haver litígios ou conflitos, sob pena de “pagar” com a vida.

A fama, aqui, também pode ser identificada com o estigma, no sentido de estabelecer algumas características identitárias que tornam o jovem percebido como um diferente e estranho, do qual deve ser mantida certa distância, criando uma “identidade deteriorada”, segundo a expressão de Goffman (1988), que aqui utilizo para nomear essa fama ou estigma adquirido pelo jovem quando este pratica o homicídio em virtude de uma vingança.

O sentimento de injustiça e impunidade, tão comuns na periferia, aparecem como motivações por seu caráter de descrença das estruturas sociais, mais ou menos como uma percepção de desalento que toma conta dos jovens, que faz com que eles se lancem na perspectiva da vingança.

Particularmente os jovens do sexo masculino “vão à forra<sup>36</sup>” no espaço urbano, ou seja, o seu inconformismo ganha as ruas e as estradas da periferia, de modo que querem realizar a vingança no espaço público. Esta é uma característica da masculinidade brasileira, cujos impasses muitas vezes são resolvidos por meio das

---

<sup>36</sup> Se vingam.

brigas nos espaços públicos, com o uso de armas de fogo ou armas “brancas”, de modo que não há espaço para outras perspectivas na resolução dos conflitos.

Com relação aos jovens, o sentimento de impunidade e de injustiça mostra-se com uma força tamanha que eles podem mudar suas trajetórias de desenvolvimento para fazerem tal “justiça”. Do mesmo modo, eles, independentemente do tempo e das circunstâncias seguem algumas determinações pessoais que os levam a praticar o homicídio daquele jovem ou mesmo de outros jovens ligados ao assassino de um jovem amigo.

Por este motivo, a “vingança” pode durar e esperar muito tempo, até que o jovem esteja inserido no contexto e nas redes onde estão inseridos os jovens ou o jovem que perpetrou tal violência.

A figura do jovem “vingador” tem uma paciência e uma orientação para a vingança, de modo que vai tecendo aos poucos sua inserção até que consiga atingir a sua “meta”, isto é, a sua vingança.

A palavra é uma realidade forte no imaginário popular porque antecipa situações e se coloca como uma espécie de explicitação da honra do jovem, que para levá-la a cabo necessita cumprir sua palavra, geralmente dita tal como uma seqüência num momento de dor, e que para ser levada a cabo pode ser cultivada interiormente até que se cumpra. Neste sentido, a palavra se junta à jura feita, que é a sentença que compõe a palavra. A jura feita é uma sentença que precisa ser cumprida, porque nela está contida a honra do jovem, e, por outro lado, do homem brasileiro.

De fato, no imaginário popular, a palavra tem uma força grande, principalmente quando é dita no momento de dor.

Parece que a palavra aciona forças misteriosas que atuam sobre a pessoa que a profere, como atua sobre a pessoa que foi objeto dela.

No caso do jovem “vingador”, a palavra assume a estatura de um compromisso dele com a memória do jovem assassinado, como se a sua paz fosse conquistada a partir desse compromisso selado com a palavra. No caso das mães de jovens assassinados a palavra assume a função de praga e de clamor por justiça, que será feita não pelas leis ordenadas pelo Estado de Direito, mas pela ação de outros jovens e marginais que selarão o destino daquele que tirou a vida de seu filho.

A palavra tem essa função de restaurar ou desagregar as coisas, pois em um primeiro momento parece que a justiça, assim entendida no sentido da perpetuação da violência seja uma safda, gerando novas vinganças e mortes, acarretando mais dor e danos psicossociais àquelas mortes já existentes. À falta do jovem assassinado, acrescentar-se-ão a de outras famílias que perderão seus filhos e jovens que perderão seus amigos e assim por diante.

Um fato intrigante é que a palavra aparece como uma “verdade” ou uma ação que vai ocorrer mais cedo ou mais tarde.

Tudo isso me remete, então, ao respeito que os filhos outrora – hoje um pouco menos – tinham das pragas que as mães, num momento de raiva, poderiam lhes rogar. As pragas<sup>37</sup> eram temidas por - e isso dado pela força da palavra - existir a crença de que se cumpriam sempre.

Quando a justiça falha a palavra parece ser a única e última consolação, por esse seu caráter de alento diante do desalento, de possibilidade de alguma certeza e

---

<sup>37</sup> “**PRAGA**. Rogativa imperiosa e ardente às potências sobrenaturais para que castiguem cruelmente o inimigo execrado. Voto de maldição em ato punitivo, executado por Deus, entre os cristãos, invocado nas fórmulas indispensáveis: “Permita Deus que... Deus há de ser servido que...”. Em Portugal e no Brasil a denominação inalterável é *praga*, que Meyer-Lübke afirmava provir de *chaga* (Êxodo, IX, 10-11) e *praguejar* seria “jurar pelas chagas de Cristo”, naturalmente provocando-as nos entes odiados. Para que dê resultado, a praga deve ser “rogada” nas “horas abertas”, meio-dia em pleno sol ou meia-noite nas trevas, tendo as mãos fechadas e os braços levantados para o céu. A praga dita por ocasião da missa, da Elevação, entre a hóstia e o cálice, será de efeito inevitável. Está mencionada nos arquivos da Inquisição de Toledo e Valência, em 1538. A praga fundamenta-se no poder da palavra, materializando quando representa” (Cascudo, 2001, pp. 527-8).

explicação diante da dor, ou de tentativa de explicação diante do inexplicável. Interessante notar que a palavra funda a identidade, assim como a diferença, o que nos permite afirmar que de fato a palavra tem o poder de criar imagens e símbolos que atuam cotidianamente.

Silva (2000) aponta que a lingüística define o que é a identidade e a diferença enquanto “criaturas da linguagem”:

Dizer, por sua vez, que identidade e diferença são resultado de atos de criação lingüística significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem. Isto parece uma obviedade. Mas, como tendemos a tomá-las como dadas, “fatos da vida”, com frequência esquecemos que identidade e a diferença têm que ser nomeadas. É apenas por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais (pp.76-7).

O autor também aponta que a diferença e a identidade são produzidas no mundo cultural e social, pois

(...) a identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e sócia. Somos nós que as fabricamos, no contexto das relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2000, p. 76).

A jura feita preserva a honra da pessoa, ou seja, se o sujeito cumprir a jura feita pela palavra sua honra estará preservada.

Mas a **jura feita** precisa de sua concretização através do sangue do “jurado”<sup>38</sup>. É importante salientar que a palavra, a jura feita, que antecipam ao vingança, são expressões do **desterro**, pois diante dessa antecipação da morte, as pessoas são obrigadas a sair do bairro, por temer pela própria vida. Quem foi jurado de morte já sabe que se permanecer no contexto será assassinado, sem chances de sobreviver, por isso a

---

<sup>38</sup> Marcado para morrer.

palavra relacionada à violência é uma expressão do desterro, que é internalizado pela pessoa, que perde, assim, a sua estabilidade psicossocial e territorial.

A figura do jovem “vingador” está ligada afetivamente à figura do jovem assassinado, ou seja, há uma memória da injustiça com a qual o jovem “vingador” não consegue conviver, ou convive com ela dolorosamente, e por isso, torna-se uma espécie de tarefa que ele parece determinado a cumprir em memória do jovem assassinado.

Essa memória do jovem amigo assassinado parece ser uma recorrência na experiência dos jovens dessa periferia, de modo que é possível estabelecer uma corrente que vai se encadeando numa sucessão de mortes, que pode durar muitos anos.

A memória parece se atualizar constantemente, ampliando as repercussões do homicídio, gerando impedimentos nas relações e orientando para um futuro cuja concretização se dá com o homicídio do assassino.

Quer por vínculos de amizade ou por vínculos de parentesco o jovem “vingador” está determinado a não deixar “impune” a morte do jovem amigo assassinado.

Essa situação se dá, no Brasil, e particularmente na Bahia, diante do alto índice de impunidade desses casos, pois a maioria não tem uma solução balizada pela lei, ou seja, há uma impunidade que permanece no imaginário coletivo, de modo que a “justiça” virá a ser praticada por pessoas da própria periferia, particularmente por jovens.

Esse sentimento de injustiça é um dos pontos do moto-contínuo da violência entre os pares jovens.

Lembro, por exemplo, que a mãe de um jovem assassinado não acreditava na lei para solucionar a morte do filho, e esperava que outro jovem assassinasse o algoz de seu rebento, o que aconteceu sete meses depois.

Este é um fato recorrente para os jovens que cometem um homicídio: em pouco tempo serão eles os próximos a serem assassinados, parecendo uma espécie de círculo vicioso, onde uma morte leva à outra, numa sucessão de crimes que são insolúveis.

Como o assassino geralmente é um par, um jovem, há uma possibilidade de permeabilidade e mudança de contextos e inserções, sem que isso seja visto como algo “anormal” ou diferente, haja vista que na periferia o trânsito por esses mundos parece estar delineado nos campos de possibilidades de todos os jovens, mesmo que essa mudança gere estigmatizações e mudanças efetivas nas redes de relacionamento.

Assim, o “vingador” vai assumindo as características do novo grupo escolhido e vai se moldando a este grupo, na perspectiva futura de perpetrar a vingança, através do homicídio.

Interessante notar que estamos falando aqui de jovens do sexo masculino que não se conformam diante do homicídio, mas que se colocam na perspectiva de uso da violência combater ou mesmo tentar solucionar um problema que não será solucionado e dará início a um “eterno retorno do desterro”.

## **GENEALOGIA, CONSEQÜÊNCIAS E DESDOBRAMENTO DO HOMICÍDIO**

Eis a genealogia do fato: “o jovem A assassinou o jovem B enquanto se drogavam em grupo. Mas o jovem A (o assassino) teve seu primo, o jovem C, assassinado pelo irmão do jovem B, o jovem D, há cerca de um ano atrás enquanto este andava com moto por uma área da periferia. O jovem B, por sua vez, assassinou o jovem E”.

Segundo informações de jovens da área, o assassinato ocorreu enquanto um grupo de jovens estava dividindo a cocaína que iriam cheirar. Por um desentendimento,



o jovem A assassinou o jovem B, com uma facada no pescoço. O motivo, disseram, foi uma vingança contra o jovem C, irmão do jovem B, que havia assassinado o jovem D, primo, do jovem A.

Aqui aparece outra vez que o homicídio ocorreu em um espaço comum entre os jovens – um bar -, onde dividiam a droga que iriam consumir. Isso quer indicar que, quando falamos de jovens inseridos em trajetórias de marginalização, não há uma organização específica, espacial ou mesmo de pertencimento, que indique os riscos aos quais eles mesmos estão expostos, pois em qualquer situação os mesmos podem ser surpreendidos pelo homicídio.

**Quadro 10: Genealogia e desdobramento dos homicídios<sup>39</sup>**

	<b>Jovem A</b>	<b>Jovem B</b>	<b>Jovem C</b>	<b>Jovem D</b>	<b>Jovem E</b>
	Capoeirista.	Traficante	Trabalhador possuía uma moto.	Consumidor de drogas	
<b>Homicídio</b>	Assassino do jovem B.  Primo do jovem C, assassinado pelo jovem D, irmão do Jovem B.	Assassinado pelo jovem A;  Assassino do jovem E.	Primo do jovem A, assassinado pelo jovem D.	Assassino do jovem C.	Assassinado pelo jovem B.
<b>Motivo do homicídio</b>	Vingança.	Assassinou o jovem E, para tomar a arma e a área do tráfico.	Estava na área do jovem D.com uma moto.		Armas e área do tráfico.
<b>Idade:</b>	23	22		25	19
<b>Lugar ocupado na rede de relações</b>	Amigo dos jovens B, C e D.	Amigo dos jovens A e E; irmão do jovem D.	Primo do jovem A	Irmão do jovem B.	Amigo do jovem B.
<b>Arma utilizada:</b>	Faca.	Possuía arma de fogo	Possuía arma de fogo	Possuía arma de fogo	Possuía arma de fogo
<b>Drogas utilizadas:</b>	Cocaína	Cocaína	Cocaína	Cocaína	Cocaína
<b>Desdobramentos do homicídio</b>	Perpetração do Assassinato e fuga (desterro)	Assassinado, morte.	Assassinato, morte.	Intimidação dos familiares do assassino do jovem B. Vingança.	Assassinado, morte.

Nessa genealogia encontramos uma seqüência de assassinatos – homicídios -, diante dos quais vinganças vão sendo geradas, a partir das quais as repercussões são

<sup>39</sup> Para efeito de melhor visualização e síntese as colunas em negrito indicam três jovens que foram assassinados e compõem, assim, certa estruturação dos desdobramentos que essas mortes tiveram, particularmente as vinganças às quais elas estão relacionadas, o que mostra a dinâmica e a continuidade da violência. Os quadros em branco mostram os jovens que continuam vivos e são os “vingadores. O Jovem A, que conseguiu assassinar o jovem B para atingir o jovem D, que agora procura vingar a morte de seu irmão, o Jovem B.

muitas, mas acentuadamente se encontra essa desestruturação das famílias e das vidas dos jovens que paulatinamente vão sendo assassinados.

As armas utilizadas são geralmente armas de fogo e em um caso aparece a arma “branca”, geralmente disponível nos espaços frequentados por esses jovens.

O fácil e difundido acesso a armas de fogo é um fato constante quando falamos do homicídio entre jovens, porque, primeiro, a arma traz certo *status* e, ao mesmo tempo, parece proteger os jovens, se torna um objeto de desejo diante dos pares marginais (e outras pessoas), que para consegui-las, têm que assassinar o portador. A arma de fogo tem um poder de destruição e que intimida a todos.

A cocaína aparece como a droga mais acessível e presente nos espaços cotidianos, dadas as facilidades no acesso e consumo por causa da grande quantidade de traficantes espalhados pela periferia, em ruas que à noite se transformam em “bocas”, pontos de venda, com alta rotatividade de consumidores, locais estes onde a entrada é permitida somente com o consentimento dos “donos” da rua, ou seja, territórios demarcados pelo tráfico, como que espaços privados dentro do espaço que deixa de ser público, devido à existência dos traficantes.

Os desdobramentos dessa rede de violência estão indicados aqui como aqueles que vão da perpetração do homicídio ao o sentimento de vingança e intimidação da família do jovem homicida.

A perpetração do homicídio demonstra um campo de interações baseadas pela violência, que se intensifica até que ocorre o evento crítico, diante do qual o jovem parece chegar a um ponto de onde não podem retornar diante de sua trajetória, que agora progride em relação a uma maior marginalização.

Depois de um evento como o homicídio, parece que a vida do jovem segue um *continuum* que o leva a perceber que ele próprio está em risco, porque há uma certeza de que será o próximo a ser assassinado, quer pelos seus próprios comparsas, quer pelos amigos do jovem assassinado.

Por isso a prática de um homicídio é um marcador que indica que o destino do jovem está “selado”, isto é, não há mais expectativas de vida para ele, e, se ele quiser sobreviver, tem que deixar urgentemente o bairro e retornar tempos depois ou não mais voltar, pois se voltar, mesmo que os comparsas do jovem assassinado estejam mortos, haverá outros que ainda guardam na memória o “feito” do jovem e ele será assassinado, dentro dessa concatenação de mortes que se sucedem.

Além disso, o jovem assassino não conta mais com a “confiança” dos outros, que o vêem sob a perspectiva da “fama” ou estigma e sabem que ele representa um risco para todos os outros, pela sua capacidade de matar e mesmo pelo poder de fogo que dispõe.

A morte aparece como o desdobramento mais crítico, porque nessa lógica vidas vão sendo destruídas, de modo que os jovens vão se tornando cada vez menos no espaço da periferia e mostra as muitas susceptibilidades às quais estão expostos, pois não poderão constituir-se enquanto parcela da população.

Com a morte eliminam-se possibilidades de iniciativa e protagonismo, ou mesmo de atuação no ambiente. É o fim de uma história que estava começando.

É como se a morte dos jovens colocasse um pano de silêncio sobre as trajetórias, indicando que alguns não poderão realizar a própria existência. Que os jovens morram por meio da violência é um indício de que a estrutura social e política não confere condições satisfatórias de exercício da cidadania e do acesso aos direitos constituídos.

No quadro 11 são indicados, por exemplo, a partir de três homicídios a gama de conseqüências trazidas por eles, o que indica que, enquanto problema de saúde pública, o fato é preocupante porque mostra que a violência está atuando com uma força e sistematicidade cotidianas, afetando, sobretudo, a vida dos jovens, mas também de suas famílias e do próprio bairro.

Parece existir um sentimento de vingança que se desencadeia com o assassinato de um jovem, e este vai ser materializado mais cedo ou mais tarde por seus comparsas, amigos ou parentes, que estarão em alerta para realizar a vingança.

Para levar a termo este sentimento de vingança os meios são muitos, mas o principal parece ser a intimidação da família do jovem assassino, através de ameaças e de “rondas”, indicando que os familiares poderão ser assassinados há qualquer momento. Essa intimidação, que faz parte do desterro, é internalizada pelos familiares, que têm que fugir às pressas, sem poder, por exemplo, levar os pertences que estavam na casa, para não sofrerem as conseqüências, fato recorrente quando falamos do desterro.

Por causa dessa “vingança” a família do assassino tem que se mudar às pressas do bairro, devido às ameaças e mesmo à vinda, de madrugada, de amigos do jovem assassinado que querem tornar refém a mãe do jovem assassino, para que ela indique o esconderijo do filho possibilitando assim perpetrar uma nova “vingança”, desta vez dando continuidade ao ciclo de violência iniciado.

Assim, nessas condições, acontece que a família tem que deixar a casa onde habitava e mudar-se para um lugar desconhecido a partir das ameaças sofridas.

A cena da fuga é uma experiência traumática, pois implica medo e sensação de insegurança, tendo que deixar para trás toda a história estabelecida ao longo de décadas dentro de um bairro.

### **Quadro 11: Conseqüências da vingança na família**

- |    |                           |
|----|---------------------------|
| 1. | Medo.                     |
| 2. | Fuga do bairro.           |
| 3. | Sentimento de insegurança |
| 4. | Desterro.                 |

### **O ETERNO RETORNO DO DESTERRO**

Em nossos estudos temos percebido que a repercussão do homicídio entre jovens recai sobre a família, que tem que sair do bairro, por não poder mais conviver com a perda dos filhos jovens (SANTOS, 2005a; SANTOS e BASTOS, 2005; SANTOS, 2007).

O eterno retorno do desterro é a explicitação de um fenômeno que começa a se repetir em uma continuidade de violência que vai se tornando corriqueira na periferia e que afeta a vida dos jovens, de suas famílias e de outras pessoas da área, que começam a perder os referenciais de vizinhança, devido à violência e suas conseqüências.

A saída da família dá-se de forma abrupta e ao mesmo tempo repercute nas redes de relações de toda uma rua, na qual as pessoas mantinham vínculos de vizinhança por décadas. Isso revela a perda de referenciais e de laços que eram constitutivos da vida dessas pessoas.

A saída abrupta do bairro afeta as relações também de outros moradores antigos, provocando rupturas e a introdução do medo nas relações. Ao mesmo tempo, a solidariedade se apresenta quando da ajuda de outros moradores para que a família nada sofra e possa ir embora. Por outro lado, a presença dos marginais na madrugada já indicava que todos ali estavam reféns do medo e da vulnerabilidade à qual estavam

expostos devido ao uso de armas de grosso calibre pelos jovens que queriam vingar o assassinato do jovem B.

Tudo leva a crer que nessa busca ao assassino qualquer pessoa pode ser vitimada, o que gera instabilidade e medo aos outros moradores, de forma que a estrutura da rua é modificada pelo homicídio.

E assim o eterno retorno do desterro ocorre mais uma vez: retirando pessoas do lugar, provocando silêncios, alternando sensações de insegurança e medo, tudo isso mostrando que, mesmo a família não tendo nenhum envolvimento com essa situação provocada pelo filho, é afetada e tem que retirar-se do local onde habita devido ao medo e ao risco de morte.

## **O JOVEM PERPETRADOR DA VIOLÊNCIA NA PERIFERIA**

O jovem assume o papel de perpetrador da violência quando se sente também ameaçado por outras pessoas que podem assassiná-lo ou mesmo denunciar suas práticas ilícitas no âmbito da periferia.

Quando isso ocorre os jovens passam a perseguir e chegam a praticar o homicídio de pessoas mais velhas, com tiros na nuca.

O fato de ser baleado na nuca indica que o crime tinha o objetivo de “queima de arquivo<sup>40</sup>”, ou seja, típica prática de quem quer eliminar o outro, sem chances de sobrevivência da vítima.

---

<sup>40</sup> Significa assassinar alguém que sabe demais.

A “queima de arquivo” ocorre quando os jovens não praticam o latrocínio e têm o intuito de praticar o homicídio, tendo por objetivo o extermínio da pessoa.

Os grupos de extermínio utilizam a mesma prática, sendo que o fazem em locais geralmente fora da área onde habita o jovem.

Neste caso, nenhuma das pessoas que presenciaram o crime falou sobre o ocorrido, instalando-se a lei do silêncio, que é um “acordo velado” que indica que o medo sobrepõe-se à denúncia, pois quem denunciar ou comentar o que viu pode fazer parte do desencadeamento dessa morte, tornando-se vítima (CORREIO DA BAHIA, 2007).



## PARTE 3:

# O HOMICÍDIO ENTRE JOVENS: CÓDIGOS, PASSAGENS, REPERCUSSÕES

*“- Essa arvore é uma “boca de fumo!”  
- Não, eu só vejo uma árvore!  
Mas é uma “boca de fumo!””*

(Diálogo com B., 20 anos, em 25/08/08.  
Diários de campo do autor)

## Capítulo 7

# Genealogia, estigmas, trajetórias e *continuum* de marginalização dos jovens

### INTRODUÇÃO

Quando um jovem da periferia começa a se envolver em situações caracterizadas pela marginalidade, como, por exemplo, o uso de drogas, há uma série de fatores, inclusive no âmbito relacional, que começam a se constituir em torno dele, e que podem levá-lo a ser excluído do contexto social do qual faz parte. Alguns fatores são personalizados pelo jovem a partir da visão dos moradores da periferia: os estigmas, a trajetória e o *continuum* de marginalização dos jovens. Este capítulo procura aprofundar esses fatores, assim como analisar essa genealogia da marginalidade.

### *CONTINUUM DE MARGINALIZAÇÃO DOS JOVENS*

Há um *continuum* que leva os jovens ao óbito, com a entrada em trajetórias de marginalidade.

Tomemos como marco inicial um evento crítico, que reconfigura os movimentos que os jovens fazem no seu contexto de desenvolvimento e evidenciam aspectos de *letargia social*. Essa letargia é uma espécie de inatividade no contexto, dada pelo não desenvolvimento de habilidades e de expressão, que aparece particularmente com a

eclosão da violência e mostra-se em suas repercussões, identificadas como *desterro* e sua internalização.

A idéia de *continuum* pode ajudar a esclarecer a dinâmica do contexto, perceptível aos adultos, mas não necessariamente ao olhar do jovem, para o qual o não fazer significa um fazer. A trajetória de marginalidade é mais ampla que as trajetórias dos jovens assassinados, e é importante considerar esse *continuum* ao longo do qual se constrói.

Nascimento (2000) identifica a juventude brasileira como novo alvo da exclusão social e aponta alguns desafios para a superação deste quadro:

os jovens, como espelho dessa sociedade, são assaltados por inúmeros problemas, desafios e incertezas, alguns antigos e outros novos: a pobreza e a desigualdade social; as crescentes dificuldades quanto à inserção no mundo do trabalho; os problemas da escolarização e da qualificação profissional; a expansão da delinquência e da droga; a precariedade dos espaços de lazer e esporte; a perda da confiança na efetividade do sistema jurídico; o descrédito nas instituições públicas; o desprezo pelos políticos e seus partidos; o desinteresse pela vida política e a participação pública. Esses dilemas se resumem na falta de perspectivas e projetos para o futuro (p.129).

Um dado que emergiu neste estudo é que o jovem que está inserido em uma trajetória de marginalidade parece não levar em conta uma perspectiva, uma idéia de projeto de vida, como sublinha o autor. Isso aponta para o fato de que a emergência e a dinâmica cotidiana passam por uma estrutura que coloca o jovem em uma dimensão temporal recortada e específica, situada no aqui e agora das relações.

Isso pode explicar, por exemplo, como um jovem que até pouco tempo estava inserido socialmente se lance em uma trajetória de marginalidade, como se não tivesse em sua trajetória referências anteriores de autoridade e mesmo de suporte e apoio.

Ao que parece, nessa etapa da vida é mais forte uma dimensão de hedonismo, ou seja, a capacidade de viver o hoje, o aqui-agora das situações, pode se apresentar com



Diante do evento crítico da violência, esses mecanismos se evidenciam e é possível identificar as dinâmicas de uma forma mais ampliada. O evento crítico faz irromper forças e percepções que estariam hermeticamente condensadas na profusão do real. O evento crítico, então, pode nos fazer perceber o *continuum*, a partir de sua irrupção.

Recorrências nestas trajetórias estão relacionadas ao encontro com outras formas de protagonismo, não aceitas socialmente e nas quais os jovens se integram, por fascínio ou por uma visão que une as polaridades do risco e da aventura. Tais polaridades, contudo, não se configuram como uma escolha, pois os jovens se envolvem paulatinamente e quando vêm, ou quando os vemos, já estão estigmatizados pelas pessoas da periferia.

Na periferia, o uso de qualquer droga, como a maconha, o *crack* ou a cocaína, está relacionado à marginalidade e à mudança de trajetória. O consumo cria um estigma que se relaciona à exclusão e à posse de armas, como se fizessem parte de um *continuum* de exclusão e desterritorialização. A estigmatização muda o modo de vestir, a forma de se comportar e a forma de utilizar o espaço da periferia.

Os jovens começam a aderir aos modelos de outros jovens inseridos na marginalidade: roupas, gírias, lugares que frequenta, bares e horários em que bebe, geralmente à noite, bicos e lugares perigosos, de acesso restrito (FEFFERMANN, 2006; SANTOS, 2005a).

Devido ao estigma, esses jovens provocam nas outras pessoas uma sensação de insegurança e medo, relacionados à posse de armas de fogo. Com isso, o jovem estigmatizado torna-se uma espécie de *persona non grata* na favela, e, no desejo latente dos outros, ele deve ser exterminado para que não traga riscos a essas pessoas.

As pessoas não sabem lidar com o jovem que é diferente e traz “riscos” aos outros. No imaginário coletivo, o consumo e o tráfico de drogas acarretam mudanças nas relações: valores e elementos de sociabilidade são quebrados, o que é percebido como perda do respeito ou outros referenciais aos quais estes jovens pertenciam.

As pessoas esperam e se antecipam ao fim dos jovens; já sabem o que vai acontecer a eles após a entrada na marginalidade e passivamente esperam que se cumpra o “oráculo”. Essa antecipação da trajetória, a partir de alguns elementos ou indícios presentes no cotidiano do jovem, pode permitir o mapeamento de trajetórias de marginalização que, identificadas no seu ponto de virada, podem permitir uma ação preventiva.

## **A MARGINALIDADE**

A nossa discussão se inicia a partir da expressão “marginal”. O que ela significa quando é dirigida a jovens que ingressam nos caminhos da delinquência e da criminalidade, ou mesmo aqueles que habitam as favelas do Brasil contemporâneo?

Neste estudo, aparece recorrentemente a figura do marginal, ora também denominado de vagabundo (BAUMAN, 1999). Para melhor identificá-la discutiremos esse constructo a partir de Feffermann (2006) e Schmitt (1988).

A condição da marginalidade introduz pontos de suspensão para as pessoas que habitam a periferia, porque nela está o inesperado, o disruptivo, trazendo desconfiança e uma espécie de instabilidade ao contexto, na medida em que o marginal é comumente vista como um enigma, algo que foge à norma social, mesmo sendo criado pela sociedade.

Feffermann (2006) assim descreve os marginais:

A marginalidade é a condição na qual se pode observar pontos de ruptura. Trata-se de analisar a marginalidade não como uma manifestação psicopatológica, uma anomia, mas como uma manifestação do processo de desestrutura dos modelos sociais, nas suas tentativas, mesmo que não patentes, de encontrar respostas às mudanças nas condições sociais e materiais.

Toda sociedade, em qualquer tempo, engendra seus marginais, o que, de certa forma, lhe é indispensável para subsistir – e embora eles constituam perigo para a sociedade, à medida que recusam valores em torno dos quais se estabelece o consenso social, são imprescindíveis para que a sociedade se mantenha. Essa condição de marginal é execrada pela sociedade, no entanto, trata-se de obter de forma incessante a homogeneidade, e mantém-se uma aparência de segurança capaz de garanti-la (p.33).

Esse perigo aludido pela autora faz com que os jovens inseridos em trajetórias de marginalidade sejam discriminados e tenham, do ponto de vista dos outros - porque os marginais existem como que em oposição aos não marginais, isto é, aqueles que poderíamos chamar de estabelecidos - um destino que deve se cumprir como um veredicto sobre as suas vida, como que uma “sentença de morte” anunciada, mesmo que o sujeito não atue nas muitas possibilidades existentes *na* marginalidade.

A trajetória de marginalidade possui um *continuum*, que vai desde a assunção de novos papéis, do envolvimento com outros marginais, uso de drogas, posse de armas, prática de pequenos delitos até o homicídio. Nesse sentido, é possível indicar que a marginalidade não é um todo homogêneo, mas possui graus de atuação do sujeito nessa trajetória. A condição marginal supõe gradações que é necessário indicar porque existem jovens que são marginais e não praticam delitos, assim como existem aqueles que praticam; há jovens marginais que possuem armas de fogo, outros, não.

Então, é preciso identificar qual o grau de marginalidade o sujeito apresenta e isso pode indicar possíveis vias de intervenção, pois como um dos indícios da

marginalidade, no senso comum, é a falta do que fazer, ou seja, o trabalho, este fator pode empurrar o sujeito para formas de atuação que sejam pautadas pelo ilícito, e aqui o tráfico cumpre esse papel às avessas ao favorecer uma atuação, mesmo que de uma forma não aceita socialmente.

O enquadramento social do marginal pelo trabalho é um valor que deve ser discutido, porque há na juventude um movimento de liberdade e trânsito que muitas vezes entra em choque com determinadas com uma rota de ação socialmente reconhecida e esperada – mas não pelo jovem.

Neste sentido, Maffesoli (2004), em seu estilo cáustico e provocador, reconhece esse hedonismo característico da juventude da pós-modernidade:

Temos, então, algo para o qual chamo a atenção há algumas décadas, algo que hoje se torna uma realidade incontornável: o trabalho não é mais o valor essencial. É bem verdade que o desemprego muitas vezes é encarado como uma desgraça. Mas muitos jovens nem por isto chegam a desejar um emprego estável. Pelo contrário, vão-se adaptando ao vaivém trabalho-desemprego, a contratos precários seguidos de períodos de seguro-desemprego. Resumindo: tudo, menos uma carteira de empregado com salário mínimo ou funcionário dos Correios. O trabalho, vale lembrar, era o instrumento privilegiado da ação sobre si mesmo e sobre o mundo, e isto para alcançar o “bem”, a perfeição futura. O trabalho era causa e efeito do *homo oeconomicus*, de um indivíduo reduzido à produção e que tinha o produtivismo como ideologia por excelência (pp.14-5).

Nesse quadro, pode-se situar o porque de alguns jovens que tinham trabalho estável, quando perdem esse trabalho não se preocuparem tanto com a possibilidade de voltar a trabalhar e se inserirem em trajetórias de marginalidade por uma opção - como o caso do jovem J. (*19 anos, sexo masculino*) que tinha trabalho estável, amizades, viagens etc. e depois se envolveu no tráfico e foi como se esse “mundo anterior” não fizesse mais parte de sua vida, valendo simplesmente a experiência vivida no presente.



Ou seja, há fatores presentes na marginalidade que não são tão somente sociológicos, mas estão nas esferas subjetivas do sujeito, que está inserido em um contexto ao qual responde, não somente na esfera local e global, mas no plano da mentalidade pós-moderna.

Mas o fator mais grave é que os marginais são excluídos da possibilidade de pertencer ao contexto; eles pertencem, mas de uma maneira relativa e transitória, percorrendo caminhos indicados pelas margens, sem pouso, movimentando-se, como os *encantados* que estão nas matas, nos mares, assombrando os transeuntes que também se movimentam (BAUMAN, 1999; MAFFESOLI, 2001), mas dentro de um contexto estabelecido e reconhecido como positivo socialmente.

Os encantados são entidades que vagam pelas matas, como o Caapora, o Curupira e o Saci-Pererê, que perseguem as pessoas que atravessam seu território.

É interessante notar que uma metáfora que nomina os marginais e usuários de drogas é “sacizeiro”, ou seja, aquele que utiliza a pedra do *crack* em um cachimbo, alusão à figura do Saci-Pererê que anda com um cachimbo nas mãos.

Indomáveis e misteriosas, essas entidades provocam medos e, para barganhar a entrada em seus territórios, é necessário depositar em pequenos tocos de árvore, na entrada das matas, um pequeno pedaço de fumo de corda e um pouco de cachaça. Se isso for feito o transeunte terá paz em seu caminho pelas matas. Caso não o faça será perseguido.

São muito comuns as histórias sobre essas entidades em áreas suburbanas por causa da proximidade com as matas de que há algumas décadas eram mais densas e despovoadas do que na atualidade. Mas o interessante da metáfora do saci-marginal é que, em algumas ocasiões, o saci adquire as características sorrateiras, brincalhonas e

dionisíacas, do *daimon*, ou seja, do demônio, que são, por natureza, incontrolláveis, não respeitando os códigos se o transeunte ultrapassar os dele.

Estar “no saci”<sup>41</sup> seria na gíria corrente estar dopado, drogado, embriagado, particularmente pelo fato da sensação de inquietude provocada pelo uso de drogas. Na nomeação do “sacizeiro”, há também a alusão à dependência, ao “viciado” como o que não pode ficar sem o uso da substância.

As semelhanças entre o Saci e o viciado da favela se entrecruzam numa junção de significados que podem estar relacionados ao fato das representações do *Saci Pererê* mostrarem-no sempre fumando um cachimbo aceso, talvez sendo dessa referência a aproximação mais explícita entre as duas figuras. Porque o drogado anda pelas ruas procurando confusão e o mesmo é encontrado muitas vezes se drogando durante o dia.

Feffermann (2006) também apresenta uma reflexão que se relaciona diretamente com o distanciamento criado em relação aos marginais. Há uma necessidade de enquadramento e homogeneidade que é partilhada pelas pessoas e cuja gênese está em fatores presentes na sociedade global.

---

<sup>41</sup> Saci-Pererê, Matintaperê ou simplesmente Saci é uma figura mitológica do folclore brasileiro amplamente conhecida após a divulgação do livro e da série televisiva *O Sítio do Pica-pau Amarelo*, de Monteiro Lobato. O Saci-Pererê é representado por um jovem negro, de uma perna só, usando um gorro vermelho na cabeça e fumando, o tempo inteiro, um cachimbo. Assim ele é definido por Cascudo (2001): **Saci**. Negrinho com uma só perna, carapuça vermelha na cabeça, que o faz encantado, ágil, astuto. O Saci-Pererê usa barretinho encarnado, carapuça vermelha que dá os poderes milagrosos que possui. Se alguém lhe arrebatou a carapuça, o Saci dará montões de ouro para reaver o chapeuzinho. (...) Amigo de fumar cachimbos, de entrançar as crinas dos animais, depois de extenuá-los em correrias, durante a noite, anuncia-se pelo assobio persistente e misterioso, não-localizável e assombrador. Não atravessa água, como todos os *encantados*. Diverte-se criando dificuldades domésticas, apagando o fogo, queimando alimentos, espantando gado, espavorindo os viajantes nos caminhos solitários. (...) É conhecido também como Matitapereira, Maty, Saci-Pererê (p.610). Um traço do Saci-Pererê é que ele apronta mil diabruras todo o tempo e não pára quieto em um lugar. Corre na gíria atual dos adolescentes e jovens o fato de denominar de “Saci” um estado de embriaguez proporcionado pelo uso de drogas como a cocaína, o *crack* ou a maconha.

O discurso dos marginais e, especialmente na sociedade capitalista, o discurso sobre os marginais revela o consenso e as preocupações da sociedade global. Na sociedade atual, busca-se a produção do pensamento único que é orientada pela lógica formal, a qual oferece um modo de entendimento do mundo. A necessária condição de homogeneidade determina que a sociedade segregue seus marginais e disponha de meios para controlá-los, transformando-os muitas vezes em enfermos legais. Os adeptos de sistemas totalitários sonham com uma pílula para ajustar toxicômanos e outros desviantes (p.33).

Schmitt (1988) apresenta a história da marginalidade durante os séculos, como um fenômeno recorrente, que faz parte das culturas. Uma compreensão próxima é trazida por Espinheira (2004, p. 65), como se pode ver na citação a seguir:

A vida na marginalidade faz do bandido um símbolo. Aquele que opera na economia e na ecologia do crime necessita de uma imagem que o modela e é através dela que se representa socialmente. Neste sentido se pode falar em uma cultura do crime e esta não é à parte, nem está desintegrada da cultura mais geral, ou se quisermos da cultura conforme às normas ou às leis. O submundo do crime não é um outro lado da sociedade, mas uma de suas formas de expressão e, mesmo, de resistência.

## **GENEALOGIA, ESTIGMAS E TRAJETÓRIAS DA MARGINALIDADE**

A genealogia pode ser um instrumento importante para o entendimento de suas trajetórias e do desenvolvimento da exclusão que os levou à morte. Uma genealogia pressupõe condicionantes e estruturas de relações – dentre elas o encontro e a pertença – que podem favorecer o entendimento do fato.

Genealogia é um aspecto da trajetória. É a origem, a *arkhé*, o ponto de partida de um fato, - aqui, quando ocorre que um jovem começa a usar drogas. É o ponto de partida de uma trajetória. É um mistério, com seus condicionantes.

Há limiares da marginalidade que podem ser identificados pelas freqüentes inserções e saídas, o que não indica ainda uma inserção mais pontual. Desse modo, pela genealogia é possível antecipar ou prever o homicídio e pode ser observada quando analisamos as trajetórias dos jovens assassinados. A genealogia da marginalidade que culmina com o homicídio pode ser analisada sob a perspectiva de Kodato e Silva (2000), quando afirmam que

a exposição aos estímulos e oportunidades de pequenos delitos e de envolvimento com o comércio das drogas parece ainda vinculada também à constituição familiar, ou melhor, à rede de apoio dos adolescentes, em especial, à ausência de figuras que possam exercer um papel de apoio e proteção à vulnerabilidade e ao risco. Na maioria dos casos o envolvimento com o tráfico inicia-se num momento da vida onde a introdução ao mundo adulto apresenta-se de forma bastante contraditória (p.512).

Diversos são os fatores presentes na genealogia da marginalidade e um deles, e talvez, o mais presente seja esse envolvimento com o tráfico de drogas; depois, essa falta de referências de autoridade, assim como a estrutura familiar que não comporta as demandas do jovem, que está em um período de descobertas das novas funções e papéis que o mundo adulto solicita.

Diante da situação vulnerável da juventude, dada a exposição a estímulos que indicam riscos para a sua integridade, pode ocorrer o momento crucial, a genealogia da marginalidade.

De fato, muitas são as solicitações do contexto e da mídia, para que o jovem se insira em uma trajetória de marginalização como apontam os referidos autores:

Numa predestinação ao ilícito, a extrema pobreza e a falta de oportunidades empurram o adolescente para a marginalidade e a criminalidade, ao mesmo tempo em que ele é ideologicamente capturado pelos sonhos de consumo e grandeza, veiculados pela mídia e valorizados socialmente como símbolo de felicidade e sucesso (KODATO e SILVA, 2000, p.512).

Interessante notar que um dos jovens entrevistados nessa pesquisa pontualmente identificou que a “ambição”, ou a necessidade de “ter as coisas” podia empurrar os jovens para trajetórias de marginalidade. Assim, as pressões econômicas dadas pelo consumo veiculado na mídia tem um forte poder na percepção do jovem, que busca integrar-se mesmo na exclusão.

Nesse sentido, ter uma roupa “de marca”, aceita como “moeda de troca” na sociedade de consumo que permite o trânsito e a admiração torna-se objeto desse desejo e da necessidade dos jovens, que, na impossibilidade de obter recursos de forma lícita para tal embrenham-se em situações como o tráfico e pequenos delitos.

O consumo de drogas constitui-se assim em uma das principais portas de entrada para os atos infracionais e para o tráfico. Adolescentes pobres dependentes passam a praticar pequenos delitos para pagar dívidas assumidas com o uso de substâncias entorpecentes. Aos poucos assumem “bronca” de traficantes maiores, inserindo-se assim numa rede de conflitos e disputa de mercados. Dentro dessa dinâmica de vida comercial ilícita, de economia de troca conturbada, de intenso porte de armas, no convívio inter-grupal, é inviável que os pequenos desacordos não sejam resolvidos de forma violenta, intensificando-se até as últimas conseqüências (KODATO e SILVA, 2000, pp.512-3).

Mas a genealogia, teoricamente, encontra em Foucault (1998) o seu principal teórico e articulador, de onde tomamos o conceito, querendo indicar um momento inicial, um ponto de virada na vida do jovem, que tem nuances que são complexas, como por exemplo, os limiares da marginalidade que podem implicar em entradas e saídas esporádicas em práticas delituosas ou marginais, mostrando que o

jovem ainda, nesse momento, pertence a dois universos simbólicos, um pautado pela inserção social e outro pela marginalidade.

Em um determinado momento ocorre essa inserção na marginalidade como um ponto de virada na trajetória do jovem, trazendo à tona mudanças na forma de o jovem atuar e ser percebido no contexto da periferia – comumente passando a ser acompanhado pelo estigma de marginal.

Essas dívidas com o tráfico se tornaram um dos principais motivos dos homicídios entre jovens. A dívida aparece como um demarcador de morte, porque, para toda relação de consumo do tráfico, existe um gerenciamento. Os vendedores devem satisfações a um chefe que, por causa da quebra do ciclo do tráfico, não tergiversa em determinar que aquele jovem que tenha uma dívida com os repassadores seja assassinado como forma de “honrar” a dívida estabelecida.

Diante das dívidas, os jovens consumidores ingressam, muitas vezes, em outro aspecto da marginalidade, que é a prática de pequenos delitos em casa ou na rua, ou mesmo em outras cidades onde há festas - como as *micaretas*<sup>42</sup> - para poderem pagar suas dívidas com o tráfico. As dívidas com os traficantes se constituem em uma das maiores preocupações para as famílias dos jovens, pois diante dela a resolução da dívida vai ocorrer não mais mediante o pagamento em dinheiro, mas pela própria vida do jovem devedor.

Muitas vezes as famílias não conseguem perceber o momento no qual os seus filhos ingressaram em trajetórias de marginalidade e isso corre geralmente com as

---

<sup>42</sup> **Micareta.** Festa de carnaval que se realiza depois da Páscoa (a partir de abril) em várias cidades do interior da Bahia. As mais tradicionais do estado são as de Vitória da Conquista, Feira de Santana, Santo Antonio de Jesus e Itajuípe. Com nomes diversos, porém com o mesmo sentido de folia carnavalesca fora de época, já ocorrem em outras cidades do Nordeste, como Aracaju (Preá-caju), Fortaleza (Fortal), Natal (Carnatal) e Recife (Recifolia). (Frommer's Sal'Vador, Júlio Louzada Publicações, 1998) (CASCUDO, 2001, p.381).

pessoas externas à família, que identificam mais claramente os “pontos de virada” na vida desses jovens.

Os moradores do bairro, inclusive os da mesma idade do jovem que inicia essa trajetória, conseguem capturar o momento em que este está se inserindo em trajetórias de marginalidade, por sinais ligados à mudança de hábitos, relações, espaços de frequência e companhia, assim como as novas práticas assumidas. A percepção da genealogia da marginalidade parece ser mais sutil, porque implica em acionar os jovens do convívio da rede de relações para identificar essas mudanças.

De acordo com Silva (2004, p.14), a pesquisa genealógica tem como indicação metodológica procurar desnaturalizar o dado enquanto evidência e mostrando-o como objeto essencialmente construído, advindo daí como consequência a multiplicidade das configurações do social. Desta multiplicidade emergem problemáticas e sua análise busca compreender os dispositivos criados por uma determinada formação social no sentido de resolver os problemas aos quais ela se vê confrontada.

A genealogia da marginalidade, isto é, o início da trajetória de marginalidade cujo desenvolvimento (trajetória e *continuum*) culmina com o homicídio, pode ser analisada a partir de alguns condicionantes sociais e estruturais apontados por Kodato e Silva (2000), que, no entanto, salientam que não se pode assumir uma relação direta entre miséria e criminalidade (p.512), mesmo se tais fatos se desenrolam em um contexto de evidente pobreza. É interessante essa ponderação desses autores, pela relação entre as condições precárias de sobrevivência e a marginalidade, apresentadas porém como parte de um conjunto de condicionantes sociais, psicológicos, subjetivos que não podem ser avaliados de forma estática, mas sim na sua complexidade.

Podemos identificar que a falta de uma inserção mais efetiva na transição para a adultez pode contribuir para o ingresso em trajetórias de marginalidade devido, também, à facilidade de acesso às drogas no espaço da periferia. Mas este fato não se restringe ao espaço da periferia, estendendo-se a muitas classes sociais diferentes, e indicando um fenômeno da pós-modernidade. Kodato e Silva (2000) entendem que essa

exposição aos estímulos e oportunidades de pequenos delitos e de envolvimento com o comércio das drogas parece ainda vinculada também à constituição familiar, ou melhor, à rede de apoio dos adolescentes, em especial, à ausência de figuras que possam exercer um papel de apoio e proteção à vulnerabilidade e ao risco. Na maioria dos casos o envolvimento com o tráfico inicia-se num momento da vida onde a introdução ao mundo adulto apresenta-se de forma bastante contraditória (p.512).

O problema é que, quando o consumo de drogas ocorre com os jovens da periferia, tende-se a utilizar os estigmas e relacioná-lo imediatamente à marginalidade, a furtos ou outras práticas delituosas.

Outro fator salientado pelos autores é a “ausência de figuras significativas de autoridade” (p.513), onde podem irromper outras figuras de referência, como os traficantes.

A análise dos diários de campo, entre os anos de 2003 e 2006, possibilitou antecipar, no sentido de identificar indícios correlacionados, quais jovens poderiam vir a óbito – como de fato vieram. Para isso foi realizada uma genealogia da entrada de dois jovens do sexo masculino, em 2003, que naquele momento haviam começado a se envolver com armas e drogas. Em 2006, o mesmo foi realizado com outro jovem, antes do seu assassinato.



Os dois tinham características comuns, dadas pelo acesso a armas de fogo, consumo de drogas, as mães e pais sentem-se impotentes diante disto. Sem saber o que fazer, seus pais pediram ajuda a pessoas da comunidade, que, também, impotentes, não souberam o que fazer.

A cena da morte de um jovem ou o início do consumo de drogas são eventos paradigmáticos que, em um primeiro momento, afetam as dinâmicas do contexto, gerando repercussões. Para estruturar uma genealogia ou *arkhé* (FOUCAULT, 1998) é necessário estabelecer alguns parâmetros como o tempo, a situação social do jovem, seus âmbitos de inserção/exclusão, os encontros, as novas aquisições diante destes encontros.

Toda genealogia começa com um fato que chama a atenção sobre a vida do jovem.

O chamado de atenção se dá por indícios publicamente identificáveis do uso de drogas pelo jovem e sua ligação com traficantes e pela identificação no momento em que o jovem deixa de frequentar os espaços socialmente aceitos e constituídos para o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas, esportivas e culturais.

Outro fato pode ser a estigmatização, assim como a reconfiguração das redes de relações do jovem, após o ingresso no consumo de drogas. A socialização e os modos de vida de jovens que ingressam no consumo de drogas mudam significativamente e eles, para se proteger, necessitam distanciar-se do seu contexto anterior (relações, vínculos, pertencas). Essa distância provoca a estigmatização, assim como permite a indicação de que o jovem está fazendo parte de outro contexto dentro da periferia.

Algumas famílias, ao se darem conta disso, retiram o jovem da favela, enviando-o para outra cidade, tentando livrá-lo das conseqüências desencadeadas posteriormente

pelo consumo, ou então investem em possibilidades que façam o jovem trabalhar como ajudante, o que indica que as medidas ou modos de lidar com a prevenção oscilam entre duas polaridades: o desterro e a inserção pelo trabalho.

A genealogia da inserção ou da exclusão pode permitir a antecipação e o acionamento de meios que permitam ao jovem uma reconfiguração do seu contexto de relações. Os jovens não inseridos no consumo e tráfico de drogas sabem quando outros jovens estão ingressando em tais trajetórias e verbalizam sobre este acontecimento, o que permite um mapeamento dos pontos e episódios que indiquem o percurso desse jovem após o episódio gerador.

Cada episódio em si não explica, mas abre uma janela de entendimento sobre outros aspectos. Por exemplo: a cena de homicídio entre jovens, ou o início do consumo e tráfico de drogas, são frestas por onde entra a luz do entendimento das relações, das pertenças, das dinâmicas do contexto da juventude e da violência, assim como ela se manifesta.

A genealogia, por fim, faz o pesquisador olhar para o passado e para o episódio, enquanto presente, e para o futuro, ou seja, o que acontece posteriormente, para as repercussões.

O estudo revela, assim, um potencial de previsão desta morte estabelecendo pontos que indicam o que pode acontecer aos jovens que se envolvem em trajetórias marcadas pela marginalização, dado haver um *continuum* que vai da entrada - o momento de virada - nessas trajetórias até o homicídio.

Além deste, outro indício a ser apontado é que o homicídio entre jovens vai ocorrer em meio a disputas pela área e pelo poder, onde, o último ato, é o extermínio daqueles que representam um perigo ao poder de outros jovens.

A seguir, são apresentadas, de forma esquemática, as trajetórias referidas acima, conforme o diário de campo, de janeiro de 2003, para os jovens 1 e 2, e de março de 2006, para jovem 3.

**Quadro 12: Trajetórias de jovens que se envolveram na marginalidade e posteriormente foram assassinados.**

	<b>Jovem 1</b>	<b>Jovem 2</b>	<b>Jovem 3</b>
<b>Idade</b>	13 anos	19 anos	16 anos
<b>Histórico da família</b>	<p>Teve um irmão assassinado.</p> <p>Mãe e pai trabalham fora e não têm como orientá-lo.</p> <p>Foi pego pela mãe fumando maconha em casa, por isso foi expulso de casa por três dias.</p> <p>Dizia-se revoltado com a morte do irmão e seria um vingador.</p>	<p>A mãe era uma liderança e foi se acanhando, por medo, após ter sido roubada. Jovem robusto, forte, sempre teve aquilo que a mãe pôde lhe dar.</p> <p>A mãe descobriu seu envolvimento, acolheu o filho e procurou ajuda.</p> <p>Não tinha pai.</p> <p>Morava no interior</p>	<p>Não morava com a mãe.</p> <p>Morava com o pai, a madrasta e um irmão.</p> <p>O pai não incidia sobre o seu comportamento.</p>

		da favela, e sua casa foi tomada por marginais.	
<b>Escola, situação</b>	Abandonou a escola.	Abandonou a escola.	Abandonou a escola.
<b>Armas, drogas</b>	Possui algumas armas.	Tinha atração por uma arma, juntou dinheiro e comprou uma.  Emprestou a arma de fogo a um cara para que o mesmo assassinasse um rapaz em outro bairro.	Começou a consumir maconha e cocaína.  Não possuía arma de fogo, nem assaltava.
<b>Drogas, ascensão</b>	Tornou-se “avião” dos traficantes.  Vende drogas.  Mais tarde assumiu uma “boca de fumo”.	Praticou pequenos furtos.	Ficou endividado com o dono da boca de fumo.
<b>Grupos</b>	É respeitado pelos caras mais velhos.	Começou a andar com bandidos de fora da área que se	Andava em grupo com outros jovens que se drogavam. Mantinha

	Andava com um bando de marginais, no meio dos quais estavam aqueles que o assassinou posteriormente.	instalaram no bairro. Começou a andar armado e assaltar as pessoas da comunidade. Ficava jogando apostado com os marginais.	vínculo com jovens que não eram drogados.
<b>Projeto social</b>	Freqüentou projeto social no bairro e depois abandonou.	Freqüentou projeto social em no bairro e depois abandonou.	Participou de projeto social, mas o abandonou quando começou a se drogar.
<b>Habilidades</b>	Tem grande potencial de liderança.	Grande capacidade comunicativa.	Não tinha potencial de liderança.
<b>Estigma</b>	Foi estigmatizado pelo uso de drogas, posse de armas e assaltos.	Foi estigmatizado pelo uso de drogas e posse de arma.	Foi estigmatizado pelo uso de drogas.
<b>Assaltos</b>	Meses depois começou a assaltar muitas pessoas da comunidade, desrespeitando até	Mudou-se para a frente da rua, depois que a casa da mãe foi assaltada. Não assaltava pessoas do	Não assaltava.

	os mais velhos que haviam cuidado dele na infância.	bairro, nem de outro.	
<b>Trabalho, inserções e exclusões</b>	Não trabalhava.	Estava inserido em trabalhos esporádicos.	Não trabalhava.
<b>Morte</b>	Foi assassinado junto com outro jovem, por seus amigos num terreno baldio.	Foi assassinado por um dos jovens com os quais andava e já havia salvo da morte.	Foi assassinado por outro jovem que era seu amigo, no beco próximo à casa de vizinhos.
<b>Período da morte</b>	O assassinato ocorreu à noite.	O assassinato ocorreu à noite.	O assassinato ocorreu durante o dia, à tarde.
<b>Assassino</b>	O assassino foi um amigo, parceiro.	O assassino foi um amigo, parceiro.	O assassino foi um amigo, um parceiro.
<b>Local do assassinato</b>	Assassinado em uma área deserta, próximo ao manguezal.	Assassinado no ponto de ônibus, próximo à sua casa.	Assassinado em uma rua vizinha à sua casa, próximo à casa de um amigo.
<b>Socorro</b>	Morreu imediatamente.	Ainda resistiu, mas morreu a caminho do hospital.	Ainda estava vivo, mas morreu em virtude do não atendimento médico.

<b>Companhias na hora da morte</b>	Estava junto com um amigo, que também foi assassinado.	Estava com a namorada, que, grávida, também levou alguns tiros.	Estava sentado, conversando com alguns amigos.
<b>Marginalização e contato com outros jovens</b>	Antes de morrer, procurou uma diretora de projetos social para desculpar-se.	Ao encontrar pessoas ligadas ao projeto social mantinha contato, conversava.	Mesmo tendo abandonado o projeto social, participava de jogos de futebol na quadra.
<b>Tipo de arma</b>	Revólver	Revólver	Revólver
<b>Enterro</b>	Foi enterrado em um cemitério da periferia, sem inscrições lapidares.	Foi enterrado em um cemitério da periferia, sem inscrições lapidares.	Foi enterrado em um cemitério da periferia, sem inscrições lapidares.

Essa genealogia começa com a idade dos jovens: o período etário dos 13 aos 16 anos, que parece ser um marcador importante porque mostra, de forma indicativa, certa normatividade na entrada na trajetória de marginalização, identificadas aqui pelo início do consumo de drogas.

No caso do jovem dessa periferia, nessa idade, há o contato com uma diversidade de experiências que não eram possíveis vislumbrar na infância, como uma maior autonomia diante dos pais e um encontro com os pares jovens. Em relação à infância, na primeira etapa da adolescência a pessoa passa a dispor de mecanismos que

podem fazê-lo atuar com certa autonomia diante dos pais, ou mesmo favorecer o encontro com outros jovens que podem introduzi-lo em contextos onde a sua atitude pode ser reconhecida e incentivada, gerando um reconhecimento de habilidades que, na infância e em outros espaços (casa, escola, projetos sociais), dificilmente são reconhecidas.

Esse *intermezzo* entre os 13 e os 19 anos pode ser o momento de descoberta, iniciação e reconhecimento que faz com que os jovens tenham que se abrir a escolhas sem a tutoria dos adultos e dos seus responsáveis. Diante das tantas possibilidades eles podem ser cooptados por outros jovens, de modo que passem a exercer funções em que atuam como protagonistas, mesmo isso não sendo aceito socialmente.

O momento crítico é, então, enquanto período de passagem, a virada dos 13 aos 19 anos, e se dá no encontro com as armas de fogo e seu fascínio, assim como as drogas, oferecidas por outros jovens, que, apesar de serem considerados comparsas e companheiros, serão aqueles mesmos que irão dar cabo da vida dos jovens, principalmente se houver uma ascensão e aquisição de um poder maior do que o esperado, como, por exemplo, ser dono de uma “boca” ou possuir armas. Ser dono da “boca” e possuir arma de fogo indica que o jovem está dominando uma parte do território.

Nos três casos, após a inserção no consumo de drogas ou posse de armas, os jovens abandonam a escola. É como se eles não pudessem compartilhar os mecanismos de integração social que pressupõem um olhar mais orientado para o futuro.

A escola parece não estar preparada para receber esse jovem que lida com o hoje, com o agora, com a emergência do cotidiano. Nela, a inteligência e as habilidades são conferidas a regras que os jovens podem não compartilhar, dado o aparente protagonismo que é oferecido a uma trajetória de marginalização, onde o sujeito atua



sobre o contexto de uma forma aparentemente mais autônoma. Nesse sentido, a escola parece valorizar a imaturidade, enquanto o tráfico, o protagonismo e a atuação do indivíduo sobre a realidade numa dimensão mais social e concreta, e não sentida como abstrata, desconectada da realidade imediata, como o é a escola.

A atração pela arma de fogo é uma característica que permanece no imaginário coletivo dos jovens, pois ela parece conferir outra “estatura” ao indivíduo, representando autonomia, confiança e poder. A posse de armas de fogo traz à tona disputas internas que levam os jovens ao óbito. Para conseguir este instrumento de poder, podem assassinar o jovem portador da arma de fogo, que assim provoca fascínio e disputa.

A estigmatização, ligada ao consumo de drogas, é uma característica peculiar na juventude da periferia. Em outros ambientes o uso de drogas é associado a fatores socialmente construídos, sem necessariamente gerar um estigma que exclua a pessoa das suas relações sociais mais próximas.

Na periferia o jovem é submetido a uma exclusão que de forma perversa e sutil vai delimitando os seus espaços, seus modos de agir, as atitudes, o comportamento e há um cerceamento e fechamento do seu círculo de amizades. Ele passa a ser visto como o “marginal”, isto é, aquele que não faz parte do contexto socialmente integrado, sendo excluído porque é visto pelos outros como uma ameaça à segurança alheia.

Essa estigmatização vai paulatinamente fechando o jovem em caminhos que não possibilitam a escolha. Ele pode se ver sem possibilidade de inserção no contexto da família, da escola e de projetos, pensando que nestes espaços não há lugar para quem transgride, principalmente porque as drogas introduzem um mecanismo de apartação social (sempre pensando na periferia). Colocada ao lado do fenômeno de posse de armas

e da perda de referenciais diante das outras pessoas, pode levar a crimes, assaltos e assassinatos.

É como se as drogas introduzissem um elemento estranho com o qual as outras pessoas não sabem lidar. Esta pode ser a chave de entendimento de porque os jovens que começam a se drogar abandonam os espaços sociais que antes freqüentavam. Há uma *apartação do e no* contexto. Resta-lhes, assim, o grupo de pares que também se droga e com eles os jovens vão passar a maior parte do tempo, partilhando saberes e hábitos que não podem ser vivenciados fora daquele contexto, sob pena de “pagar” com a própria vida, caso haja uma distância que não pode mais existir.

A ascensão do jovem na trajetória de marginalização implica sempre em um risco maior porque há interesses e disputas, cujo fim se explicita no homicídio.

Os jovens mais inteligentes, com capacidades de liderança, arregimentação de outros jovens, organização, cooptação e convencimento, representam uma ameaça aos outros jovens envolvidos no tráfico de drogas, pois sua ascensão se dá através do uso da logística e do convencimento de outros jovens.

Isso indica uma grande capacidade de pensar e atuar no ambiente, o que traz ameaças aos outros jovens que, para livrarem-se destes, usam da violência para que não ameacem os espaços e territórios daqueles que estão empenhados em manter o tráfico na área.

Os jovens aqui analisados possuíam essas características de organização e ascensão diante dos outros. Ou seja, estavam empenhados em “crescer” nessas trajetórias, quer com a compra de armas para si ou mesmo com a aquisição da “boca”, o que lhes trouxe como conseqüência, a morte, o homicídio perpetrado por seus pares, conhecidos e “parceiros”.

Após a morte, esses jovens são esquecidos, sepultados em um cemitério pobre, onde sequer há inscrições lapidares. O enterro em um cemitério da periferia chama a atenção para o esquecimento, mesmo após a morte, porque em nenhum dos casos há um sinal que mostre onde foram sepultados. Não há nenhuma indicação de nome ou diferença entre os túmulos. São cruzeiros fincadas no chão, com a data da morte, sem nenhuma referência à pessoa. Essa é uma possível consequência do desterro, que quer apagar da memória aqueles jovens que se foram, como se eles não deixassem nenhuma recordação ou referência concreta. Aliás, como comumente acontece a outros tantos jovens que são assassinados na periferia, cuja memória se perderá com o passar do tempo, dada a subnotificação dos casos. Essa é outra consequência da violência que temos identificado: um desterro para além da vida. O desterro atua na vida cotidiana, e para além dela, na morte do indivíduo, o que coloca um pano de esquecimento sobre a sua história e a sua vida, como tem recorrentemente acontecido nestes anos (SANTOS e BASTOS, 2005).

Quando vocês começaram a falar eu me lembrei de muita gente. E eu queria falar de dois casos: um, vocês só chegaram a conhecer o lado ruim da pessoa, que chamavam de B.L., Conheceram? Ele morreu já. Nós fomos colegas de infância, andávamos muito juntos, estudávamos juntos e engraçado que quando a gente ia pra escola, ele era assim o besta da turma, levava os livros de todo mundo; levava, trazia. Quando a aula dele acabava mais cedo, era a febre do ÔNO UM<sup>43</sup>, a gente ficava brincando, aí ele ficava do lado, tomando conta das coisas; ajudava a segurar o cordão pra gente brincar. Quando a gente ia pra escola ele ia até lá em casa levar os materiais da gente, pra depois ir pra casa dele. Ele era um santo, não bulia com ninguém, era quieto. Ela era uma pessoa super tranqüila. Aí ele sumiu, perdemos o contato. Quando ele reapareceu, só vi o pessoal falando “B.L.”, “B.L.”, e eu me perguntando: “Quem é B.L.?” Aí um certo dia eu vi e não acreditei, aí eu fui procurar saber direito se realmente era ele. Ele tinha se transformado de uma maneira que até a feição dele tava completamente diferente. Noutro dia a gente tava comentando: “pôxa, quem diria, aquele garoto, como ele era, todo mundo gostava dele, as professoras todas gostavam dele, não tinham o que falar”. E também não sei por que

---

<sup>43</sup> Brinquedo falado/cantado, onde três meninas brincam e consiste em uma brincadeira onde um elástico fica estendido horizontalmente entre duas crianças e outra vai fazendo movimentos falados/cantados, com um ritmo que corresponde aos movimentos realizados sobre o elástico.

aconteceu isso, porque ele morava no final da ponte, perto do C., ele, a mãe dele e C., a irmã. Os pais eram separados, ela morava com os dois filhos. Na época eles andavam bem, arrumadinhos, tinham tudo o que precisavam, não sei, talvez porque ali perto tem um homem chamado F., que todo mundo conhece, e ele era traficante, hoje ele tá maluco, de tirar a roupa, ficar nu e correndo pela rua. Talvez pelo consumo de muitas drogas. E morreu também, B.L... Ele usava muita droga (B., 24 anos, sexo feminino).

Impressionante o processo de mudança no jovem. Vale, por isso, deter-se na descrição dessas mudanças provocadas pela marginalização.

Essa informação de como o jovem muda fisicamente após a entrada na marginalidade é um traço marcante na percepção dos jovens porque há mudanças muito significativas e que podem estar relacionadas ao *estigma, ou uma identidade deteriorada*, como afirma Goffman (1988).

Estes traços, que geralmente são identificados por outros jovens, podem ser assim descritos:

a) **Feição:** o rosto adquire uma feição desconhecida, como de alguém que teve que amadurecer ou crescer tão rapidamente que perde as características da juventude que lhes eram características, como a alegria ou mesmo a percepção de que fazia parte de um mundo onde dispunha da amizade dos outros. No rosto há uma mudança que parece provocar nos outros jovens a sensação de desconhecimento daquele jovem enquanto anteriormente pertencente àquela rede de relações. Parece existir um recrudescimento de traços e feições que caracterizavam o jovem antes da inserção na marginalidade.

b) **Atitudes:** dentre as atitudes presentes nos jovens que ingressam na marginalidade uma delas que aparece como significativa é a desconfiança que deles parece emergir, dados os riscos presentes na marginalidade. Essa desconfiança não é

levada somente para os jovens deste novo meio, dessa “outra vida”, mas também para os jovens que não fazem parte do universo simbólico da marginalidade. As atitudes também comportam um vocabulário reduzido ou mesmo um aparente desconhecimento dos jovens com os quais mantinha relações de amizade num período anterior, como atesta o depoimento de B., acima. É como se ela e os outros jovens fizessem parte de um passado, passado este que não é possível recuperar. Atitudes como essas fazem parte do trânsito do jovem de uma experiência à outra, indicando que, para viver a marginalidade, é necessário mudar sua forma de lidar com a realidade, pois fatores novos estão presentes.

c) **Roupas:** as roupas são um traço importante dessa mudança, porque indicam que o jovem faz parte de um universo semiótico diferente, mas que, mesmo assim as roupas (que agora podem ser mais caras e de marca) carregam o estigma de quem as usa, mesmo não tendo condições para tal. A percepção dos outros é que essas roupas são conseguidas ilicitamente ou mesmo são usadas de forma a ostentar novas escolhas. Assim, uma bermuda de uma marca “cara” pode ser usada como um aspecto transgressor para mostrar que há uma nova forma de vida. Explico: uma bermuda usada sem camisa pode indicar um traço de marginalidade porque parece transgredir uma ordem social, na qual o jovem parece querer ostentar o que não pode.

d) **Lugares de trânsito:** os lugares de trânsitos são modificados porque o jovem que ingressa na marginalidade passa a se relacionar com espaços nos quais somente quem partilha de tais códigos presentes e implícitos na marginalidade tem permissão para permanecer ou transitar. O jovem passa a frequentar espaços que são relacionados à venda e consumo de drogas.

e) **Marcas no corpo, sinais, tatuagens e novas pertencas:** um dos fatores de identificação da entrada do jovem na marginalidade é que sinais e imagens no corpo parecem apontar para uma nova forma de vida, que os outros jovens identificam com a marginalidade. Assim, essas marcas, pelo significado que lhes são atribuídos pelos outros, já delimitam o espaço de presença do jovem na marginalidade. O uso de tatuagens ou mesmo sinais de ferimentos no corpo, indicam uma espécie de estigma que aparece como aspecto que mostra que o jovem está num outro universo de significados. Quanto às pertencas, parece evidente que a vida do jovem muda e ele não mais pertence à esfera social antes determinada pela inserção em algumas atividades aceitas socialmente. A sua pertença a bandos, grupos e traficantes delimita seu espaço dentro da periferia.

**Quadro 13: Síntese do processo de mudança no jovem na marginalidade: traços**

- |  |
|--|
| <p>a) <b>Feição:</b> mudanças no rosto; recrudescimento da juventude e suas características.</p> <p>b) <b>Atitudes:</b> desconfiança, vocabulário reduzido, desconhecimento dos jovens amigos.</p> <p>c) <b>Roupas:</b> roupas de marca e formas transgressoras de vestir.</p> <p>d) <b>Lugares de trânsito:</b> becos e “bocas” de fumo.</p> <p>e) <b>Marcas no corpo, sinais, tatuagens e novas pertencas.</b></p> |
|--|

## **A TRAJETÓRIA DA MARGINALIDADE EM ATOS, A PARTIR DA CENA VI, NA ABERTURA DESSA TESE**

Tomando como exemplo a cena VI, na abertura dessa tese, temos a seguinte trajetória de marginalidade:

1. **Limiares da marginalidade:** inserção no uso de drogas e abandono de tais práticas, num ir e vir constante.
2. **Término do namoro de alguns anos..**
3. **Saída da marginalidade:** entrada em trabalho de carteira assinada.
4. **Inserção na marginalidade:** saída do trabalho e uso de drogas.
5. **Afastamento** das pessoas de referência, com as quais convivia antes de envolver-se na marginalidade.
6. **Inserção no tráfico:** estabelecimento de duas “bocas” de fumo.
7. **Inserção em roubos:** depois do tráfico o jovem começou a praticar furtos na cidade e fora dela.
8. **Jura de morte:** devido à existência dessas “bocas” o jovem estava jurado de morte por possuí-las e gerenciá-las.
9. **Estigmatização** por parte das pessoas do bairro que já o viam como um “caso perdido”, que já estava com o seu destino “selado” com a morte.

10. **Saída do bairro:** o jovem teve que ir para outra cidade, devido a essa “jura” de morte.

## **ESTIGMA<sup>44</sup>**

O estigma é o rótulo, a marca, a ferida psicossocial que desqualifica o jovem e o identifica como pertencente a uma trajetória de marginalidade, que provoca mudanças nas interações e nos hábitos e ajuda a identificar mudanças nos códigos e na pertença.

Fato recorrente neste estudo, a marginalidade aparece como uma “outra vida”, na qual o sujeito não compartilha os mesmos códigos pertencentes aos moradores da periferia, inseridos em contextos socialmente aceitos.

Por esse estigma o jovem inserido em uma trajetória de marginalidade, pode ser considerado um obstáculo, uma “sujeira corporificada”, à ordem do contexto, como refere Bauman (1998) em sua análise sobre a pós-modernidade:

(...) entre as numerosas corporificações da “sujeira” capaz de minar padrões, um caso - sociologicamente falando - é de importância muito especial e, na verdade, única: a saber, aquele em que outros seres humanos que são concebidos como um obstáculo para a apropriada “organização do ambiente”; em que, em outras palavras, é uma outra pessoa ou, mais especificamente, uma certa categoria de outra pessoa, que se torna “sujeira” e é tratada como tal (p. 17).

Aqui identificamos que há uma categorização ou definição da marginalidade e diante dessa definição o outro assume características e hábitos que parecem colocar os jovens em outra margem, indicando que, com sua entrada na marginalidade, ele não

---

<sup>44</sup> “Estigma, s.m. marca, sinal. (...) Cicatriz que deixa uma marca ou ferida” (AULETE, 1958, p. 2010).



pode ultrapassar fronteiras estabelecidas socialmente, ficando relegado a outro universo, o qual é estabelecido para os marginais: bocas de fumo, tráfico, bares, noite na periferia, prisões, indicando que para esses jovens os lugares estabelecidos condizem com o seu universo (o da marginalidade).

Wacquant (2001), por exemplo, analisa alguns desses universos da marginalidade, como as prisões, a violência e a pobreza (ou miséria).

É possível notar nessa análise que os jovens inseridos em trajetórias de marginalidade carregam o estigma, o que implica na confirmação, no plano simbólico, de que ele não pertence ao lugar, sendo considerado uma “sujeira” no dizer de Bauman (1998), e ao mesmo tempo representa uma personificação do *daimon*, ou seja, algo que tira a paz, a ordem e a estabilidade de um lugar pela sua presença, que implica um ameaça simplesmente pelo fato de existir.

Os jovens marginais podem ser identificados como aqueles estranhos que são criados e anulados socialmente, conforme descreve Bauman (1998):

Todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável. Se os estranhos são as pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo – num desses mapas, em dois ou em todos três; se eles, portanto, por sua simples presença, deixam turvo o que deve ser transparente, confuso o que deve ser uma coerente receita para a ação, e impedem a satisfação de ser totalmente satisfatória; se eles poluem a alegria com a angústia, ao mesmo tempo que fazem atraente o fruto proibido; se, em outras palavras, eles obscurecem e tornam tênues as linhas de fronteira que devem ser claramente vistas; se, tendo feito tudo isso, geram a incerteza, que por sua vez dá origem ao mal-estar de se sentir perdido – então cada sociedade produz esses estranhos. Ao mesmo tempo que traça suas fronteiras e desenha seus mapas cognitivos, estéticos e morais, ela não pode senão gerar pessoas que encobrem limites julgados fundamentais para a sua vida ordeira e significativa, sendo assim acusadas de causar a experiência do mal-estar como a mais dolorosa e menos tolerável (p.27).

Interessante essa afirmação, porque ela corrobora um dado contido neste trabalho que se refere à genealogia da marginalidade, e que busca identificar justamente onde começa esse fenômeno e quais os passos, ou seja, o *continuum* de marginalização que o jovem pode percorrer após o ingresso em tal trajetória.

Pensando o Brasil contemporâneo e a juventude das periferias (e aqui talvez seja necessário ampliar a extensão da análise, dado o crescente número de jovens de classes sociais mais abastadas e fora das periferias) identificamos que há uma relação de proximidade entre a marginalidade, o tráfico de drogas, a pobreza e a violência.

Como quatro *oceanos*, a marginalidade, o tráfico de drogas, a pobreza e a violência podem apontar para a genealogia da marginalidade criada socialmente. Não é possível tecer uma relação causal ou mesmo direta, mas há um embrenhar-se de motivações as mais diversas que podem levar um jovem a inserir-se na marginalidade.

A metáfora serve para indicar que cada um desses elementos se constitui em uma força que pode levar os sujeitos a respostas desadaptadas diante de determinadas situações (vide aqui o conceito de risco, que pressupõe condicionantes externos e internos à pessoa em desenvolvimento). Desse modo a genealogia da marginalidade pressupõe condicionantes internos e externos, pois, quando falamos de juventude temos que levar em conta variados aspectos do contexto (presentes ou não) e da história pessoal do sujeito, onde as suas experiências cotidianas são significadas constantemente. Não temos ainda identificado - e nem sei se teremos - os pontos de virada que levam a determinados momentos de escolha.

É interessante notar que cada contexto cria suas fronteiras e desenha seus mapas cognitivos, estéticos e morais (BAUMAN, 1998), nos quais as pessoas podem transitar ou estar à margem deles. Assim, podemos perceber que há, em todo contexto,

as fronteiras, mas também os vãos, ou seja, os espaços de trânsito que não podem ser ultrapassados, sob pena de irrupção de situações adversas como a violência.

Dentro dessas fronteiras os jovens marginalizados fazem parte de um universo com seus códigos, estratégias e mecanismos próprios, que não fazem parte do socialmente constituído e aceito pela maioria, devido aos aspectos de desvio, transgressão ou mesmo uma lógica marginal, que não é aceita socialmente, e que para isso, precisa ser excluída. Então, é importante assinalar que esse mesmo que cria suas fronteiras e mapas se encarrega de eliminar aqueles que deles não fazem parte e podem trazer danos à ordem vigente.

Em uma periferia o mesmo ocorre: há jovens que pertencem ao contexto dentro de fronteiras indicam socialmente aceitas como adequadas, e há aqueles que transgridem tais fronteiras, sendo estigmatizados e excluídos.

Neste estudo, o termo estigma se encaixa em uma perspectiva que procura depreciar o outro a partir de suas escolhas e modos de interação na realidade cotidiana, com uma lógica que difere das normas sociais. O estigma tem a função de excluir, depreciar a partir da definição, ou seja, indicando que há uma atuação do sujeito que contraria as regras vigentes na favela. Segundo Goffman (1988),

O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é em si mesmo nem honroso nem desonroso. (...) Um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo, embora eu proponha a modificação desse conceito, em parte porque há importantes atributos que em quase toda a nossa sociedade levam ao descrédito (p. 13).

Goffman (1988) introduz aqui uma perspectiva interessante porque revela que o estigma surge do estereótipo e das características (ou atributos) do sujeito estigmatizado que o conduzem a uma depreciação por parte dos outros sujeitos, como se o sujeito estigmatizado não fizesse parte do contexto normativo.

Em relação aos jovens que ingressam em trajetórias de marginalidade o estigma se caracteriza pelas mudanças em relação ao tipo de roupas, companhias e lugares que ocupa na favela, assim como as práticas nas quais os sujeitos estão inseridos e que não são aceitas socialmente, levando-os a esse “descrédito” por parte dos outros. Ou seja, quando o jovem ingressa em uma trajetória de marginalidade ele passa a ser visto em função desses atributos e estereótipos que os conduzem a uma marginalização maior por não participarem mais da vida social comumente aceita.

Isso se mostra que, quando analisamos a genealogia e a trajetória de marginalização, onde o jovem vai assumindo as características dos marginais e particularmente quando é identificado como participante de uma “outra” vida, termo que indica que o jovem marginal não faz mais parte da “vida” da periferia, ou seja, está excluído dela.

Ainda com Goffman (1988):

O termo estigma e seus sinônimos ocultam uma dupla perspectiva: Assume o estigmatizado que a sua característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente ou então que ela não é nem conhecida pelos presentes e nem imediatamente perceptível por eles? No primeiro caso está-se lidando com a condição do *desacreditado*, no segundo com a do *desacreditável*. Esta é uma diferença importante, mesmo que um indivíduo estigmatizado em particular tenha, provavelmente, experimentado ambas as situações (p.14).

O estigma relacionado à juventude inserida em trajetórias de marginalidade se encaixa em um segundo tipo de estigma identificado por Goffman (1988), aquele que se relaciona com

as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical (p.14).

Nesse segundo tipo há uma junção entre práticas muitas vezes consideradas desviantes da ordem vigente e que são vistas de forma preconceituosas ou mesmo patológicas. O preconceito é uma forma de estigmatização que vai minando as possibilidades de inserção dos jovens no contexto.

O estigma traz como consequência uma separação de mundos entre os normais e os estigmatizados: “Nós e os que não se afastam negativamente das expectativas particulares em questão serão por mim chamados de *normais*” (GOFFMAN, 1988, p.14). No estudo esse dado aparece quando estudamos a genealogia e o *continuum* de marginalização, indicando, conforme é possível identificar a separação de códigos. Mas o estigma contém

as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto (GOFFMAN, 1988, p.14).

Vale ressaltar que Goffman (1988) analisa o estigma de um ponto de vista das marcas corporais e aqui estamos indicando as marcas psicossociais e os estereótipos direcionados a jovens que assumem uma trajetória de marginalização, numa interpretação mais ampla do conceito, mas que não deixa escapar, por exemplo, que o estigma possui uma ampla gama de discriminações que atuam sobre o sujeito jovem, desqualificando-o e antecipando o seu fim:

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. Construimos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ele representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social (p. 15).

Esse mecanismo de antecipação da morte, ou seja, da prefiguração da morte do estigmatizado é um dado que aparece aqui em relação aos jovens marginalizados. Esse mecanismo pode se caracterizar por essa forma de atuação quase inconsciente e partilhada pelas pessoas em geral quando falamos de jovens inseridos na marginalidade. Suas vidas são preparadas para a morte antecipada, ainda na juventude, devido aos riscos que eles parecem apresentar devido a seu modo de existência ou ao simples fato de existir.

É como se as pessoas em geral já internalizassem um descrédito em relação ao jovem, ou seja, retirando-o do plano humano e colocando-o em um contexto de anomia ou *ninguendade* (RIBEIRO, 1995, p.131), diante da qual a sua morte não provocará uma lacuna ou mesmo repercussões no contexto, mas uma relativa paz, um relativo alívio.

Com o estigma o sujeito é colocado em uma perspectiva reduzida de vida, ou seja, ele vai sendo paulatinamente excluído do mundo dos vivos.

De fato, há uma desqualificação orquestrada do jovem marginalizado, onde já se antecipa a sua morte, já o vê como alguém que traz perigos para as outras pessoas da favela, alguém não confiável, enfim, alguém que não se encaixa na estrutura social do lugar.

Com isso há no senso comum uma teoria subjacente que exclui esses jovens, porque este mesmo senso comum não vê solução ou saída para este jovem, dando-o como um “caso perdido”, cuja única solução plausível e certa é a morte, fato que se consuma em um determinado tempo posterior a essas predições.

O estigma carrega uma desqualificação, que segundo Paugam (2003) necessita aprofundar os seus *status* e as identidades pessoais.

Estudar a desqualificação social, o descrédito daqueles que, à primeira vista, não participam plenamente da vida econômica e social significa estudar a diversidade dos *status* que os definem, as identidades pessoais, ou seja, os sentimentos subjetivos acerca da própria situação que esses indivíduos experimentam no decorrer de diversas experiências sociais, e, enfim, as relações sociais que mantêm entre si e com o outro (p.47).

Soares (2004) apresenta um caso típico do estigma que cerca os jovens brasileiros que habitam na periferia:

Um jovem pobre e negro caminhando pelas ruas de uma grande cidade brasileira é um ser socialmente invisível. Há muitos modos de ser invisível e várias razões para sê-lo. No caso desse nosso personagem, a invisibilidade decorre principalmente do preconceito ou da indiferença. Uma das formas mais eficientes de tornar alguém invisível é projetar sobre ele ou ela um estigma, um preconceito. Quando o fazemos, anulamos a pessoa e só vemos o reflexo de nossa própria intolerância. Tudo aquilo que distingue a pessoa, tornando-a um indivíduo, tudo o que nela é singular desaparece. O estigma dissolve a identidade do outro e a substitui pelo retrato estereotipado e a classificação que lhe impomos. Quem está ali na esquina não é o Pedro, o Roberto ou a Maria, com suas respectivas idades e histórias de vida, seus defeitos e suas qualidades, suas emoções e seus medos, suas ambições e seus desejos. Quem está ali é o “moleque perigoso” ou a “guria perdida”, cujo comportamento passa a ser previsível. Lançar sobre uma pessoa um estigma corresponde a acusá-la simplesmente pelo fato de ela existir. Prever seu comportamento estimula e justifica a adoção de atitudes preventivas. Como aquilo que se prevê é ameaçador, a defesa antecipada será a agressão ou a fuga, também hostil. Quer dizer, o preconceito arma o medo que dispara a violência, preventivamente (pp.132-3).

Muitos desses jovens são chamados de “vagabundos”. Os “vagabundos” podem ser inicialmente descritos como andarilhos sem recursos, mas fadados ao movimento, mesmo sem preferir. As causas do seu movimento podem ser assim descritas:

(...) Estão se movendo porque foram empurrados – tendo sido primeiro desenraizados do lugar perspectivas por uma força sedutora ou propulsora poderosa demais e muitas vezes misteriosa demais para resistir. Para eles, essa angustiante situação é tudo, menos liberdade (BAUMAN, 1999, p.101).

Mesmo com toda a poesia do autor, o que se entrevê nestas linhas é um retrato forte do desenraizamento e da falta de lugar destes sujeitos. Num mundo feito para o turista, o *flaneur*, não há espaço para a vida situada num espaço geográfico.

A própria cidade é um lugar propício à vida em movimento, em perambulação. Marco paradigmático desta forma espacial de *vagabundear* são os centros de compra denominados de *shoppings centers*, cujas estruturas são pensadas pelos arquitetos em função da rotação, do prazer de ficar circulando, olhando vitrines e lojas.

Os vagabundos pertencem às camadas pobres da sociedade, caracterizada por essa inacessibilidade aos recursos de que dispõem os turistas. Sua pobreza “é agravada pelo crescimento econômico, assim como é intensificada pela recessão e não pelo crescimento”. A recessão, de forma específica, “significa mais pobreza e menos recursos” (BAUMAN, 1999, p.104).



Os vagabundos estão, pois, localizados em periferias locais, cuja lógica se pauta pela “desregulamentação, a dissipação de redes comunitárias e a forçosa individualização do destino” (BAUMAN, 1999, p.108).

Ao denominar alguém, particularmente um jovem, de vagabundo, isto significa dizer que este sujeito está, também, em busca de seu lugar no mundo, e daquilo que este mundo pode oferecer, enquanto uma sociedade feita para aqueles que podem viajar – os turistas. A vagabundagem seria, neste sentido, uma busca, uma necessidade de procurar eixos e espaços de convivência, numa sociedade onde não há mais espaços de convivência num sentido mais central.

Quando se fala, no entanto, de jovens em situação de pobreza, aparece no discurso a exclusão e a marginalização como decorrências da falta de recursos para transitar por estes mesmos espaços, desfrutando dos mesmos benefícios que outras parcelas da sociedade. A saída, por fim, é um trânsito, em busca de satisfação de desejos e necessidades criadas pela sociedade pós-moderna, caracterizada pela efemeridade e a inquietação. Os jovens procuram, neste sentido, lugares, espaços onde possam realizar essas promessas da sociedade pós-moderna.

Mafesolli (2001) afirma a perspectiva dessa errância pós-moderna, através daquilo que ele denomina de *Nomadismo*, que é revelador, na juventude, de um período movimentado, onde

(...) a infância, a adolescência, a juventude e os anos de aprendizagem são vividos, de maneira mais ou menos movimentada, como uma seqüência de choques com quem está perto, consigo mesmo, com o mundo em geral (p.39).

## **A MORTE VELADAMENTE ESPERADA**

Quando os jovens ingressam em trajetórias de marginalidade, há uma percepção da inversão de valores, cuja consequência é a preconização da morte dos jovens envolvidos no tráfico. Há uma mudança na percepção do bairro e das pessoas em relação à morte de marginais.

Isso é afirmado quando percebemos que, em um tempo passado, havia ainda um sentimento, uma sensação de perda da pessoa do jovem e que atualmente há como que uma naturalização da morte, como que uma expectativa que vai se concretizando a cada baixa à sepultura e que isso não provoca nenhum sentimento nas pessoas, nenhuma reação, o que indica que são mortes esperadas, mesmo que tacitamente.

Algumas pessoas verbalizam esse desejo. Interessante notar que algumas vezes as mães e outras pessoas próximas aos jovens envolvidos na marginalidade “desejam” essa morte e chegam a verbalizar tal fato, pois parecem não suportar o perigo e os riscos que trazem a presença do jovem, entre eles. Existia uma mãe que pedia a morte do filho aos prantos, à beira do mar e essa cena, que para mim era inexplicável, começa a adquirir um sentido a partir da fala da jovem B. (24 anos, sexo feminino). É que em um determinado momento a mãe ou outras pessoas não vêem alternativa diante do jovem que se insere em uma trajetória de marginalidade.

Para essas pessoas a morte é uma consequência do caminho escolhido, mesmo que isso implique a possibilidade de aniquilamento do jovem. Aqui há uma inversão da sociabilidade, pois há uma quebra da expectativa de vida do jovem, indicando que não há outros meios socialmente legitimados para reinseri-lo na sociedade.

A entrada na marginalidade tem como perspectiva, neste sentido, uma entrada que não tem volta para o jovem que habita na periferia. Não fossem as conversões a

uma religião ou mesmo uma mudança do lugar, a expectativa de vida parece ser reduzida a mecanismos de opressão que levam à morte, pois, sem a expectativa de inserção em outros espaços e desenvolvimento de habilidades laborativas, o jovem parece ser empurrado para esse fim, que aparece como o final de sua trajetória: o homicídio e a morte. Mortes esperadas, mortes com expectativa de que ocorram.

Parece que o inconsciente coletivo vai preparando as pessoas do lugar para se resignarem diante do homicídio, ainda mais se o jovem realizar delitos na própria comunidade. É como se as pessoas não vislumbrassem saídas para o destino do jovem marginalizado.

É comum esse pensamento de que algumas crianças e jovens não têm mais jeito, particularmente quando conversamos com algumas mães e pais, que diante da desobediência dos filhos, não têm outros recursos de convencimento e educação.

Quando os pais não conseguem utilizar mais a ação educativa, é como se os filhos ficassem entregues à própria sorte, como no caso do jovem que assaltava e portava armas na comunidade, e o sentimento definido foi indiferença.

Quando o jovem assassinado ainda desperta alguma esperança, o sentimento definidor é a perplexidade, a revolta, a comoção e a mobilização, indicando que sua morte causou, de fato, uma fratura psicossocial no lugar e nas pessoas, revirando as estruturas de relacionamento das pessoas e do lugar.

Para os adultos, a morte pode provocar sentimentos e repercussões que atuam sobre o contexto mudando as relações, colocando as pessoas em atitudes ora de perplexidade, ora, de mobilização, mas há também mortes que parecem “aguardadas”, e que, por isso, são vistas como algo “normal”. A morte de jovens inseridos em trajetórias de marginalidade parece trazer a algumas pessoas certo “alívio” porque os jovens que

manifestam tais características não são “suportados” pela comunidade e pelo local, pois podem ser vistos como *persona non grata* dentro daquele contexto.

Isso se revela quando alguns jovens são assassinados. Por um lado, nos jovens que continuam vivos o reflexo é de perda e mesmo de um sentimento de paralisia, mas, por outro, em alguns adultos parece existir certa conformação e “alívio” diante de fato, pois é como se com a morte houvesse uma espécie de redução de trabalho em cuidar e acompanhar tal jovem.

Um dos relatos a respeito do jovem que foi assassinado, sugere que quando o jovem ainda estava no chão respirando, uma pessoa colocou apressadamente o lençol sobre o corpo como se o jovem estivesse morto, embora as pessoas ainda afirmassem que ele estava vivo. E a mesma pessoa ainda disse as pessoas deveriam conformar-se, ou seja, não tinha mais nada a fazer.

O mesmo fato se deu com a demora no atendimento. Ao chegar o atendimento disseram que pelo fato do jovem ter sido alvejado com tiros eles não poderiam nem mexer no corpo, pois só a polícia poderia fazê-lo. E este é um fato estranho, pois um serviço de emergência não deveria primar pelo salvamento de uma vida, em qualquer situação? Por que tiveram que esperar a polícia? Bem, quando a polícia então chegou, o jovem foi levado ainda com vida, e veio a falecer no percurso de ida para um hospital. É perceptível aqui que a demora no socorro pode querer dizer alguma coisa quanto a um desfecho que “algumas pessoas” esperavam para o jovem, ou seja, a sua morte. Por vezes ocorre a morte porque as pessoas que podem prestar socorro não o fazem por ser essa uma atitude que pode trazer riscos a quem socorre.

A melhor forma de fazê-lo foi estabelecer que ele já estivesse morto, mesmo que ainda vivo. A demora do serviço médico, a “aceitação” da pessoa que coloca o lençol sobre o corpo e pede que as pessoas se conformem e ainda a demora da polícia em levar o

jovem, podem ser coincidências, mas é muita demais se pensarmos que aquela vida foi negligenciada naquela situação.

A falta de socorro levou o jovem a óbito. E pior do que tudo: é a lei do silêncio, é a ordem velada de que ninguém pode ajudar um jovem quando ele sofre uma tentativa de assassinato na favela, porque quem assim o fizer pode ser vítima dos mesmos criminosos que realizaram tal ato. Assim, se junta o medo a uma atitude de imobilismo diante de uma situação dessa natureza.

Não estou dizendo que isso seja no plano consciente, mas alguma coisa parece já antecipar a eliminação destes jovens que não conseguem integrar-se à realidade local. A “eliminação” em vida se dá pela segregação dos espaços, e, por fim, pelo quinhão da morte violenta. Não se espante se a partir daqui começarmos a identificar que há um “desterro” que é internalizado pelo jovem quando este começa a identificar que por causa de sua postura os outros já esperam dele esse fim, ou seja, a morte.

## **O DESTERRO INTERNALIZADO**

Quem sabe que pode morrer a qualquer hora não traça perspectivas para a própria vida. É como se continuasse a viver tão simplesmente para cumprir o seu desfecho no momento em que este se colocar. Por isso a desconfiança, o medo, a inconstância, o não olhar nos olhos. Tudo parece reflexo de alguém que não espera muito mais do que o que a sua vida imediata pode oferecer.

O desterro internalizado parece antecipar o fim, a morte anunciada silenciosamente, como uma realidade pré-objetiva, que a pessoa já antecipa e sabe que vai acontecer a qualquer momento e só está esperando, angustiosamente, a sua concretização.

O pensamento é difícil e complicado, mas parece que o jovem que internaliza o “desterro” desenvolve uma solidão, uma introspecção que não permite o diálogo com os outros, e que isso, de certa forma, parece “protegê-lo” frente aos perigos que estes outros representam para ele. E também porque essa “proteção” pode se configurar como risco e ir contra a expressão de sua vida. Muito difícil explicar, mas o ponto de enfrentamento da questão é que a pessoa parece antecipar uma perda final, e, por isso, vive assim, enfrentando, sozinha, todo aspecto que se apresenta à sua realidade.

Parece que essa não pertença é uma forma do jovem proteger-se diante de vínculos cada vez mais instáveis e que não favorecem o desenvolvimento da pessoa. Quando um jovem amigo é assassinado por comparsas – e isso é muito comum dentro do espaço das relações com as drogas, parece indicar que não se pode confiar em nenhuma outra pessoa fora da relação estabelecida com a mãe.

## **A MORTE, O VÍNCULO E SEU DESVENDAMENTO**

Muitos são os casos de jovens envolvidos em trajetórias de criminalidade e uso de drogas que são assassinados por seus “parceiros”, pois neles, conforme indiquei, a lógica é outra, que não se pauta nas relações e nas socializações que muitas vezes indicamos como ‘normativas’, o seja, aquelas socialmente aceitas.

Os “parceiros” matam os jovens porque estes infringiram alguma norma que é importante para a manutenção de um poder, de uma estrutura que não pode terminar porque implica em perda de poder e não satisfação daquilo que vem a ser o querer de quem tem o poder. Entendamos *poder* como uma esfera que, para ser mantida, necessita “podar” os excessos e eliminar aqueles que não condizem ao que deles se espera, como submissão, responsabilidade e compromisso.

Um jovem foi assassinado junto a um amigo porque “queimou” a boca de outro cara. Isto é, ele consumiu toda a droga da “boca” e como preço por seu “vacilo” teve que pagar com a própria vida<sup>45</sup>.

De fato, a morte deste jovem até hoje mobiliza os outros jovens que tenho entrevistado por causa das lembranças e da convivência que tiveram num projeto social. Ele teve uma experiência de “desterro” porque teve em sua família dois irmãos que também foram assassinados por outros jovens, e ele havia ingressado “nessa vida”, de certa forma, para vingar os seus irmãos, coisa que não se concretizou porque ele foi assassinado também. Mas, enquanto pôde, atemorizou os moradores de sua favela, como que indicando que ele também havia adquirido um certo poder e que com esse poder poderia realizar uma espécie de vingança contra os seus irmãos assassinados.

Por um “erro de cálculo” ele não percebeu que os vínculos e a lógica da marginalidade são outras, diferentes das relações que ele estabeleceu com outros jovens de projetos sociais e que não estavam envolvidos em tais trajetórias.

Estes vínculos assim instáveis correspondem a lógicas que precisamos apreender para perceber como se dá a experiência concreta desses jovens. Para o pesquisador, a entrada em seus universos é complexa, requerendo certo desprendimento e mesmo receio, porque não sabemos até onde podemos chegar, com quais perguntas podemos trabalhar, enfim, porque é um universo que não dominamos.

Quem tem internalizado o “desterro”, se relaciona com outra noção de realidade, e o pesquisador precisa de um cuidado excessivo para não incorrer em erros que podem prejudicar tanto o jovem quanto a ele próprio. De tudo, a noção de internalização do “desterro” é também um dado novo. Muda tudo. A internalização do desterro muda a

---

<sup>45</sup> Vide cena I, na abertura dessa tese.

forma de se relacionar com a realidade, não considerando sua perspectiva, mas centrando-se no hoje, no aqui e agora.

Ah, os jovens tá vendendo muita droga, que eu acho. Rola muita violência, rola muita desavença. Isso aí eu acho que poderia fazer alguma coisa pra parar. Tipo uma matéria pra fazer essa violência acabar, eu acho. Armas, essas paradas... (W.S.N., 22 anos, *sexo masculino*).

De fato, a realidade das favelas tem sido modificada pela entrada em seus territórios das drogas através dos traficantes. Com a entrada das drogas há uma mudança nas relações, como se a realidade se tornasse mais complexa, difícil e imponderável de se analisar, justamente porque as drogas trazem, do ponto de vista mais relacional, uma mudança de valores e de experiência.

Note que nessa entrevista o jovem sempre atribui uma série de adjetivos relacionados à desconfiança, à incerteza, à inimizade, ao medo, tudo relacionado com o tráfico de drogas. Este pode ser um demarcador da instabilidade gerada pelas drogas, onde não existe mais nem amizade nem consideração, daí a afirmação do jovem quando fala que não tem amigos.

A dinâmica contextual se apresenta aos olhos do jovem como violenta, uma violência que é generalizada e particularizada, isto é, acontece com os outros e acontece com ele. Interessante que ele parece não estar acostumado com essa situação, o que mostra que não há uma normalização da experiência, ou seja, a violência vivida e percebida não é aceita, mas é um ponto no qual o jovem não pode interferir e por isso a sua atitude de vigiar onde e como ela se apresenta, de modo que ele não seja atingido por ela.



A violência está associada ao uso de drogas como a maconha e outras, como a cocaína e o *crack*, o que muda diametralmente a relação dos marginais e dos drogados com as outras pessoas do bairro.

Com a chegada do tráfico de drogas na área aumentou o número de armas e é maior a impessoalidade, ou seja, não há, atualmente, como, depois de uma violência sofrida, o jovem “chamar o pai” para resolver tal demanda, pois o pai ou qualquer outra figura de referência é tão refém quanto o jovem. A desproteção é geral, a vulnerabilidade é compartilhada; o jovem não tem muito com quem contar, e por isso, a sua espera parece ser aquela de que a sua dor sofrida, a violência sofrida, seja vingada com a morte ou prisão do agressor por parte da polícia e de outros jovens armados, que farão “justiça” a seu tempo.

Nos três anos que eu tô aqui o que mais me chocou foi o ladrão que a primeira vez me deu um chute no “proibido”<sup>46</sup>, [risos] e que eles sempre ia lá pra rua, roubar lá na minha rua. Um pegou, essa semana mesmo, deu um murro no cara por causa de dinheiro que o cara não queria dar. Fica fumando as porcarias deles junto das crianças... E também porque tem a discoteca lá que os cara do B., os ladrão vem tudo pra lá, procurar briga – e só vão armados. No primeiro dia que eu vim morar aí, aí eu fui, meu pai tava doente. Eu fui na casa da minha avó pegar remédio, dez horas, aí teve um negão lá do B., que tava fumando a porcaria, que me pediu dez centavos. Peguei, disse que não tinha, ele me deu um chute no ovo<sup>47</sup> e mandou eu sair correndo. Quando eu voltei foi com meu pai, ela não tava mais lá (C.O, 19 anos, sexo masculino).

Violência em casa, violência física no bairro. O jovem tem uma experiência concreta de desagregação dentro de casa e dentro do bairro, imposta pela mãe e pelos marginais da área, sendo que um marginal bateu nele, no seu órgão genital, e o jovem registrou este fato como um ponto de dificuldade na sua história.

---

<sup>46</sup> O órgão genital.

<sup>47</sup> Testículo.

Há uma percepção da inversão de valores, cuja consequência é a preconização da morte dos jovens envolvidos no tráfico. Há uma mudança na percepção do bairro e das pessoas em relação à morte de marginais. Isso é afirmado por esse depoimento quando diz que antes, em um tempo passado, havia ainda um sentimento, uma sensação de perda da pessoa do jovem e que atualmente há como que uma naturalização da morte, como que uma expectativa que vai se concretizando a cada baixa à sepultura e que isso não provoca nenhum sentimento nas pessoas, nenhuma reação, o que indica que são mortes esperadas, mesmo que tacitamente. Algumas pessoas verbalizam esse desejo, até mesmo as mães e outras pessoas próximas, pois parecem não suportar o perigo e os riscos que trazem a presença do jovem, entre eles e não vêem alternativa diante do jovem que se insere em uma trajetória de marginalidade.

Para essas pessoas a morte é uma consequência do caminho escolhido, mesmo que isso implique a possibilidade de aniquilamento do jovem. Aqui há uma *inversão da sociabilidade*, pois há uma quebra da expectativa de vida do jovem, indicando que não há outros meios socialmente legitimados para reinseri-lo na sociedade.

A entrada na marginalidade tem como perspectiva, neste sentido, uma entrada que não tem volta. Não fossem as conversões a uma religião ou mesmo uma mudança do lugar, a expectativa de vida parece ser reduzida a mecanismos de opressão que levam à morte, pois sem a expectativa de inserção em outros espaços e desenvolvimento de habilidades laborativas, o jovem parece ser empurrado para esse fim, que aparece como o final de sua trajetória: o homicídio e a morte. Mortes esperadas, mortes em expectativa de que ocorram.

**Quadro 14: A morte veladamente esperada dos jovens marginais.**

<b>No plano inconsciente, simbólico e das fronteiras</b>	<b>No plano prático</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• “Alívio” com a morte do jovem;</li><li>• Sentimento de insegurança;</li><li>• Aceitação da morte;</li><li>• Conformismo;</li><li>• Lei do silêncio;</li><li>• Ordem velada;</li><li>• Imobilismo.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Negligência do socorro;</li><li>• Demora no atendimento;</li><li>• Medo de socorrer;</li><li>• Óbito;</li><li>• Colocar o lençol;</li><li>• Segregação de espaços.</li></ul>

## Capítulo 8

### *Mind the gap*

#### **As fronteiras simbólicas da marginalização: marginalidade como a “outra” vida**

*“Elas tinham 15 e 16 anos. Eram novinhas. Elas cresceram assim de repente, e quando ficaram mocinhas, entraram **nessa vida**”*

(E. P., 25 anos, sexo feminino).

Na marginalidade ocorre uma inversão da sociabilidade, ou seja, a marginalidade tem uma lógica instrumental, onde a vida não vale em si, mas está atrelada a aspectos de consumo (no tráfico) e na relação de poder (marginalidade). Se o jovem ultrapassar as fronteiras e os códigos que regem a marginalidade ele poderá vir a ser assassinado, como aconteceu neste caso<sup>48</sup>.

Mas quais seriam essas fronteiras<sup>49</sup>?

Primeiro, é possível indicar a pertença a esses grupos é regida por determinados códigos. Por exemplo: dever (ter dívida) a um traficante; não devolver a arma tomada

---

<sup>48</sup> Vide cenas iniciais na abertura dessa tese.

<sup>49</sup> É interessante notar que quando falamos de marginalidade em bairros periféricos há uma distinção entre moradores e marginais muito recorrente. MACHADO e NORONHA (2002), por exemplo, encontraram esse dado quando analisaram a violência policial em classes urbanas populares do subúrbio ferroviário de Salvador. Do mesmo modo ESPINHEIRA (2004) identificou essa distinção, com o agravante de que os marginais ou ladrões “devem” morrer.

emprestada; ser temido porque ascendeu no tráfico; posse de armas de fogo; realizar assaltos que incomodem alguma pessoa do bairro que mantém uma relação de proximidade com os outros marginais; rixas e brigas internas entre os marginais; pertencer a outro grupo de marginais que disputam determinado território, enfim, essas são algumas possibilidades de compreensão dos motivos pelos quais os jovens são assassinados.

Ultrapassar essas fronteiras pode implicar no homicídio.

**Quadro 15: Fronteiras e códigos que não podem ser ultrapassados pelos jovens envolvidos na marginalidade.**

- 1) Dever a um traficante (ter dívida com um traficante).
- 2) Não devolver a arma tomada emprestada.
- 3) Posse de armas de fogo.
- 4) Ser temido porque ascendeu no tráfico.
- 5) Realizar assaltos que incomodem alguma pessoa do bairro que mantém uma relação de proximidade com os outros marginais.
- 6) Rixas e brigas internas entre os marginais.
- 7) Pertencer a outro grupo de marginais que disputam determinado território.

Essas fronteiras e códigos são estabelecidos internamente nesses grupos, de modo que não podem ser quebrados, sob a pena de pagar com a própria vida.

A idéia de que existem fronteiras e códigos subjacentes à marginalidade pode explicar porque os jovens não envolvidos na marginalidade a denominam de “essa vida” ou “nessa vida”, indicando que há códigos que são partilhados, estranhos para quem não pertence a essa realidade, e que a pessoa se submete a eles. Há portanto uma relação entre a entrada na marginalidade e a assunção destes códigos, como se fossem indissociados uns dos outros, criando, assim uma cultura própria ou uma subcultura, com seus mecanismos e ordenação da realidade específica. A marginalidade é entendida e expressa como “outra vida”, diferente da vida socialmente aceita. Essa outra vida é caracterizada pelo partilhamento de significados com outros marginais e envolve também uma ruptura com os jovens que não estão inseridos na marginalidade.

Há uma distância entre mundos, entre universos de significados, do tipo “nós” e “eles”, indicando que há uma ponte que separa esses dois universos. Os jovens armados, por exemplo, estão prontos para matar e morrer, como se estivessem em uma guerra. As armas de fogo exercem um fascínio nos jovens inseridos na marginalidade, quer pelo poder que apresentam e principalmente porque com elas parece existir uma sensação de proteção, criando barreiras e medo e ao mesmo tempo intimidando as outras pessoas da favela. Então, é possível dizer que “eles” e “nós” somos diferentes, e muitas vezes não nos vemos, somos invisíveis uns para os outros.

Tratam-se de universos semióticos, complexos de significados diferentes na marginalidade/tráfico e na vida. Quando os jovens não inseridos nesses âmbitos referem-se à marginalidade como “essa” ou “nessa” vida, indicam que há uma distância entre os dois mundos, há um vão, um espaço que não devemos ultrapassar: nem um lado, nem o outro, e quando isso acontece, irrompe a violência.

Há uma convivência entre esses dois universos, de modo normativo, mas que pode ser desestruturada quando irrompe em momentos de crise, através de invasões da polícia, guerra entre gangues, assaltos, enfim, onde há perigo para todos.

Quando não há interesses e conflitos o mundo do tráfico e o mundo da favela convivem harmoniosamente, sem entremear-se, mas como diz o aviso do metrô: “atenção com o vão entre o trem e a plataforma”, pois, se alguém ultrapassar esse vão, a pena pode ser muito cara e dolorosa.

Enquanto há a separação desses universos é possível conviver. Quando se unem, irrompe a violência, violência que pode estar latente, em ambos os lados, mas que, pela posse de armas se torna mais evidente nos jovens do tráfico.

Porque é ruim a mãe perder um filho, porque a gente que é colega assim sente uma dor, pra mãe é pior ainda, principalmente do jeito que ela perdeu, que mãe nenhuma quer seu filho nesse mundo não (*R., 18 anos, sexo masculino*).

A expressão “nesse mundo”, assim como todo um conjunto de regras e características, já discutidas aqui, colocam a marginalidade em outro plano da realidade. Assim, quando o jovem entra na marginalidade, são também fronteiras semióticas que ele ultrapassa. Ele começa a partilhar de outros universos de significados, que o distanciam da vida socialmente organizada, que para o jovem parece ser aquela em que ele e os outros jovens não inseridos na marginalidade vivem.

Há, portanto, uma nítida distinção desses universos, que não deve se encontrar, sob pena de se desencadearem conflito, violência e medo<sup>50</sup>. Poderíamos destacar que esses universos estão assim dispostos:

---

<sup>50</sup>Em diversos momentos deste estudo, particularmente nas repercussões do homicídio, o medo é uma presença constante, indicando que, assim como na internalização do desterro, as pessoas que fazem parte da rede de socialização dos jovens foram afetadas. O medo tem como característica a perda das

**Quadro 16: Fronteiras de marginalidade**

<b>Inserção (plataforma)</b>	<b>Vão (espaço)</b>	<b>Marginalidade (trem)</b>
Nós	Espaço de interações.	Eles
Nossa vida	Conflitos, quando os dois	Essa vida
Inserção	universos se encontram.	Nessa vida
Pertença	Na falta de oportunidades e	Dinâmica
Cotidiano pautado pelo trabalho	espaços de integração este vão vai se encurtando	Normatividade
Relacionamentos	até chegar a uma	Riscos
Estabilidade	proximidade perigosa entre	
Normatividade	esses dois universos.	

---

referências externas e intrapsíquicas adquiridas durante toda a existência da pessoa. Com o medo as relações, a percepção de segurança, as relações estabelecidas no lugar são colocadas em um estado de instabilidade porque faz com que a pessoa perca algumas certezas que faziam com que ela habitasse determinado território e compartilhasse experiências e relacionamentos que se constituíram enquanto fundamentais para a vida na periferia. Esse medo aparece quando a violência toma a forma do homicídio entre jovens que se conheciam anteriormente, indicando que a sociabilidade foi rompida e com ela toda a gama de certezas que cercavam tais relações.



## VÃOS E FRONTEIRAS SIMBÓLICAS: UNIVERSOS PARALELOS CONVIVENDO EM UM MESMO CONTEXTO, NA PERIFERIA

Compreender as dinâmicas do contexto que permitem identificar como convivem em um mesmo contexto jovens inseridos na marginalidade e os que não pertencem requerem o recurso à análise do cotidiano, no sentido indicado por Pais (2003):

Ao definir o cotidiano como uma perspectiva que nos permite ver a sociedade a nível dos indivíduos, torna-se conveniente dar atenção aos *contextos dos indivíduos*, isto é, aos elementos do meio social relevantes para os indivíduos: normas, regras, nortes de orientação, bússolas cognitivas, mapas de significação e representações sociais que regulam distintos estilos de acções, distintas condutas comportamentais. As condutas são os textos a que se reportam os contextos (tanto os dos indivíduos como os sociológicos), a sua textura, a sua substância feita de inscrições e traços (p. 123).

Em cada uma desses contextos existem códigos específicos, normas que são intransponíveis. Quando o sujeito os transpõe, há mudanças significativas também nesse nível, repercutindo em sua conduta ou papel social.

Os contextos definem-se de uma forma proeminentemente estrutural; os “textos”, de uma forma mais conjuntural. Na lingüística, por exemplo, o contexto refere-se à língua (sistema) e o texto à fala (acto). Os actos da fala revelam, de uma ou de outra forma, as convenções do sistema da língua através dos quais os actos da fala se tornam inteligíveis(...). Os contextos dos indivíduos podem também, neste sentido, ser encarados como uma espécie de capital indissociável das operações do seu dia a dia, das suas práticas, das suas condutas (PAIS, 2003, p.123).

Ou seja, o contexto está associado às práticas cotidianas e às condutas dos indivíduos, às operações que ele constrói cotidianamente. Neste sentido, se a forma de inserção do sujeito no contexto e suas formas de expressão mudam articuladamente, pode-se concluir que o jovem que ingressa na marginalidade passa a ser definido pelas ações, pela sua atuação cotidiana. Se a marginalidade é entendida como uma exclusão, mesmo que pertencente ao contexto, o sujeito é um excluído porque partilha de códigos, normas e condutas da marginalidade, o que o aproxima de alguns e o distancia de muitos.

Os contextos dos indivíduos aparecem associados a normas que integram sistemas de representações sociais ou de significados compartilhados. Por normas podemos entender as diversas maneiras de agir consolidadas pelo uso, pelos costumes. Tomada como tipo, uma norma não se reconhece apenas pelo seu uso habitual, mas pelo seu uso quase “obrigatório” (PAIS, 2003, pp. 123-4).

Aqui é interessante perceber que seguir essas normas em um contexto caracterizado pela marginalidade indica que o sujeito deve assumir as normas indicadas por esse contexto, de modo que elas fazem parte de todo um universo de significados que encerra. Desse modo, aqui podemos entender que as mudanças provocadas nos jovens após a entrada na marginalidade são reguladas por esse universo de significados sugeridos pela marginalidade, exemplificando de forma concreta a dinâmica daquilo que Valsiner (2007) trata como campos semióticos hierarquicamente organizados.

A representação social da marginalidade é composta por normas e condutas que devem ser seguidas por aquele jovem que nela ingressou, o que explica as transformações físicas e mudanças que os outros jovens identificam no jovem que ingressou em uma trajetória de marginalidade. É importante salientar que cada contexto contém suas normas e solicita, quase que obrigatoriamente, determinadas condutas do indivíduo, de modo que ele seja aceito naquele novo contexto.

Pais (2003, p. 124) indica que as condutas são

os comportamentos dos indivíduos em articulação com as normas (de conduta) (...). Nas condutas encontramos, deste modo, formas mais ou menos submissas de adesão às normas de conduta – que podem ir da submissão passiva à resistência ou transgressão aos sistema prescritivo por elas formado.

É necessário identificar as separações, os códigos, os espaços de trânsito e mesmo a impossibilidade de encontros desses dois universos, sob pena de emergir a violência. Instaura-se uma separação entre domínios: “vida (trabalho, estudo), e “essa vida” (marginalidade, tráfico de drogas etc.).

Neste estudo apareceu a noção de vãos ou fronteiras simbólicas presentes no contexto de jovens inseridos ou não na marginalidade. Entre esses dois espaços ou campos de interações há passagens que não podem ser ultrapassados, sob a pena de o sujeito ser assassinado.

Para analisar o que são esses vãos ou fronteiras simbólicas, é preciso estabelecer aquilo que Pais (2003, pp.126-7) chama de “retalhar a realidade no tempo e no espaço”, pois “os contextos sociológicos são formas de retalhar a realidade”, na medida em que todo o contexto de discurso é marcado por :

a) “Uma *trajetória* (o evoluir do discurso, com suas entoações e manchas pontualizadas: ./;/...!/?!/-/...);

b) Uma *fronteira* (o ficar calado) entre o espaço (legítimo) do discurso e a sua exterioridade (estrangeira);

c) Uma *margem* (sobre a qual se podem levantar pontes para outros discursos)”;

Também os contextos das interações são marcados por:

- a) “*Trajetórias contextualizadas* (encadeamento de atos, condutas, práticas ou atividades quotidianas);
- b) Uma *fronteira* (que delimita o que pertence ou não a um dado contexto);
- c) Uma *margem* (sobre a qual se levantam pontes para outros contextos)”.

Identificamos que há, enquanto problema central do homicídio entre jovens, um ponto onde há a transposição de fronteiras que os levam às trajetórias de marginalidade, implicando na partilha de códigos, normas e condutas pautadas por essa (des) inserção.

Essa (des) inserção pode ser descrita por uma “inserção na exclusão”, onde o jovem assume códigos que pertencem a um grupo excluído do contexto, mas que atua no contexto e ao mesmo tempo é identificado como um caminho desenvolvimental que leva a uma situação de desagregação. Há momentos que dão uma indicação dos passos que o sujeito vai operacionalizar até ingressar na marginalidade do jovem.

Uma coisa são, portanto, as normas de conduta e outra as condutas que, em articulação com essas normas, podemos analisar. Apreciadas por referência aos elementos prescritivos das normas, as condutas podem apresentar maior ou menor grau de conformidade em relação às normas, já que há diferentes maneiras de os indivíduos se conduzirem “normalmente” (PAIS, 2003, p.124).

Podemos analisar que existem esses códigos porque são construídos pela cultura local e são sistematicamente internalizados pelos jovens.

A internalização dos códigos e normas é promovida pelos aparelhos e estruturas sociais existentes no contexto, como a família, a escola, enfim, as pessoas que estão no território e com as quais os jovens convivem cotidianamente.

Entre os jovens, é possível verificar essa não adequação à norma, o que separa os que, por não internalizarem esses códigos aceitos e construídos socialmente, são marginalizados e assumem, assim, outros códigos e normas presentes nesse contexto de marginalização. Os jovens podem ou não conformar-se a esses códigos. Quando não se conformam eles assumem outros códigos e diferentes espaços de aceitação social. Ou seja, há, aqui, três níveis de códigos dentro de um contexto – a integração ao contexto social, com suas normas e códigos; a exclusão e integração a outros códigos, como a marginalidade, que é uma exclusão que temporariamente inclui os jovens dentro desse contexto de marginalização; e, por último, quando há a exclusão dentro da marginalidade, uma exclusão dentro da exclusão/inclusão, que leva à morte.

As condutas parecem associadas a *códigos* compartilhados. O problema que se coloca é o de como decifrar, analiticamente, esses códigos. Nas suas origens epistemológicas, a expressão *código* refere-se a uma escrita *convencional* e *secreta*. Não parece haver uma certa contradição quando se diz que os códigos são simultaneamente *convencionais* e *secretos*? Se são *convencionais*, como é que podem ser *secretos*? O que se passa é que esses códigos são apenas *convencionais* para determinados grupos de indivíduos (os que partilham esses códigos). São *secretos* porque não são entendíveis por outros grupos de indivíduos (PAIS, 2003, pp.124-5).

Esses códigos presentes na marginalidade são difíceis de analisar, dado o hermetismo de certas trajetórias e condutas. O que essa tese descortina tem a ver com significados que se caracterizam por essa leitura de contextos e trajetórias pessoais que são voláteis e mutáveis, cujas configurações se apresentam de modos muito distintos umas das outras, mas sempre com confluências e semelhanças.

Defrontamo-nos com uma questão importante: se o tráfico é a causa do homicídio entre jovens, por que os jovens que se drogam e estão trabalhando, namorando e com uma vida socialmente reconhecida não são assassinados ou mesmo excluídos da favela?

Identificamos que, quando o jovem é consumidor, mas, ao mesmo tempo realiza atividades consideradas importantes para a sua socialização (namoro, trabalho, estudo, por exemplo), esse jovem não é estigmatizado nem sofre as conseqüências do tráfico e sua forma expiatória de se relacionar com os consumidores e envolvidos.

Quando o jovem deixa de exercer as funções socialmente aceitas pela comunidade, ele começa a ingressar naquilo que chamamos aqui de trajetória e *continuum* de marginalização, cujo fim esperado é a morte. Isso se explica porque, ao assumir as características e os papéis indicados pelo tráfico e pela marginalização, o jovem se torna uma ameaça à vida social local, trazendo riscos justamente porque não está inserido em contextos aceitos socialmente.

Aqui esclarecemos a questão, para não sermos genéricos: existem jovens que se drogam e não são estigmatizados, graças às funções e papéis sociais exercidos. Para eles há uma espécie de consideração ou respeito, pois eles não ultrapassam a linha entre o “nós-eles” que indiquei quando falei dos vãos e fronteiras simbólicas; há uma espécie de convivência harmônica, sem interferência.

Já a morte dos jovens inseridos em trajetórias e *continuum* de marginalização ocorre porque, estando com os marginais, eles ultrapassam esse espaço que existe em toda relação humana e ferindo tais princípios são assassinados. Ultrapassaram essa fronteira que é estabelecida por códigos inerentes à condição da marginalidade.

Interessante notar que, mesmo na marginalidade, existe essa separação “nós-eles”, indicando que em qualquer situação e encontro ou agrupamento humano há

distinções pelas funções exercidas. Ou seja, existe também uma sociabilidade na marginalidade, uma sociabilidade na exclusão. E isso pode indicar que os códigos ali existentes são caracterizados e têm um *pondus* a partir dessa experiência de marginalização, onde a violência aparece como um aspecto presente e resolutor de conflitos.

## **DROGAS, VIOLÊNCIA E DESTERRO INTERNALIZADO**

As drogas e a violência parecem apontar para limitadores do desenvolvimento de uma forma mais ampla que antes. Porque há uns dez anos atrás, a pessoa, mesmo envolvida com drogas e crimes, ainda fazia parte de uma rede de socialização mais ampla; era aceito no bairro, se concebia partilhando e integrado a um contexto, mesmo que esse contexto fosse o da marginalidade. Agora, não mais.

As drogas, que um dia poderiam integrar esses jovens – numa espécie de socialização<sup>51</sup>, mesmo se inversa - não mais o faz. Deixa-os cada vez mais apartados das dinâmicas que acontecem ali, sob os seus olhos e sua vida. Agora a realidade mudou e é muito mais complexa, porque as drogas e o tráfico mudaram as formas de socialização. Além disso, a dependência está associada não com os vínculos entre as pessoas, mas com a “relação de consumo”.

A relação de consumo objetiva uma forma de socialização que reduz o outro a consumidor e, por isso, quem não cumpre tal função, tem a sua vida posta em perigo pela morte, conforme tem se tornado comum verificar nas favelas. As drogas não socializam, pelo contrário, estabelecem uma relação diferente, cujos objetivos são os mais pragmáticos possíveis, ou seja, estão em um plano diverso dos códigos comumente

---

<sup>51</sup> Vide os movimentos culturais nas décadas de 1960 e 1970, por exemplo.

partilhados para a socialização. Em um ponto extremo, vemos que o ato de matar para *honrar* um compromisso que não foi cumprido substituiu qualquer outra espécie de relação, como, por exemplo, o diálogo ou o entendimento da situação

Existe aí uma sobreposição de dois modos, de duas lógicas de ação: uma sob o efeito das drogas e a égide de sua influência e outro sob a lógica pautada em uma socialização que é aceita pela sociedade em geral: o diálogo, a conversa, outros modos de resolução de um conflito. É por isso que, quando as drogas e as armas entram na dinâmica de desenvolvimento de um jovem, tudo muda, a dinâmica se diferencia substancialmente.

A entrada do elemento “droga” parece distanciar o jovem de uma perspectiva, de um futuro, talvez porque a dependência permita vislumbrar um aqui e agora que necessita de realização e satisfação, não deixando espaço para uma projeção, para uma perspectiva mais direcionada ao futuro mais amplo, que ultrapassa o instante.

As drogas parecem tocar na questão da satisfação imediata e fugaz, que ocorre num tempo determinado, no qual o jovem coloca todas as suas forças, inclusive a força de trabalho. O trabalho perde assim a sua função de construção de uma identidade e passa a ser utilizado como instrumento para a satisfação de uma necessidade escusa, que não se encontra nos parâmetros de socialização e de construção direcionados a um tempo e espaços mais amplos.

Viver numa situação de emergência parece ser a finalidade mais imediata do consumo, mesmo que para satisfazê-lo o jovem tenha que ir abandonando projetos e possibilidades num futuro próximo. Tal emergência pode se dar geralmente no uso do próprio trabalho para a satisfação dessa necessidade, assim como outras atitudes que o jovem vai realizando para satisfazê-la, como o roubo de objetos de sua própria residência, fato também comum na trajetória de jovens dependentes.



As drogas fragilizam os vínculos com as outras pessoas e com o lugar. Ou seja, a pertença e as interações são afetadas, não são vistas como fatores importantes para o desenvolvimento, o que faz lembrar que o “desterro”, percebido enquanto fator de desagregação no lugar torna-se, ou pode tornar-se, um “desterro” internalizado, absorvido pela pessoa, que não se percebe nem naquele lugar, nem compartilhando das interações dadas

A desconfiança, o medo, a fragilidade dos vínculos, a ausência de rede de apoio social e afetivo, a não participação em espaços educativos e de socialização podem indicar este fenômeno, e mesmo as relações afetivas marcadas pela violência e pela realidade da dependência do uso de drogas podem apontar para a vivência de um desterro internalizado, que passa a ter duas novas características: é um fenômeno internalizado e essa internalização fragiliza, no nível da pessoa, os vínculos com o lugar e com as outras pessoas.

Não confiar nos pares e não estabelecer metas para a própria vida são expressões dessa fragilização dos vínculos provocada por esse “desterro” internalizado. O jovem que assim vive pode ser percebido como alguém que já parece ter perdido os vínculos com o lugar e as pessoas e está à espera do desfecho final da própria vida, pois quanto menos vínculos estabelecidos, menos orientação para o futuro. Exemplo disso é a cena do enterro de um jovem, quando poucas foram as pessoas que ali compareceram porque, ou tinham medo, ou se sentiram “aliviadas” com a sua morte. É isso que costuma acontecer em enterros de jovens que praticavam furtos e se drogavam, pelo menos na periferia.

Tal processo envolve a família, como em um caso bem recente em outro bairro da periferia de Salvador, onde uma família que teve um jovem assassinado teve que ir embora para o interior do Estado com medo de que outros assassinatos ocorressem na família.

A mãe, em primeiro lugar, mandou os dois filhos adolescentes; depois, ela e a filha foram embora, deixando a casa vazia - casa, que a despeito da pobreza, já sofreu duas tentativas de arrombamento, posteriores à morte do jovem, que foi assassinado, junto com dois amigos na área, próximo da sua localidade. Com essa indicação é possível perceber que o desterro está presente em outras áreas da periferia e esses casos, neste sentido, parecem ser uma recorrência.

“A morte mais recente é a de L., que morreu há dois meses e alguns dias. Quem mais se lembra dele hoje em dia?”

(E.P., 20 anos, *sexo feminino*).

Essa percepção da jovem mostra esse desterro e esquecimento pós-morte. Essa percepção converge com um aspecto do desterro que temos identificado que é o esquecimento da trajetória destes jovens que são assassinados. Há nesse esquecimento uma forma explícita do desterro *post mortem*, que apaga da memória de uma localidade a presença de um jovem que fazia parte do contexto. Então, enquanto consequência da violência, temos o desterro atuando em vários níveis:

1) **Territorial**, onde ocorre a desterritorialização, com a saída da família, gerando o desenraizamento, não tendo mais a liberdade de transitar pelas ruas e realizar práticas antes possíveis. Ocorre no plano da vida.

2) **Relacional**, que é um desterro caracterizado pelas instabilidades geradas pelo homicídio, que faz com que a família e os jovens se tornam (quando não são

assassinados), reféns de medos, percepção de vigilância por marginais. Ocorre no plano da vida.

3) **Simbólico**, que é um desterro caracterizado pelo esquecimento do jovem que foi assassinado, pois o mesmo parece não deixar indícios de sua trajetória. Ocorre no plano *post mortem*.

**Quadro 17: Níveis de atuação do desterro**

<b>Níveis de atuação do desterro:</b>	<b>Territorial</b>	<b>Relacional</b>	<b>Simbólico</b>
O desterro atua sempre a partir da irrupção da violência, em muitas das suas manifestações: homicídios, brigas, intimidação, rixas etc.	Saída da família do bairro, em caso de homicídio do jovem.	Instabilidades psíquicas geradas pela violência.	Enterro em cemitério sem inscrições lapidares.
	Desenraizamento	Insegurança, medo. Sentimento de vigilância.	Falta de registros do jovem.

	Ocorre no plano da vida.	Ocorre no plano da vida.	Ocorre no plano da morte.
--	--------------------------	--------------------------	---------------------------

Esses níveis de atuação do desterro podem ocorrer a partir de eventos relacionados à violência, tanto em homicídios, quanto em outros eventos como intimidação, brigas, rixas e ferimentos. Os níveis territoriais e relacionais se relacionam com o plano da vida e o nível simbólico se relaciona com o plano da morte.

Perguntada sobre o fato de ter jovens inseridos em trajetórias de marginalidade, uma jovem assim respondeu:

Tem um bocado. Eu conheço um lá no colégio – ele ta até foragido. Foragido, assim, ele fugiu. O nome dele é I. O primo dele estudou com a gente, ele namorou uma colega minha, acho assim, que ele tinha tudo pra ser melhor, só que pela falta de oportunidade, aí ele perdeu o pai e depois entrou nessa vida. Não morreu. Tá por aí. Um dia tá em lugar, no outro dia tá em outro (S., 19 anos, sexo feminino).

A entrada na marginalidade parece conduzir o jovem a uma instabilidade territorial, que faz parte do desterro.

Por medo e pelo risco em que implica a marginalidade na periferia, é como se a pessoa não tivesse um paradeiro, um lugar para estabelecer a sua vida e as suas relações, de modo que há uma espécie de nomadismo (MAFFESOLI, 2001), indicado aqui nesse depoimento como “*Um dia tá em lugar, no outro dia tá em outro*”. Ou seja, a marginalidade tira a estabilidade territorial do sujeito, fazendo com que ele vagueie

pelas ruas da cidade, com incertezas e medos, principalmente se ele for jurado de morte por outros jovens inseridos na marginalidade.

Há, assim, uma perambulação que torna o jovem ainda mais vulnerável porque o coloca distante do território onde se estabeleceu na infância.

Quando eu era pequeno aqui do lado morava um cara e ele era muito inteligente. Todo mundo estudava no colégio e tinha dinheiro – porque o pai dele era dono de uma venda. O pai dele dava dinheiro a ele e a gente não tinha dinheiro. Ele pagava pra gente fazer os trabalhos dele. Mas ele era inteligente e foi crescendo, a gente cresceu junto, estudando, até que chegou uma hora em que alguém ofereceu a ele maconha, aí ele pegou maconha. Depois que ele pegou maconha, ele pegou o crack, que era mais pesada que tinha, tava chegando aqui na época, em 96, 97. Cara, aí ele pegou o crack. Quando ele pegou o crack ele começou a consumir demais. Todo o dinheiro que ele tinha era pra consumir (T.F., *24 anos, sexo masculino*).

A inteligência parece ser um fator importante na trajetória deste jovem, pois indica uma não satisfação diante da realidade e a necessidade de experiências que o levem a essa satisfação que aqui aparece como suggestionada pelo consumo de drogas. É difícil falar porque os jovens com essa característica da inteligência parecem não encontrar respostas para as suas demandas, daí a procura por substâncias psicoativas que geram uma nova percepção da realidade.

Entre a metade e o final da década de 1990, começou a se intensificar na periferia da cidade de Salvador o tráfico de drogas como o *crack* e a cocaína. Essa descrição do jovem que morreu devido ao consumo mostra como é forte a relação de consumo e ao que pode levar. Aqui poderíamos indicar que é também uma forma de estabelecimento do *continuum* da marginalização, que com a entrada no universo das drogas, outra esfera de relacionamentos e de prática, o sujeito vai paulatinamente abandonando práticas e saberes valorizados anteriores a essa entrada.

Assim, a depender da intensidade do consumo, o jovem pode vir a óbito pelos danos causados pelo consumo de determinadas drogas.

O início de práticas ilícitas como o assalto para obter dinheiro para manter o consumo e mesmo a posse de armas indicam os novos espaços que este jovem pode ocupar na periferia, particularmente pelo estigma que a ele é “afixado” pelos amigos, assim como por uma parcela significativa da comunidade na qual habita.

Mas o desterro parece ter um *script*. Esse texto ajuda a visualizá-lo:

### **A CENA**

*“Fui visitar uma família no L.. Chego à casa e me deparo com um jovem sentado, de cabeça baixa, cheio de tatuagens, com um olho marcado por uma cicatriz. Olho para o jovem, dou bom dia e sigo por um beco escuro até chegar na casa, tão escura quanto. Começo a conversar com a jovem. De repente, pelo seu sobrenome, digo que conheci nos idos de 1995, um jovem que tinha aquele mesmo sobrenome. Ela, então me diz que é seu irmão e que foi o jovem que eu vi sentado na entrada na casa. Volto para falar com o jovem que eduquei quando criança e conversamos, ele dizendo que me reconheceu assim que me viu na rua. Ele saiu do bairro de origem com sua família, depois que levou um tiro no olho e o jovem que o feriu foi assassinado. Hoje moram em uma situação precária, difícil de suportar: a casa é velha, escura e abafada e nenhum dos moradores trabalha. Não podendo voltar para o seu bairro de origem, onde havia estabelecido relacionamentos mais estreitos, vive em bairro mais violento. A cena me chocou porque ali vi a face dessa consequência da violência entre pares que venho estudando e que chamamos de desterro. A pergunta dele foi se eu ainda continuava trabalhando com projetos sociais. Eu lhe respondi que estava, neste momento, estudando. Na casa uma frase que me chamou a atenção, escrita na parede com giz de cera: “A pessoa é igual a uma cana: pode estar no bagaço e oferecer doçura”*

(Diários de campo do autor, 17 de abril de 2007).

## O *SCRIPT* FORÇOSAMENTE SEGUIDO, REPETIDO

Ao ver esse jovem naquela situação de marginalização e apatia, sem ter o que fazer, com uma vida restrita, percebi que há uma repetição do *script* diante do desterro. O jovem e sua família são obrigados, diante da violência, a reestruturar a vida em outro contexto, lidando com novas situações, diante das quais podem não se adaptar.

Nesse sentido, há uma inatividade diante da vida, o que pode explicar a inserção do jovem no tráfico de drogas, devido à falta de perspectivas mais inclusivas.

A idéia de *script* ou roteiro do desterro surge aqui como uma espécie de padrão que pode ser encontrado e tipificado, como tento aqui realizar e pode ajudar a entender quais os mecanismos acionados pela ação da violência em suas mais variadas gradações.

Falando da polissemia do termo violência, Zaluar (2004) afirma que a

violência vem do latim violentia, que remete a vis (força, vigor, emprego de força física, os recursos do corpo para exercer a sua força vital). Essa força torna-se violência quando ultrapassa m limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo assim carga negativa ou maléfica. Portanto, é a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento causado) que vai caracterizar um ato como violento, percepção que varia cultural e historicamente. As sensibilidades mais ou menos aguçadas para o excesso no uso da força corporal ou de um instrumento de força, o conhecimento maior ou menor de seus efeitos maléficos, seja em termos do sofrimento pessoal, seja em termos dos prejuízos à coletividade, dão o sentido e o foco para a ação violenta. Além de polissêmica, ela é também múltipla nas suas manifestações (pp.228-9).

O *script* indica que os casos seguem alguma orientação dada pelas circunstâncias, é como se houvesse uma configuração que vai se repetindo e segue uma continuidade, com variações. Vejamos os aspectos a seguir:

1. A marca, a ferida corporal, a seqüela que deixa no jovem, de modo que esta seqüela o acompanha, faz parte dele, o constitui. Por exemplo, o jovem levou um tiro no olho, continua vivo, mas essa marca está nele, e é impossível que ela não seja percebida. Ela faz parte da imagem corporal do jovem, ou seja, algo foi feito contra ele – e essa evidência permanece.
2. A marca da violência consegue afetar a imagem corporal e a identidade do jovem, pois na juventude o uso do corpo é um fator importante da constituição de si e da sua personalidade que, quando ferida, atua como um mecanismo de desagregação interna, subjetiva. A vítima da violência muda a forma de se conceber ao olhar para si – e é bom lembrar que o jovem olha muito para si. A ação da violência pode levar a essa internalização do desterro, sua conseqüência mais direta, pois o desterro não significa somente a saída e a quebra dos laços e das relações, mas da forma como a pessoa se concebe, ao olhar para si. É como se a violência provocasse um afastamento do sujeito diante dele próprio ao enxergar em si as marcas deixadas por tal evento.
3. O perpetrador da violência que gerou o desterro - no caso deste jovem foi um par, outro jovem do seu círculo de relacionamento. Em alguns casos o desterro se dá após a perpetração de outros agentes, como policiais, marginais do bairro ou de outros lugares.
4. A saída do lugar de origem, do bairro, de mudança efetiva devido à ação da violência.



5. As novas inserções do jovem, em outro lugar: se ele conseguiu se integrar ao novo contexto, se há ou não integração ou se o mesmo foi levado, devido ao desterro, a uma forma de exclusão. No caso desse jovem poderíamos chamar a exclusão de “integração perversa” (ZALUAR, 2004), porque pode levar a caminhos desenvolvimentais que continuam a transitar pela violência e suas conseqüências, sem perspectivas de integração do jovem. Essas novas inserções – ou exclusões – podem vir a se tornar mecanismos de não adaptação do jovem ao novo contexto, o que para mim ficou evidente quando o jovem me perguntou sobre se eu ainda trabalhava em projetos sociais, elementos estes que não existem no bairro novo onde habita, ou seja, não há espaços para que ele atue, mobilizando as suas habilidades, o que pode levá-lo a uma exclusão, nesse aspecto, e ainda pensando nas dificuldades que o mesmo pode encontrar quando não consegue inserir no novo bairro em atividades laborativas.

6. Dentro dessas novas inserções está a adaptação da família do jovem, que em vários casos, tem a necessidade e a premência de não mais habitar a área onde ocorreu a violência. Aqui neste caso, também a família tem a necessidade de novas adaptações, que muitas vezes são difíceis porque comporta não somente uma vida – a do jovem -, mas as vidas de muitos outros que estão envolvidas e são levadas a sair do seu contexto onde antes viviam.

7. Do mesmo modo que para o jovem, a estrutura de relacionamentos da família passa por readaptações constantes, procurando novas relações e espaços que possam orientar e estabelecer novos vínculos no lugar onde têm que viver.

8. Dentro dessa nova adaptação, a provisoriedade da habitação, geralmente conseguida às pressas, alugada ou emprestada por algum parente, não assume a configuração da casa antiga, mas da eternamente provisória, muitas vezes sem o devido cuidado, como que vivendo na emergência e prontos para fugir, ou sair, caso haja algum novo evento, ou mesmo o perpetrador da violência volte para tirar satisfações ou “acertar as contas” com o jovem – e por extensão com sua família. No caso da morte do jovem, a família, aqueles que ficam, vêm-se envolvidos, também, nessa trama, sem a presença física e concreta do jovem, mas com a presença da memória, que permanece como ponto que acompanha todos aqueles que sofrem com a sua ausência.

9. Outro aspecto está relacionado ao jovem perpetrador da violência e sua posterior morte<sup>52</sup>. Em pouco tempo ele pode vir a ser assassinado por outros pares armados, sendo este dado um fato recorrente quando da vitimização. Por exemplo, o jovem que deu o tiro no olho desse jovem foi assassinado pouco tempo depois, em uma emboscada em uma área deserta da favela.

Retomando um ponto inicial do *script*, onde começa essa trajetória?

Observando a história de vida de alguns jovens, como este, o fato do envolvimento primeiro com **as drogas** parece ser uma chave de explicação porque indica ao mesmo tempo novas inserções e novas exclusões no espaço da periferia, em suas relações proximais e com o contexto mais amplo.

---

<sup>52</sup> Neste caso, parece existir certa recorrência na história dos jovens que cometem o homicídio. Eles, em um relativo espaço de tempo são assassinados, por parceiros ou por policiais. Geralmente a morte está associada ao fato de possuir a arma de fogo do jovem.

O ingresso no envolvimento com as drogas parece indicar que o jovem, ao mesmo tempo em que se distancia de antigas referências, vai se orientando para novas, que nem sempre são marcadas pela sociabilidade normalmente aceita. Com isso, parece que há a necessidade de compartilhar com outros jovens também envolvidos os mais diferentes momentos do dia, afastando-se, ao mesmo tempo, de espaços e relações antes estabelecidas e freqüentadas.

**Quadro 18: *Script do desterro.***

- 1) Um primeiro aspecto é a marca, a ferida corporal, a seqüela que deixa no jovem, de modo que esta seqüela o acompanha, faz parte dele, o constitui.
- 2) A marca da violência consegue afetar a imagem corporal e a identidade do jovem, pois na juventude o uso do corpo é um fator importante da constituição de si e da sua personalidade que, quando ferida, atua como um mecanismo de desagregação interna, subjetiva.
- 3) Outro aspecto está relacionado ao perpetrador da violência que gerou o desterro, no caso deste jovem foi um par, outro jovem do seu círculo de relacionamento.
- 4) Novas inserções do jovem, em outro lugar.
- 5) Adaptação da família do jovem.
- 6) Provisoriedade da habitação, geralmente conseguida às pressas.
- 7) Morte do jovem, a família, vê-se envolvida nessa trama, sem a presença física e concreta do jovem, mas com a presença da memória, que permanece como ponto que

acompanha todos aqueles que sofrem com a sua ausência.

8) Outro aspecto está relacionado ao jovem perpetrador da violência e sua posterior morte.

9) Envolvimento com o tráfico de drogas: genealogia do “desterro”.

10)

O desterro<sup>53</sup>, enquanto categoria, surge neste estudo a partir do conceito de desenraizamento, proposto por Weil (2001) e vem sendo utilizado como uma metáfora para indicar as repercussões provocadas pela violência, trazendo mudanças territoriais e psicossociais aos indivíduos que fazem parte do contexto de relações de um jovem assassinado.

Identificamos que o desterro pode ocorrer com os amigos do jovem, sua família - com as mães em especial. O desterro leva as pessoas a uma desterritorialização, tendo que refazer suas vidas e vínculos em outros espaços, fugindo das conseqüências advindas da violência. O desterro tem sido objeto de estudos anteriores, emergindo como uma repercussão da violência em uma periferia (SANTOS, 2005a; SANTOS e BASTOS, 2005), sendo discutido também por Alcântara (2007), ao analisar as trajetórias de adolescentes em conflito com a lei.

---

<sup>53</sup> “DESTERRO, s.m. expulsão para fora da pátria, expatriação; exílio, deportação; degredo. Saída da pátria ou domicílio. Pena que obriga o réu a permanecer em lugar determinado no continente ou ilhas adjacentes ou a sair temporariamente da comarca (Cód. Pen. Port., art.39º). A terra onde reside o desterrado ou o ausente. O estado ou condição da pessoa que vive desterrada ou isolada da sociedade. Lugar solitário, ermo” (AULETE, 1958, p. 1468).

Diversos autores, como Todorov (1999) e Bosi (2003) têm retomado o conceito de Weil (2001), para indicar os aspectos presentes na modernidade e pós-modernidade, em que, devidos a fatores econômicos, sociais e culturais, as pessoas começam a se conceber sem a pertença a uma territorialidade específica.

No entanto, o que parece evidente neste estudo é que o desterro vem se tornando uma experiência e uma condição de existência presente na vida cotidiana dos jovens marginalizados, de modo particular. Mas, em um sentido mais amplo, pode ser identificado como uma condição que ultrapassa as fronteiras da marginalidade, dado o fato de existir uma recorrência dessa experiência em diversos momentos da história humana em situações de guerra, êxodo e perseguição política.

Particularmente quando falamos da pós-modernidade vamos nos deparar com pessoas dos mais diversos extratos e condições que se vêm afastadas do território e dos seus laços constitutivos e originários pelas situações que se originam nos conflitos entre as pessoas.

Analisando os casos dos jovens que perdem a sua estabilidade territorial e a segurança dos laços vividos em sua história, podemos compreender que o mesmo fenômeno ocorre com suas famílias, que diante das novas configurações trazidas pelos conflitos sociais caracterizados pelo tráfico de drogas e a violência, vão se tornar reféns deste fenômeno. Mas o mesmo acontece com as pessoas que circunvizinham esses desterrados. De um modo ou de outro eles são impelidos a agir com essa instabilidade porque a experiência do desterro parece se alastrar, provocando mudanças nas formas de socialização de pessoas que habitam um mesmo território e vivem em universos semióticos diferentes.

Com o desterro as relações EU – TU, constitutivas das pessoas (BUBER, 2001; 2007), são abaladas.

Rabinovich (2007), por exemplo, identifica que há importantes fatores que norteiam o desenvolvimento humano e que estão ligados a essa pertença, a essas relações de apego, ao ser ligado, relacionados a aspectos das trajetórias de famílias e cidades<sup>54</sup>. Quando modificada, a pertença aos espaços constitutivos da identidade do sujeito provoca modificações nos modos de vida. Sendo assim, o sujeito *desterrado* tem de refazer as suas experiências contando não mais com aqueles espaços sólidos como o são as relações do microsistema, mesossistema e do território, constituindo desse modo novas formas de interação com uma realidade contextual diferente (BRONFENBRENNER, 1996a).

Um exemplo desse refazimento existe no Brasil e em várias partes do mundo em relação às grandes cidades para onde vão os imigrantes.

Em um lugar diferente, para o qual eles foram, premidos pela força das circunstâncias, quer sejam sociais, econômicas ou mesmo em virtude dos conflitos políticos e interpessoais, essas pessoas têm que refazer suas vidas estabelecendo novos pontos de orientação, como a **identidade territorial perdida** (esses laços são recriados em bares, bairros de imigrantes, relações com conterrâneos, enfim), **os costumes e a cultura do lugar de origem** - vide as feiras com produtos típicos das regiões de origem, os estilos musicais que são “resgatados”, porém nunca mais com a caracterização do lugar de origem, daí existindo certa estilização dos gêneros, como bem identificou Tinhorão (2001).

Aqui surge também a noção de *internalização do desterro*, que é o aprofundamento, ou seja, a atuação no plano psicossocial e das interações da pessoa, que muda em relação ao contexto e às demais relações. O conceito de internalização

---

<sup>54</sup> Simmel (1976) também identifica que há uma influência da cidade sobre a vida mental das pessoas, modificando ou modelando aspectos da personalidade e do acentuado individualismo dos sujeitos.

vem de Vigotski (2007) e se caracteriza por um processo interpessoal que se torna intrapessoal.

A internalização do desterro é a assunção, por parte da pessoa, de códigos, experiências e símbolos ligados à ação da violência. No estudo podemos identificar que esse fenômeno ocorre tanto com os jovens inseridos em trajetórias de marginalidade, quanto em jovens que foram vitimados pela ação da violência e/ou tiveram pessoas de suas redes de relações vitimadas - motivo pelo qual essa internalização faz parte das repercussões do homicídio.

A violência e as suas repercussões criam novos sujeitos. Os jovens que sofrem as conseqüências da violência parecem reproduzir e internalizar códigos que mudam suas condutas e os colocam em um patamar existencial diverso, pautados por uma não inserção ao contexto, pois internalizaram aspectos que os retiram desse cotidiano, vivendo sob a égide de sentimentos e características psicossociais que são caracterizadas pelo medo, pela premência da morte.

O desterro internalizado supõe que os jovens inseridos em trajetórias de marginalidade são, por assim dizer, reféns de experiências que fazem com que eles vivam em um universo como o daquelas pessoas que estão em estado de suspeição diante da realidade por alguns fatos que ocorreram em suas trajetórias, como assaltos, assassinatos. Com isso a noção da realidade parece ser envolvida por uma sensação de insegurança, mesmo que o espaço pareça ser seguro.

A internalização do desterro supõe uma ruptura psicossocial que fragiliza a pessoa, sendo que essa fragilização aparece como um demarcador de instabilidades. Com isso, podemos dizer que há uma ruptura dos processos de subjetivação, que são afetados por eventos externos que tendem a fazer parte da identidade pessoal.

## Capítulo 9

### **As repercussões do homicídio entre jovens: nos jovens, nas famílias, nas mães e nos projetos sociais**

#### UMA CENA

*Hoje eu vi a força de uma mãe cujo filho foi assassinado...*

*A mãe do jovem morto não chorou. Tirava das palavras a força para consolar as filhas, os netos e pessoas que tanto gostavam do seu filho. Ela buscou nas palavras a força para expressar sua dor. Palavras fortes, palavras sobre a dimensão vingativa e certa do tempo, que cura todas as feridas. O mesmo tempo que vai vingar a morte do filho.*

*Uma sentença, um consolo, uma esperança e o filho morto. Uma dor irremediável, tantos cuidados e o corpo sem vida.*

*“Só Deus consola”, “Só o tempo faz, resolve”.*

*Eu sei, dona, mas sei também que a dor, a ausência chegaram e mais uma vez a vida parece pedir um retraimento, como aquele de anos atrás, cuja impressão guardo até hoje, quando a sua casa foi assaltada<sup>55</sup> em casa e toda essa abertura ao mundo e toda a capacidade comunicativa e de liderança vivida foi abalada, trazendo pela primeira vez o medo à tua vida. Ali começou um desterro que hoje se completa, tristemente.*

*Mas hoje eu vi a força de uma mãe cujo filho foi assassinado.*

*Hoje, social e humanamente eu estava perplexo. Eu não consigo ver tantos meninos que eu vi crescer morrerem assim, tão banalmente, sem chegar a completar um ciclo de vida, cujo início presenciei, acompanhei, fui amigo de tantos pais e mães na tarefa de educar. Um menino que a gente viu crescer não pode morrer assim.*

*Ela ainda estava com as mãos cheias de sangue. Desde a madrugada, quando ao ouvir da janela os tiros e sair para acudir o filho e a nora, ela segurou nas mãos do filho, que pegou a mão da mãe e pôs no seu peito, antes de morrer, conferindo-lhe todo o bem querer que nutriu por ela durante a vida; ela que não media esforços para cuidar de sua prole, que amava cada*

---

<sup>55</sup> Referência a um episódio, quando a casa da mãe do jovem foi assaltada e a mesma, diante do medo, perdeu algo de sua própria sociabilidade.



*filho como se fosse único e que por ele transitava pelo bairro, pelas escolas, pelos projetos sociais e conhecia cada professor, educadora, pelo nome; que ensinou ao menino o segredo de ser querido e respeitar os mais velhos a qualquer custo.*

*Eu, como professor dele, lembro que diante das minhas correções ou mesmo das observações que fazia ele seguia tudo com respeito e pedido, com admiração e agradecimento, porque em casa essa mãe cuidou, abriu terreno para que ele fosse assim.*

*Ele, desses meninos que a gente aprende a cuidar porque entende que viver sozinho é um perigo, dizia à mãe cada vez que me encontrava na rua que havia me visto, sempre com respeito e admiração, dizia ela, porque gostava de mim.*

*Há duas semanas, enquanto eu andava por outro bairro da periferia ele me encontrou. Estava em um bar tomando água de coco. Ofereceu-me, e, feliz, conversamos um pouco. Última lembrança.*

*A mãe, na hora última, pediu que todos que tinham alguma mágoa dele o perdoassem. Ali eu chorei, não tem mágoa que pague uma vida. Não tem dor que precise assassinar o outro; não há vida que precise ser ceifada.*

*P.S.: A morte desse jovem não foi notificada em nenhum jornal da capital baiana.*

As repercussões do homicídio entre jovens aparecem aqui como o conjunto de conseqüências que atinge as pessoas da rede de relações dos jovens e mesmo do contexto da periferia.

O homicídio entre jovens afeta diretamente a **estrutura das famílias**, porque estabelece uma ruptura com a qual é difícil lidar, principalmente porque alteram a configuração familiar, criando um vão (*gap*) nas relações, permanecendo o filho perdido, o filho morto, no imaginário, nas lembranças, lembranças que são mescladas entre dor e sentimento de injustiça; em alguns casos há uma certa conformação por parte da família, muitas vezes por entender que este foi um caminho escolhido pelo jovem, conforme identificamos quando analisamos os estigmas e as prefigurações do destino do jovem que ingressa em uma trajetória de marginalidade.

Se entendermos a família como um sistema, uma estrutura que contém ciclos e transições podemos perceber que a irrupção do homicídio reconfigura toda essa estrutura, gerando novas respostas e adaptações frente a essa nova realidade experienciada.

O mesmo *vão* pode ser identificado em um espaço de tempo de duração menor no bairro, que logo depois do evento (o homicídio) refaz as suas redes, como se aquele jovem não fizesse parte do universo socialmente aceito.

Nos jovens as repercussões, a depender do grau de aproximação e da constituição da rede de relacionamentos, podem ser duradouras ou transitórias. São **duradouras** quando o jovem assassinado faz parte da rede de relações dos jovens e esses se sentem na iminência de vingá-lo<sup>56</sup> ou mesmo de ingressar em uma trajetória semelhante, motivados por sentimentos de injustiça e mesmo de inconformismo diante da situação.

Este dado é paradigmático, pois na lógica dos adultos, a partir da expiação, ninguém deveria “se atrever” a seguir o mesmo caminho, já que se sabe o fim que resultará. Em alguns jovens o mecanismo não é esse, pois após a morte de um jovem de sua rede de relações outros jovens podem ingressar na marginalidade, sem que a morte tenha “servido” de demarcadora de uma situação na qual eles não podem envolver-se.

Já a **transitoriedade** das repercussões do homicídio entre os jovens vai se dar em relação aos jovens que não fazem parte efetivamente e de forma próxima da rede de relações do jovem assassinado. Com isso podemos perceber que há uma normatização e uma aceitação da morte como se ela fizesse parte do bojo das escolhas do jovem assassinado.

---

<sup>56</sup> Vide o capítulo 6 dessa tese: O “vingador”: o jovem como perpetrador – e vítima - da violência de periferia em Salvador, Bahia.

As repercussões são mais amplas que o desterro e tem muitas particularidades, a depender dos níveis que analisamos, a partir de cada caso específico.

Por exemplo, é importante salientar que as repercussões do homicídio entre jovens atuam na vida das pessoas, interferindo em níveis diferentes, como, por exemplo, a) entre os jovens da rede de relações do jovem assassinado, b) nas famílias, c) no contexto etc. gerando conseqüências as mais diversas no plano da saúde, do desenvolvimento e da integridade física e psicológica dos sujeitos.

As repercussões do homicídio entre jovens aparece nesse estudo como uma face visível da violência contra essa faixa da população, essa violência está disseminada, em seus variados modos e expressões, na periferia, nas pequenas cidades e nos grandes centros urbanos do Brasil e do mundo.

Maffesoli (2004) identifica que a violência está cada vez mais sendo disseminada nos mais variados contextos e todas as suas formas de manifestações trazem danos, desde aquelas praticadas de forma política, estrutural, àquelas surgidas no âmbito das relações, na periferia.

Existem diversos tipos de violência. O fantasma das suas manifestações está muito disseminado, e do ponto de vista teórico é extremamente delicado privilegiar um de seus aspectos em relação a outros. Sob muitos aspectos, a *violência totalitária* própria do Estado, da ontologia, das instituições e de seus diversos representantes não pode ser considerada preferível à violência anômica dos “marginais” de subúrbio (p.61).

De tão recorrentes as expressões da violência, podemos, dada essa incidência, não nos dar conta das repercussões trazidas. Um exemplo deste fato pode ser reconhecido ao abrirmos cotidianamente os jornais e verificar a ausência de

quaisquer sentimentos ou reações perante o número crescente de jovens assassinados.

Podemos perceber as repercussões do homicídio entre jovens nos diversos níveis do contexto e para diferentes atores sociais e indicamos o alcance dos danos psicossociais que a violência pode operar no plano da saúde, das relações e da estabilidade psíquica das pessoas que tiveram um jovem de sua rede de relações assassinado.

Cruz Neto (2001), identificou os fatores de riscos aos que os jovens envolvidos no tráfico no Rio de Janeiro estão expostos, de acordo com as posições de segurança e serviços gerais, funções de processamento e venda e chefia exercidas.

Os riscos variam, indo desde prisões, brigas, punições e torturas, até a morte, caso haja a quebra de códigos estabelecidos como a perda de armas ou drogas, assim como a delação.

Sendo tão diversas suas repercussões e as maneiras como é percebido, o homicídio, causa fraturas psicossociais que podem ou não ser restabelecidas.

Entre os jovens do círculo de amizade e nas famílias, em particular nas mães, essas fraturas parecem se fixar por mais tempo, enquanto que no contexto parece existir uma ruptura e logo depois um refazimento das relações na vida cotidiana, dando o fato como consumado.

## **REPERCUSSÕES DO HOMICÍDIO ENTRE OS JOVENS**

A violência não é uma entidade abstrata; ela afeta as relações mais próximas e cotidianas dos jovens, indicando que sua força atua de forma concreta nas relações do jovem e no contexto, provocando mudanças e ressignificando trajetórias.

Em 2006 um jovem foi assassinado por outros jovens do seu ciclo de amizades, conforme descrevo na cena II na abertura dessa tese. A sua morte causou uma enorme consternação nos jovens da área, principalmente pela brutalidade e perplexidade que o fato causou, devido, dentre outras coisas, à proximidade que tinham com ele e pelo sentimento de injustiça. Enquanto pesquisador, acompanhei de perto as fraturas deste acontecimento na vida dos outros jovens e da comunidade como um todo.

Para indicar alguma forma de enfrentamento, nos encontramos em alguns momentos para discutir e conversar sobre o assunto, onde se pôde falar, cada um deles, da situação que estava vivendo e de como era difícil enfrentar aquele momento. Aqui nasce a primeira percepção que tivemos em comum, diante deste fato: a morte violenta de um jovem afeta as relações dos outros jovens mais próximos e, de certa maneira, de todo um bairro.

Esta percepção foi uma descoberta, pois faz muito sentido se pensarmos que os fatos, geralmente relacionados à violência, que acometem os jovens, são propulsores de situações as mais diversas. Ou seja, tal como ocorre em uma família, onde existe uma reconfiguração de relações após a morte ou a chegada de um membro, também no bairro acontece uma reconfiguração quando há a morte de um jovem. Isso indica que o jovem pertence a uma rede de relacionamentos que se reconfigura na ausência dele, de modo que atinge o protagonismo de outros jovens, da sua família em particular e da

estrutura de relacionamentos dentro do bairro. Se a morte estiver relacionada à violência e ao tráfico é um marcador de que algo não está bem, ou seja, há o aparecimento de uma situação difusa onde o medo e a insegurança grassam como sentimentos que impedem movimentos de expansão dos outros jovens. Isso não quer dizer, no entanto, que os jovens parem de se envolver em tais trajetórias, mas são contidos diante da morte e da violência.

Assim, o jovem que foi morto passa a habitar uma cosmologia na memória dos jovens sobreviventes, basicamente pela lembrança e como indicação de quais caminhos não se podem trilhar para não terminar da mesma forma, o que pode indicar, de maneira bem mais complexa, que o exemplo do outro “serve” de alguma maneira para “frear”, impedir e conter aqueles que estão em processo de uma inserção na marginalidade, na favela.

A morte, mesmo sendo entendida como uma situação de perda, tem algo a dizer aos jovens sobreviventes, como um “contra exemplo”. Pode ser percebida pelos outros jovens como uma expiação, tal como acontecia no Brasil colonial, em relação aos escravos, quando a morte ou o suplício de um tinha como função conter a ação dos outros, o que é uma recorrência quando pensamos na lógica do tráfico.

A **expiação** é uma forma de violência que tem a função de servir de modelo a outros jovens, para que não façam o mesmo que o jovem que sofreu a violência fez, e tem um caráter “pedagógico”, visando a mostrar aos outros o desfecho que será obtido se ele não seguir as indicações que estão subliminarmente determinadas pela trajetória na marginalidade. A expiação é uma característica presente nos conflitos entre jovens envolvidos em trajetórias de marginalidade, porque parece apontar para uma impossibilidade de solução baseada em aspectos como o diálogo e a aceitação da diferença. A expiação parece ser a forma com a qual esses jovens determinam os

critérios que devem ou não ser seguidos na marginalidade. Caso haja uma transgressão, o método da expiação pretende atuar como uma forma de limite imposto aos outros jovens, para que não incorram nos mesmos “erros” do jovem vítima da expiação, que se concretiza com o homicídio ou formas de torturas que têm a função de mostrar qual o “fim”, no sentido de morte ou sofrimento, terão aqueles que transgredirem as ordens impostas pelo grupo.

Por exemplo, alguns jovens são assassinados porque “queimam”, isto é, fazem com que o ponto de vendas de drogas tenha prejuízos pelo não pagamento de dívidas referentes ao consumo ou ao tráfico, pois caso o jovem não arque com os seus “compromissos” ele pode ser exterminado, “pagando” com a própria vida. Então, o caráter “pedagógico” da expiação está no fato de ser uma forma de convencimento e restrição das atitudes dos outros jovens, impondo limites claros que, se ultrapassados, serão punidos com a expiação.

Se a causa da morte foi o endividamento e o não pagamento por drogas usadas, a morte foi como que uma espécie de alerta para que outros jovens não façam o mesmo, ou seja, não comprem drogas e fiquem devendo, pois podem ter o mesmo fim. Ao mesmo tempo, se a morte foi por uma rixa, dada pela limitação dos espaços, é preciso entender que espaços são esses que necessitam de tal atitude assim violenta para serem preservados.

Há uma lógica interna ao fenômeno de grande complexidade, basicamente pela nova ordenação social da favela, que impõe limites que não são apenas geográficos, mas supra-geográficos, simbólicos. Estão no plano das relações de compra e venda de drogas e de códigos que não podem ser ultrapassados, sob a pena de padecer com a morte expiatória.

É interessante notar que limites de caráter semiótico regulam esse tipo de relações também em outros contextos sociais, acompanhados de regras e penalidades, regulando aberturas e fechamentos de passagens. Trata-se, portanto, de limites semióticos, designados por Valsiner (2006) como “portais”.

Assim, a morte desse jovem é uma espécie de vaticínio sobre como as relações sociais da juventude das favelas são modificadas quando aparecem em cena os dois elementos de mudança de comportamento e quebra de vínculos sociais: as armas de fogo e as drogas, não só o seu uso, mas o tráfico.

As relações sociais da juventude na favela são modificadas cada vez mais diante da chegada destes elementos que colocam o indivíduo jovem em outro plano de sua existência concreta, conferindo-lhe provisórios “poderes” e delimitando o espaço tanto de jovens que estão envolvidos diretamente com eles, particularmente na dependência das drogas ou pertencimento a quadrilhas, e aqueles que não estão envolvidos, mas temem pela sua vida, diante da possibilidade de serem agredidos pelo poder de fogo que os jovens armados possuem.

*“Parece que tudo parou, o tempo parou, a rua mudou, tudo ficou mais triste”*

(Diários de campo do autor, 22 de março de 2006).

Essa frase dita por um jovem remete à compreensão, de que há na juventude das favelas uma relação direta de aproximação dos jovens aos eventos que acontecem com outros de sua faixa etária. A sua rede de relacionamentos está diretamente ligada aos pares externos à família, e tudo o que acontece a estes pares toca-o, de alguma maneira,



ou seja, o coloca “irmanado” ao outro. Por isso, qualquer evento que acontece a um jovem pode ser percebido pelos outros jovens interferindo na sua rede de relacionamentos e socialização, gerando adaptações ou não à nova situação.

Alguns jovens, diante da morte, vislumbram possibilidades até então não efetivadas, como o ingresso na marginalidade para promover uma vingança diante da morte de um amigo, o que seria uma forma de retratar a violência sofrida, mesmo que gerando uma nova violência, que daí pode vir a tornar-se como que um “moto-contínuo” de violência, ou mesmo a mudança de projetos de vida, adquirindo novos. A atmosfera de letargia social descrita nos capítulos anteriores também pode ser considerada uma dessas repercussões.

Outros jovens parecem, no entanto, não demonstrar que houve uma mudança na sua rede de relacionamento e no seu contexto de desenvolvimento, continuando a percorrer a sua trajetória sem o envolvimento em situações de marginalização que podem aparecer.

Tanto uma possibilidade quanto a outra são possíveis, ainda mais se levarmos em conta que a juventude é um momento da vida onde as possibilidades parecem ser infinitas e que há uma elasticidade no plano da realização de cada uma delas.

Há uma força irrompida com o homicídio que faz com que os jovens percebam que no contexto ocorra um momento de estagnação, tristeza, perplexidade e impotência, que podemos denominar de letargia social.

Será que essa tristeza, essa paralisia diante do evento violento não é um mecanismo da “letargia”? Será que há uma força do contexto, provocada pela violência e pela morte, que restringe/reduz as possibilidades de desenvolvimento, mesmo para aqueles jovens que continuam vivos e realizando as suas existências cotidianas?

A letargia social pode indicar pontos de parada da trajetória de um indivíduo.

Pode também ser identificada após o evento crítico, como uma força opressora, referindo-se ao contexto e às repercussões do homicídio entre jovens.

De fato, silenciosa ou ruidosa, a revolta germina. Silenciosa ele se manifesta na passividade, no recuo, na inatividade dos jovens. (...) Esta rebelião, ao mesmo tempo sorrateira e eficaz, significa, com certeza, que está chegando ao fim um ciclo, o que foi inaugurado com a consagração do bem como valor como valor absoluto (MAFFESOLI, 2004, p.13).

Ou Lyotard (1996), quando afirma que

A imensa periferia murmura milhares de mensagens abafadas. Mesmo suas violências, guerras, insurreições, levantes, desastres ecológicos, fomes, genocídios, assassinatos são divulgados como espetáculos, com a menção: como vêm, isso não é bom, exige novas formas de comunidade, isso passará. Os desesperos são, assim, considerados como desordens a ser corrigidas, jamais como os sinais de uma carência irremediável (p.35).

Com a crescente inserção dos jovens no tráfico de drogas e em outras atividades ilícitas, estamos assistindo a uma vitimização contínua de vidas que “poderiam ter sido e não foram, e nem serão” parafraseando o Poeta Manuel Bandeira. Com isso os laços, os vínculos e as histórias pessoais estão sendo sufocadas, instaurando-se a paralisia e a *letargia social*, que estão se tornando uma espécie de entidades contra as quais não sabemos o que fazer.

A letargia acarreta uma falta de perspectivas diante da vida. Muitos jovens passam a não ser definidos pelo fazer, mas pelo não fazer, o que é uma inversão da noção de busca de identidade característica da transição para a idade adulta - momento

no qual a pessoa afirma-se por alguns saberes e habilidades caracterizadas pelo *faber*, pelo trabalho e pela inserção social. Assim, desemprego e violência vão na contramão do protagonismo, retirando perspectivas diante da realidade.

O estudo parece apontar inicialmente para os efeitos provocados pela violência na vida dos jovens vitimados e também naqueles que ainda não o foram, embora ter alguém próximo que sofreu violência já possa se configurar como violência sofrida. Sua percepção diante da vida, seus projetos estabelecidos vão se modificando. Além disso, ainda estamos caminhando a passos lentos quanto as notificações referentes à vitimização dos jovens por causas externas.

A divulgação dos dados e das histórias pessoais dos jovens assassinados parecem não provocar a sociedade brasileira.

O desenvolvimento humano em contexto e as formas de proteção à juventude precisam também ser considerados em uma perspectiva longitudinal. Se, por um lado, a violência pode irromper a qualquer instante, o outro lado da história é que outros, quando acompanhados e orientados nos momentos de passagem (dos 13 aos 19 anos), podem ser ajudados a se inserir no mercado de trabalho e estabelecer seus projetos de vida.

Assim, o estudo parece apontar para a fragilidade das ações pontuais, quando estas perdem de vista este aspecto longitudinal da política pública voltada para a juventude. Quando há uma sistematicidade de ações voltadas para a juventude, isso parece contribuir com a sua efetiva inserção e melhoria da qualidade de vida.

A violência pode ser uma força que provoca essa “letargia” quando impede o desenvolvimento de novas habilidades, e, principalmente, quando mina e esfacela certezas e espaços de protagonismo, restringindo a socialização (BASTOS,

ALACÂNTARA e SANTOS, 2002). A morte afeta até o tempo. Muda a relação dos jovens com o tempo.

A violência representa uma fratura desenvolvimental e contextual, gerando, posteriormente, uma sensação de apatia, perplexidade e de emergência para os sobreviventes, e é um ponto onde emerge a falência das instituições, dos direitos humanos, da cidadania e da promoção da saúde. As noções de ordem, direitos humanos, cidadania, promoção da vida, pertença a uma nação, são colocadas entre parênteses e aparece uma nova configuração que nivela por baixo tanto os direitos quanto as expectativas de vida da juventude.

Uma dor por dentro. Perder alguém assim. Antes eu achava que era normal morrer, todo mundo morre um dia, mas é bom a gente viver, saber viver, e morrer por alguma coisa que faz sentido, não morrer assim, desse jeito, baleado por alguém por causa de drogas, de tráfico (R., 18 anos, sexo masculino).

Outra repercussão do homicídio entre jovens é que há essa “dor por dentro”, essa inexplicabilidade e perplexidade causadas pela perda do amigo.

A dor se relaciona em sentido estrito com a falta causada pelo homicídio do jovem. Com a morte as expectativas são colocadas em xeque, de modo que viver, agora, é na memória, onde persistem perdas com as quais a pessoa tem que conviver por toda uma vida, irreversivelmente.

Interessante notar que essa “dor por dentro”, amplia a noção de dor fisicamente perceptível. O jovem parece se colocar diante de um fato inexplicável, cuja melhor definição está relacionada com algo para além da percepção visível, que transforma e age no plano de constituição da sua subjetividade, trazendo sentimentos como a tristeza,

a raiva, o inconformismo e a perda inicial de significados que eram atribuídos àquela amizade que era constitutiva de suas relações com o lugar.

Nesse momento, mesmo o refazer-se pode levá-los a **caminhos ou descaminhos**, como a entrada em um processo de marginalização, como ocorreu com o jovem entrevistado que, durante certo período da vida, alguns meses após o assassinato do amigo, ponderou seriamente a possibilidade de engajar-se em uma trajetória de marginalidade para poder vingar aquela - pois a “morte é o indizível, o irracional. A dor é a da nossa morte sem palavras. Sem explicação. Explicar a morte é torná-la vivível” (RABINOVICH, 2006).

O jovem não sabe lidar com a dor e essa “dor por dentro” da qual fala R (*18 anos, sexo masculino*) que reluta em aceitar que a violência vitime um dos seus pares, cuja vida começava a ganhar novos contornos com a entrada na juventude.

Outro ponto relacionado à morte e à dor, é que, para o jovem R, há uma morte que é normal, natural, que faz parte da vida de qualquer pessoa e, em contraste com isso, ele considera que a morte do seu amigo não faz parte do ciclo normal da vida de qualquer pessoa, porque nela há a presença da violência que não escolhe os seus, e dá cabo à vida de qualquer pessoa, em qualquer faixa etária, como ocorreu com o homicídio desse jovem.

Ao mesmo tempo, a partir do evento da morte do seu amigo, o jovem R (*18 anos, sexo masculino*) começa a avaliar a positividade da própria vida, ou seja, que viver é um bem e que existe um sentido na vida – e até mesmo na morte. O jovem avalia a sua vida e percebe que morrer só vale a pena se for por algo que tenha um sentido e que morrer devido às drogas e ao tráfico não tem sentido porque vai contra a experiência que ele faz da vida enquanto espaço de vivência de experiências diversas e que são importantes para o seu desenvolvimento. As drogas e o tráfico aparecem na

contramão daquilo é identificado enquanto vida, que parece orientar-se para a realidade cotidiana vivida e construída ao longo dos anos.

A ecologia do desenvolvimento humano é afetada com a morte, provocando mudanças inesperadas e imprevistas que podem redirecionar o curso do desenvolvimento. Aqui, o que pode ser percebido é que os elementos e eventos externos provocam e fazem com que haja uma internalização de fatores como o medo e a sensação de impunidade, que aparecem como formas que podem impedir a socialização porque, com a morte violenta de um jovem, há como que uma deterioração de laços afetivos, perspectivas, gerando instabilidades psíquicas e convivência com uma falta que o tempo não cobre.

De forma sintética, enumero algumas repercussões do homicídio, dentre as descritas nestas páginas. O quadro abaixo pretende mostrar algumas repercussões do homicídio entre os jovens:

#### **Quadro 19: Conseqüências e repercussões do homicídio**

- |   |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"><li>- Reestruturação da vida (desterro como proteção e expansão, mudança de mundo).</li><li>- Riscos à vida (assassinatos e desintegração da vida, ingresso na marginalidade).</li><li>- Reconstrução da identidade perdida (aquisição de certezas e estabilidade emocional e psicológica).</li><li>- Perda dos vínculos e/ou aquisição de novas formas de agregação.</li><li>- Perda da identidade local, territorial.</li></ul> |
|---|

- Inserção em outros trabalhos, religião etc.
- Vãos, vácuos.
- Ferimentos.
- Invalidez.
- Outros assassinatos.
- Restrição da liberdade no bairro.
- A expulsão do lugar de origem.
- Medo da violência e/ou intimidação.
- Letargia do contexto.
- Dor por dentro.
- Ciclo de mortes.
- Anti-socialização.
- Limitação do desenvolvimento.
- Perda de expectativas.
- Afeta a percepção de temporalidade.
- Ciclo de mortes.
- Ingressos de jovens na marginalidade.
- Quebra de relações de pertencimento.

## REPERCUSSÕES NA VIDA DAS MÃES E DAS FAMÍLIAS

*“Eu não dou vinte e um dias para que, pela força do vento,  
do tempo e das encruzilhadas, eles paguem o que fizeram a meu filho”*  
(Palavras de uma mãe diante do caixão do filho assassinado, Diários de campo  
do autor, 30 de março de 2006).

*Ser mãe é secretamente trágico,  
Noites em claro e o pavor do sangue e da  
desgraça,  
da morte e da perda,  
do inominável.*  
(Ana Cecília de Sousa Bastos,  
A impossível transcrição – De tudo fica a poesia, 2007, p.20)

*“E também eu nem quero ver  
Mãinha chorar, porque quando eu  
vi a mãe dele chorando, a mãe do  
finado J., e do finado L., eu senti  
uma dor danada”*  
(R., 18 anos, sexo  
masculino).

Para os jovens da periferia, a figura materna representa uma relação estável, carregada de veneração, respeito e consideração. A confiança em um afeto incondicional materno ajuda-os a não se envolverem em situações que as façam sofrer, na medida que a vida dos filhos encontre-se sob ameaça.

A mãe é um ponto de estabilidade: o laço, o vínculo estabelecido e dado pela maternidade continua na juventude. As mães e as famílias sofrem as conseqüências do homicídio e é como se uma parte de suas vidas tivesse se perdido. Elas não conseguem



mais enfrentar o cotidiano e os rituais que estabeleceram ao longo de anos em suas vidas (crenças, festividades, amizades), enfim se enfraquecem.

De acordo com Bastos, Alcântara e Santos (2002, pp.126-8), a violência provoca mudanças no macrocontexto dos bairros periféricos e repercute na educação dos filhos, assim como em suas trajetórias de desenvolvimento. Os autores, do ponto de vista da família, indicam que a violência

- a) “Faz perder as estratégias de socialização pelo trabalho;
- b) Altera a forma de assumir novos papéis na família;
- c) Modifica a composição dos vários níveis do contexto, criando e restringindo novas vias de passagem, rotas de escape, desde o brincar, restringindo o ambiente
- d) Cria referências de risco para o adolescente; cria fascínio, atração;
- e) Mina as crenças na efetividade de projetos de vida;
- f) Exclui pela estigmatização (rotulação, preconceito);
- g) Apresenta-se como entidade onipresente e paralisante;
- h) Diminui a iniciativa e o protagonismo nos adolescentes e nas famílias;
- i) Diminui a esperança” (pp. 126-8).

Após a morte de um filho a vida entra em um novo ciclo. A ruptura é o entendimento de que a violência retirou dela um motivo central pela qual a vida tem um sentido. A partir da realidade observada, indico a seguir algumas possíveis características psicossociais da repercussão do homicídio na vida das mães de uma periferia,

a) **Ruptura.** A experiência da morte de um filho adolescente traz, para a mãe, uma experiência de ruptura dos laços e das relações externas (sociabilidade com os vizinhos e outros moradores do bairro). A ruptura pode demorar e persistir no tempo, assim como a percepção da noção de impunidade que vai cercar o fato, principalmente se o jovem estiver envolvido em atividades ilegais, como o furto, uso de drogas e a posse de armas. Outro aspecto da ruptura é o fato de que a mãe pode romper laços com instituições, igrejas, pessoas e o lugar, deixando para trás a história que viveu na área onde aconteceu o assassinato de seu filho. Quando na impossibilidade de ir, pode ocorrer a experiência do recolhimento, tanto nas mães, quanto nos pais, conforme podemos perceber nesse relato.

A família fica arrasada, a pessoa quer até sair do lugar, a mãe mesmo quer é justiça, a mãe fica falando que há de acontecer alguma coisa ruim com quem matou. Pior que a morte de L. a gente nem mesmo conseguiu entender assim, porque ele ficou, o pai, na dele, assim, todo mundo chorando e ele no outro dia tava tomando cerveja. Mas eu acho que ele tava com uma dor bem grande e todo dia ele vai no cemitério, toda semana e ele vai sozinho e não chama ninguém, compra flor e vai. E todo mês ele paga missa, pra rezar missa. Quando acontece uma coisa assim a família fica de um jeito assim que não dá pra explicar direito, dá uma vontade de sair, o mundo já acabou, o mundo acabou. Não tem mais reação pra fazer nada, qualquer coisa que vai fazer pensa na pessoa que morreu e aí já fica até desanimado (A., 21 anos, sexo masculino).

b) **Conformação ou conformismo.** Algumas mães, mesmo sentindo a dor do filho, adquirem certo conformismo diante da perda do rebento, pois ele trazia alguns dissabores para a sua vida. Não estou querendo indicar que a mãe deseja a morte do filho, mas a morte pode aparecer como certo “alívio”, diante de tantas dores e problemas que o filho traz.

c) **Reestruturação.** Ao mesmo tempo em que há a ruptura. Há a reestruturação de laços e relações. Ou seja, a mulher passa a ser vista como alguém que teve uma perda drástica (do filho) e necessita de apoio e companhia. Geralmente essa companhia e apoio vão se dar em meio aos vizinhos mais próximos e mesmo em projetos sociais e associações de bairro. A reestruturação poderia ser indicada com aquela força e a energia de vida com a qual as mães se recompõem após a ruptura para enfrentar o fato. A adesão a uma religião pode dar forças para que a pessoa se refaça. Outra possibilidade é a inserção das mães em grupos e mesmo cooperativas constituídas por mulheres.

Ela roga praga nos outros; ela não pensa assim em pegar uma arma e descontar o que ele fez e matar de outro jeito, algumas joga praga; outras dizem: “eu entrego ele nas mãos de Deus”. Mas a vontade dela ali, que nem a mãe do finado J., foi pegar ele e bater na hora. Ela ficou chorando, arrasada lá. A mulher dele que tava grávida tomou um bocado de tiro. A mãe dele foi embora. E a família pensa em se mudar logo do local porque também tem medo (R., 18 anos, sexo masculino).

d) **Recolhimento.** A experiência do recolhimento é um retraimento social e das relações. Querendo ou não a imagem que fica da mãe que tem um filho assassinado é a de alguém que foi vítima de uma situação que consegue minar sua integridade física e psicossocial. A impunidade e o aumento crescente das mortes vai como que sedimentando um sentimento de impotência e desproteção das pessoas diante da violência contra os jovens, que se expressa através dessas e tantas outras conseqüências.

e) **Imobilismo.** O imobilismo poderia ser certa paralisia provocada diante da violência sofrida e percebida através do assassinato; é também um componente da letargia social.

f) **Somatização.** A **somatização** pode ser identificada com o aparecimento de doenças motivadas por causas psicológicas, grosso modo, ou doenças da mente no corpo.

g) **Fim de espaços e vivências de tradições.** O homicídio apresenta para algumas mulheres a perda e o afastamento de algumas tradições, marcadamente aquelas relacionadas com a religiosidade, a cultura e a preceitos de fé. Pode-se notar o recolhimento e o imobilismo principalmente em mulheres que organizavam iniciativas culturais, como folias, reisados, pastoris, quadrilhas e outros festejos, assim como a manifestação do dom, exemplificado na oferta de comidas, como o caruru e o arroz doce, mingau, característicos da cultura baiana.

**Quadro 20: Repercussões do homicídio nas mães e nas famílias.**

	<b>Jovem 1</b>	<b>Jovem 2</b>	<b>Jovem 3</b>
<b>Na família</b>	Mudou-se do bairro.  Medo.  Novas relações e território.	Mudou-se do bairro.  Medo.  Fechou a mercearia.	Permaneceu no bairro, porém retraiu-se, não sai de casa.
<b>Nas mães</b>	<p style="text-align: center;">Ruptura</p> <p style="text-align: center;">Conformação ou conformismo</p> <p style="text-align: center;">Refazimento</p> <p style="text-align: center;">Recolhimento</p> <p style="text-align: center;">Medo</p> <p style="text-align: center;">Imobilismo</p> <p style="text-align: center;">Fim de espaços e vivências de tradições.</p>		

O lugar parece trazer à tona a triste lembrança da perda, de modo que as pessoas não conseguem mais se identificar com o local e as relações ali estabelecidas, como se existisse uma falência de crenças e expectativas em relação à vida comunitária. A saída do bairro pode indicar uma possibilidade nova, de recomeçar a vida a partir do evento

crítico, resguardando os outros filhos das lembranças que os acompanharão certamente, porém sem a concretude do lugar, do território até então habitado.

Assim, outra consequência é esse refazer do território e das relações em outro lugar, recomeçar a viver em outro território, com outras pessoas, em outras escolas; enfim, outro universo de relações que começam a se configurar, após essa saída forçada e necessária para que a dor não se concretize com a lembrança atualizada do lugar e também daqueles que perpetraram a violência.

O que será do meu filho nas férias, quando ele não tiver nada pra fazer? Ele vai querer ficar jogando com os caras barra pesada lá do bairro. Aquilo ali não é lugar pra ninguém viver.

(Palavras de uma mãe ao pesquisador, quatro anos antes do homicídio do seu filho. Diários de campo do autor, 29/11/02).

Esse “não ter nada para fazer” pode remeter à mencionada atmosfera de letargia social, pois, mesmo que o jovem esteja vivendo e desenvolvendo algumas habilidades enquanto joga, isso não é percebido socialmente. O fazer socialmente reconhecido implica uma aceitação e pode ser definido nos âmbitos do trabalho, da escola, da frequência a projetos sociais, à integração em grupos orientados para perspectivas culturais, educacionais, sociais e políticas.

A mãe já antecipava que alguma coisa poderia acontecer ao seu filho por causa das companhias das atitudes, dos espaços que freqüentava, e do uso do tempo livre, elementos que podem antecipar e mostrar se o jovem está integrado ou não em trajetórias de marginalidade e que, por outro lado, podem mapear como está ocorrendo o seu desenvolvimento, tal como constatado por Bastos, Gomes, Gomes e Rego (2007), ao analisar narrativas de grupos de mães também residentes no Subúrbio Ferroviário.

A preocupação da mãe tem um sentido de proteção e preocupação, diante do qual nem ela mesma sabe o que fazer, pois a força das companhias se apresenta como

uma divisão entre a casa e a rua, tendo um fascínio ao qual o jovem adere e se liga, ou seja, pertence de forma plena, não deixando, muitas vezes, espaço para a interlocução com a família e outras pessoas de referência.

As companhias são referenciais que ditam as atitudes e os modos de comportamento do jovem, porque introduzem elementos de partilha e aceitação que não são vislumbrados na família, dadas a hierarquia e as distâncias conferidas pela relação intergeracional.

Nas companhias de jovens, isso existe de uma maneira menos evidente pela configuração dos grupos sem divisões demarcadas por essas características. Aqui se justifica a preocupação materna quando o jovem se envolve com outros jovens que são estigmatizados: o estigma, que era desses “outros”, passa a fazer parte do jovem.

Atitudes de socialização com pessoas de várias esferas permitem ao jovem transitar pelo bairro e estar menos vulnerável às situações de violência e estigmatização. Quando as suas atitudes são modificadas pelo encontro e pertença a grupos de jovens “barra pesada”, o próprio jovem começa a perder as características de socialização com o território local e a fazer parte de um círculo de amizades e referências que vão se restringindo, até assumir os modos e as atitudes do grupo, o que indica a mudança de referenciais apreendidos na família, no bairro e nos espaços que frequenta.

Aqui é interessante notar que o fato de estar na companhia dos outros e “jogar até de madrugada” pode pressupor, de acordo com a visão da mãe, o ingresso em atitudes que são pautadas pela transgressão, como o uso de drogas, o acesso a outros universos de significados pautados pela inserção em pequenos delitos e o conhecimento de novas esferas de socialização, ou mesmo de mecanismos que podem fazer com que o jovem não consiga se liberar deles, como, por exemplo, onde se localizam “bocas”, onde as armas são conseguidas, quem serão os próximos jovens que serão mortos.

Sendo assim, essas informações não permitem mais o trânsito fora dos espaços dados pelo grupo, o que indica uma relação de pertença que não é mais dada pela liberdade, mas por uma ligação que implica conhecimento de informações que não podem ultrapassar aquele círculo, sob pena de o jovem “pagar” com a própria vida.

Esse mecanismo pode explicar uma pertença sob o estigma da opressão, já que o jovem não pode mais estar ligado a pessoas de modo gratuito e recíproco. A pertença, neste caso, é uma prisão. Nessa forma de pertença, indicada pela opressão e a não possibilidade de escolha, o jovem assume características como a constância na relação com esses jovens que impedem a frequência a outras relações e espaços, assumindo, assim, um modo de vida e hábitos que o caracterizam como um marginal.

### **REPERCUSSÕES DO HOMICÍDIO NO BAIRRO:**

A dinâmica contextual tem momentos de calma e conturbação que o jovem identifica.

De fato, na favela, percebe-se uma sazonalidade dos momentos de crise e dos momentos onde não ocorrem eventos críticos. Há, assim, durante o ano, períodos que são marcados pela violência e por certas pausas, **vãos**, entre esses eventos.

De todos os modos, quando irrompe a violência restringem-se os espaços de socialização, negando a necessidade que o jovem tem de encontrar-se com outros e mesmo de divertir-se.

Na rua agora qualquer coisinha é medo, se passar alguém assim, pensa que é bandido, porque agora eles ficam correndo pra lá e pra cá, os bandidos não param mais não; é tiro pra lá e pra cá. Um dia desses aí meu pai tava mais meu



primo de carro, meu primo tem um táxi, eles passaram lá nas casinhas e os caras sempre vê ele indo trabalhar, aí, de repente eles meteram a arma na cabeça deles dois e perguntou: “quem é você?, quem é você?”, e eles conheciam painho, e ainda foi meter a arma na cabeça, dizendo ele que tá achando que é polícia, e o pessoal lá na rua fica até comentando, só com medo, só falam nesses tal desse bandido, os nomes deles. “Ah, se fulano de tal passar aqui eu corro”, e ele é isso, é aquilo. Só assim, negócio de fama, que eles são miseráveis, que matam. Não é miserável, é que todo mundo tem medo da arma, que é uma coisa que faz medo mesmo e os meninos lá da rua ficam tudo falando que vai crescer, que vai matar. M<sup>57</sup>, mesmo, ele ontem tava roubando lá, roubou um pirulito na venda, que começa assim com essas coisinhas, pegou escondido e botou no bolso, na barraquinha. Aí eu disse “vou falar com a tua mãe”, e ele disse: “ah, isso pra mim não tem jeito mais não”, ele tem treze anos. Eu disse “sua mãe vai lhe bater, e ele disse: “É, ela vai me bater, mas eu vou ficar dando risada”. Os meninos ficam achando que... o espelho dos cara, eles acham bonito. O que esses caras faz lá, acha que tá tudo certo, que eles vão namorar um bocado e vão ter dinheiro a hora que querem e que podem fazer o que quer., mas não sabendo eles que não é nada disso aí. Depois que o cara está nessa vida<sup>58</sup>, é só vida de correria<sup>59</sup>, pra lá e pra cá, o coração só anda a mil, batendo, com medo de alguém pegar. Eu mesmo tava até andando com ele, B., mas não tô mais andando não. A vida dele é olhando pra lá e pra cá, com medo de vir um carro, se vier um carro de noite assim na rua ele sai correndo, porque ele tá devendo à polícia e os bandidos mesmo. A vida dele é só isso aí. Os caras de moto tava querendo pegar ele. Só fica correndo pra lá e pra cá, até quem tá com ele corre risco<sup>60</sup>, aí eu parei de andar com ele (R., 18 anos, sexo masculino).

A violência atua engessando esses momentos, não permitindo que eles aconteçam, como se a sua força letárgica impedisse os encontros e as demais oportunidades de socialização e crescimento. Se a violência tem esse poder é porque o perigo que imprime à vida dos jovens é real. Mesmo que muitas vezes não se manifeste em sua expressão última, esse poder se relaciona a uma difusão ampla do medo que a violência aciona nas pessoas. Se a violência é uma entidade abstrata, como o medo, que se concretiza na ação, aparece então, em sua materialização, uma expressão que faz com o que jovem perca o seu espaço de socialização dentro da sua comunidade, do seu

---

<sup>57</sup> Menino de 13 anos, que começou a praticar os primeiros furtos.

<sup>58</sup> Outra vez, a expressão que distingue a vida na marginalidade da vida socialmente aceita.

<sup>59</sup> Traços psicossociais da marginalidade: medo, correria, sobressaltos, adrenalina, risco.

<sup>60</sup> O jovem que anda em companhia de outro jovem envolvido na marginalidade corre o risco de ser assassinado.

bairro. O medo se torna real, a violência se torna real. E essa nova realidade, como o **desterro**, restringe os espaços, toma conta da realidade cotidiana e é um impedor de novas atitudes relacionadas à socialização.

**Quadro 21: Repercussões do homicídio no bairro e nos projetos sociais**

	<b>Jovem 1</b>	<b>Jovem 2</b>	<b>Jovem 3</b>
<b>Bairro</b>	Indiferença.  Esquecimento.	Perplexidade.  Comoção.  Revolta.	Perplexidade.  Comoção.  Acionamento de redes de proteção. Conversas, diálogos, escuta dos jovens.
<b>Outras repercussões</b>	O medo, a sensação de perseguição, a paranóia.		
<b>Projeto Social</b>	Impotência	Impotência.	Impotência.

As repercussões no bairro – e aqui estão entremeadas com os jovens - também se estruturam em um *continuum*, que vão da indiferença, passando pela perplexidade e chegando à comoção e organização comunitária diante do homicídio.<sup>61</sup>,

<sup>61</sup> A revista Carta Capital noticiou na sua edição de 6 de fevereiro de 2008 uma matéria falando da revolta da periferia diante da execução de quatro jovens negros pela polícia.

A indiferença e o esquecimento, ligados ao jovem de número 1, devem-se a que, além de ele estar envolvido em uma trajetória de marginalidade, praticava assaltos às pessoas da própria periferia, não respeitando a história local. Assim, sua presença não era aceita pela comunidade – o que veladamente pode ser percebido como se a sua morte representasse uma expectativa esperada, mas jamais verbalizada. Com a morte do jovem que praticava assaltos, houve o restabelecimento de uma ordem, por isso o esquecimento e a indiferença.

Outra repercussão é caracterizada pela perplexidade. Ocorreu uma inexplicabilidade diante do homicídio dos jovens 2 e 3, o que muda e paralisa a vida das pessoas, no sentido de que não esperavam que aquilo acontecesse, particularmente porque os jovens não representavam uma ameaça aos outros e faziam parte – positivamente – da rede de relações da favela. A perplexidade parece não mover as pessoas, mas faz com que as mesmas pensem e sintam a perda, embora com um posterior esquecimento da vida dos jovens.

Outro nível de repercussão é essa perplexidade ligada à comoção, que leva ao acionamento de redes de apoio que podem proteger os outros jovens diante da morte de um deles. Pelo fato do jovem ser querido e não ter em sua trajetória eventos que o caracterizem como um risco, a sua memória permanece na vida de outros jovens, que se recordam dele, organizando-se de variadas formas, de modo que a sua vida continue a fazer parte do contexto. Diante dessa morte, os jovens ficaram mobilizados de tal forma que se colocaram em contato com outras pessoas, procurando explicação ou espaço para falar daquilo que estavam percebendo e sentindo diante da morte. Há, nesse nível, uma organização dos jovens para que tal evento não seja repetido, para o que encontram formas diversas. No plano coletivo, a organização de missas, minutos de silêncio em jogos de futebol, No plano individual, inicialmente marcado pela percepção de jovens

que queriam ingressar em trajetórias de marginalidade para perpetrar vingança ao jovem assassinado, há o estabelecimento de novos projetos de vida pautados pelo trabalho, estudo e organização do cotidiano, salvaguardando-se dos riscos presentes no contexto.

### **REPERCUSSÕES DO HOMICÍDIO NO BAIRRO: O MEDO, A SENSACÃO DE PERSEGUIÇÃO, A PARANÓIA**

Depois de um homicídio entre jovens o bairro a periferia parece viver um momento de retração e reação diante do acontecido, que geralmente leva as pessoas a um estado de desconfiança e mesmo de instabilidade no lugar onde habitam. Nesse momento parece existir uma sensação que identifica possíveis jovens estranhos na área, e que estes jovens podem trazer danos à vida das pessoas. Como é uma crença compartilhada, uma experiência coletiva, as pessoas parecem reagir de uma maneira muito peculiar, ou seja, parecem que estão mais atentas às nuances e diferenças do contexto e das pessoas que nele transitam.

Há uma relação de estranhamento das pessoas com aquilo que lhes era familiar: por exemplo, há o impedimento de sair às ruas ou mesmo de chegar em casa mais cedo, com medo de que a violência irrompa outra vez, trazida por esses jovens desconhecidos que possuem armas de fogo.

Aqui é possível perceber que existe uma estigmatização dos jovens “estranhos”, como se eles fossem a representação física daquilo que é a violência, pelo fato de portarem armas de fogo, sendo preciso estar atento a qualquer movimento deles. Interessante entender essa personificação da violência que parece ganhar corpo e

identidade a partir de alguns elementos que indicam que o jovem pratica furtos e está se envolvendo em uma trajetória de marginalidade.

A personificação da violência, caracterizada na presença de pessoas estranhas, tem uma repercussão considerável na favela, principalmente porque diante da presença desses jovens há uma paz que é quebrada, há uma harmonia do contexto que está sob risco de ser perdida. As pessoas identificam que a violência tem um rosto, uma identidade específica e ela se relaciona aos jovens armados.

A repercussão da violência na periferia é, portanto, um marcador que muda as formas de interação das pessoas com o contexto, disseminando sensações e apreensões que duram certo período logo após a morte de algum jovem, abalando as redes de relações e a pertença ao lugar, o qual se reconfigura, particularmente porque as pessoas perdem referências que antes eram inquestionáveis, como o livre trânsito pela localidade e os modos de relacionamento os outros.

As pessoas do lugar são confundidas e podem sofrer intimidação. Após a irrupção da violência, os jovens inseridos na marginalidade estão atentos, na *bruxa*, para usar uma gíria dos drogadictos, à espreita de que algo ocorra; por isso eles têm que se defender. Como a defesa parece ser identificada com o ataque, eles estão à espreita e abordam com suas armas quaisquer pessoas que podem parece-lhes estranhas e lhes trazer riscos.

Assim, é possível perceber que após um momento onde a violência aparece há movimentos de ambos os lados (dos moradores e dos marginais) que parecem mostrar que o contexto sofreu uma ruptura, cujas conseqüências são esperadas e diante das quais cada um dos dois grupos necessita prevenir-se.

É neste momento aparece o vão, mostrando como os universos simbólicos são rompidos quando ocorre a violência. Nesse momento, marginais e moradores que viviam em relativa harmonia se vêm em confronto. A violência faz irromper as diferenças entre as pessoas.

Os espaços de trânsito da juventude permitem verificar a integração as exclusões que caracterizam os jovens. O modo de organização do espaço - entendido como áreas de acessos permitidos ou não, áreas que só os conhecidos podem entrar, áreas onde há “bocas” e lugar de encontros de marginais, onde a polícia pode chegar a qualquer momento -, é indicativo de que alguns jovens só poderão ingressar com a permissão de outros. Se um jovem começa a frequentar esses espaços, ele pode começar a ser identificado com jovens estigmatizados.

O problema se agrava em relação ao horário, às noites e às madrugadas. A noite é um período onde existem *chaves*, *códigos*, que permitem que a pessoa transite ou não por uma área. Se não dominar esses códigos, pode sofrer as conseqüências de estar ali na hora errada e no lugar errado.

Na Bahia as ruas têm um dinamismo próprio, principalmente na favela, pois, para percorrê-las, é preciso um conhecimento real, subjetivo e místico, sob pena de sofrer conseqüências indesejadas. As ruas têm significados para as pessoas que são reais, subjetivos e transcendentais. Não se pode andar pelas ruas a ermo, nem entrar em espaços que não são conhecidos porque, de repente, há à espreita formas de invasão da vida dos habitantes para cujas conseqüências o transeunte pode não estar preparado.

No caso da violência, existem ruas que não podem ser transitadas pelos perigos que guardam - locais de reuniões dos marginais, bocas, esconderijos de armas, bares que são pontos de venda de drogas etc., e que muitas vezes são conhecidos pela polícia

que freqüentemente realiza abordagens violentas, ou mesmo pelos jovens que, por andarem armados, podem atentar contra a vida de quem ali ingressa desavisado.

Lugares de jogo, por exemplo, à noite não são simplesmente lugares de jogo. São pontos de venda de drogas, onde os jovens que ali estão, portam armas de fogo e estão desconfiados e a qualquer momento podem atentar contra a vida uns dos outros.

De modo diferente, a rua é um lugar onde o sobrenatural atua. Notar que quem está de “corpo aberto” pode ter seu corpo invadido por uma *entidade*, como no caso de uma adolescente que teve o seu corpo invadido por uma “*padilha*”, que foi colocada para “pegar” uma outra pessoa, mas como ela estava desprevenida e de “corpo aberto”, a entidade a invadiu e produziu estragos na vida da família.

É como se a rua guardasse segredos que, para serem conhecidos, requerem pertencer ao lugar e às relações, de forma livre ou sob o jugo da opressão. Um componente importante dessa dinâmica é a tradição religiosa: trata-se de um bairro próximo às matas e locais que eram e são utilizados pelos adeptos do candomblé para a iniciação e rituais ligados aos orixás. São questões que remetem à relação com os ancestrais, que se constitui dentro de uma forte atmosfera espiritual, transcendental.

Tanto na relação com as entidades quanto na relação com a violência, que vem se enraizando por muitos anos, criam-se espaços que são impermeáveis e intransitáveis e outros que são transitáveis somente com esse conhecimento prévio, que é dado a quem pertence a essas relações que os desvelam.

Um último aspecto importante de descrição de como o jovem está inserido no contexto da periferia é a questão do tempo livre. A dimensão temporal, entendida no cotidiano, pode favorecer o encontro do jovem com diversas habilidades e sua inserção

nelas. Na juventude, o trabalho e o lazer são espaços de promoção desta inserção (DIMENSTEIN, 2006).

Andar com companhias pautadas pela marginalização é um risco, pois parecem induzir o jovem a essas mesmas trajetórias.

Eu acho que a questão da justiça também vale, porque a justiça antigamente, na década de 80 e 90, mesmo quando morria alguém que sabia que era criminoso, drogado, traficante, era conhecido porque no bairro tinha muita amizade, criava muitos vínculos de amizade. Quando morria alguém que era envolvido, mesmo pelo fato de ser envolvido a gente sentia: “que pena que ele morreu”, chorava, ia pro enterro sentido, porque perdeu aquela pessoa e não é porque “é mais um, é um descarado mesmo”. Antes se tentava fazer alguma coisa para tirar essas pessoas da criminalidade, do tráfico. Hoje em dia, não. Começa a entrar (o povo diz) “ah, já vai, vai logo miserável, eu espero que você morra cedo, tomara que a polícia lhe mate logo”. E a vida humana tá, sei lá, não vale mais nada (E. P. S., *24 anos, sexo feminino*).

Em relação às repercussões no bairro havia antes essa comoção, que atualmente pode ser percebida como uma indiferença, pois as mortes parecem não mover as pessoas quanto aos fatores de proteção da juventude. É como se as escolhas e as conseqüências dessa escolha fossem colocados nos jovens, sem a intervenção de quaisquer outras pessoas.



**PARTE 4:**

**SÍNTESIS**

## **Capítulo 10**

### **Considerações finais**

#### **INTRODUÇÃO: DOS FATOS AOS PROCESSOS**

Este estudo trata do preocupante tema da violência que tem atingido os jovens das periferias de Salvador, tendo como o seu problema central as repercussões do homicídio entre jovens, ou seja, o que ocorre quando um jovem é assassinado por outro jovem do seu contexto de relações.

É importante delimitar que essa etnografia buscou identificar recorrências, processos semióticos, códigos e significados em torno do homicídio entre jovens. Por este motivo objetivou descortinar tais processos, advindo daí a emergência de categorias que foram apresentadas nas três partes que compõem este trabalho, partindo de fatos – os homicídios entre jovens -, chegando aos processos e significados que perpassam tais eventos.

#### **PARTE 1: O CONTEXTO**

Na primeira parte dessa tese (vide capítulos 1, 2 e 3, que apresentam a metodologia e a etnografia do contexto), mostrei como foi realizada essa etnografia longitudinal em uma periferia de Salvador, indicando o contexto em sua temporalidade e considerado como ele é utilizado pelos jovens. A partir daí o trabalho foi sendo construído sempre a partir da inserção do pesquisador no contexto, gerando o material etnográfico que serviu de base para a elaboração final do trabalho.

## **PARTE 2: OS FATOS**

O homicídio de alguns jovens do lugar (vide capítulos 4, 5 e 6, onde apresento os fatos relacionados aos homicídios entre jovens.), todos perpetrados por jovens que faziam parte do convívio cotidiano das vítimas, muitos deles desde a infância, foi tomado como fato gerador e possibilitou o entendimento de que as relações sociais estão se modificando nas periferias de Salvador, com o avanço crescente do tráfico de drogas.

Depois, outro fato, é que cada morte trouxe em si uma gama de repercussões e conseqüências no desenvolvimento local, que começamos a mapear e a verificar em vários níveis, nos jovens, nas suas famílias, nos outros jovens e no contexto, mostrando que há mudanças substanciais na vida das pessoas do lugar.

Identificamos também que, por trás de cada homicídio, há uma história de exclusão que leva os jovens à marginalização, que está relacionada ao tráfico de drogas, e que nos últimos anos vem se alastrando de forma cada vez mais capilar pelas periferias de Salvador.

## **PARTE 3: OS PROCESSOS SEMIÓTICOS**

Há na tese uma centralidade dos processos semióticos, de como ocorrem os homicídios e suas teias de significados, o que implica um olhar que ultrapasse a mera descrição e indique possibilidades de intervenção diante da violência (vide capítulos 7, 8, e 9, nos quais são apresentados os processos semióticos decorrentes dos homicídios).

Muitos são os processos semióticos e códigos presentes no percurso dos jovens envolvidos em trajetórias de marginalidade e apresentamos alguns deles, particularmente complexos porque implicam em uma análise psicossocial da marginalização, levando em conta as visões disseminadas pelo senso comum, com seus fatalismos, predições, estigmas e outras variantes que cercam a trajetória de tais jovens.

É interessante notar que esses processos semióticos, produzidos na cultura local, tendem a ser internalizados pelos jovens marginais, que se vêem sem outras perspectivas de inserção, senão aquelas nas quais estão envolvidos, isto é, na marginalidade.

#### **A MORTE DO JOVEM: OUTROS CONTEXTOS, MESMOS PROCESSOS?**

Nessas considerações finais, dialogo com alguns autores que escreveram sobre a juventude em situações de guerra ou de tráfico, constatando a semelhança de códigos e experiências relatadas aqui e por esses autores - especialmente Bill e Athayde (2006), Beah (2007) e Feffermann (2006).

Bill e Athayde empreenderam um mapeamento com jovens de todas as regiões do Brasil, enfocando o tráfico de drogas, enquanto Feffermann analisou o cotidiano dos jovens no tráfico em São Paulo e Beah apresenta o seu relato sobre a guerra em Serra Leoa. Os três autores situam suas análises e descrições nas situações de vulnerabilidade envolvendo crianças e jovens.

É interessante notar que essas obras se situam na presente década de 2000, o que pode indicar que, na atualidade as situações de violência, guerra e tráfico de drogas têm se intensificando de modo capilar, arrastando (ou arrasando) milhares de vidas de jovens com suas práticas predatórias e de cooptação dos jovens, através métodos que

fazem com que eles não se reconheçam mais como parte de uma sociedade que muitas vezes lhes negou o essencial para existir. Isso mostra que esses fenômenos relacionados à violência se estendem por muitas partes do mundo e não se situam como um fenômeno típico do Brasil.

A narrativa-testemunho de Beah (2007) mostra que é possível verificar semelhanças em relação aos meninos-soldados da África e os falcões – meninos do tráfico, das favelas brasileiras constituindo-se assim consistências culturais encontradas em toda parte, gerando diferentes formas de violência.

Em ambos os livros somos atordoados pela constatação de que a juventude está passando por mudanças substanciais, em situações que podem ser consideradas peculiares pela emergência da violência, do medo, do tráfico de drogas e das repercussões que essas situações trazem para o cotidiano desses jovens, que se vêm com as primeiras duas décadas de vida alteradas por esses aspectos.

Está se constituindo no mundo contemporâneo uma gama de situações que estão colocando em risco a juventude, comprometendo sua sociabilidade e reduzindo suas próprias como as expectativas de sobrevivência. Essa tendência, por sua vez, afeta as estruturas comunitárias, os processos de construção de identidade e a própria configuração da vida social.

Apesar da distância geográfica que separa os fatos relatados em Serra Leoa, na África, e nas favelas brasileiras, em especial as de Salvador e do Rio de Janeiro, tem-se a mesma exposição dos jovens a situações que não favorecem o seu desenvolvimento, os mesmos empecilhos à sua socialização e a seu protagonismo, o mesmo desrespeito a seus direitos.

Ao analisar um fenômeno local, como as repercussões do homicídio entre jovens, começo a identificar que é necessário direcionar a análise saindo do local para o

global e constato, não sem surpresa, que esta etnografia pode revelar estruturas e processos que são encontrados em outras partes do mundo. Trata-se, pois, de processos e mecanismos que se apresentam de forma mais ampla e disseminada do que, a um primeiro exame, era possível compreender.

## **NA INSTABILIDADE SOCIAL AS RELAÇÕES SE MODIFICAM**

Em algumas situações como o tráfico, a guerra e a violência, as formas de interação dos jovens mudam diametralmente. Eles têm o seu percurso de desenvolvimento e modos de atuação no ambiente alterados, tendo que oferecer respostas que são complexas e vão totalmente de encontro à assunção esperada de novos papéis sociais.

A instabilidade<sup>62</sup> à qual me refiro está relacionada a aspectos como pobreza, tráfico de drogas, violência e situações de guerra, através dos quais percebe-se que toda essa influência macrossocial vai como que plasmando as relações diretas da pessoa com o contexto. O meio regula o desenvolvimento dos sujeitos promovendo mudanças de atitudes, códigos e pertenças relacionadas a universos simbólicos pautados pela marginalidade e pela violência, com uma determinada estrutura de relações que modifica as formas de interação dos indivíduos diante da realidade.

---

<sup>62</sup> Minayo (2002), com o conceito de *violência estrutural*, parece dar conta do que estou identificando aqui como instabilidade social. Para a autora a violência estrutural pode ser definida assim: “Entendemos por violência estrutural aquela que incide sobre a condição de vida de crianças e adolescentes, a partir de decisões histórico-econômicas e sociais, tornando vulnerável o seu crescimento e desenvolvimento. Por ter um caráter de perenidade e se apresentar sem a intervenção imediata dos indivíduos, essa forma de violência aparece “naturalizada”, como se não houvesse nela a ação dos sujeitos. Entretanto, é necessário desvendá-la e as suas formas de reprodução por meio de instrumentos institucionais, de relacionamento e culturais. As situações geradas pela violência estrutural só incomodam quando as próprias vítimas, por meio de algum mecanismo de resistência (inclusive a delinquência) ou algum movimento de consciência social, as concretizam em forma de denúncia” (p.99)

Podemos indicar que, quando um jovem inicia uma trajetória de marginalidade, ele ingressa em um universo cujos códigos precisa dominar, implicando em novos papéis que eles não escolhem necessariamente, mas lhes são atribuídos nesse contexto de instabilidade.

Formulo aqui a suposição de que há uma internalização do ambiente de instabilidade que permite essa troca, esse intercâmbio. O jovem passa a se expressar como a sua nova *persona* sugere, e é por isso que muitas vezes, quando é sabido, nos bairros periféricos, que um jovem está se drogando, os moradores já começam a perceber que os traços corporais se modificam, a fala se modifica, as roupas e os espaços de trânsito se modificam porque há uma assunção desses códigos e é também importante dizer que essa é uma “moeda de troca” para que muitas vezes o jovem se sinta “pertencente” a esse universo. Talvez por isso a internalização dos códigos da marginalidade pareça muitas vezes se dar de forma abrupta - mas não o é, porque antes há todo um processo de modificação das lógicas anteriormente reconhecidas para a internalização de novas que definirão, tal qual um destino, a vida desses jovens.

Aqui podemos analisar um aspecto importante da entrada dos jovens em outros universos semióticos, como o tráfico e as situações de violência: eles são cooptados e depois há todo um esforço para que eles assimilem e internalizem os códigos e as regras desses universos, perdendo, para isso, os referenciais do passado e que constituíam sua identidade. Neste sentido, a instabilidade social tem uma parcela importante na “fabricação” dos falcões, dos meninos-soldados e mesmo daqueles jovens que usam da violência para sobrepor-se ao grupo.

Esta parece ser uma constante nas situações de violência e tráfico: os jovens perdem seus espaços de trânsito, que ficam reduzidos por causa daquilo que indiquei como estado de suspeição, desterro internalizado, medo e estigmas. Seu cotidiano

parece resumir-se a um *script* determinado pelas trajetórias de marginalidade, restringindo-se a pequenos círculos de trânsito por áreas que não são consideradas seguras, com medo do que possa lhes acontecer.

No presente estudo também se observou essa tendência, em afirmações tais como a do jovem G.S.C (20 anos, sexo masculino), por exemplo, quando afirmou que, para muitos jovens marginais, a vida se restringia à favela ou à periferia, sem poder ir a outros lugares.

### **OS JOVENS SEM PARADEIRO: O NOMADISMO**

As páginas do livro *Muito longe de casa* dizem nominalmente do caráter nômade desses jovens. Assim como o livro *Falcão – os meninos do tráfico*, essas páginas me levaram a refletir sobre esse fenômeno particular dos jovens envolvidos em situações de violência e tráfico: eles não têm paradeiro, estão constantemente em estado de perambulação.

No livro de Beah (2007) são incontáveis as passagens onde ele descreve suas andanças, ora com os amigos, ora sozinho, após a irrupção da situação de guerra e de violência em Serra Leoa.

Também os jovens em situação de drogadição, ou mesmo aqueles que pertencem a trajetórias de marginalidade, vivem em uma constante perambulação, como se não houvesse mais pontos estáveis de orientação.

Por esse motivo tomei de empréstimo o termo “nomadismo”, de Maffesoli (2001), indicando que o mesmo é um fenômeno da pós-modernidade e que foi internalizado pelos jovens. É como se por causa dos riscos trazidos pelo tráfico e seus



métodos expiatórios. Os jovens perdessem a capacidade de se estabelecer em locais fixos, ficando sempre em um estado de alerta e vigilância, prontos para se deslocar.

O mesmo ocorre com as “bocas de fumo”, que antes pareciam ser fixas em determinados locais e agora não, já são “móveis” e não contém a estabilidade de outros períodos. Qualquer lugar que durante o dia tem a função de passagem, passa a ser à noite ou mesmo durante o dia um ponto de venda de drogas.

### **A PERDA DOS REFERENCIAIS**

Há um fenômeno que também se repete com os jovens das periferias: é a perda de referenciais relacionais (como adultos, pessoas mais velhas, espaços etc.), de crença, ancestralidade e tradição, assim como de territorialidade (espaços que antes eram comuns tornam-se intransitáveis etc.). Conforme identifiquei neste estudo, os jovens perdem os referenciais que os caracterizaram antes do ingresso na marginalidade: os adultos e os mais velhos são insultados e assaltados, não há respeito mais às tradições locais; momentos de rituais são banalizados, as palavras dos mais velhos são desconsideradas, enfim, há uma perda generalizada dos referenciais que fazem parte da comunidade e do território.

Mas é interessante notar que tudo isso ocorre pela emergência de um novo universo de significados no qual os jovens estão inseridos e, neles há uma banalização e a transposição dos antigos referenciais ligados a essas pessoas.

Em Beah (2007), temos um exemplo emblemático dessa situação, quando os jovens rebeldes humilham um homem velho:

Antes da guerra, um jovem jamais ousaria se dirigir daquela maneira rude a alguém mais velho. Crescemos em uma cultura que exigia bons modos de todos,

especialmente dos mais jovens. Gente jovem era obrigada a demonstrar respeito pelos mais velhos e por todos na comunidade (p.35).

Essa é uma característica também presente nos jovens que tenho estudado: a marginalidade faz perder esses aspectos de ordenação do cotidiano. Não apenas o jovem inserido em uma trajetória de marginalidade se vê refém dessa situação, mas todo um complexo sistema de relações e uso de espaços que antes eram comuns.

Em situações nas quais os jovens estão inseridos em trajetórias de marginalidade ocorre em alguns casos o desterro, provocado pela irrupção de violência – e aqui devemos pensar que a trajetória de marginalidade possui gradações, qual um *continuum*.

## **DESTERRO E DESTERRO INTERNALIZADO**

O desterro, enquanto uma das possíveis repercussões do homicídio, está presente em algumas favelas de Salvador, e se define pelo fato de que os jovens e os demais moradores são obrigados a deixar seus espaços de trânsito após a incidência da violência.

Identificamos aspectos psicossociais que vão moldando a forma dos jovens e suas famílias habitarem ou não mais no bairro e tornando mais frágeis os vínculos e as relações interpessoais.

Outros dados novos que aparecem dizem respeito a fenômenos como o medo, a desconfiança e o autocerceamento do trânsito, assim como a perda de algumas habilidades pelas quais as pessoas eram reconhecidas. A esses aspectos temos denominado *desterro internalizado*, quando essa nova cultura, seus códigos e formas de

regulação das relações sociais se tornam parte das estruturas cognitivas e afetivas dos indivíduos.

O desterro e o desterro internalizado podem ser percebidos nas mães e nos outros jovens da rede de relação do jovem assassinado, pela presença de perplexidade, medo, sensação de insegurança, desamparo frente à impunidade, enfim, uma gama de conseqüências que redirecionam suas trajetórias de desenvolvimento.

As repercussões da violência alteram as formas de relação do jovem com o seu lugar e as relações estabelecidas ali anteriormente. Perde-se também essa certeza do lugar e sua concepção de segurança. O território deixa de ser um espaço possível para habitar, dada a emergência de situações que colocam em suspenso as relações ali estabelecidas. O desterro tem a ver com essa expulsão do próprio território e com medo de que a violência volte a irromper na vida do jovem.

Mas esse desterro não se relaciona somente aos jovens, mas a toda a família, em especial às mães, as quais, na atual configuração das famílias brasileiras, têm se tornado o “mourão”, o “arrimo de família”, a figura central no provimento da prole. Além disso, outras pessoas da comunidade se sentem também ameaçadas por essa repercussão da violência.

### **DESTERRO *POST-MORTEM* OU SIMBÓLICO**

O desterro *post-mortem* tem a ver com o esquecimento do jovem assassinado. Quem fará o registro dessas histórias de vida, não fossem os pesquisadores, dada a proximidade de suas experiências com o universo estudado e os jovens inseridos em tais contextos? Quando dão voz aos jovens, os pesquisadores

expressam certa estupefação, porque emerge um conhecimento *de dentro*, que lida com as nuances que muitas vezes escapam aos acadêmicos.

Temos, então, aqui, pesquisadores que mantêm ou mantiveram uma relação estreita ou próxima aos fenômenos estudados, o que pode indicar que seus estudos contribuem para ir na contramão do esquecimento que essas histórias encerram pela sua aparente distância da vida das pessoas. Ao insistir em adentrar esses universos e revelá-los, tiramos do esquecimento as histórias desses jovens, que sem isso não seriam lembrados, não teriam sua memória perpetuada.

A pesquisa surge, então, como espécie de afirmação de uma memória das situações de violência nas quais estão inseridos os jovens no mundo contemporâneo. Essa relação entre memória e esquecimento ocorre, em certo sentido, pelo fato dessas situações ocorrerem em contextos periféricos, no qual o esquecimento acompanha um *status* desqualificado pela pobreza, como descreve Espinheira (1998, 2004), em alguns estudos sobre a memória, o esquecimento e a violência no cotidiano de vida dos moradores da periferia de Salvador.

Após a morte desses jovens, sua lembrança fica restrita aos familiares e a alguns amigos do seu círculo de relacionamentos. Coletivamente, parece existir um esquecimento que ocorre devido a falta de registros, como se essas histórias de vida fossem apagadas, porque, no senso comum, esses jovens que estavam inseridos em trajetórias de marginalidade são vistos como “sujeira”, conforme descreve Espinheira (2004, p. 47). O mesmo autor refere, ainda, os “mortos sem sepultura”, uma recorrência das formas de expiação do Brasil colonial, recorrência que expressa uma “pedagogia” dos exterminadores.

## A VIGILÂNCIA, O MEDO E A ESPREITA – SEMPRE

Os jovens envolvidos em situações como a guerra, o tráfico e a violência vivem um estado de constante medo e vigilância, modificando nessa direção seu funcionamento psicológico.

Esse estado de tensão ou suspeição aparece como uma característica dessas situações onde há riscos à vida dos jovens, sabedores de que, por pertencerem a tais estruturas e práticas ilícitas (bandos, tráfico, posse de armas etc.), estão suscetíveis à violência, com ameaças de morte e tentativas de homicídio, na medida em que representam um risco aos outros que querem manter determinadas estruturas de poder.

Bill e Athayde (2006) mostram esse exemplo na fala de um jovem marginal, sobre a restrição dos espaços de trânsito fora da favela:

**Cara:** Não tem como sair da favela. É o que eu tô falando, os polícia é safado. A gente sai da favela, já tem um X9 escutando a gente, já falam que a gente vai sair da favela. A gente sai da favela, já tem um X9 falando pros home, ó, eles já tá saindo da favela! É melhor ficar aqui mesmo. (...) Saio raramente. Mas com medo. Saio olhando pros lados, com medo dos home, com medo dos alemão, com medo de tudo (p.71).

Em outro momento aparece de forma mais contundente esse estado de suspeição que estou indicando:

**Falcão:** Eu durmo assim, em cima das laje mesmo, fora de casa. Não tem como me esconder dentro de casa, porque, se eu dormir, eu não sei nem o que pode acontecer. Dormir nós nem dorme mesmo, porque eu fico até escaldado de dormir. Já nem durmo mais tranqüilo, conforme dormia antigamente. Já não posso mais por causa de vários inimigo (sic). Se eu dormir em casa, é capaz de uns polícia ir atrás de mim pra querer me pegar, ou então, meus inimigo (sic) mermo (sic). Eu durmo como eu to agora, em cima de lajes. É assim que eu vivo (BILL e ATHAYDE, 2006, p. 81).

Esse estado de suspeição, de constante vigilância encerra em si o medo da morte e a preocupação com aqueles que podem ser seus algozes. Também aqui esse fenômeno pôde ser percebido, fazendo-nos entender um pouco mais do universo psicológico dos jovens inseridos em trajetórias de marginalidade. O estado de suspeição faz com que o jovem marginalizado perca as relações de confiança estabelecidas. Além disso, tudo pode ser motivo para utilizar da violência como forma de resolução de conflitos. A suspeição não permite a vivência de experiências básicas como o dormir, andar com segurança pelas ruas, transitar e conversar com as pessoas etc. A suspeição gera uma espécie de apartação que é internalizada pelo sujeito e não permite que faça experiências comuns a todas as pessoas.

### **ESTIGMAS: O MEDO QUE ESSES JOVENS PROVOCAM**

Tomando como referência o estudo de Goffman (1988), analisa o estigma e a deterioração da identidade, busquei indicar os mecanismos psicossociais do estigma presentes na periferia em relação aos jovens que são assassinados, pois parece existir traços que os identificam como marginais.

Beah (2007) mostra que, em uma época de guerra, os jovens são temidos, porque são recrutados para matar e destruir. O fato mais notório é que eles carregam uma marca feita com o cano quente de uma arma e têm um dedo amputado.

Esses sinais físicos se constituem em estigmas que os afastam das outras pessoas, que os temem, mesmo se eles não portarem tais sinais, porque, sendo crianças nômades – mesmo que não tenham sido incorporadas aos bandos dos rebeldes - eles representam uma ameaça porque são confundidos com os outros meninos cooptados para tais ações.

O sinal físico-corporal se constitui em um estigma que é facilmente reconhecido e significado pelas outras pessoas (feições do jovem drogadicto, roupas, tatuagens etc.) e mostra a relação direta que as pessoas estabelecem entre o que vêem e como isso é interpretado.

Por suas características próprias, o jovem é encerrado em uma síntese interpretada pelos outros, síntese esta que o empurra cada vez mais para tais situações, das quais ele não pode fugir, como se este fosse o seu *destino*.

É preciso ter muito cuidado porque não podemos retirar esses jovens do plano humano, como é exemplificado por um morador de uma aldeia: “- *Vocês, crianças, se transformaram em diabinhos, mas vieram à aldeia errada*” (BEAH, 2007, p. 66). Sim, porque são pessoas e que estão em tais situações por causa de determinadas condições sociais, econômicas e culturais.

Os jovens aqui entrevistados muitas vezes conseguiram captar esses estigmas que de certo modo já predizem o destino dos jovens inseridos em trajetórias de marginalidade. Esses estigmas fazem com que os jovens sejam apartados da comunidade e do território, tendo que cada vez mais embrenhar-se nas situações de marginalidade.

Um fato que me chama a atenção vai na contramão e ao mesmo tempo converge com a idéia da *invisibilidade*, apontada por Soares (2004), em relação aos jovens das periferias. Existe sim uma invisibilidade, que também é danosa porque *não ver* também é estigmatizar. O que tenho percebido é que a própria invisibilidade tem a ver com o estigma que cerca esses jovens, que não são reconhecidos por nenhuma habilidade ou característica positivamente afirmada, e sim pelos possíveis riscos que podem trazer às outras pessoas.

Aqui, foi possível lançar alguma luz sobre os modos pelos quais esses estigmas são direcionados aos jovens que ingressam em uma trajetória de marginalidade. O fato deles começarem a se drogar vai ser um demarcador, na periferia, de que eles fazem parte de outro universo de significados. O jovem começa a ser paulatinamente retirado do plano das relações do universo considerado normal e começa a ser tratado, no senso comum, a partir de um fatalismo onde há a antecipação ou predição da trajetória que ele terá que percorrer até a sua morte, que não tardará a ocorrer. Assim, o estigma, que atua no plano senso comum, realiza uma espécie de predição do destino do jovem, identificado com a morte precoce, como parte de um *continuum* de marginalização.

O estigma apresenta-se também como uma configuração da identidade demarcada pela marginalização, o que supõe uma delimitação dos espaços de trânsito dos jovens, assim como toda uma identificação que dele vai sendo elaborada no plano da percepção por parte dos outros e depois internalizada pelos jovens, envolvendo sinais, formas de vestir, tatuagens, locais de trânsito, “bocas de fumo” e becos por onde o jovem anda, assim como suas companhias, que também são estigmatizadas.

## **GENEALOGIA, *CONTINUUM* DE MARGINALIZAÇÃO E FRONTEIRAS SIMBÓLICAS**

A partir desse momento em que emerge o estigma, os jovens não mais são vistos como pertencentes ao contexto, e sim como marginais, isto é, pessoas que devem ser exterminadas, retiradas do convívio social, por causa do risco que trazem aos outros moradores do local. Configura-se então um *continuum* de marginalização, em cujo ponto extremo está o óbito.



Esse *continuum* segue uma linha ascendente de marginalização, com momentos que podemos considerar emblemáticos de exclusão e assunção de novos papéis na marginalidade, fazendo parte destes universos semióticos que separam a vida na periferia: o espaço - o vão, o *gap* - entre a inserção social e a exclusão ou a inserção em práticas ilícitas.

Há uma separação concreta e ao mesmo tempo simbólica desses universos nos quais cada pessoa se situa de uma forma específica, correspondendo ao que se espera dela. Há fronteiras simbólicas que são demarcadas pelas expressões cotidianas que são construídas socialmente. As pessoas tendem a corresponder ao que delas se espera e para isso elas necessitam internalizar esses aspectos predominantes na cultura, para que possam estar situadas no mundo.

No *continuum* de marginalização, o jovem vai progressivamente assumindo os traços da marginalidade e internalizando tais aspectos e não consegue mais se estabelecer fora desses parâmetros, assimilando, assim, a marginalidade - que, no espaço da favela é associada a contravenções, como os roubos ou mesmo o consumo e o tráfico de drogas. Dentro desse *continuum* de marginalização há um momento, um ponto de virada, no qual o jovem decide ou é levado a decidir da sua entrada na trajetória de marginalidade. É isto que temos identificado como a *genealogia* da marginalidade e que aponta para os condicionantes externos e pessoais que levam os jovens a tais escolhas, o que é expresso de forma sintética nesse “virar a cabeça”, que se constitui ainda uma interrogação. Existem muitos aspectos que levam os jovens a essas trajetórias e mesmo que queiramos ser simplistas, não podemos sê-lo, porque as noções de causalidade e determinação não dão conta das escolhas pessoais.

Quando analisamos a trajetória e o *continuum* de marginalidade há o momento mais sutil a ser identificado, que é essa genealogia, ou seja, o ponto inicial do

envolvimento com a marginalidade. Seria a partir da primeira experiência com as drogas? Seria a pobreza e a falta de oportunidades? Sinceramente, os dados parecem apontar para uma complexa trama de eventos, escolhas e oportunidades que podem levar os jovens a tais caminhos. Pode existir também na marginalidade um limiar que pode anteceder a genealogia, como um espaço de inserções e saídas, de práticas caracterizadas pela delinquência e ao mesmo tempo pautadas pelo reconhecimento social.

## **OS DOIS UNIVERSOS**

Em *Muito longe de casa* também aparece, de forma muito clarividente, essa distinção entre dois universos de significados: há os civis e os “militares”, numa situação de guerra. Os dois universos não se entrecruzam e quando isso ocorre aparece a irrupção da violência, conforme descrevo na pesquisa quando falo da metáfora “*Mind the gap*”, ou “*atenção com o vão entre o trem e a plataforma*”.

Conforme analiso há uma fronteira, ou vão, que não pode ser atravessado por nenhum dos dois universos simbólicos; quando isso ocorre, temos uma irrupção da violência, como identificamos também no tráfico de drogas.

A constatação dessa divisão de mundos, ou universos de significados, tem sido recorrente nos estudos sobre violência. Inicialmente Zaluar (1985) identificou a lógica dos marginais e dos trabalhadores no Rio de Janeiro; Bill e Athayde (2006) identificam esses falcões, os traficantes e os ‘alemão’, os policiais; Espinheira (2004), Machado e Noronha (2002) percebem a distância entre os marginais e os moradores, falando do bandido e do morador nas periferias.

Vivemos em uma sociedade que exclui e separa aqueles que são considerados “desviantes” das normas sociais. Cada vez mais, essa separação tende a distinguir os universos e indicar novas formas de sociabilidade geradas nesse “vão”. Assim, cada vez mais teremos universos paralelos convivendo em contextos, sendo que a irrupção da violência, em determinados momentos, atua em vista dessa separação.

Um dos fatos mais paradoxais da realidade dos jovens inseridos em trajetórias de marginalidade é que eles parecem não fazer parte do universo e das relações estabelecidas socialmente e reconhecidas pelas outras pessoas. Esses jovens vivem em outro universo de significados, dentro de uma separação “nós-eles”, que indica que estamos distantes, apesar de viver nos mesmos territórios. Tudo isso se mostra porque os jovens inseridos em trajetórias de marginalidade são apartados, “colocados” em outra esfera.

O medo que eles sentem, o estado de vigilância constante e o desterro internalizado, assim como o nomadismo em seu aspecto mais concreto, todos esses fenômenos estão sendo vivenciados de forma intrapsíquica, mudando a forma de atuar no mundo do “nós”, ou seja, entre as pessoas com as quais se convive socialmente. As “promessas” de dinheiro, satisfação e poder são sedutoras e usadas como mecanismo de cooptação e ingresso nessas trajetórias.

Os jovens inseridos em trajetórias de marginalidade são vistos pelas outras pessoas como pertencentes a outro universo de significados, geralmente identificados como o “outro mundo” ou a “outra vida”. Aqui, surge uma desqualificação que aparece como fruto de uma (in?)consciência coletiva que vê o jovem inserido em trajetória de marginalidade como um estranho, mesmo que ele pertença à comunidade, ao bairro.

## **ASSUNÇÃO DE NOVOS PAPÉIS EM SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA E TRÁFICO**

Nas situações de violência e tráfico os jovens assumem novos papéis, de acordo com as habilidades reconhecidas; tais papéis articulam-se a uma identidade que, mesmo sendo marginal, é valorizada pelos pares e execrada pelas outras pessoas.

Os novos papéis são vistos, ao que parece, como oportunidades para exercer um protagonismo que é socialmente negado às crianças e jovens na família e no bairro, na contramão dos *modos de partilhar* descritos por Bastos (2001), e que mostram a importância e a função da participação das crianças na vida da família.

### **TRÁFICO: MOINHOS DE GASTAR JOVENS**

O termo *moinhos de gastar gentes* é de Darcy Ribeiro (1995, p. 106) e aqui o utilizo como metáfora para proceder a uma síntese, de modo que seja possível fazer uma leitura contextualizada do debate sobre o tema.

De fato, durante esses anos de pesquisa tenho percebido que a progressiva entrada do tráfico de drogas nas favelas brasileiras tem uma relação direta com as mortes de jovens (FEFFERMANN, 2006; ZALUAR, 1994, 2004).

Por outro lado, essa relação encontra-se situada em um tempo histórico onde a globalização e a pós-modernidade mostram fatores de exclusão e consumo aos quais o tráfico, com sua lógica de consumo e seus códigos subjacentes, também pertence. O tráfico, portanto, está relacionado a esse tempo histórico marcado pelas desigualdades sociais (SALAMA, 2000; THERBORN, 2000, ARCE 1999).

É dentro da lógica do consumo e das desigualdades que vão surgindo extratos sociais caracterizados pela exclusão. Historicamente esse fenômeno vem ocorrendo ao longo dos séculos (SCHMITT, 1988; PAUGAM, 2003).

Segundo Feffermann (2006)

O tráfico de drogas é um *protótipo* da sociedade de consumo, ao expressar toda a violência embutida nesta e produzir ainda mais violência. A droga talvez seja o tema que melhor revele a sociedade contemporânea: é abrangente, multifacetada, lúdica e cruel. O tráfico de drogas, do mesmo modo que outros mercados ilegais, aparece como resposta à marginalidade econômica de países, regiões ou parcelas da população, vítimas do crescimento econômico desigual e da desilusão social; e das constelações de tensões, conflitos e antagonismos (p.35).

É nesse contexto pós-moderno e globalizado que o tráfico de drogas está inserido e cooptando cada vez mais os jovens – e esse fenômeno ocorre tanto nas favelas brasileiras quanto em outras partes do mundo contemporâneo. Feffermann (2006) enfatiza a globalização e suas repercussões no universo dos jovens marginais cooptados pelo tráfico, considerando os aspectos econômicos que regem o mundo criam e excluem os marginais.

Nas palavras de Arce (1999), a

oferta de vida associada ao narcotráfico participa da transformação de códigos e expectativa de uma enorme quantidade de pessoas em todos os países. Não me refiro apenas ao transtorno pessoal e familiar associado ao consumo, mas à redefinição de valores que é produzida quando os jovens optam por participar das redes de comércio de drogas, vendo nestas sua “melhor” opção de vida, frente às escassas opções que encontram no mercado educativo e de trabalho (p.39).

Em alguns dos casos analisados na pesquisa parece existir uma associação direta entre o tráfico de drogas e a violência, como partes de uma mesma lógica. Nos últimos anos o tráfico organizado chegou e se implantou de forma capilar nas periferias da cidade de Salvador, com uma organização que mantém verdadeiros exércitos de jovens nas favelas, indicando os “chefes” das “bocas”, os “tesoureiros”, os “gerentes”,

enfim, toda uma estrutura que é seguida à risca, sob pena daquele jovem que não o fizer ser morto.

## **O MECANISMO PERPETUADOR DA VIOLÊNCIA: O “VINGADOR” E O CICLO DE MORTES**

A resolução de conflitos a partir da violência é um dos traços da marginalidade e do tráfico para as quais os jovens são cooptados, uma vez que há como que uma perda da possibilidade de resolução através do diálogo ou pela mediação de estruturas socialmente organizadas.

A figura do “vingador” é valorizada pelo grupo, o que gera uma espécie de perpetuação da violência, com os constantes homicídios.

Nas trajetórias de jovens envolvidos com a marginalidade e o tráfico podemos perceber que, quanto mais violentos eles se mostram, mais temidos e “respeitados” são. A violência, portanto, envolve uma estratégia para, ao mesmo tempo, defender-se dos outros e ter um lugar de destaque em tais contextos.

## **REPERCUSSÕES DO HOMICÍDIO ENTRE OS JOVENS, NAS FAMÍLIAS E NO BAIRRO**

A pesquisa aponta de forma variada as repercussões que o homicídio traz às famílias, aos jovens e ao contexto da periferia, identificando seqüelas que duram no tempo, modificando a percepção das pessoas quanto às suas perspectivas de vida, assim como a relação com as pessoas e o lugar, pois o homicídio de um jovem afeta as estruturas relacionais do contexto de forma muito acentuada.

Entre essas repercussões podem ser identificadas: mudanças nos aspectos relacionais, como o medo, a insegurança e o inconformismo diante do homicídio; acionamento de mecanismos de vingança; sentimento de injustiça; sentimento de perda; mudanças nas relações estabelecidas no contexto; fratura do tecido social dos jovens, das famílias e do contexto.

Nas famílias as repercussões são muitas e implicam em rupturas, conformação ou inconformismo, recolhimento, medo, imobilismo, redução de espaços de trânsito e perda da vivência de tradições.

No bairro, as repercussões vão desde a perplexidade, comoção e revolta até a indiferença e esquecimento diante do homicídio, tudo isso dado o grau de envolvimento do jovem com a marginalidade. Se ele assaltar as pessoas do bairro, as repercussões tendem a ser minimizadas, enquanto que, se o jovem somente for “usuário”, as repercussões podem ser identificadas com a perplexidade, a comoção e a revolta.

## **INVERSÃO DA SOCIABILIDADE**

A categoria que temos denominado de *inversão da sociabilidade* aparece como uma nova forma de interação que parece quebrar os parâmetros socialmente aceitos acerca da sociabilidade juvenil. Isto ocorre porque nos casos analisados na pesquisa os jovens que assassinaram os outros jovens faziam parte de suas redes de relações, ou seja, eram considerados “amigos”, “parceiros” e muitas vezes cresceram juntos, compartilhando o mesmo território, as mesmas relações, enfim, eram considerados pessoas conhecidas umas das outras.

Essa inversão da sociabilidade ocorre no tráfico de drogas utilizando, por exemplo, a violência como forma de resolução de conflitos, com sua lógica própria,

embora possamos indicar que há semelhanças com a lógica social na qual a pessoa que infringe uma lei é penalizada por seu ato nas formas legais.

## **O HOMICÍDIO DAS JOVENS**

Com relação ao homicídio das jovens, os casos descritos na pesquisa apontam para o fato delas terem sido associadas aos marginais e que o homicídio tem relação com este fato, assim como a violência que elas sofrem está ligada a aspectos afetivos e relacionais no âmbito de namoros com os marginais.

Interessante notar que, em relação à trajetória de marginalidade das jovens, parece existir certa invisibilidade, pois as pessoas só identificam que as jovens cresceram e se envolveram com os marginais quando este fato já está em sua forma mais imbricada possível, não tendo mais condições de um “revés”. Isto o que pode assinalar que o desenvolvimento das jovens parece não ser acompanhado pelos pais e demais pessoas da periferia.

Diante deste fato, há uma espécie de “abandono” por parte dos responsáveis por essas jovens, dado o perigo que as relações por elas estabelecidas trazem para essas pessoas.

O fato de namorar um marginal traz riscos para as jovens e, ao mesmo tempo, certa “proteção” e “respeitabilidade” dentro da favela. Diante de contendas e rixas, na falta dos marginais, elas sofrem as conseqüências da vingança ou do “acerto de contas”, como foi possível constatar em alguns dos casos analisados.

## **AS MORTES, AS MORTES...**



As muitas mortes apresentadas nessa pesquisa são uma mostra daquilo que está ocorrendo com a juventude das periferias de Salvador.

Os relatos mostram, do início ao fim, cenas onde vidas são ceifadas de maneira sistemática: no tráfico ou na guerra vemos uma imagem só: *Tânatos* agindo de forma contínua, impedindo o desenvolvimento de trajetórias.

### **OS NOSSOS VÃOS, O MEU VÃO...**

Os pesquisadores das situações de violência na juventude tiveram, enquanto realizavam a empreitada da pesquisa, momentos onde caíram no vã, ou seja, momentos de desespero diante da situação descrita.

Na escrita da tese tive alguns desses momentos, onde caí nesse vã: há uma inexplicabilidade misturada ao medo e à impotência, que colocam o pesquisador em estado de suspeição.

O mesmo ocorreu com Beah (2007), Bill e Athayde (2006), em seus respectivos livros. Eles passaram por momentos onde a dor e a inexplicabilidade aparecem em seus relatos, o que implica afirmar que é necessário um suporte, um apoio para atravessar esses vãos e, por coincidência ou não, nos casos aqui discutidos a presença da música e da cultura parece ter sido um ponto de convergência, assim como o fato de escrever, que são indicadores de uma distância, porque objetiva, sintetiza e comunica as experiências vividas e estudadas.

## O REFAZIMENTO DAS REDES DE APOIO SOCIAL APÓS O DESTERRO

Com o encontro de novos sentidos relacionados ao trabalho, estudo e novas referências distantes da marginalidade, os jovens podem recuperar importantes aspectos de seu desenvolvimento. Os jovens que são cooptados pela violência podem retomar suas relações a partir do encontro com outras pessoas que sejam referências positivas.

Identificamos alguns casos que mostraram que esse aspecto do desterro pode trazer uma recuperação das fraturas psicossociais geradas pela violência, como o medo, a instabilidade psíquica, a ‘mania’ de perseguição, a falta de perspectivas de inclusão em atividades laborativas, a constituição de novas redes de apoio social e afetivo, enfim, pode significar um recomeço.

Um desses jovens teve que ir para outra cidade por ter sido “jurado” de morte e por causa da sua relação com o tráfico de drogas. Ao reencontrá-lo comecei a me dar conta de como a sua nova rede de relacionamentos foi se ampliando e se fortalecendo a partir de novos encontros<sup>63</sup>.

No início, essa rede era composta por um vínculo específico, um adulto da rede de relacionamento de sua cidade. Depois da mudança, em alguns dias, a rede de relacionamento do jovem começou a se ampliar no contato com outros jovens com os quais foi morar.

Em um terceiro momento o jovem consegue um emprego e nesse local, uma instituição educativa, sua rede de relacionamentos se amplia ainda mais. Em um quarto momento entram figuras afetivas que se relacionam com o jovem de forma empática, como uma “tia”.

---

<sup>63</sup> Vide cena VI, na abertura dessa tese.

Assim, com esses novos relacionamentos emergidos após a saída do jovem do bairro houve uma reconfiguração de sua rede de apoio social e afetivo, em novas condições (outra cidade, outras pessoas, um trabalho, nova residência), restabelecendo e solidificando laços existentes, que continuam a atuar no seu lugar de origem e laços novos que vão se construindo através de relações empáticas, estáveis e suportivas.

Enfim, nem tudo está perdido. Existem saídas.

## **RECOMENDAÇÕES**

As políticas públicas devem se caracterizar pela continuidade. Quando os jovens são acompanhados nos momentos críticos e orientados nesses momentos de passagem há uma maior possibilidade de proteção e de acesso ao mercado de trabalho, salvaguardando-os, assim, das muitas situações de violência e marginalização.

Se, por um lado, o material etnográfico aqui reunido mostra as dinâmicas da juventude em uma periferia, por outro, além de apresentar o universo da juventude, o estudo parece apontar para o conhecimento contextual que pode viabilizar políticas, pois, a depender da região, faixa etária da população, há de se considerar que, na realidade da juventude, cada vez mais emerge a necessidade de promoção de espaços que os orientem para ações mais voltadas ao desenvolvimento de suas habilidades, expressões e formas de pertença que sejam socialmente valorizadas e permitam o acesso ao mercado de trabalho, permitindo o desenvolvimento de suas capacidades produtivas, em todos os âmbitos.

A pesquisa aponta ainda que é preciso que os poderes públicos continuem a olhar e aperfeiçoar os instrumentos que permitam a inserção dos jovens em atividades

que lhes permita sobreviver, evitando, assim, os altos índices de assassinatos nas duas primeiras décadas de vida dessa população e o envolvimento com práticas ilícitas.

A pesquisa procurou identificar os fenômenos e processos relacionados à violência. A partir daí pode ser possível já identificar algumas formas de intervenção, pois o próprio conhecimento desses processos e seus significados podem indicar que há possibilidades de intervenção e redução da violência.

Algumas possibilidades de intervenção podem ser indicadas, como, por exemplo:

- 1) Suporte às famílias.
- 2) Suscitar as redes de apoio que podem orientar os jovens no seu percurso de desenvolvimento, superando os estigmas.
- 3) Inserção dos jovens em espaços culturais, educativos e laborativos, suscitando dinâmicas educativas e culturais que ultrapassem a marginalização, através do fomento de oficinas, bandas, atividades culturais e profissionalizantes etc.
- 4) Pertencimento a grupos, serviços etc.
- 5) Desmistificação da drogadição.
- 6) Identificação das trajetórias, podendo possibilitar uma intervenção antes do homicídio.

Por fim, é importante indicar que esse estudo não é conclusivo e pode ser ampliado através de outras pesquisas longitudinais visando aprofundar e elaborar teoricamente os conceitos aqui delineados, podendo orientar ações voltadas ao enfrentamento das situações de violência na juventude, assim como trazer para o debate

questões voltadas para as repercussões do homicídio entre jovens que não foram elucidadas nas discussões sobre o tema.

Do mesmo modo, há a necessidade de aprofundar as repercussões do homicídio entre jovens nas famílias e nas mães, elementos que não foram suficientemente elucidados nesta tese por questões éticas e limitações do autor em lidar com essa dor.

São Salvador da Bahia, 12 de outubro de 2008

Dia de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. W., BRANCO, P.P.M, Apresentação. In: ABRAMO, H. W., BRANCO, P.P.M (orgs.) Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. Editora Perseu Abramo; Instituto Cidadania: São Paulo, 2005.

ALCÂNTARA, M. A. R. Trajetórias de adolescentes em conflito com a lei: significações construídas no diálogo de atores da família nas ações socioeducativas públicas (Salvador 1996-2002). Tese de doutorado, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Saúde Coletiva. Salvador, UFBA, 2007.

ARCE, J.M.V. Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite. Tradução de Heloísa B. S. Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

ASSIS, S.G.; SOUZA, E.R. Criando Caim e Abel: pensando a prevenção da infração juvenil. Ciência e Saúde Coletiva, 4, 131-144, 1999.

AUGÉ, M. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supramodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

AULETE, C. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Edição brasileira. 2º volume. Rio de Janeiro, Editora Delta S.A., 1958.

BARCELLOS, C. Abusado: o dono do morro Dona Marta. 2ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BASTOS, A.C.S. Modos de partilhar: a criança e o cotidiano da família. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 2001.

BASTOS, A.C.S, GOMES, M. M., GOMES, M.C., REGO, N. Conversando com famílias: crise, enfrentamento e novidade. In: Família, subjetividade, vínculos. CARVALHO, A. M. A.; MOREIRA, L.V.C., organizadoras. São Paulo: Paulinas, 2007.

BASTOS, A. C. S.; ALCÂNTARA, M. R.; SANTOS, J.E.F., Novas Famílias Urbanas. In: Infância brasileira e contextos de desenvolvimento. (Org) CARVALHO, A. M. A.; LORDELO, E.R.; KOLLER, S. H. São Paulo: Casa do Psicólogo, Salvador, BA, Edufba, 2002.

BAUMAN, Z. Globalização: as conseqüências humanas. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BAUMAN, Z. O mal-estar da pós-modernidade. Tradução: Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

BAUMAN, Z. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Trad.: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BEAH, I. Muito longe de casa: memórias de um menino-soldado. Tradução de Cecília Gianetti. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

- BERGER, P.; LUCKMANN, T. A construção social da realidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- BILL, MV; ATHAYDE, C. Falcão: os meninos do tráfico. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- BILL, MV; ATHAYDE, C. Falcão: mulheres e o tráfico. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- BILL, MV; ATHAYDE, C; SOARES, L. E. Cabeça de porco. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- BOSI, E. Memória e sociedade: lembrança de velhos. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOSI, E. O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOUMARD, P. O lugar da etnografia nas epistemologias construtivistas. PSI – Revista de Psicologia Social e Institucional. Vol. 1. N. 2, Nov/1999. Disponível em <http://www2.ccb/psicologia/revista/texto1v1n22.htm>. Acessado em 26 de setembro de 2008.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. Brasília: Senado Federal, 1999.
- BRASIL. Lei 8069/1990. Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA.
- BRITO, R.C.; KOLLER, S.H. Rede de apoio social e afetivo e o desenvolvimento. *In*. CARVALHO, A. M. (org.): O mundo social da criança. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- BRONFENBRENNER, U. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996a.
- BRONFENBRENNER, U. Developmental Ecology Through Space and Time: a Future Perspective. Em: P. Moen, G.H. Elder & K. Lüscher (Eds). Examining Lives in Context. Perspectives on the Ecology of Human Development. Washington DC: APA.1996b.
- BRONFENBRENNER, U; CECI, S.J. Nature-Nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model. *Psychological Review*, 101 (4), pp.568-586, 1994.
- BUBER, M. Do diálogo e do dialógico. Tradução de Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BUBER, M. Eu e tu. Tradução Newton Aquiles von Zuben. 6ª edição. São Paulo: Centauro Editor, 2001.

- CARDOSO, R.C.L. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, R.C.L. (Org.). A aventura antropológica: teoria e pesquisa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- CARTA CAPITAL. Salvador: a revolta da periferia: parentes, vizinhos e amigos de quatro jovens negros executados pela polícia saem às ruas e inflamam o debate sobre o preconceito. São Paulo, fevereiro de 2008.
- CASCUDO, C. Dicionário do folclore brasileiro. 10ª edição. São Paulo: Global, 2001.
- CECCHETTO, F. R. Violência e estilos de masculinidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CORREIO DA BAHIA. Bandidos matam aposentado acusado de ser 'X-9'. Sábado, 09 de junho, Salvador, Bahia, 2007.
- CRUZ NETO, O. Nem soldados nem inocentes: juventude e tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.
- CRUZ NETO, O; MINAYO, M. C. de S. Extermínio: violentação e banalização da vida. Cad. Saúde Pública v.10 supl.1, Rio de Janeiro,1994 (pp. 199-212).
- DIMENSTEIN, M. Adolescência e juventude: bases de apoio familiares e comunitárias como estratégia de enfrentamento à violência. Fundació Cátedra Iberoamericana: UFRN, Natal, RN, 2006. disponível em [http://www.uib.es/catedra\\_iberamericana](http://www.uib.es/catedra_iberamericana). Acessado em 20/01/2007.
- ELIAS, N, SCOTSON, J.L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. 5ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000. (Cap. Observações sobre a fofoca, pp.121-133).
- ESPINHEIRA, G. Pesquisa: Sociabilidade e violência: criminalidade na vida cotidiana do Subúrbio Ferroviário de Salvador. ESPINHEIRA, G. (Coord.) Sociabilidade e violência: criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Salvador: Ministério Público do Estado da Bahia, Universidade Federal da Bahia, 2004.
- ESPINHEIRA, G. Introdução. ESPINHEIRA, G. (Org). Sociedade do medo: teoria e método da análise sociológica em bairros populares de Salvador: juventude, pobreza e violência. Salvador, EDUFBA, 2008.
- ESPINHEIRA, G. O Parque São Bartolomeu: esquecimento e memória. In:Parque Metropolitano de Pirajá: História, natureza e cultura. FORMIGLI, A.L.M.(org.) et al.Salvador: Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu, 1998. pp. 23-27.
- FCCV (Fórum Comunitário de Combate à Violência). O rastro da violência em Salvador – II. Morte de residentes em Salvador, de 1988 a 2001. Salvador, 2002.



FEFFERMANN, M. Vidas arriscadas: o cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2006.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

GARRO, L. C., MATTINGLY,. Narrative as construct and construction. In MATTINGLY, C & GARRO, L. C, eds. Narrative and the Cultural Construction of Illness and Healing. Berkeley: U. of California Press, 2000. pp 1-49.

GHASARIAN, C. Sur lês chemins de l'ethnographie réflexive. GHASARIAN, C. (dir.) De l'ethnographie à l'anthropologie réflexive. Paris: Armand Colin, 2004.

GEERTZ, C. O saber local. Petrópolis: Vozes, 2003.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GERGEN, M; GERGEN K Qualitative inquiry: Tensions and transformations. In Denzin, N& Lincoln, Y. (eds) Handbook of qualitative research. Second Edition. London: Sage Publications Inc., 2002.

GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. LTC, Rio de Janeiro, 1988, 4ª edição (publicado originalmente em 1963).

JACOBSON, D. Reading Ethnography. Albany: State University of New York Press, 1991.

JACQUES, P. B. Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

LAPLANTINE, F. Aprender antropologia. Trad. Marie-Agnes Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LAPLANTINE, F. A descrição etnográfica. Paris: Armand Collin, 2005.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Trad. Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LYOTARD, J.L. Moralidades pós-modernas. Tradução: Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

- LORDELO, L. R.; BASTOS, A. C. e ALCÂNTARA, M. R. Vivendo em contexto de violência: o caso de um adolescente. *Psicologia em estudo*. Maringá, v. 7, n.2, p. 31-40, jul/dez, 2002.
- KODATO, S.; SILVA, A. P. S. Homicídio entre adolescentes: refletindo sobre alguns fatores associados. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (3), pp. 507-515, 2000.
- MACEDO, A. C., PAIM, J.S., SILVA, L.M.V. da, COSTA, M. da C. N. Violência e desigualdade social: mortalidade por homicídios e condições de vida. *Revista de Saúde Pública*, v. 35, n.6, p.515-522, 2001.
- MACHADO, E. P; NORONHA, C. V. A polícia dos pobres: violência policial em classes populares urbanas. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 4, n. 7, jan/jun, 2002, p. 188-221.
- MAFFESOLI, M. Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas. Tradução de Marcos de Castro, Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MAFFESOLI, M. A parte do diabo. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MARCONDES FILHO, C. Violência fundadora e violência reativa na cultura brasileira. São Paulo: São Paulo em perspectiva. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - SEADE, Vol. 15, Nº2, 2001, pp. 20-27. Disponível em [www.seade.gov.br/produtos/spp/index.php](http://www.seade.gov.br/produtos/spp/index.php), acessado em 21 de maio de 2006.
- MARCUS, G. E.; CUSHMAN, D. E. Las etnografias como textos. In: REYNOSO, C (Ed). *El surgimiento de la antropologia posmoderna*. Barcelona: Gedisa, 2003, pp. 171-213.
- MINAYO, M.C. de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 7ª Ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.
- MINAYO, M.C. de S. O significado social e para a saúde da violência contra crianças e adolescentes. In WESTPHAL, M. F. (Org.). *Violência e criança*. São Paulo: EDUSP, 2002.
- NASCIMENTO, E. P. Juventude: novo alvo da exclusão social. In. BURSZTYN, M. (Org.). *No meio da rua: nômades, excluídos e vagabundos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000. pp. 121- 138.
- NOLASCO, S. De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- OLIVEIRA, R.C. O trabalho do antropólogo. 2ª ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- PAIS, J.M. Vida cotidiana: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

- PAUGAM, S. Desqualificação social: ensaio sobre a nova pobreza. Tradução: Camila Giorgetti e Tereza Lourenço. São Paulo: Educ/Cortez, 2003.
- PEIRANO, M. A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995, pp.31-58.
- PEIRANO, M. Uma antropologia no plural: três experiências contemporâneas. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1992.
- RABINOVICH, E. P. Família e cidade: um estudo sobre trajetórias e *self*. In: Família, subjetividades, vínculos. CARVALHO, A.M.A, MOREIRA, L. V.de C.(orgs.). São Paulo: Paulinas, 2007.
- RABINOVICH, E. P. Correspondência ao autor, 24/04/2006.
- RIBEIRO, D. O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RODRIGUES, N. À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- ROSSETTI-FERREIRA, MC, AMORIM, K.S., SILVA, A.P.S. da, CARVALHO, A. M. A. Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- ROSSETTI-FERREIRA, M.C, AMORIM, K.S., SILVA, A.P.S., CARVALHO. Rede de Significações: alguns conceitos básicos. In ROSSETTI-FERREIRA, M.C, AMORIM, K.S., SILVA, A.P.S., CARVALHO, A.M.A. (Orgs.) Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano. – Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SALAMA, P. Novas formas da pobreza na América Latina. In. GENTILI, P. (org.). Globalização excludente: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial. 4ª edição Petrópolis, RJ: Editora Vozes: Buenos Aires: CLACSO, 2000.
- SANT'ANNA, A; AERTS, D; LOPES, M.J. Homicídios entre adolescentes no Sul do Brasil: situações de vulnerabilidade segundo seus familiares. Caderno de Saúde Pública. Rio de Janeiro. 21 (1) 120: 129, jan-fev, 2005.
- SANTOS, J.E.F. Travessias: a adolescência em Novos Alagados: trajetórias pessoais e estruturas de oportunidade em um contexto de risco psicossocial. Bauru, São Paulo: Edusc, 2005a.
- SANTOS, J.E.F. Novos Alagados: histórias do povo e do lugar. Bauru, São Paulo: Edusc, 2005b.
- SANTOS, J.E.F. Homicídio entre jovens de uma periferia de Salvador, Bahia: um relato de experiência sobre a violência e o desenvolvimento humano. Revista brasileira de Crescimento e desenvolvimento humano, dez. 2007, vol.17, n.3, p.72-83.

- SANTOS, J.E.F. Transitions through adolescence in Novos Alagados: reflections on an experience report (1995 – 2006)(no prelo). In: BASTOS, A. C.; RABINOVICH, E. P. (Editors). Living in poverty: developmental poetics of cultural realities. Book Series Advances in cultural Psychology. Editor: Jaan Valsiner. IAP.
- SANTOS, J.E.F; BASTOS, A.C..S. Pertencimento e “desterro” na trajetória de adolescentes da favela de Novos Alagados, Salvador, Bahia. In: CASTRO, L.R.d. CORREIA, J. (Orgs.). Juventude contemporânea: perspectivas internacionais Rio de Janeiro: NAU Editora/ FAPERJ, 2005, (pp.253-277).
- SCHMITT, J.C. A história dos marginais. In.: LE GOFF, J.; CHARTIER, J.R (orgs.). A história nova. Tradução Eduardo Brandão. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- SILVA, T.T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T.T. (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, (pp. 73-102).
- SIMMEL, G. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In.: VELHO, O. G. (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. 3ª edição.
- SOARES, L.E. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Orgs.) Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SOUZA, M. R. de. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. Ciência & Saúde Coletiva. 10 (1): 59-70, 2005.
- THERBORN, G. Dimensões da globalização e a dinâmica das (des) igualdades. In: GENTILI, P. (org.). Globalização excludente: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial. 4ª edição Petrópolis, RJ: Editora Vozes: Buenos Aires: CLACSO, 2000, pp. 63 - 95.
- TIERNEY, W. Undaunted Courage: Life story and the postmodern challenge. In Denzin, N. & Lincoln, Y. (eds.) Handbook of qualitative research. Second Edition. London: Sage Publications Inc. 2002, pp. 567:606.
- TINHORÃO, J.R. Cultura popular: temas e questões. São Paulo: Editora 34, 2001.
- TODOROV, T. O homem desenraizado. Tradução de Cristina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- VALLADARES, L. do P. A invenção da favela: do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- VALSINER, J. *Culture in minds and societies*. New Delhi: Sage, 2007.

VALSINER, J. Comunicação pessoal ao autor no Seminário "Psicologia Cultural e do Desenvolvimento", durante a apresentação do paper Relations between microgenesis, mesogenesis and ontogenesis. Salvador, BA. 2006.

VAN DER VEER, R. e VALSINER, J. Vygotsky: uma síntese. São Paulo: Unimarco/Loyola, 1991,1996.

VARJÃO, S. Micropoderes, macroviolências. Salvador, Edufba, 2008.

VELHO, G. O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social. In: VELHO, G. (Org.) Desvio e divergência: uma crítica da patologia social. 5ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

VIANNA, H. (org.) Galeras cariocas: território de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

VIGOTSKI, L.S. A formação social da mente. Orgs. Michael Cole et. al. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro A feche. 7ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZALUAR, A. A máquina e a revolta. Editora Brasiliense, São Paulo, 1985.

ZALUAR, A; ALVITO, M. (orgs.) Um século de favela. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ZALUAR, A. Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.

ZALUAR, A. Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANNA, H.(org.) Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

ZALUAR, A. Condomínio do Diabo. Rio de Janeiro: Revan: Ed. UFRJ, 1994.

ZITTOUN, T. Transitions: symbolic resources. Greenwich, Connecticut: IAP. Information Age Publishing, 2006.

WACQUANT, L. As prisões da miséria. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

WASELFISZ, J.J. Mapa da violência contra os jovens do Brasil. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

WASELFISZ, J. J. Mapa da violência dos municípios brasileiros - 2008. Brasília: Ritla, Ministério da Justiça, Ministério da Saúde, 2008.

WEIL, S. O enraizamento. Tradução: Maria Leonor Loureiro, Bauru, SP: EDUSC, 2001.

WHITE, H. The value of narrative in the representation of realit. In: MITCHELL, W.J.T. On Narrative. Chicago: University of Chicago Press, 2000. pp 1-24.

# ANEXOS

## **Anexo 1: Roteiro de entrevista**

### **I) Identificação:**

- Entrevistado (iniciais):
- Idade:
- Naturalidade:
- Sexo: (M) (F)
- Cor:
- Bairro onde habita?

- 1) Participou ou participa de projetos sociais? Quais?
- 2) Você tem amigos? Quantos? São importantes para você? Por que?
- 3) Quais espaços que você frequenta?
- 4) Quais as pessoas mais importantes de sua vida?
- 5) Você se sente ligado a alguém que considere importante para a sua vida?
- 6) Quais são as pessoas e instituições que você considera importante?
- 7) Com quem você conta nos momentos difíceis?
- 8) Participa de alguma religião ou grupo que considere importante para a sua vida?
- 9) Você trabalha?
- 10) Você já sofreu violência ou conhece algum jovem que sofreu violência, tendo que sair do bairro? Este jovem foi agredido, morto ou viveu com medo de andar pelas ruas?
- 11) Entre os jovens, quais as formas de violência que mais os afetam?
- 12) Quais os efeitos da violência existentes dentro do seu bairro/comunidade, entre os jovens?
- 13) A que você atribui a violência entre os jovens?
- 14) Qual o efeito da violência? O que ela provoca em você e nas pessoas do bairro?
- 15) Qual a sua percepção sobre os danos e riscos aos quais a juventude está exposta?
- 16) As ameaças de morte e perseguições ocasionadas por desentendimentos e brigas, trazem riscos potenciais à vida dos adolescentes (ferimentos, mortes)?
- 17) Há divisão da favela em áreas que podem ou não ser transitadas, limitando espaços de socialização?
- 18) Quais as repercussões da violência na vida dos jovens?



## Anexo 2: Termo de consentimento livre e esclarecido

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Concordo em participar, como voluntário, da pesquisa **Juventude e violência: um estudo sobre as dinâmicas contextuais de uma periferia da cidade de Salvador, Bahia**, que será realizada pelo doutorando José Eduardo Ferreira Santos, RG 0511522150 e conduzido pelo Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia.

Esta pesquisa tem por objetivo compreender e analisar o contexto de desenvolvimento dos jovens de uma periferia da cidade do Salvador. Para isto, será feita uma entrevista contendo perguntas relacionadas ao tema deste projeto, com duração aproximada de quarenta minutos, assim como grupos de discussão.

Esta atividade não é obrigatória e, caso não queira participar, isso em nada afetará o tratamento que recebe nesta instituição.

Ao decidir participar deste estudo, tomei conhecimento de que:

- Caso não me sinta à vontade com alguma questão da entrevista, estou ciente de que posso deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo.
- Sei que as informações que fornecerei poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e que minha identificação será mantida sob sigilo, isto é, não haverá chance de o meu nome ser identificado, assegurando meu completo anonimato.
- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Por isso, autorizo a gravação da(s) entrevista(s) para que não se deixe passar despercebido nada do que foi conversado e que possa vir a ser um dado importante;
- Não há nenhum risco significativo para mim e para minha família em participar deste estudo;
- Estou livre para desistir da participação em qualquer momento desta pesquisa;
- Minha participação neste estudo é inteiramente voluntária, não tendo sofrido nenhuma forma de pressão para isso;
- Caso haja alguma despesa, por minha parte, para que participe da pesquisa, a mesma será reembolsada.

Considerando as observações acima:

Eu, \_\_\_\_\_, aceito voluntariamente participar deste estudo, estando ciente de que sou livre para, em qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete prejuízo na maneira como sou tratado(a) nesta Associação.

Estou ciente que minha participação neste trabalho poderá abrir um espaço para que eu expresse minhas opiniões e percepções sobre o assunto pesquisado, que poderão ser úteis para um maior conhecimento sobre o tema e para a expansão de estudos nesta área. Caso tiver que contatar o pesquisador José Eduardo Ferreira Santos para qualquer tipo de explicação, sei o endereço que devo recorrer, sendo este: Rua Nova Esperança 34 – E, Plataforma, Salvador, Bahia. Telefones: (71) 34101244 e (71) 99298934.

Recebi uma cópia deste termo e tive a possibilidade de lê-lo.

Local e data, assinatura do participante, assinatura do pesquisador.

**Anexo 3: Termo de consentimento informado para uso de imagens, fotografias e expressões artísticas.**

Eu, \_\_\_\_\_, portador do R.G., n. \_\_\_\_\_, autorizo, mediante a assinatura deste Termo de Consentimento informado, a utilização de imagens e fotografias onde apareço, ou obras de minha autoria, em atividades culturais e/ou artísticas, de pesquisa, pelo doutorando José Eduardo Ferreira Santos.

As obras e fotografias fazem parte da Pesquisa de Doutorado que desenvolvo na Universidade Federal da Bahia, no Instituto de Saúde Coletiva, *Juventude e violência: um estudo sobre as dinâmicas contextuais de uma periferia da cidade de Salvador, Bahia.*

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: Salvador, Bahia, \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_.

## APÊNDICE<sup>64</sup>

---

<sup>64</sup> Na versão impressa as páginas do apêndice não estão numeradas. Por este motivo a tese contém 362 páginas na versão impressa e 372 na versão digital.

## Ensaio fotográfico

### 1. A visão panóptica: vista do alto de um morro

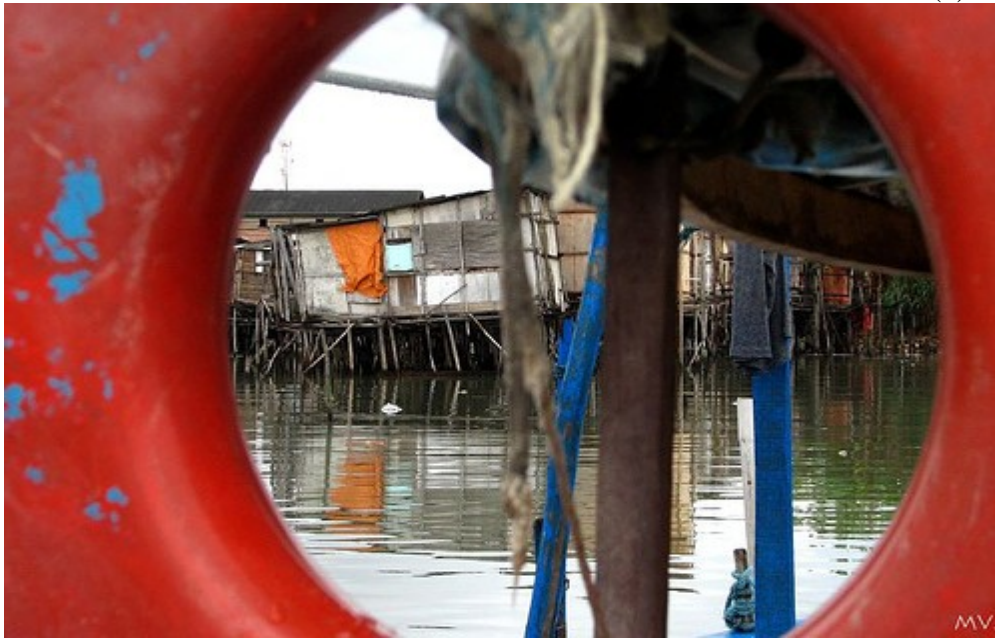
“Quem vê, domina”



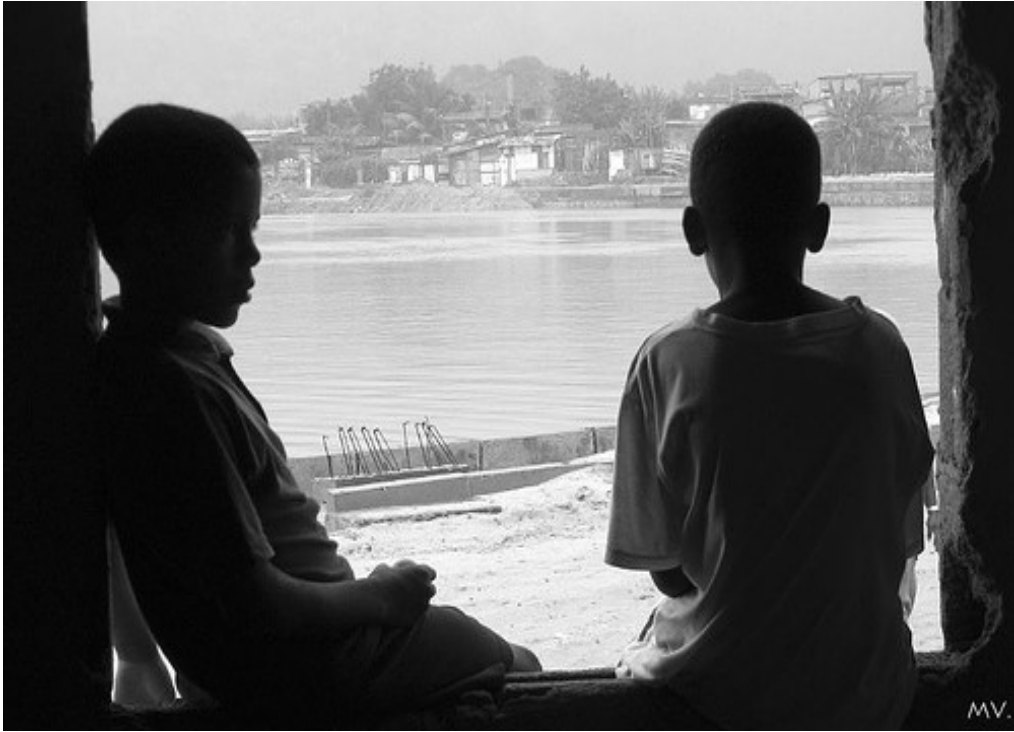
(1)



(2)



(3)



(4)

**2. Passagens:**



(5)



(6)



(7)



(8)

**3. Locais do homicídio de casos analisados:**

(9)







(10)

#### 4. A noite



(11)

**5. As ruas durante o dia: a vida normal**



(12)



(13)



(14)

**6. O olhar prospectivo: quem vê?**



(15)



(16)

Fotografia por

Mário Vítor Bastos (Fotos 3, 4, 7, 8, 10, 13, 14, 15, 16).  
Disponíveis em [www.flickr.com/photos/mvitor](http://www.flickr.com/photos/mvitor).

José Eduardo Ferreira Santos (Fotos 1, 2, 5, 6, 9, 11, 12).